

ILDO CARBONERA

TRAJETÓRIAS DA NARRATIVA ÍTALO-BRASILEIRA:

DOVE É LA CUCCAGNA?

Porto Alegre, 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
ESPECIALIDADE: LITERATURAS BRASILEIRA, PORTUGUESA E
LUSO-AFRICANAS

**TRAJETÓRIAS DA NARRATIVA ÍTALO-BRASILEIRA:
*DOVE È LA CUCCAGNA?***

Ildo Carbonera

Orientador: Prof. Dr. Luís Augusto Fischer

Tese de Doutorado em Literatura Brasileira,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 2008

AGRADECIMENTOS

- . À Capes (pela bolsa), à Unioeste (pela liberação) e ao povo do Paraná (pelo salário);
- . ao professor e orientador, Luís Augusto Fischer, pela amizade, cordialidade e liberdade vigiada, pelas aulas bem programadas, bem dirigidas e super-arejadas, pelos novos caminhos abertos, disponíveis no mundo da Literatura;
- . a alguns professores, desde o Primário: Edvige, Neli, Júlio, Severino, Marluse, Deonísio, Sírio, Alberi, Jesus, Haqira, Flávio, Dixon;
- . à banca examinadora, no processo de seleção, pela chance dada a um projeto de pesquisa confuso, disperso, indefinido, inseguro, desnordeado e conturbado;
- . ao Frei Rovílio Costa, porque, além do fato de ser padre, transborda amizade, humor, humildade e sabedoria;
- . a Sônia Lemanski, da PRPPG/Unioeste/Reitoria, pela atenção, disponibilidade, agilidade, simpatia e fino trato;
- . aos funcionários da secretaria do PPGLET, José Canísio Scher, Mylena Leitão Barros e Lucas Selbach, porque a burocracia pode ser simpática, ágil e inteligente;
- . a AHG Cunha, Humberto Guido, Anilda M. de Souza, Frederico Carbonera Boschin, Franciele Consalter Savaris, Márcio A. F. Souza, Ademar G. Bianchi, Luciana M. S. Rocha, Ernani I. Haas, pelos diálogos e sugestões;
- . aos meus familiares, por amizade e pelo silêncio;
- . a Deus, porque, se existe, ou é como dizia a Igreja Católica, Ele também tem méritos e culpa;
- . ao Emerson (violinista da Ospa), Micheline e Isadora, porque são os novos amigos, no lugar de outras grandes figuras que desapareceram.

RESUMO

Marcado por fortes tendências para o gênero ensaístico, num intercâmbio constante e instável entre Ficção, História e Experiência Pessoal, o presente estudo tem por base os romances *Os Malavoglia* (Giovanni Verga), *Pai patrão* (Gavino Ledda), *Vita e Stória de Nanetto Pipetta* (Aquiles Bernardi), *O quatrilho*, *A cocanha* e *A babilônia* (José Clemente Pozenato), *Juliano Pavolini* e *A suavidade do vento* (Cristovão Tezza), *Mamma, son tanto felice*, *O mundo inimigo* e *Vista parcial da noite* (Luiz Ruffato). O corte epistemológico pode ser representado por duas trajetórias: a) da Itália para a América – Brasil; b) das pequenas comunidades do interior para a cidade grande. No mundo de descendência italiana imigrante, as simulações e as ilusões elaboradas pela Ficção estão mais próximas da Realidade que aquelas proporcionadas por institutos e associações, em seus argumentos e artimanhas para “resgatar as raízes” e “cultivar as tradições”, representadas por eventos como noites italianas, jantares típicos, encontros de famílias e programas radiofônicos. Nos romances, a ausência desses “eventos” é absoluta; não há brindes, nem missas de encomendação e sepultamento. Ao fim e ao cabo, o homem do campo, pós-moderno, descendente dos antigos imigrantes italianos, tornou-se um ser globalizado sem sair de casa.

Palavras-chave: imigração italiana – narrativa ítalo-brasileira – ficção - romance – *Cuccagna* – identidade cultural – diversidade cultural.

ABSTRACT

This study in the manner of an essay reflects a constant but unstable interchange between Fiction, History and Personal Experience. It is based on the following novels: *Os Malavoglia* (Giovanni Verga), *Pai patrão* (Gavino Ledda), *Vita e Stória de Nanetto Pipetta* (Aquiles Bernardi), *O quatrilho*, *A cocanha* and *A babilônia* (José Clemente Pozenato), *Juliano Pavolini* and *A suavidade do vento* (Cristovão Tezza), *Mamma, son tanto felice*, *O mundo inimigo* and *Vista parcial da noite* (Luiz Ruffato). Two epistemological paths have a point of departure and a point of arrival: a) from Italy to Brazil / America; b) from small backcountry communities to the big city. Among the descendants of italian immigrants the simulations and illusions processed by fiction are closer to reality than those offered by institutions and associations in their argueing and tricking for "retrieval of the roots" and "reclaiming traditions", embodied by events like italian evenings, typical dinners, family encounters, and radio programs. In the novels, there is an absolute absence of such "events", no glasses are raised in honor of anything, no requiem and inhumation masses are held. Post-modern countryside people of Italian descent in Brazil have become globalized without even leaving home.

Seja bom para com os que ficarem atrás, mostre-se-lhes calmo e sereno sem os atormentar com suas dúvidas, nem os assustar com uma confiança ou uma alegria que eles não poderão compreender.

(Rainer M. Rilke, *Cartas a um jovem poeta*)

Meus pais não eram cientistas. Não sabiam quase nada sobre ciência. Mas, ao me apresentar simultaneamente ao ceticismo e à admiração, me ensinaram as duas formas de pensar, de tão difícil convivência, centrais para o método científico.

(Carl Sagan, *O mundo assombrado pelos demônios*)

Em trevas ficamos nós com a partida da companhia Ferrari. {...}. É justo dizer que nos deu noites excelentes, e revelou-nos a imortal *Aida*, que cá me ficou na alma. Lavrou um tento o senador Verdi. Senador! Aqueles italianos são artistas até nas eleições. Nós somos eleitores até nas artes.

(Machado de Assis, *História de Quinze Dias*)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
PRIMEIRA PARTE	
O MENINO DO INTERIOR E O DOUTORANDO DA ACADEMIA	31
CAPÍTULO 1. A INFÂNCIA DE UM MENINO DO INTERIOR	32
CAPÍTULO 2. A ADOLESCÊNCIA E A JUVENTUDE NO SEMINÁRIO	43
CAPÍTULO 3. AS JANELAS E AS PORTAS DA UNIVERSIDADE	52
CAPÍTULO 4. A VIDA DE PROFESSOR	57
SEGUNDA PARTE	
DOIS ROMANCES ITALIANOS	65
CAPÍTULO V	
<i>OS MALAVOGLIA</i>: A PALAVRA E O SILÊNCIO	66
CAPÍTULO VI	
<i>PAI PATRÃO</i>: DA DOR, O APRIMORAMENTO ESPIRITUAL	81
TERCEIRA PARTE	
TRAJETÓRIAS DA NARRATIVA ÍTALO-BRASILEIRA	97
CAPÍTULO VII	
<i>O QUATRILHO, A COCANHA, A BABILÔNIA</i>: O MUNDO ITALIANO IMIGRANTE CHEGA À CIDADE	98
7.1. NASCEM OS NOVOS, MORREM OS VELHOS	98
7.2. DOIS PADRES, DOIS MUNDOS	106
7.3. DIÁLOGOS SOBRE O NADA.....	111
7.4.O ROMANCE E A TESE	114

CAPÍTULO VIII

CIDADE DO INTERIOR E CIDADE GRANDE	125
8.1. <i>JULIANO PAVOLINI</i>	125
8.2. <i>A SUAVIDADE DO VENTO</i>	136

CAPÍTULO IX

O MUNDO ITALIANO IMIGRANTE E A CIDADE GRANDE	152
9.1. <i>MAMA, SON TANTO FELICE</i>	152
9.1.1. Notas preliminares	152
9.1.2. Vozes do campo	156
9.1.3. Vozes da cidade	161
9.1.4. Pluralidade de vozes	168
9.2. A ARTE DE UM MUNDO CONTURBADO	174
9.2.1 <i>O mundo inimigo</i>	174
9.2.2 <i>Vista parcial da noite</i>	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
BIBLIGRAFIA	214

INTRODUÇÃO

À medida que o conhecimento aumenta, o espanto se aprofunda.

(Charles Morgan)

A Linha Guabiroba, formada por comunidades descendentes dos antigos imigrantes italianos, localizada no interior do município de Sananduva, além de ser minha terra natal, a minha “casa da infância”¹, oferece ao mundo exemplos fortes de histórias de sucesso e também de grandes fracassos, vividos e interpretados por alguns de seus filhos.

Três casos merecem destaque, pelo sucesso alcançado através do estudo e do trabalho. O senhor Breno Batista Bianchi foi eleito o melhor empresário paraguaio na área de produção e beneficiamento de sementes de soja e de trigo, no ano de 2002; a senhora Rosália Carbonera Consalter, semi-analfabeta, participa ativamente da direção e administração do Supermercado Consalter, um dos maiores da cidade de Foz do Iguaçu e região; Vilmar Agostinho Guzzo é funcionário de carreira do Banco do Brasil, pós-graduado na área do Direito, idealizador e apresentador do programa “Taliani Bona gente”, levado ao ar pela Rádio Sananduva, nas manhãs de domingo.

Virada a página das vidas bem sucedidas, surgem as notícias a respeito de duas tragédias e de um caso especial, temas que ainda rondam, assustam e silenciam os habitantes do lugar. O senhor João Machado morreu misteriosamente no Instituto Psiquiátrico Forense, em Porto Alegre, condenado por matar sua esposa com uma machadada na cabeça; não sei se amante ou escravo da bebida e sofrendo muito cada vez que precisava urinar, o grande pintor e destacado humorista Shimbica Gregolim foi encontrado enforcado no sótão da sua própria casa e enterrado praticamente como indigente, seguindo orientações da Igreja Católica; dizem os cronistas do tempo que o senhor Toni de Meto via o Diabo, criando nas pessoas do lugar uma sensação de medo do homem muito maior do que aquela sentida diante da figura do Capeta.

A motivação para um filme de suspense e terror também pode ser encontrada na Linha Guabiroba, na propriedade do senhor Toniti Ferrari. O fato aconteceu na década de 1970, com a duração de alguns dias. Os colonos estavam na roça, capinando, roçando, lavrando, plantando, colhendo, entre outras atividades. Num instante, aquele barulho estranho surpreendeu a todos. Na residência do senhor Toniti estava acontecendo um fenômeno muito estranho: uma chuva de pedras; elas vinham de cima, de baixo, de todos

¹ A expressão está presente no último verso do poema “Beiral”, de Sérgio Napp.

os lados; o portão da cantina abria-se sozinho, o motor funcionava sem gasolina; um inferno. No começo, ele achava tratar-se de maldades praticadas pelos filhos do senhor Shimbica, e destruiu os pés de bananeira a tiros de espingarda. Ouvindo os conselhos de colonos amigos e vizinhos, o senhor Toniti decidiu pedir socorro ao vigário. Este foi até o local, carregando o Santíssimo. Dizem, ainda hoje, que o padre desafiou a “figura das pedras”: se tivesse coragem e se existisse mesmo, que jogasse uma delas no jipe. Atendido o pedido, a única saída para o sacerdote foi levantar acampamento e correr desesperado para telefonar ao bispo, em Vacaria. O bispo telefonou para seus superiores no Vaticano. Tenho guardado aí numa gaveta uma fita cassette e um cd com depoimentos de um senhor morador da Linha Guabiroba que presenciou os fatos *in loco*. A esposa do senhor Toniti, o filho, os netos e vários colonos testemunhas daquele episódio ainda vivem e trabalham naquela comunidade.

Pelas estradas do interior de Sananduva vagavam alguns andarilhos, pedindo comida, pouso e certos serviços temporários. Os mais famosos eram conhecidos pelos apelidos: Porcanha, Moiado, Toni Gato, Felício, Pintado, Cola Branca e Selmo Baio. O último fez uma tradução para o dialeto veneto do canto sacro **L’Intania della Madona**, lembrada até hoje como **E Antanie de Selmo Baio**. A letra não está escrita em lugar nenhum. Dois meses antes de seu falecimento, o senhor Quintile Bianchi deixou a letra gravada numa fita cassete, depois passada para um cd. A transcrição não foi feita, ainda. Nos últimos tempos, não correu nenhuma notícia a respeito de colonos italianos que se juntaram para cantar.

Grupos de índios amistosos e empobrecidos também vagavam pela região, vendendo cestos e remédios feitos com ervas medicinais. Muitas vezes, uma galinha doente tinha o mesmo valor de um cesto usado na colheita da uva. Aqueles colonos eram menos inescrupulosos que os colonizadores portugueses, que trocavam um espelho por quilos de ouro. Mas nós ficávamos apavorados quando apareciam os ciganos, com seus carros e suas propostas de negócios, repletos de tachos e panelas. Geralmente, acampavam nos poteiros, sem pedir licença a ninguém, provocando muitos estragos. Depois de um certo tempo, iam embora, sem dar satisfação e nem pagar pelos prejuízos. Quando vejo reportagens a respeito de invasões de propriedades promovidas por colonos sem terra, lembro imediatamente daqueles ciganos.

Vale salientar, também, algumas peculiaridades voltadas para a prática religiosa de algumas famílias guabirobenses. Enterrados os pais, sobraram os filhos, as filhas, genros, noras, netos e netas. Alguns parentes da parte de minha mãe e de meu pai, por

exemplo, que são meus primos, continuam católicos, devotos e fervorosos. Numa cidade próxima a Blumenau, em Santa Catarina, um dos filhos da Linha Guabiroba construiu um pequeno altar, nos fundos da casa, onde recebe os vizinhos para rezar e louvar a Deus e a um santo de sua devoção, Santo Antônio. Dizem os cronistas do tempo – os antigos vizinhos da Linha Guabiroba -, que ele não fala com dois de seus irmãos há mais de quinze anos. Onde deveria existir o amor, o ódio faz sua morada e subverte aquele provérbio tão badalado: “Aos amigos tudo, aos inimigos o rigor da lei”. Para muitos filhos da Linha Gaubiroba, irmãos, primos, vizinhos e colegas da infância, a cordialidade e a amizade valem para os outros, os estranhos, os desconhecidos. Caso fosse um outro filho de lá, que não eu, estudante e observador do mundo de descendência italiana imigrante, o presente parágrafo serviria muito bem para a minha família, com os devidos oratórios, as preces diárias, a fé constante, o fervor católico, a indiferença e o desprezo. Para libertar o homem guabirobense da culpa, dos remorsos e dos ressentimentos, sobreviverá a indiferença no lugar do amor, e a hipocrisia no lugar da amizade. Alinhados e obedientes ao mundo cortês, sabem também que não poderá haver lugar para o ódio explícito e declarado.

O tempo, o estudo, o trabalho, a Música e a Literatura serviram como argumentos e alternativas que apontavam para o afastamento e o desligamento progressivos dos modelos teóricos, dos movimentos sociais, dos grupos engajados, dos sindicatos, das assembleias, das reuniões partidárias, das passeatas e da invenção de novos formulários. No devido tempo, encontrei novamente um abrigo, agora nas palavras do filósofo:

Viva retirado, para que *possa* viver para si! Viva na *ignorância* daquilo que seu tempo considera mais importante! Ponha, entre você e o hoje, uma pele de ao menos três séculos! E a gritaria de hoje, o barulho das guerras e revoluções, não deve ser mais que um murmúrio para você! Você também quererá ajudar: mas apenas aqueles cuja miséria *compreende* inteiramente, pois têm com você uma dor e uma esperança em comum – os seus *amigos*: e apenas do modo como você ajuda a si mesmo: - eu quero fazê-los mais corajosos, mais resistentes, mais simples, mais alegres! Eu quero ensinar-lhes o que agora tão poucos entendem, e os pregadores da compaixão menos que todos: - *a partilha da alegria!* (NIETZSCHE, 2001: 228).

Ser corajoso, resistente, simples, alegre! “Viver para si” não significa refugiar-se num mosteiro e viver de rezas e renúncias. Não encontrei abrigo na política, nem na religião, talvez na esperança – aquela que nos eleva cultural e intelectualmente, não só

espiritualmente. A Música e a Literatura insistiam em mostrar um caminho mais tranqüilo, seguro e libertário.

Rapidamente me dei conta de que essas duas coisas são incompatíveis: realizar o que eu pretendia e ser casado (ELIAS, 2001: 86).

Diante das perguntas das pessoas, inocentes, insistentes ou maldosas, – Você não vai casar? Por que você não casa?, as respostas podem ser encontradas na História: Machado de Assis, Jorge Luis Borges, Jimmy Hendrix, Norbert Elias e Martin Schumann não tiveram filhos. Muitos seres humanos casaram e amaram intensamente suas esposas, outros casaram e amaram a amante até o fim, outros casaram e não tiveram filhos, mais outros não casaram, mas tiveram filhos, e assim por diante.

Papai elogiava, aconselhava e dava ordens sempre através de uma linguagem indireta, subentendida, subliminar, irônica. Nós, seus filhos, não conhecíamos a didática, os dogmas e os modelos, mas entendíamos perfeitamente o que poderia significar o seu olhar, o tom, a bondade ou sua ira. Aliás, a respeito de ironia, nos tempos da Faculdade apareceu o senhor Machado de Assis em seus inventos, depois, na preparação do projeto de doutorado, Søren Kierkegaard, em seus conceitos.

Vale destacar a importância do rádio – e não da televisão, para a subjetividade e a criatividade imaginária de um menino do interior; a pobreza e a doença; o valor do trabalho; a prática da leitura e da escrita nos primeiros anos de escola; a importância da música para o mundo da literatura; a participação dos livros e da leitura na formação da visão do mundo; o gosto pela leitura e a solidão; da leitura podem nascer a perplexidade e o silêncio; a busca do conhecimento e o aprimoramento da consciência; as novas descobertas, as alegrias, as inquietações (as pessoas que sofrem, justas, honestas vão para o Céu?) e o sofrimento (tudo pode ser uma grande mentira) de uma pessoa que desperta, por mais que essas coisas façam parte de uma memória individual.

O passado remoto, de Giovanni Papini, pode ser considerado um livro de memórias. Em 1904, ele conheceu “a figura querida” do poeta Jurghis Baltrusaitis. Despertar, aprimorar o espírito e aguçar a consciência pode criar novas confusões, inquietações e perturbações, muitos imprevistos, sobressaltos e assombros. Das suas conversas, merecem destaque as palavras abaixo:

- Vês, quando eu era rapaz, nas planícies da minha Lituânia, também fui guardador de porcos, e não posso vê-los sem me comover. Agora percebo que aqueles anos foram os mais felizes da minha vida. Fiz mal em abandonar a minha terra, a minha pátria, para procurar o sofrimento nas literaturas e nas cidades. Eumeo é a figura mais poética da *Odisséia*.

E os animais que rodeiam habitualmente os poetas são muito piores do que aqueles que, na minha infância, levava a pastar e a beber (PAPINI, 1971: 122).

Para Raymond Williams, a experiência – a passagem do mundo rural para o mundo urbano - foi menos traumática, e suas palavras revelam um espírito nem acomodado nem insatisfeito:

... eu vim de uma aldeia para uma cidade: para ser ensinado, aprender; entregar fatos pessoais, incidentes de uma família, a um registro geral; aprender dados, conexões, perspectivas diferentes. Se os muros das faculdades eram como os dos parques que contornávamos quando crianças, sem poder entrar, agora havia o portão, uma entrada e, no final, uma biblioteca; um registro direto, que cabia a mim aprender a usar (WILLIAMS, 1985: 17).

A palavra “biblioteca”, seus contornos e seus pertences remetem às palavras de Longino, na obra *A poética clássica*:

Verdadeiramente grande é o texto com muita matéria para reflexão, de árdua ou, antes, impossível resistência e forte lembrança, difícil de apagar (LONGINO, 1995: 76-7).

Podemos classificar Longino como um autor antigo e clássico, mas as palavras a seguir parecem ser de autoria de um sujeito muito próximo do nosso tempo e do nosso espaço:

... o que arruína a índole da presente geração é a indiferença em que todos, com poucas exceções, passamos a vida sem nenhum esforço nem iniciativa que não tenha em mira louvores e prazeres, jamais uma utilidade digna de emulação e apreço (LONGINO, 1995: 114).

Segundo Sergio Miceli, a trajetória de Pierre Bordieu pode ser resumida através das seguintes palavras:

Ele se saiu bem nessa empreitada de fazer justiça a si mesmo, àquele menino provinciano, àquele rapaz amargurado, àquele normalista inseguro quanto ao rumo a tomar (MICELI, in: BORDIEU, 2005: 17).

O rumo escolhido pelo estudioso francês pode ser observado nas suas próprias declarações, como as que seguem:

Fiz dessa forma não para me furtar à redução de meus trabalhos às suas condições sociais, segundo a aspiração ao saber absoluto de um pesquisador quase divino (“bourdivino, como dizem alguns), mas para fazer o melhor que posso, um ofício supremamente difícil, que consiste em organizar o retorno do recalcado e em dizer perante todos o que ninguém quer saber (BORDIEU, 2005: 134).

Para os que leram, partindo do fragmento acima, como não lembrar da trajetória do menino-narrador do romance *Pai patrão*, de Gavino Ledda? Fatos como esses podem ser aceitos como verdadeiros motivadores para o estabelecimento do “diálogo entre os textos”. Alguns estudiosos podem passar a vida inteira lendo a respeito da Literatura Comparada, sem nunca vislumbrar uma afinidade entre o estudo – o ensaio *Esboço de auto-análise*, de Pierre Bordieu, e a criação – o romance *Pai patrão*. Alguns textos acadêmicos, fiéis às teorias e aos modelos, parecem muito mais imaginários, fictícios, ilusórios e obscuros que muitos romances da pós-modernidade.

É bem provável que os recalques presentes no estudioso francês não sejam oriundos do “menino provinciano”, nem do “rapaz amargurado”, mas, supostamente, do “normalista inseguro”. Quase todos os autores estudados podem ser considerados de origem humilde, no entanto, pouco amargurados e bastante seguros. Além disso, Sergio Miceli caracteriza a linguagem de Pierre Bordieu como enxuta, cortante e comovida, e essas características podem ser aplicadas aos demais autores analisados, estudiosos e ficcionistas.

Depois de muitos anos trabalhando em instituições educacionais públicas, passei a conhecer e a entender as palavras de Creonte, em *Antígona*, como as que seguem:

Mas não se conhece verdadeiramente um homem, sua alma, sentimentos e intenções, senão quando ele administra o poder e executa as leis (SÓFOCLES, 1997: 12).

Talvez, as pessoas não tenham tanta culpa pelas formas como o poder é exercido e as leis executadas. O homem pós-moderno parece ter inventado mais monstros e fantasmas que máquinas. Não há poder maior que aquele exercido pela burocracia. Não há como modificar os mecanismos que movem uma secretaria de uma Instituição de Ensino Superior Pública, por exemplo. Lá, todos estão a serviço de formulários, relatórios, memorandos internos e externos, horários, reuniões e atas.

Ao longo da vida, na busca de respostas, os lugares mais procurados e que criaram as maiores expectativas e esperanças foram os livros e a Música; livros de ficcionistas, poetas e ensaístas; músicas de letras poéticas e contestadoras, sem serem dissonantes, modernistas, nem tropicalistas. Os ensaios foram cruciais, principalmente aqueles marcados por idéias e princípios como os de Celso Furtado, apresentados em seu livro *A fantasia organizada*:

Quem avança por um campo de reflexão novo é levado a sobreestimar suas possibilidades, vítima quiçá de aguçamento da percepção. Nesses momentos importa sobretudo que se tenha a coragem de avançar... Essa a razão pela qual muitas descobertas foram feitas por pessoas muito jovens ou semi-ignorantes. Mas é preciso saber parar para olhar em torno, pois a ânsia de avançar pode produzir alucinações e levar a arrombar portas abertas. O segredo para evitar esses extravios, em que se perdem inteligências de primeira, está em ampliar o diálogo, expor-se ao crivo da contradição, evitar o isolamento (FURTADO, 1985: 90).

As palavras do ensaísta brasileiro fazem lembrar do velho e insistente Sófocles, representado pelas palavras de sua personagem Hémon:

Sábio é o que não se envergonha de aceitar uma verdade nova, e mais sábio é o que a aceita sem hesitação (SÓFOCLES, 1997: 32).

Durante o mestrado, lemos novamente *A poética clássica*. Lá estavam textos de três autores, Aristóteles, Horácio e Longino. As expectativas foram criadas pelo próprio título do livro. Os autores clássicos é que deviam ser lidos, estudados, citados e seguidos. Para ser aceito pela Academia, um texto científico não poderia apresentar marcas fortes e determinantes de impressões pessoais, subjetivas, ou deslizes poéticos. Os apaixonados pelos modelos teóricos, pelas citações e notas de rodapé, reconsiderando suas escolhas e preferências, alertavam: também não precisa ser tão sério, frio, indiferente e prolixo.

O texto de Horácio criou muita confusão, porque o Autor teorizava a partir de metáforas, de figuras de linguagem bastante sugestivas, possibilitando diversas interpretações e divagações. A leitura do primeiro parágrafo do ensaio - **Arte Poética: Epístola ad Pisones** -, causou surpresa, espanto e encantamento. As palavras revelam um estudioso clássico teorizando em linguagem figurada. As palavras que revelam as “teorias poéticas” do velho autor latino são as que seguem:

Suponhamos que um pintor entendesse de ligar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo, ajuntar membros de toda procedência e cobri-los de penas variegadas, de sorte que a figura, de mulher formosa em cima, acabasse num hediondo peixe preto; entrados para ver o quadro, meus amigos, vocês conteriam o riso? Creiam-me, Pisões, bem parecido com um quadro assim seria um livro onde se fantasiassem formas sem consistência, quais sonhos de enfermo, de maneira que o pé e a cabeça não se combinassem num ser uno. – A pintores e poetas sempre assistiu a justa liberdade de ousar seja o que for. – Bem o sei; essa licença nós a pedimos e damos mutuamente; não, porém, a de reunir animais mansos com feras, emparelhar cobras com passarinhos, cordeiros com tigres (HORÁCIO, 1995: 55).

Conforme as leituras iam avançando, e graças às orientações do professor Flávio Loureiro Chaves, fui montando um quadro, um mosaico, com peças distribuídas disfarçadamente ao longo da obra ficcional de Machado de Assis, de *Contos Fluminenses* a *Memorial de Aires*. Naquele complexo, espetacular e singular mundo ficcional conviviam “leões impetuosos” e “cordeiros pacatos”, “águias” e “frangos rasteiros”, “gaviões” e “pombas”. O autor de *Dom Casmurro* inventava pensando, emocionava raciocinando, imaginava filosofando.

Em seu livro *Esse ofício do verso*, o grande escritor argentino Jorge Luis Borges, como ensaísta, após um longo tempo de leitura, análise e criação, “oferece apenas dúvidas” em relação ao mundo da Literatura, pela ausência de um modelo teórico e porque a Literatura pode ser observada como um mundo de suposições, sugestões e investigações.

No conjunto das obras presentes na “Bibliografia”, nota-se a ausência de textos constituídos por modelos teóricos ou por uma linha de pesquisa definida. No conjunto dos romances estudados está a base para a análise literária, o que chamamos de “diálogo com o texto literário”. Os demais livros tornaram-se importantes porque possibilitaram o aprimoramento dos meios expressivos, evitando a “teorização” e o “fechamento” do debate literário.

Para um professor de Literatura, causa espanto, indignação e revolta o fato de um pequeno artigo de caráter científico merecer uma pontuação bem maior que a de um livro de ficção – romance, novela, contos -, de crônicas ou de poemas. Aliás, para certos planos de carreiras, concursos e avaliações institucionais, os livros de ficção ou de poesia não têm valor nenhum. Por outro lado, após avaliados e pontuados em concursos e testes seletivos, milhares de resumos, comunicações e artigos jazem nos depósitos das universidades, esquecidos, abandonados e mofados.

Por mais que o mundo tenha evoluído e mudado, saber escrever de forma correta, elegante, inteligente e criativa devia ser questão de honra, algo tão importante quanto os artigos de caráter científico, filhotes de modelos teóricos e de linhas de pesquisa, produzidos por afoitos, sorrateiros, gananciosos e vaidosos profissionais das letras. Em alguns recantos deste País, a realidade parece mostrar um fato praticamente consumado: quanto mais o aluno se aproxima da Linguística e da Pedagogia Esquerdistas mais desaprende a pensar, a raciocinar, a ler e a escrever.

A última e definitiva motivação surgiu da leitura do romance *Mamma, son tanto felice*, de Luiz Ruffato, quando o patriarca pergunta: – Dov’è, la famiglia? A pergunta foi feita exatamente para confirmar a desintegração e a agonia dessa instituição, não havendo a necessidade nem a obrigatoriedade de uma resposta. A história da família – de boa parte das famílias brasileiras – parece ser a história da descendência italiana imigrante, desintegrada, dispersa, miscigenada e diluída em outros ambientes, valores, costumes, interesses e ambições.

Num determinado momento da elaboração da presente tese, aconteceu o grande estalo. De uma das conversas com o orientador, surgiu a grande luz, o longo e maravilhoso caminho a seguir. Ao invés de ficar brigando e discutindo, em debates e martírios, com a Igreja Católica, a Teoria, a Pedagogia, o passado e o PT, numa paranóia neurótica, labiríntica e inútil, melhor seria “fazer o texto falar”, no caso, os romances estudados.

A frustração e o desencanto diante da realidade circundante estabeleceram uma nova orientação para o trabalho a ser realizado, marcada por algumas perturbações e várias indagações. Se o mundo real apresentava-se tão mudado, estranho e prostituído, como ele aparecia nas obras dos autores que fariam parte do *corpus* ficcional? Ou a Literatura criava um mundo de ilusões e simulações igualmente estranhas e prostituídas, ou aquele mundo ilusório da ficção era o retrato fiel do mundo real, nos diversos ambientes geográficos e culturais. Nos casos brasileiros, Luiz Ruffato vive em São Paulo, Cristovão Tezza, em Curitiba e José Clemente Pozenato, em Caxias do Sul.

Na ausência da *Cuccagna* e da identidade cultural italiana imigrante, de que poderiam falar os romancistas? A ficção ainda fala de jantares típicos, noites italianas, encontros de famílias e programas radiofônicos em *Talian*? Que fatos são testemunhas das *trajetórias* percorridas pelos descendentes de imigrantes italianos? Quais as principais características desse novo mundo, constituído por homens que perderam, abandonaram ou desconhecem sua “identidade” e suas “raízes”?

Em 1987, Antônio Candido apresentava um quadro preciso e assustador da realidade brasileira², a “fonte inspiradora” da nossa ficção, composta pelos seguintes dados:

... a urbanização acelerada e desumana, devida a um processo industrial com características parecidas, motivando a transformações das populações rurais em massas miseráveis e marginalizadas, despojadas de

² O fragmento faz parte do capítulo “A Nova Narrativa”, do livro *A educação pela noite e outros ensaios*.

seus usos estabilizadores e submetidas à neurose do consumo, que é inviável devido à sua penúria econômica (CANDIDO, 1987: 201).

Os cortes epistemológicos estabelecidos para a análise dos romances, presentes nos capítulos VI a X, as impressões e os textos auto-biográficos presentes na Primeira Parte – **O menino do interior e o doutorando da Academia** -, podem ser definidos por várias *trajetórias*, assim apresentadas: da Itália para o Brasil; do campo para a cidade; da cidade pequena para a cidade grande; do mundo católico para o mundo racional e leigo; e da identidade cultural italiana imigrante da comunidade do interior para a diversidade cultural, também entendida como globalização ou pós-modernidade.

Para os fins últimos do presente estudo, o material e os dados fornecidos pelos ensaístas, pelo *corpus* ficcional – os onze romances – e pela experiência individual são suficientes, não havendo a necessidade de um modelo teórico ou de uma linha de pesquisa definida.

Ao longo do presente trabalho, o leitor encontrará um material riquíssimo, diverso, mesmo disperso, problematizado por um autor inconstante, inseguro, impulsivo e apaixonado pela “matéria vertente”³. Um texto muito mais seguro, racional e acadêmico poderia surgir aos olhos do leitor quando elaborado a partir de princípios teóricos bem definidos e selecionados *a priori*. Para alguns leitores, textos assim podem ficar marcados pela ausência do encanto, da beleza e do fascínio proporcionados constante e indefinidamente pela Literatura.

Nos primeiros meses de trabalho, a expectativa era muito grande, alimentada pela crença no congraçamento, na partilha, na reciprocidade, na troca de informações e na elaboração de projetos inovadores e motivadores voltados para a Arte, a Literatura e a Cultura Italiana Imigrante, notadamente para o município de Sananduva e adjacências.

Uma das estratégias pensadas foi a entrevista realizada por e-mail, com pessoas descendentes de imigrantes italianos, nascidas em pequenas comunidades do interior e hoje habitantes de cidades, pequenas médias e grandes. A intenção era de acompanhar suas trajetórias, as modificações que foram acontecendo ao longo de suas vidas, suas relações com as raízes e as tradições italianas imigrantes, suas conquistas alcançadas através do trabalho e do estudo. Depois de um certo tempo, mantendo o mesmo título: **Voz do povo, voz da História**, o material recebeu um novo destino: fará parte de um projeto de pesquisa intitulado “Os caminhos da cuccagna”, dividido em três partes, a ser

³ O leitor deve estar pensando no romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, correto?

realizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Foz do Iguaçu, a partir de 2009.

Para os imigrantes italianos da segunda metade do século XIX, as duas expressões mais animadoras e entusiásticas eram *Cattare la Cuccagna* (*achar a cocanha*, a boa sorte, a fartura, a felicidade; fazer fortuna) e *Far la Mérica* (*fazer a América*, tornar-se proprietário de um pedaço de terra, enriquecer ou crescer e prosperar através do trabalho). As duas expressões são marcas identificadoras do espírito dos velhos imigrantes italianos. Segundo dados extra-oficiais, os primeiros Carbonera que vieram ao Brasil, embarcaram no porto de Treviso no dia 26 de novembro de 1885 e chegaram à Linha Caravaggio, interior de Alfredo Chaves – hoje Veranópolis -, no dia 14 de março de 1886; quatro meses e dezesseis dias de viagem, portanto. Naquela turma, estava o senhor Santo Carbonera, nascido em 1871, avô deste Autor.

A preferência pelo texto ensaístico pode ser justificada a partir de algumas orientações recebidas ao longo dos estudos acadêmicos – da graduação em Letras ao Doutorado. No decorrer do primeiro semestre da graduação em Letras – 1978, na Fidene - a intenção era de pedir transferência para o curso de Administração. O professor Deonísio da Silva interferiu, alegando que o nosso mundo era o das Letras e não o dos Números. Em 1990, durante o processo de encaminhamento para a realização do Mestrado, o mesmo professor alertava que, agora, o mundo era o da Literatura e não o da Lingüística. Em 1992, quando foi preciso definir o objeto de estudo para a dissertação de Mestrado, o professor Flávio Loureiro Chaves aconselhava optar por um “diálogo com Machado de Assis”, evitando o mais possível os chamamentos da Literatura Comparada. Durante as aulas do Doutorado, o professor Luís Augusto Fischer aconselhava “fazer o texto falar” ou “mostrar como o texto funciona”. Resumidamente, diríamos que a análise e as considerações aqui apresentadas são constituídas a partir de um diálogo com a ficção, mostrando como os textos funcionam.

O “diálogo das artes”, sonhado pelo professor Antônio H. G. da Cunha, pode ser visto em vários autores estudados. Para José Ingenieros, devem estar juntos a verdade, o bem e a beleza; para Calr Sagan, o ceticismo e a admiração; para Celso Furtado, a pesquisa, o estudo e a produção textual devem apresentar “planejamento” e “criatividade”; para Giambatista Vico – traduzido nas palavras de Humberto Guido, no livro *Giambatista Vico e a educação da humanidade* - e para Miguel de Unamuno – no livro *Do sentimento trágico da vida*, a filosofia e a poesia estão mais próximas do que a filosofia e a ciência, e que o filósofo e o poeta são praticamente irmãos gêmeos;

segundo Giovanni Papini, em seu livro *O passado remoto*, os filósofos são também artistas, inspirado na vida de Bergson, pois o sábio francês “gostava de poesia e era um apaixonado amador de música”; conforme o mesmo pensador italiano, a partir da vida e obra de um pintor e frade beneditino holandês, Dom Willibrordo Verkade, poesia e santidade também podem caminhar juntas, como chamas distintas ardendo de um mesmo fogo. Tratava-se de um frade portador de uma “generosa inteligência”.

Os romances estudados não serão considerados e analisados dentro do panorama geral da Literatura Brasileira, do final do século XX e início do XXI, porque não foram lidos outros autores e outras obras para estabelecer aproximações e afastamentos adequados. Não haverá o registro de conceitos, definições, classificações ou sistematizações do quadro geral do romance brasileiro da atualidade. Os romances servem apenas para estabelecer, marcar ou registrar as *trajetórias* apontadas anteriormente.

Nas obras de dois autores brasileiros, Cristovão Tezza e Luiz Ruffato, cronológica e progressivamente, é possível observar um processo de aprimoramento dos meios expressivos e a intensificação da massificação do homem e de suas tradições, bem como a sofisticação da linguagem. Essa *trajetória* aponta para o desaparecimento gradual da linearidade, substituída pela fragmentação.

A opção por uma elaboração textual elogiosa ou avaliativa, carregada de juízos de valor, teria como base algumas informações e opiniões emitidas por Antonio Candido, em seu livro *A educação pela noite e outros ensaios*. No último capítulo, “A nova narrativa”, ele apresenta dois grupos distintos de escritores brasileiros.

O perfil do primeiro grupo pode ser observado nas palavras abaixo:

Não se deseja emocionar nem suscitar a contemplação, mas causar choque no leitor e excitar a argúcia do crítico, por meio de textos que penetrem com vigor mas não se deixam avaliar com facilidade (CANDIDO, 1987: 214).

Segundo o grande ensaísta brasileiro, a *inovação* pode tornar-se *rotineira* e menos resistente ao tempo. Assim, temos as características do segundo grupo de ficcionistas:

... a duração parece não importar à nova literatura, cuja natureza é frequentemente a de uma montagem provisória em era de leitura apressada, requerendo publicações ajustadas ao espaço curto de cada dia. Dentro desta luta contra a pressa e o esquecimento rápido, exageram-se os recursos, e eles acabam virando clichês aguados nas mãos da maioria, que apenas segue e transmite a moda (CANDIDO, 1987: 214).

No presente estudo, a crítica destrutiva - o desmascaramento - e a crítica construtiva - o elogio - cedem espaço ao levantamento de dados e fatos que permitem identificar as *trajetórias* já referidas. Os “juízos de valor” presentes neste trabalho são o resultado das impressões de leitura e não de conceitos, definições ou modelos teóricos, acertados anteriormente.

Nos romances *O quatrilho*, *A cocanha* e *A babilônia*, de José Clemente Pozenato, o narrador parece optar por um ambiente sem grandes crises ou conflitos, marcado pelo destino natural e espontâneo dos homens, para o Bem ou para o Mal, rumo à cidade ou acomodados na colônia. Nesses três romances, podemos observar bem de perto o que Antonio Candido chama de “um certo respeito pelo grandioso, esperança quanto às possibilidades e consciência amena de atraso”⁴. Nos demais autores, há um processo latente de desmontagem da harmonia e o desmascaramento das *saídas* e das soluções. O caminho percorrido pela ficção, de José Clemente Pozenato a Luiz Ruffato, passando por Cristovão Tezza, respeitado o quadro de romances brasileiros contituíntes do *corpus* delimitado para o presente estudo, é aquele apontado por Antônio Candido, em seu ensaio “Literatura e Subdesenvolvimento”: dos “traços pitorescos à universalidade”.

Como parte de um universo complexo e infinito – em direção ao passado e também ao futuro -, o ser humano pode fazer parte simplesmente de um processo contínuo e irreversível, marcado por dois extremos, apresentados no fragmento abaixo:

A filosofia representou, sem dúvida, uma complicação a mais em nosso uso crescente da linguagem, à medida que um vocabulário rico de conceitos abstratos e expressivos substituiu nossos grunhidos e rosnados utilitários e expressivos (SOLOMON & HIGINS, 2003: 21).

Nos romances estudados, a partir do Capítulo V, algumas personagens não conquistaram a liberdade em relação ao mundo dos “grunhidos e rosnados” nem as benesses patrocinadas pelo mundo do “vocabulário rico de conceitos abstratos e expressivos”. O *destino último* do ser humano parece ser mesmo a vida tumultuada, agitada, perturbada, violenta e estressada da cidade, grande ou pequena. Para consolo das pessoas do campo, o progresso cumpre a tarefa de levar os signos da globalização aos mais remotos e humildes casebres, diária e impulsivamente.

As palavras do ensaísta Giovanni Verga a respeito de seu próprio romance, *Os Malavoglia*, muito próximas do fragmento apresentado acima, serão analisadas mais

⁴ As expressões podem ser vistas no capítulo “Literatura e Subdesenvolvimento”, do livro *A educação pela noite e outros ensaios*, na página 141.

detalhadamente no Capítulo V. O mundo da ficção parece desaparecer diante das pistas e das orientações fornecidas naquela “apresentação”.

Este relato é o estudo sincero e desapassionado de como, provavelmente, devem nascer e desenvolver-se nas condições mais humildes as primeiras inquietações pelo bem-estar; e que perturbação deve trazer a uma pequena família, que viveu até então relativamente feliz, a vaga cobiça do desconhecido, o perceber que não se está bem, ou que se poderia estar melhor (VERGA, 2002: 7).

O presente trabalho procura acompanhar a trajetória das personagens que participam das histórias narradas nos onze romances estudados, em suas “inquietações”, “perturbações” e esperanças. Mesmo vivendo *deslocadas* do mundo real, atuam como peças fundamentais na montagem do “mosaico ficcional”, mas não servem como bandeira para o resgate das raízes, dos valores e das tradições, a proclamação e a comemoração da inclusão social, da construção da cidadania, da prática literária como ação engajada, nem como expressão e salvação dos excluídos, miseráveis e vítimas do sistema. A matéria narrada está impregnada de diversidades culturais, libertadas já da identidade cultural italiana imigrante.

Na elaboração da presente tese, a opção pelo ensaio e não por um modelo teórico, foi feita graças a textos e idéias de autores como Roland Barthes, Jorge Luis Borges, Norbert Elias, Octavio Paz, Machado de Assis, Antonio Candido, Sergio Buarque de Holanda, José Ingenieros, Celso Furtado, Terry Eagleton, Miguel de Unamuno, Jacques Le Goff, entre outros. O objetivo primordial é de elaborar um texto investigativo, sem ser cético nem romântico, voltado mais para os fatos que para os juízos de valor. A clareza deve estar acima da confusão.

A elaboração de um estudo comparativo seguindo a linha do intertexto – daí a presença da intertextualidade -, não necessária e obrigatoriamente deve obedecer aos ensinamentos e às fórmulas da Literatura Comparada. A experiência de outro estudo a partir do “diálogo entre textos” pode ser observada no início do Capítulo II, onde é possível encontrar um pequeno esboço de contatos afins provindos dos romances *Pai patrão* e *Os Malavoglia*, de Gavino Ledda e Giovanni Verga, respectivamente. O estudo comparativo pode ser elaborado pela prática da leitura de obras literárias e não pela definição de uma linha de pesquisa ou pela preferência por um modelo teórico, no caso a Literatura Comparada. O diálogo será estabelecido pela prática - a capacidade criativa, e não pela teoria – o modelo, a fórmula.

Se a teoria literária existe, parece óbvio que haja alguma coisa chamada literatura, sobre a qual se teoriza (EAGLETON, 1983: 1).

A reconstituição do enredo e a fixação de um resumo para um romance moderno torna-se uma tarefa problemática, complicada e difícil. Livres da linearidade, da objetividade e da superficialidade, todos os fatos parecem ser principais e também secundários. Os pontos de vista perdem-se entre as vozes dos narradores, das personagens e nas interferências dos leitores. Talvez, o modelo e o dogma sejam fatos anteriores ao surgimento do romance moderno, portanto funcionam ainda como peças de museus e antiquários.

Durante a 12ª Jornada de Literatura de Passo Fundo, edição 2007, em entrevista concedida a Carlos André Moreira, a respeito de seus romances, Luiz Ruffato – “crítico, editor, romancista e escritor”, conforme consta na matéria, afirmava:

Tentei montar essa série apenas mostrando isso na atmosfera, nas tramas, mostrando a maneira como essa idéia de progresso implantada de cima repercutiu nas camadas mais baixas, mas quem quiser passa pela história sem isso⁵.

O tema “repercussões do progresso nas camadas mais baixas” pode servir como objeto à ficção, agradando bastante ao grupo dos amantes de um discurso revanchista e panfletário, próximo ao delírio doentio. “Passar pela história sem isso” – estudo dedicado à realização romanesca - pode ser um trabalho destinado aos estudiosos ensaístas, mais abertos, livres e independentes.

A preferência pelo gênero ensaístico e não pelos modelos teóricos ou pelas linhas de pesquisa bem definidas, coesas, coerentes e seguras encontrou respaldo em algumas leituras feitas para o presente trabalho. Merecem destaque alguns fragmentos, que fazem mais rir que chorar, dialogar que brigar, debater que regularizar:

A figura realmente interessante era o cubano Regino Boti... Seu bom-humor, riso desbordante e incomparáveis dons histriônicos inundavam a casa. Creio que nunca havia lido uma só página de Marx, mas a ele se referia com intimidade, deixando cair no meio de uma discussão frases como: “O barbudo já havia previsto tudo isso” (FURTADO, 1985: 54-5).

Do fragmento acima, vale destacar alguns elementos dignos de altas discussões: o bom senso, graças ao bom humor do cubano, seu desprendimento, o clima de seriedade dos demais e o mal-estar, as discussões vazias e inconseqüentes como preenchimento do tempo e do tédio.

No livro *A paixão pelo saber*, surgiu uma passagem bastante sugestiva:

⁵ Entrevista publicada no “Segundo Caderno”, do jornal Zero Hora, Ano 44 – Nº 15.341 – 2ª Edição, de 29 de agosto de 2007, p. 2.

Com base na *Riqueza das nações*, Smith foi amplamente citado (sobretudo pelos que não o leram) como o defensor clássico do individualismo comercial, do poder e do lucro (SOLOMON & HIGGINS, 2003: 138).

O fragmento acima merece destaque pelas palavras que estão entre parênteses, nada mais. Machado de Assis é singular no sentido de fazer rir de pessoas e situações assim, como podemos observar no fragmento abaixo, retirado do conto **Identidade**:

Fa-Nohr deleitava-se com as palestras do letrado. Desde longos anos que este compunha um livro sobre as origens do Nilo; e, conquanto ninguém o tivesse lido, a opinião geral é que era admirável (ASSIS, 1938: 184).

Nas *narrativas ítalo-brasileiras* estudadas, as *trajetórias* registram a transferência da colônia para a cidade, ou da cidade pequena para a cidade grande. Progressiva e ininterruptamente, os valores do mundo urbano globalizado e cosmopolita foram encontrar o homem do campo no seu *habitat*, levando consigo os mais diversos e complexos signos da modernidade.

Vários autores estudados, ficcionistas e estudiosos, nasceram no interior, em pequenas comunidades ou em pequenas cidades. Norbert Elias nasceu em Breslau (Wroclaw, Alemanha); Rovílio Costa, na linha Marquês do Herval (Veranópolis/RS, Brasil); Raymond Williams nasceu numa *aldeia remota*, interior da Grã-Bretanha; José Ingenieros, nasceu em Palermo (Itália) e morreu em Buenos Aires (Argentina); Pierre Bordieu, nasceu num pequeno vilarejo, interior da França; Tommaso Campanella, em Stilo (Calábria, Itália); Giovanni Verga, na cidade de Catânia (Sicília, Itália), Gavino Ledda, em Siligo (Sassari, Sardenha, Itália); José Clemente Pozenato, na comunidade de Santa Teresa (São Francisco de Paula/RS, Brasil); Cristovão Tezza, em Lages/SC, Brasil; e Luiz Ruffato, na cidade de Cataguases/MG, Brasil).

As personagens do romance *Os Malavoglia* vivem nas aldeias de Trezza – cenário das ações, Ognina e Aci Castello, sonhando com uma vida nova e melhor em Nápoles, Trieste ou em Alexandria do Egito. Há o registro de um passado bom, de um presente problemático e de um futuro incerto, revelando a desintegração da família e das tradições. As novas engrenagens vão encontrar muita gente desarmada e despreparada.

Em *Pai patrão*, as ações acontecem na comunidade rural de Baddevestrana e na pequena cidade de Siligo; o destino último é Salerno. Temos a revelação de um passado de tradições e respeito às hierarquias, um presente de muito sofrimento e de grandes

transições e um futuro bastante promissor, proporcionado pelo estudo e pelo trabalho, notadamente para a personagem central, Gavino.

No romance *Vita e Stória de Nanetto Pipetta*, escrito em dialeto veneto, a partida acontece na Itália e o destino é a América, o Sul do Brasil. Não há registros do passado, em lembranças e saudades, e o presente é o tempo de fugir da miséria, na busca por um pedaço de terra para trabalhar e prosperar. Por mais distante que estivesse, a América tornava-se uma esperança, algo concreto para Nanetto Pipetta, o único apaixonado e seduzido pela lendária *Cuccagna*. No romance *Pai patrão*, a América aparece como uma possibilidade a Gavino, mas é apenas citada e a idéia abandonada logo em seguida.

O trajeto histórico e cronológico - da Itália até a cidade grande, no Brasil - é realizado pelas personagens dos romances *O quatrilho*, *A cocanha* e *A babilônia*, de José Clemente Pozenato. Acomodadas na colônia, mais tarde alcançam o mundo urbano, representado pela cidade de Caxias do Sul, já chamada de “Pérola das colônias”, hoje uma das regiões mais industrializadas do Estado. O passado é a Itália, que deveria ser esquecido; o presente é o tempo do trabalho, dos sacrifícios, de muito sofrimento e de penúrias; o futuro é a prosperidade conquistada no meio rural ou na nova vida a ser construída na cidade.

Nos romances *Juliano Pavolini* e *A suavidade do vento*, de Cristovão Tezza, as personagens já fazem parte do mundo da cidade, com uma pequena inversão da cronologia: publicado posteriormente, o primeiro apresenta histórias vividas na cidade grande, de um presente conturbado e violento, com algumas lembranças dos tempos de menino, a vida sofrida da família, na companhia de um pai tirano, violento e impiedoso, nas impressões do próprio Juliano; a maior parte das cenas do segundo romance acontecem numa pequena cidade do interior do Paraná, próxima a Foz do Iguaçu e ao Paraguai, sem lembranças nem divagações voltadas para o passado. Matozo passa alguns dias em Curitiba, tentando a sorte como escritor. Mais conformado que desiludido, retorna para sua cidade, onde é recebido com muito entusiasmo pelos amigos e colegas de bar.

Na ficção de Luiz Ruffato, a trajetória dos homens no romance *Mamma, son tanto felice* começa num vilarejo chamado Rodeiro, em Minas Gerais, passando por cidades como Governador Valadares, Cataguases, São Bernardo do Campo, acabando seus dias em grandes metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo tendo como cenário a realidade urbana, há sinais de um passado de felicidade, inocência e harmonia, recuperado pela memória, mas de um tempo de pessoas que não existem mais. *O*

mundo inimigo é o mundo urbano, dos becos, barracos e ruelas, em seus sobressaltos, assombros e fragmentações. Vivendo num presente caótico, as personagens parecem não ter passado nem futuro. Há alguns resquícios de memória, de lembranças, em vertigens, predominando a sensação de uma vida cíclica, de uma “estrutura circular”⁶, sem tradição, sem hierarquias, sem comando, sem controle. O tempo do romance *Vista parcial da noite* já é o tempo da vida proletária nas periferias de Cataguases. No mundo atual, o progresso parece estar sempre irmanado com as favelas, o desemprego, o tráfico e a violência. No mundo real, sem emprego, sem trabalho, ou vivendo de “bicos”, famílias inteiras esperam e suplicam por uma bolsa-família, uma cesta básica, um vale-gás-transporte, a luz para todos, e outros benefícios.

Quando cada imigrante já estava instalado em seu pedaço de terra, no meio da floresta, no abandono quase absoluto, sem amigos, sem vizinhos, os sonhos revelavam-se solitários e assustadores, como mostra uma passagem do romance *A Cocanha*, de José Clemente Pozenato, a respeito da nova vida de Rosa, esposa de Aurélio:

Eram só ela e a casa. Ela e o silêncio. Ficou de repente paralisada, com uma ponta de medo, querendo subir até a garganta e uma súbita vontade de ir até a casa de Gema. Mas não podia fazer isso, devia acostumar-se, certamente muitos dias como esse teria pela frente (POZENATO, 2000: 156).

No fragmento abaixo, é possível observar a História contada por um ensaísta em comentários e orientações de leitura a respeito da sua própria ficção.

Cada um, do mais humilde ao mais elevado, teve sua parte na luta pela existência, pelo bem estar, pela ambição – do pescador humilde ao novo-rico... ao artista que acredita seguir o seu ideal, seguindo uma outra forma de ambição (VERGA, 2002: 9-10).

Ao partir da Itália, o colono ouvia falar da *Cuccagna* traduzida em promessas e conquistas coletivas. Ao fim e ao cabo, despertava do sonho e via diante de si alguns restos de uma *Cuccagna* solitária e terrivelmente empobrecida. No conto **Teoria do Medalhão**, do livro *Papéis avulsos*, de Machado de Assis, publicado em 1882, podemos ler:

Felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade (ASSIS, 1937: 114).

Talvez, para Machado de Assis, a “terra prometida” localizava-se assim tão distante, quando vista pela maioria dos seres humanos, comuns, pobres e acomodados.

⁶ Expressão utilizada por Antonio Candido, no ensaio “O mundo provérbio”, a respeito do romance *Os Malavoglia*, de Giovanni Verga.

A “terra prometida” presente no conto machadiano passou por um processo de humanização e pode ser traduzida por palavras como reconhecimento público, poder, esplendor social, alta sociedade. “Entrar na terra prometida” pode significar também estar protegido ou viver impune, acima das leis e das turbas.

Conforme afirmado em outras passagens da presente tese, nos romances estudados observa-se a ausência da *Cuccagna*, da identidade cultural italiana imigrante, do resgate das raízes, dos costumes e valores, de jantares típicos, noites italianas, encontros de famílias e programas radiofônicos. O mundo da ficção parece um mundo real, mas baseado em fatos absolutamente ilusórios e utópicos.

Bibica, quando a gente morre ninguém mais lembra da gente... Claro que alembra! Lembra não... Ninguém mais lembra do Marquinho... Eu alembro, meu filho. E você também... Você alembra, não alembra? E o Zunga. Mas... quando a gente morrer, eu, você, o Zunga, quem vai lembrar do Marquinho? E quem vai lembrar da gente, Bibica? Quem? (RUFFATO, 2005: 93).

No romance *Os Malavoglia*, de Giovanni Verga, essa mesma inquietação aparece em outras palavras, como podemos observar no fragmento a seguir:

... até os parentes se esquecem daqueles que morreram, e cada um neste mundo tem de pensar em puxar a carroça que Deus lhe deu, como o burro do compadre Alfio, que agora sabe-se lá o que fazia, depois que fora parar em outras mãos (VERGA, 2002: 310).

Quando acontecem, as festas, os jantares típicos e as noites italianas da região de Sananduva e arredores revelam apenas uma vontade de retomar certos costumes e tradições, tão desprezados e ultrajados, há muito abandonados pela grande maioria dos descendentes, cidadãos da cidade e do campo. O patrão ‘Ntoni, patriarca da família Malavoglia, e aquela avó, a única pessoa que ainda sabe falar em *Talian*, personagem do livro *Mamma, son tanto felice*, servem como exemplos, fazendo parte de um tempo que passou e que está morto. O “resgate das raízes” tão abordado e badalado nesses eventos italianos parece mais uma tentativa desesperada de manter acesa a tocha dos ancestrais, praticamente esquecidos nos cemitérios.

No romance *Vita e Stória de Nanetto Pipetta* – nassuo in Itália e vegnudo in Mérica par catare la cucagna -, escrito por um padre capuchinho, o *paraíso terrestre* está localizado geograficamente e tem nome – “América”. Vale destacar que Nanetto foi o único que decidiu aceitar o desafio de *Far la Mérica*, abandonando sua terra e sua gente. Ao longo da narrativa, não há sinais de fraqueza e desilusão, que apontassem para o caminho de volta. Segundo seu avô, a “nova terra” apresentava-se assim, descrita

pelos discursos e promessas dos cronistas, propagandistas, negociantes e investidores daquele tempo:

La Mérica, dizia el nonno par i puteli, la ze come na gran piassa piena de dolsi e basta impiantare on soldo parché ghin nassa na pianta bella e tutti pole rampegar-se suso e torse tanti soldi fin da impienare le scarsele. In te sta piassa se zuga, se corre, se salte, se oza; e quando se gá sê, se beve ácoa dolse, e mistrá, e vin bon, e bira e gazosa e pó cossa ancora?... e biter e miele, e rí freschi e riscaldi, e pó e pó, ancora robe bone! (BERNARDI, 1980: 17).⁷

Diante da ausência da *Cuccagna* e da identidade cultural italiana imigrante, em seus valores, costumes e raízes, as inquietações insistiam em descobrir sobre o que falavam os romancistas, descendentes do mundo italiano, miscigenados ou não. Não parece um mundo feito de invenções e simulações, mas um retrato absolutamente fiel e verdadeiro da condição humana, na sua vasta e mutante diversidade cultural.

Na versão da *Cuccagna*, apresentada por Aquiles Bernardi, na sua obra *Vita e Stória de Nanetto Pipetta*, não há registro algum de entusiasmo ou celebração, tendendo para a desmontagem do mundo de promessas e benesses proporcionado pela encantada América. A espontaneidade, a inocência, o humor e o bom senso de Nanetto Pipetta, somados ao final trágico, parecem falar por si.

O desconhecimento e a desinformação não devem ser confundidos com ignorância, mas, sim, com inocência. Salame não é verde nem amarelo, todos os italianos sabem disso. A crença de Nanetto Pipetta é a crença de todo imigrante nas promessas feitas na Itália e que também vinham da América. O poder da linguagem que construiu a imagem da *Cuccagna* é o mesmo que a destruiu.

No caso brasileiro, o tempo histórico de que trata os romances pode ser apresentado por dois quadros distintos: a) Literatura e Imigração, notadamente no romances *A cocanha*, *O quatrilho* e *Vita e Stória de Nanetto Pipetta* - o homem italiano imigrante, da sua partida da Itália e sua chegada na América, e sua batalha para se fixar e prosperar no meio rural, voltado para o mundo da cidade, na segunda metade do século XIX; b) Literatura e Globalização, nos demais romances de autores brasileiros -

⁷ A América, dizia o avô aos pequeninos, é como uma grande praça cheia de doces e basta plantar uma moeda para que nasça uma árvore bonita e todos podem subir e pegar tanto dinheiro até encher os bolsos. Nessa praça dá para brincar, correr, saltar, gritar; e quando há sede, bebe-se água doce, e licor de anis, e bom vinho, e cerveja e gasosa, e, pois, o que mais ainda?... e biter e mel, e refrescos e rescaldos, e mais a mais, ainda coisas boas!

o homem descendente de imigrantes italianos adaptado ao mundo globalizado na luta diária pela sobrevivência.

O tempo histórico dos dois romances italianos, pelas datas de redação e publicação, permite enquadrá-los no contexto dos romances brasileiros. Na ausência da *Cuccagna* e da identidade cultural italiana imigrante, o corte vertical está assim representado: para *Os Malavoglia*, de Giovanni Verga, publicado em 1881, a análise está centralizada na personagem 'Ntoni, sua trajetória e as experiências de uma vida solitária, isolada, deslocada; os momentos de alegria, ânimo e esperança; uma vida de sonhos; a incerteza, a dúvida, o vazio e o fracasso.

No romance *Pai patrão*, de Gavino Ledda, publicado em 1975, de ambiente rural, o centro das atenções é o menino Gavino, considerando, igualmente, a trajetória e as experiências de uma vida solitária, isolada, deslocada, a dor, as tribulações, a revolta, o desânimo, com destaque para o processo de aprimoramento espiritual, distante das orientações religiosas ou ideológicas.

Os onze romances estudados podem ser apresentados seguindo uma ordem cronológica, conforme cada tempo ficcional: a) o mundo rural, arcaico e simples, presente em *A cocanha*, *Vita e Stória de Nanetto Pipetta*, *Os Malavoglia*, *Mamma, son tanto felice* e *Juliano Pavolini* – pelas lembranças da personagem principal; b) o surgimento das cidades, em *O quatrilho*, *A suavidade do vento*, *Pai patrão*; c) a vida na cidade, em *Juliano Pavolini*, *Mamma, son tanto felice*, *O mundo inimigo*, *Vista parcial da noite* e *A babilônia*. Trata-se de um corte cronológico, transversal, da Itália antiga até o Brasil pós-moderno.

A avó do livro *Mamma, son tanto felice* não tem ninguém com quem conversar, porque ninguém mais sabe falar o *Talian*. Ela seria a personagem ideal para a ficção de José Clemente Pozenato, não por causa do cenário daqueles romances – a região colonial italiana -, mas porque aquele mundo traz ainda as marcas da identidade cultural imigrante, mesmo fadada ao desaparecimento, juntamente com o *Talian*. Nos romances *A cocanha*, *O quatrilho* e *A babilônia* a identidade italiana imigrante está representada por algumas expressões em veneto, apenas. No mundo ficcional de Luiz Ruffato e Cristovão Tezza, a identidade cultural italiana imigrante desapareceu completamente. O mundo dos homens, das cidades grandes e pequenas, é o mundo da globalização, conturbado, inseguro e violento. Na ficção, nenhum homem pode ser visto participando de festas, jantares, encontros de famílias ou programas radiofônicos. Muitos milagres

pós-modernos são praticados diariamente pelas igrejas novas, por livros de auto-ajuda e mesmo por partidos políticos.

O quadro que vai sendo montado imita aquele cenário visto da janela do trem, no poema **Trailer**, no livro *O trem da serra*, de Ernani Fornari: a choupana (o mundo dos que ainda crêem), o chalé (o mundo dos que venceram, prosperaram), a tapera (o mundo dos que perderam, morreram).

No mesmo livro, no poema **Felicidade**, está escrito:

Fiquei convencido, desde então, / Que onde mora a Felicidade não há estação! / - a gente passa sem parar... (FORNARI, 1987: 18-9).

A explicação para a ausência da felicidade pode ser encontrada no poema **Estação de parada**, onde o poeta revela a presença de pessoas apressadas, impacientes e nervosas. Uma estação sem nome sugere que essas pessoas podem ser encontradas em todos os lugares.

A “última estação” é a cidade grande, destino último de milhões de pessoas movidas ainda por alguma esperança. Talvez, num futuro não muito distante, a Terra poderá ser vista como uma única cidade, ou uma cidade após outra cidade, sem limites, sem linhas divisórias, sem quintais nem jardins, conforme está registrado na ficção de Luiz Ruffato.

... onde termina a cidade? A cidade termina logo ali atrás daquelas... (RUFFATO, 2005: 190).

As “trajetórias” das narrativas estudadas na presente tese mostram a dissolução da italianidade numa brasilidade globalizada. Podemos encontrar ainda alguns resquícios de nostalgia, em lembranças e memórias, mas os ficcionistas não choram, não comemoram, nem celebram; contam histórias, evitando a ressurreição do passado, mostrando a passagem de um contexto a outro. Em relação ao mundo de descendência italiana imigrante, a função do escritor poderia ser comparada ao papel desempenhado pelas carpideiras nos enterros, que preparam o ambiente e criam um clima para afastamento do morto.

A arte sobreviveu ao longo do tempo por ser uma grande ilusão, uma grande mentira? Sendo o homem globalizado um fantasma, uma farsa, quem é, então, o “homem verdadeiro”? Se a realidade é uma ilusão, o homem verdadeiro é o pensador, o filósofo, o artista? O homem repleto de intenções nunca transformadas em ação é um ser comum e nunca poderá ser um artista? Ser artista, assim, é aprender a agir

disfarçando, inventando e iludindo? Serão artistas também os políticos, os pedagogos, os lingüistas, os sindicalistas, os pregadores e líderes religiosos? Que tipo de alimento oferece a Arte aos seus consumidores, existindo como uma grande ilusão?

O universo da ficção – representado pelos romances lidos para o presente estudo -, e o mundo real – observado em Sananduva, na cidade e no interior, ao longo de dezessete anos -, insistem em apontar para uma mesma direção: o desaparecimento do “mundo dos velhos”, da identidade cultural italiana imigrante e também das comunidades do interior. As idéias, as práticas e os conselhos dos velhos, os corais espontâneos, os afazeres domésticos e os utensílios das antigas propriedades rurais servem apenas como objeto de decoração ou de motivação para satisfazer a curiosidade e o interesse de alguns visitantes por alguns instantes, ou para preencher alguns espaços em jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão. Não há mais festas, comemorações, nem brindes coletivos.

Para muitos descendentes dos antigos italianos imigrantes, a *Cuccagna* parece ainda existir, em seus sonhos, divagações e devaneios. Depois de vários anos separados, sem telefonemas, cartas, diálogos ou e-mails, os homens de descendência italiana imigrante da Linha Guabiroba podem ficar horas relembando as aventuras e as peripécias dos bons tempos, felizes, passados e vividos na “terra natal”. A Literatura insinua representar a inexistência de solidariedade, coletividade, justiça, culto às tradições, resgate das raízes, sabedoria dos velhos, grandes amizades, projetos coletivos e diálogos terapêuticos. Assim, sobre o que escrevem os romancistas habitantes ou descendentes do mundo italiano?

PRIMEIRA PARTE

O MENINO DO INTERIOR E O DOUTORANDO DA ACADEMIA

Intanto a Venéssia davanti la stasion del bapore ze capitá on putelo mal vestio, senza iacheta, co la camisa rota ai gomi, le braghe tutte pesse de colori diferente, taconae e strataconae; on par de scarpe vécie, una bianca e nantra scura impatiná de farina de formento par sbianchedarla anca quela. El zera el nostro Pipetta pronto par andare in Mérica!

(Aquiles Bernardi, *Vita e Stória de Nanetto Pipetta*)

CAPÍTULO I. A INFÂNCIA DE UM MENINO DO INTERIOR

Se non se sa da dove si viene,
l'andare avanti è un camminare in mezzo alla nebbia.
Senza memoria, si è come alberi dalle radici tagliate,
che un soffio di vento può abbattere.
(Mario Capanna)

Como escrever sobre o que não existe mais? O que significa resgatar o que foi desprezado, abandonado, mutilado, destruído e desapareceu para sempre? O que é a memória, a lucidez, a consciência? Para que servem? Para perceber, sofrer e calar? Para perceber, sofrer, calar e desistir?

No princípio era a harmonia, irmã da inocência, da paz e da tranquilidade. A sucessão dos dias seguia naturalmente envolta em trabalho, escola, pescarias, caçadas, jogo de bola e de bolitas, catequese, terço, missa e orações domiciliares.

Todas as famílias tinham seu parreiral, a cantina, as pipas de vinho, o vinagre caseiro, a horta, o pomar, a junta de bois, a carroça, o arado, as foices, o machado, as enxadas, mandioca, cebola, alho, amendoim, pipoca, arroz, pepino, batatinha, fava, ervilha, batata doce, os porcos no chiqueiro, o gado no potreiro, as galinhas no quintal, os horários para dormir, levantar e fazer as refeições e as orações.

Quando chovia, papai lembrava da necessidade de preparar o milho para a farinha da polenta, as palhas de milho para os colchões e as palhas de trigo para as tranças que viravam chapéus. Na verdade, nós queríamos ir pescar, pois a chuva havia “sujado” o rio, e os peixes estavam aguardando pelas minhocas presas aos nossos anzóis.

Ele era um grande negociador, porque um dia era do trabalho, mas um outro, o da pesca ou da caça. Todos os rios estavam repletos de peixes, das mais diversas espécies; as matas escondiam centenas de pássaros, presas nem sempre fáceis para nossos bodoques e arapucas.

Um certo dia, às margens das águas límpidas, cristalinas e cheias de peixes do arroio Guabiroba, Clóvis e eu fizemos uma promessa, um juramento, um pacto, singular

e bastante esquisito, para a época: “Caso no Céu não pudéssemos caçar nem pescar, não queríamos ir para lá”.

Aí pelo evento da Primavera, papai alertava a respeito das novidades: os pássaros começavam a construir seus ninhos, e os peixes passavam rio acima para desovar. Hoje, fala-se muito em piracema, ainda, mas sem grandes comoções. Durante uns três ou quatro meses, educada e respeitosamente, nossos bodoques e anzóis permaneciam devidamente guardados, espreitando um novo tempo de aventuras e de fartura. A natureza não negava nada do que merecíamos.

Nas noites de inverno, já na cama, cedo demais para as crianças de hoje, costumávamos ouvir uma ordem, clara e seca: “Doman matina saltar su bonora è!” (Amanhã de manhã levantar cedo!). Claro que a redundância pode ser explicada. Primeiramente, porque nós não entendíamos nada de normas gramaticais, nem semânticas, nem discursivas. E mais a mais, quando não precisávamos ir à escola, nem cortar cana para o açúcar, o melado, o pé-de-moleque e as rapaduras, podíamos levantar um pouco mais tarde.

Hoje em dia, nas conversas com os familiares, algumas perguntas são costumeiras. Nós íamos cortar cana tão cedo, em plena geada, sem nada nos pés? E as mãos, trêmulas, duras de frio, como conseguiam segurar a cana e o facão? Para tudo havia uma explicação, uma justificativa, apontando para a dedicação, a superação e o respeito aos mais velhos. Aquelas horas passadas na roça, no meio da geada, do frio, do vento e dos piores sacrifícios seriam recompensadas em dias igualmente frios, chuvosos, mas, ao redor do fogão a lenha, ouvindo boa música pelo rádio da parede, em conversas das mais amistosas, cordiais e fraternas. Muitas vezes, nem era preciso conversar; o silêncio também era um bem precioso, comovente e acalentava.

Muito cedo, também, era preciso levantar da cama na época da colheita do trigo. Um da família ficava em casa para tratar os animais e depois levar a *colasion* (café da manhã) aos que estavam na roça. Tudo cabia dentro de uma *sporta* (bortal, pasta, bolsa feita com a palha de trigo), o bule de café, o pão, os ovos fritos. Nós nunca tivemos queijo em abundância ou fartura de salames. Aquele café morno e os ovos frios tornavam-se pratos raros.

Por que levantar tão cedo para cortar o trigo? Porque, quando o sol aparecia, o produto já estava cortado e à tarde já estava pronto para ser recolhido ao galpão. O trigo guardado úmido estragava, apodrecia. Ainda hoje, os comerciantes e intermediários

ganham bastante dinheiro graças aos graus de impureza e umidade dos produtos dos *miseri coloni*.

Nós tínhamos dois galpões, um perto da casa e outro na roça. No primeiro, ficava guardado o milho – para a farinha de polenta, os porcos, as vacas de leite e as galinhas - e o trigo destinado ao moinho para a farinha de pão. O galpão da roça servia para guardar o trigo que seria vendido, para abrigo nos dias de chuva e para guardar algumas ferramentas. (Hoje em dia, os ladrões circulam em Nova Iorque, Porto Alegre, e também nos confins da Linha Guabiroba).

Papai repetia ano após ano: “vamos garantir primeiro o trigo para a farinha; o que sobrar, podemos vender”. Eu nunca vi meu pai, minha mãe ou meus irmãos mais velhos eufóricos com o que era trazido do galpão da roça.

Felizes eram também os dias quando papai anunciava o início da colheita da uva. Nesse tempo, as parreiras e as uvas já estavam livres das pragas, porque ele era muito cuidadoso com tudo. O trabalho de “passar verdame” também cobrava certos sacrifícios e renúncias. O filho escolhido para ajudar ficava contente, também, porque não precisava ir para a roça. Levar o sulfato do tanque até a máquina, carregada nas costas por papai, era um serviço mais agradável do que capinar, lavrar ou roçar.

Durante o ano todo, antes do almoço ou da janta, alguém devia ir ao porão buscar o litro de vinho. Papai alertava: “No sta mia berguine, è!” (Não vá encher a cara, é!, numa linguagem mais atual). Claro que nós bebíamos, quietos e escondidos. Óbvio que ele sabia. Mas aquele vinho era tão bom, e fazia tanto bem!

Houve um tempo, quando papai levava o rádio para a roça, para escutar os discursos de um homem, que falava lá de longe. Era a época de roçar capoeira, e o rádio ficava pendurado numa árvore. Aqueles discursos deviam ser do senhor Leonel de Moura Brizola. Mas papai não era brizolista, porque meu nome é Ildo, de Meneghetti, e não Leonel, como é o nome de um primo.

Havia várias tarefas coletivas, como capinar, roçar, cortar trigo, colher milho, cortar cana e limpar o feijão. Para o serviço de limpeza do arroz, da mandioca e do amendoim papai convocava os filhos menores, Clóvis e Ildo. Os demais cuidavam da limpeza do milho, a monocultura da época - para alguns estudiosos de hoje. Naquele tempo, o milho abastecia primeiro a propriedade, depois o comércio local e regional.

Quando chovia, algumas providências deviam ser tomadas. O maior cuidado era com uma tal de *rampeguina* (uma gramínea), os *biduni* (carurus), *erba-dura* (guaxumbas) e a *erba-grassa* (erva-gorda), verdadeiras pragas da Linha Guabiroba. Não

havendo a ação de um sol forte e contínuo, aqueles inços renasciam, e o serviço precisava ser feito novamente. Mais tarde, a máquina de passar veneno trouxe a paz, o sossego, muita desgraça para o meio ambiente e também para as ervas-daninhas.

Difíceis e angustiantes eram as horas passadas na roça, capinando e olhando para o rio, um risco vermelho que cruzava o vale, repleto de peixes. Não era época da piracema, mas devíamos capinar e não pescar. Até conseguíamos balbuciar algumas palavras, mas papai sempre soube separar as coisas. Um dia da pesca, outro da capina, do roçado ou do arado, assim era o mundo.

Aparentemente, papai parecia autoritário, seco, frio, com seus bigodes, menores que os de Friedrich Nietzsche. No fundo, ele era verdadeiramente democrático, bondoso, seguro, nobre e paciente. Mamãe quase sempre doente, a terra teimava em produzir quase nada, as vacas davam pouco leite, os porcos não engordavam direito, levar a família para almoçar em casa no dia da festa de Nossa Senhora de Lurdes porque não havia dinheiro para comprar o churrasco, muitas vezes era preciso pedir dinheiro emprestado para pagar o hospital, mas papai nunca demonstrou que estava revoltado, deprimido ou prestes a desistir. Ele não era capaz de dar uma ordem direta, explícita, traduzida para a linguagem comum daquela gente. Para o meu mundo adulto, leitor assíduo e apaixonado de Machado de Assis, o berço das frases de efeito continua sendo a Linha Guabiroba.

À mesa, durante as refeições, duas frases alcançavam grande sucesso e enorme repercussão. A ordem, misturada ao conselho, revelava-se em palavras organizadas assim: “Anca mi saria bom magnar sol coel che me piase” (Eu também seria capaz de comer apenas aquilo que gosto); “Se magna coel che ghe ze in tola” (A gente deve comer o que tem na mesa). Como nós não conhecíamos a Gramática nem a Lingüística, os verbos *gostar* e *ter* nunca criaram problemas, dúvidas, debates, conflitos, nem tragédias.

Outras atividades deviam ser realizadas apenas uma vez por dia, como apartar os bezerros de suas mães, buscar água na fonte, dar água aos porcos, buscar as lamparinas nos quartos, entre outras.

Realizávamos, também, algumas tarefas esporádicas, como ir ao moinho de milho e de trigo e corrigir alguns problemas com a mangueira que trazia a água da fonte. Papai batalhou muito para encontrar uma fonte de água potável nas nossas terras. Hoje, os colonos gastam um bom dinheiro para tratar a água que bebem, encanada, que vem da fonte, imprescindível para a vida do arroio Guabiroba. Ir ao moinho de milho,

significava ver as filhas do Mulinaro, todas lindas, fartas em seus seios e coxas, e eram também colegas de aula. Havia o desejo, mas havia também o dogma, e o sexo devia ficar para depois do casamento. Graças à memória, ou ao desejo não realizado, alguns sonhos são realmente eternos.

O tempo destinado às orações domiciliares noturnas pode ser dividido em quatro momentos distintos. O primeiro estabelecia obrigatoriamente a reza das cinquenta Ave-Marias, com a intromissão de um Glória ao Pai e um Pai-Nosso e, a cada dez delas, de uma invocação a algum santo ou santa, da preferência e adoração dos mais velhos. Ficávamos ajoelhados, voltados para a imagem de alguma santidade pregada na parede. Nas noites de inverno, brigávamos para ficar atrás do fogão, por causa do calor e também para rir baixinho, sem papai poder ouvir. Quando descobertos, ele obrigava a gente a ficar no meio da cozinha. Quantas vezes ríamos sem parar, sem motivo algum!

O segundo momento das orações noturnas pode ser considerado praticamente revolucionário. Por decisão própria, sem consultar nenhuma autoridade eclesiástica, papai começou a repetir, noite após noite: “Stasera ghe ndizemom su sol trenta Ave-Maria”. (Hoje vamos rezar só trinta Ave-Marias). Nós rezávamos mais animados, fervorosos e felizes.

Um dia – e esta é a terceira fase, papai disse que podíamos repetir apenas vinte vezes aquela oração. E no fim dos tempos, lúcido e sereno, simplesmente alertava: “Bon, mi vò pregar in leto. Cada um che preghe come il vol” (Bem, eu vou rezar na cama. Cada um que reze como quiser). Em dias abençoados pela chuva, pelo Sol, ou por alguma boa notícia, voltávamos ao velho terço, completo, todos muito contentes.

Quando papai precisava ir para a cidade de Sananduva, um de nós devia levantar bem cedo, porque o ônibus passava a uns cinco quilômetros de casa, lá na estrada geral. Ele ia a cavalo até o tope do moro, e fazia o resto do caminho a pé, deixando o cavalo amarrado à margem da estrada. No final da tarde, fazia todo o trajeto a pé. Caminhar tanto, no frio ou no escuro, não incomodava porque podíamos voltar para casa a cavalo, uma aventura e uma conquista, também porque naquela manhã não era preciso ir à escola ou para a roça.

Mamãe passou os últimos anos, longos e sofridos anos, uns vinte e cinco anos de sua vida, lutando contra a asma. No início, suas idas ao hospital aconteciam esporadicamente, levada pelo jipe do Antonio Bertoncelli, depois, sempre o do tio Quintile. Papai ficava com ela no hospital, dias e noites intermináveis.

Nós, em casa, sozinhos, sem papai nem mamãe, rezávamos todas as noites pela saúde dela, para que ela e papai voltassem logo. Algumas vezes, a demora passava de um mês, chegando a 45 dias de espera, orações, saudades e sofrimento. Muitas vezes, o tio Quintile era chamado às pressas, antes de guardar o jipe na garagem, porque mamãe sofria mais uma crise de asma, logo depois de chegar em casa.

Nos últimos anos, um de nós ficava em casa, para fazer companhia a ela e chamar papai, em caso de emergência. Não havia dor, porque quem ficava com mamãe ficava livre do trabalho da roça e ficava por aí, ouvindo as conversas das visitas. As ordens do avô materno, João Batista, eram diretas e assustadoras: “Và tor um graspo de ua!” (Vá buscar um cacho de uva!); “Porta coà un bicier de ácoa!” (Traga um copo de água!); ou, “Vuto che ti coá?” (O que você quer aqui?), entre outras.

Quando podíamos ficar em casa com mamãe, o Clóvis e eu, o ambiente podia ser outro. Seguidamente, apareciam as tias e as vizinhas, e elas ficavam horas conversando e cochichando. As tias Aurora, Dorina e Iolanda eram famosas por suas expressões, intercaladas em suas frases, admirações e espantos. Escondidos, espiando e espreitando atrás das portas, nós passávamos horas, atentos e rindo. Hoje, ainda rimos bastante, cada vez que lembramos daquelas expressões ou reações, intraduzíveis na linguagem comum dos homens: Móóó! Pfó! Veroà! Saò! Dirè! “Puah!” é uma das dezenas de expressões “intraduzíveis”, presentes no romance *Pai patrão*, de Gavino Ledda.

As primeiras meninas da roça, grávidas antes do casamento, começaram a aparecer quando todos já não se importavam tanto com os dogmas e as proibições proclamadas pela Igreja Católica. Vale salientar que tais escândalos não eram anunciados aos quatro ventos: “Eu estou grávida, mamãe!” Por outro lado, não há nenhuma notícia a respeito de filhas deserddadas, ou enviadas à prostituição.

Respeitosa e submissa aos ensinamentos e orientações dos padres, aquela gente demonstrava uma resignação quase absoluta, diante do sofrimento, da dor e das doenças, como também diante dos escândalos e das pequenas tragédias familiares. Ao falar com aquela gente, os padres pós-modernos, muito próximos dos discursos petistas, cumprem a mesma missão dos antigos, mantendo uma certa distância da esperança, da solidariedade e do conforto espiritual.

Mamãe costumava ficar na janela do quarto que dava para o rio, calada, tossindo, pensando, e repetia: – Oh, vida! Mas ela nunca foi vista em prantos, lamúrias, queixas, ou desesperada. Durante as tarefas diárias, na horta, no quintal, na sala de

costura, na estrebaria das vacas, lavando a roupa no rio, ela costumava repetir uma outra frase, numa mistura de Português e *Talian*, dita por alguém, lida em algum livro, quem sabe da sua própria lavra: “A morte e o tempo rompem os desenhos”. Agora é possível ver a frase invertida: “Os desenhos rompem a morte e o tempo”.

Naquele tempo, a primeira versão, repetida por mamãe, é que era misteriosa, bonita, igual a alguns textos do livro *Admissão ao Ginásio*. Será que mamãe queria mesmo dizer de maneira invertida, na ordem indireta como uma autora barroca – o deslocamento dos termos da oração, para a rima ou para um efeito poético maior?

Uma frase alegrava a vida, tornava mais belos os dias, as conversas e as tarefas de casa e da roça. A outra, curta e solitária, provocava uma confusão muito grande em mim, numa mistura de melancolia e desespero. “Mamãe deve estar sofrendo muito”. O que importa é que ela nunca deixava a gente triste, revoltado, derrotado. A Educação vem mesmo do berço, e não das igrejas ou das bandeiras ideológicas.

Nos dias de inverno, levantar cedo para cortar a cana implicava em muito sofrimento e renúncias. Sobreveio o tempo de ir à escola e tudo era repetido a cada manhã letiva. Mas, na companhia das outras crianças, um novo tempo surgia a nossa frente, graças aos ensinamentos da professora Edvige.

Os primeiros anos de sala de aula não foram marcados por conteúdos, tarefas de casa, sabatinas, provas finais ou recuperações. A mesma professora para tantos alunos conseguia fazer cada um decorar uma historinha, contada por ela, cantar uma canção ouvida em casa no rádio, declamar uma poesia escrita no quadro por ela, ou uma outra tirada do livro-texto (como se naquele tempo soubéssemos que havia um tal de *livro-texto*; já existia o *Seleta em prosa e verso*, mas este era exclusividade da professora Edvige).

Os momentos mais nobres e entusiásticos aconteciam nas datas comemorativas e festivas, como o Dia das Mães, das Crianças, dos Pais, do Estudante, da Pátria, entre outros. Não havia o costume maçante dos jograis ou de pequenas peças de teatro, e, sim, a declamação de poesias e muitos cantos.

Um dia, grande dia, a professora Edvige apresentou ao nosso mundo o livro *Admissão ao Ginásio*. Um livro enorme, verdadeiramente grosso, mas bonito e agradável porque estava cheio de desenhos, figuras e fotografias. Os textos eram curtos, mesmo que alguns deles fossem muito estranhos: naquele tempo não sabíamos que havia o poema, os versos elegantemente distribuídos nas estrofes, como era o caso de **Cabiúna** e **O acendedor de lampiões**.

O meu exemplar foi deixado no convento dos freis capuchinhos, no bairro Fragata, em Pelotas, porque lá estive prestando concurso vestibular e o livro servia para dar uma última olhada nos conteúdos, nas fórmulas e nos mapas. Em 2002, de passagem pela cidade, visitando a tia Rita - Irmã Eugênia -, o padre Ademir Benetti – o parceiro da banda *The Genius Boys*, informava que o livro devia ter sido levado para o acervo dos freis, em Vila Ipê, antigo distrito de Vacaria.

Cabiúna ficou grande / ficou grande e foi para a Europa / trabalhou de taifeiro / num navio brasileiro... Aconteceu que numa noite / junto ao cais estrangeiro / virou criança e chorava / alguém passando assobiava / uma canção parecida / com as que a mãe dele cantava.

O poema **Cabiúna** caiu nas graças do meu irmão, Clóvis, declamado nos dias festivos e comemorativos. O outro, **O acendedor de lampiões**, muito estranho para nós, porque não conhecíamos a cidade, deixou igualmente muitas lembranças e diversas viagens imaginárias: como podia ser aquele mundo?

Nunca tínhamos visto uma cidade, como saber o que era a Europa, um navio? Como já ter memória, se éramos crianças, e tudo era presente e futuro? Quantas vezes fui salvo pelas mãos da professora Edvige, carinhosas, dedicadas, polidas, nobres, elegantes, de fino trato.

Como não tínhamos acesso ao dicionário, e a certas técnicas de ensino e aprendizagem mais modernas, não havia a famosa orientação de leitura: “Procurar no dicionário o significado das palavras desconhecidas”. Portanto, “taifeiro”, continua sem sinônimos específicos até hoje. Os sonhos é que são bonitos!

Talvez, a professora Edvige já soubesse que uma palavra poética ou ficcional nem sempre pode ser traduzida com a ajuda do dicionário. Olhar de dentro da ficção ou da poesia significa não traduzir o mundo, nem tornar a realidade clara e precisa?

O primeiro texto, **Meu cajueiro**, daquele livro, bem pequeno, contava uma história linda, carregada de sentimentos e emoções. Lembro apenas de dois trechos: “Aos treze anos da minha idade e aos três da sua, separamo-nos, eu e meu cajueiro. Eu parto para o Maranhão e ele fica... os primeiros cajus do teu cajueiro. São saborosos e te mandam lembranças”.

Não recordo se o menino tinha treze ou três anos de idade, quando da separação. Talvez, um menino de treze anos daqueles tempos soubesse menos da vida que um de três, dos dias atuais. A internet está aí para esclarecer todas as dúvidas. Mas este é um momento da memória, de saudades e boas lembranças. Que fiquem apenas os primeiros

sinais e as sensações tão encantadoras proporcionadas pelos livros, pelos textos, pelos versos e prosas do tempo da infância.

Poderia ir lá no Cyber-Café, escrever www.google.com, acionar o *enter* e escrever “são saborosos e te mandam lembranças”, e, provavelmente, aquele texto surgiria completo. Por outro lado, essas mordomias e facilidades da pós-modernidade quebrariam o encanto, materializariam o instigante e maravilhoso universo da simulação e da invenção.

Naquele livro enorme havia um outro texto, nas páginas da matéria História ou Geografia. Os homens já necessitavam de novas terras, para o plantio e o próprio sustento. Era preciso derrubar mais um pedaço de mato. Nós achávamos que era isso mesmo, porque os mais velhos diziam que terra nova produzia muito mais milho. Ficou apenas um fragmento daquele texto: “os pássaros, coitados, soltavam gritos desesperados”. Não lembro do lugar exato de cada vírgula, porque “desesperados” pode referir-se a “gritos” e também a “pássaros”. Pois, se os pássaros fugissem sem gritos, como saber que estavam desesperados? E, também, como saber de seu desespero senão pelos gritos?

Na época de preparo da terra para o plantio do milho – naquele tempo, não havia soja nenhuma, papai fazia suas projeções: “Vamos derrubar aquele pedaço de capoeira, mas vamos deixar descansar aquele pedaço lá em cima”. Todos sabiam que um pedaço de terra “descansando” recuperava novamente toda a sua riqueza e energia. E, assim, hoje, o sítio do senhor Antônio e da senhora Maria Celestina pode ser visto em suas florestas exuberantes, repletas de árvores nativas de madeiras nobres.

Com a escola, a vida dividia-se em três turnos, manhã, tarde e noite. À tarde íamos todos para a roça, ocupados nas atividades típicas de cada estação. Papai costumava ir a cavalo, deixando-o pastar enquanto trabalhávamos.

Pelo plantio do trigo da safra 1967-1968, aconteceu uma pequena tragédia na família do senhor Antonio e da senhora Maria Celestina. A semente de trigo havia terminado e a carroça apresentava um pequeno problema. Alguém devia ir para casa buscar mais semente e também o martelo. A cavalo, a tarefa podia ser executada mais rapidamente. Quem vai? O Ildo. Então, rápido!

Mamãe ajudou a preparar tudo, conforme as ordens de papai, e lá vou eu, correndo, para cumprir dignamente a tarefa. A alguns metros da turma, uns cem, talvez, o cavalo foi intimado a galopar, porque o cavaleiro queria mostrar aos mais velhos que já era praticamente um homem. A queda foi inevitável.

– “Te te ghè fato mal?” (Você se machucou?) – Nò, nò (Como se precisasse traduzir, hein leitor?!). O cachorro, Tanedi, veio correndo, brincando e lambendo meu rosto. Tive uma ameaça de desmaio, ou de uma outra coisa. Papai decidiu que eu podia ir para casa.

Mamãe percebeu que eu havia lavado apenas um dos pés, e assim não podia ir para a cama. Tomei chá e passei a noite vomitando. Pela manhã, a família repetia os mesmos rituais, e eu não levantava. Mamãe subiu ao sótão e alcançou o pinico para eu urinar. Sangue! Apenas sangue saía do meu corpo; um pinico cheio. Era um sábado, ensolarado, e eu ia pela primeira vez a um hospital, levado com urgência pelo jipe do tio Quintile.

Segundo as observações do médico, eu devia ser internado. Por ser sábado, e depois domingo, eu comecei a chorar desesperadamente, porque eu queria ir para casa. Eu não conseguiria ficar longe de mamãe e dos irmãos mesmo que papai estivesse sempre tão perto.

Os médicos Zigomar, Jaime e Fernando e as enfermeiras tentaram a cura através de remédios. Algumas vezes, minha urina era verde, outras, azul. Alguns dias depois, com o dinheiro da venda de alguns porcos, fui submetido ao Raio X. A resposta seria dada na terça-feira. Assim, pude passar um final de semana em casa. Estávamos no início de agosto, e o Victor disse: “Fusse saver che Ildo al gà gnente, ghe faríamo na festina de aniversário” (Se soubéssemos que o Ildo não tem nada, faríamos uma festa de aniversário para ele).

Na volta ao hospital, o doutor Jaime teve uma conversa reservada com meu pai. Caso eu não fosse operado logo, urgência urgentíssima, a morte era certa. Nesses dias de espera e convalescença, meu pai fazia suas refeições na casa da família Scalabrin, a uns duzentos metros do hospital, porque lá o almoço e a janta eram bem mais em conta. Eu ficava sozinho no quarto, esperando pela sua volta. O barulho dos chinelos arrastados anunciava sua chegada lá do fundo do corredor, e aquilo era uma bênção e um alívio. Ele sempre foi seguro em suas ordens e princípios, sereno diante da dor e do sofrimento e atento aos nossos clamores. Para que falar dessas lágrimas de agora?

Quatro dias após a operação, recebi a visita de vizinhos, uma verdadeira caravana; o jipe do tio Quintile cheio de crianças. Minha irmã, Rosália, também fazia parte da comitiva. Antes de ir para casa, ela perguntou: – Ildo, dirghe che a mamma? (Ildo, dizer o quê, para a mãe?) – Dighe che a operaçon tutto polito, al pedo quisti!

(Diga que a operação correu tudo bem, o pior é estes!). Eu havia feito um sinal com os dedos, significando dinheiro.

Curado, pronto para ir para casa, ouvi o médico dizer a papai que eu não podia levantar muito peso, ou realizar tarefas que exigisse muito esforço físico. Era melhor o Ildo ir estudar.

Numa bela tarde, estávamos todos na roça, e papai perguntou se eu não queria ir lá no Guberti, porque lá o padre arrebatador de vocações estava testando o Édimo (colega e amigo) para ver se ele tinha aptidões para ir ao seminário. Já naquele teste, eu sabia que algumas respostas podiam ser aquelas do agrado do inquisidor, do investigador, do examinador, do avaliador; mentir, nem sempre seria pecado. Alguns meses depois meu dote de seminarista estava completo, conforme a lista de recomendações dos Frades Menores Capuchinhos, do Seminário Seráfico Santo Antônio, de Vila Flores, município de Veranópolis.

CAPÍTULO II. A ADOLESCÊNCIA E A JUVENTUDE NO SEMINÁRIO

- Talvez você saiba de pessoas, à sua volta, que devem olhar para si mesmas apenas de alguma distância, a fim de se achar suportáveis, ou atraentes e animadoras. O autoconhecimento não lhes é aconselhável.

(Fridrich Nietzsche, *A gaia ciência*)

A partida para o seminário, aos 13 anos, foi um verdadeiro divisor de águas, porque registrou um choque, provocou um trauma pela separação da família, da “casa da infância” e da terra natal. Por outro lado, foi transformada em alegria e contentamento pela companhia de outros meninos daquele lugar. Ao todo éramos sete: Ivar, Édimo, Perci, Neivo, Selvino, Jorge e eu. Apareceu também o Alcir, morador da Linha Pessegueiro, daquele município, amigo do Valmor Tonial, estudante daquele internato há um ano.

Nos primeiros meses, após o almoço, nos reuníamos secretamente no quintal do seminário, para falar da vontade de voltar para casa e chorar. Chorar em público era mais feio do que pecar às escondidas. Demonstrar muito entusiasmo, alegria e encanto também podia ser considerado anormal, deselegante e indecoroso.

Para mim, quase tudo fazia parte de um mundo novo, diferente, muitas vezes estranho. Lá, pude conhecer bicicleta, televisão, vaso sanitário, chuveiro, biblioteca, máquina de passar remédio nas parreiras, uma sala de aula para cada série, jogo de sinuca, guarda-roupa individual, sala de música, órgão, violão, microfone, violino, pipas verticais, o uso de escova e pasta de dente, vinho seco, suave e de missa, entre outras coisas.

A vida mudou completamente, porque havia muitos horários a cumprir, religiosamente. Em ordem cronológica, as tarefas do dia podem ser lembradas assim: levantar, rezar, todos juntos, na igreja principal; café da manhã; hora da limpeza – cada um no seu setor; aulas (do Ginásio, depois do Colegial-Científico); recreio de quinze minutos; almoço; lavar a louça, e hora de descanso para os demais; hora do trabalho (horta, parreiral, tambo, pomar, galinheiro, cortar lenha, entre outros); hora do banho; estudos livres; janta; lavar a louça ou assistir televisão; estudos livres; dormir.

As quartas-feiras, à tarde, eram destinadas à prática de esportes, notadamente o futebol. Para aqueles que cometessem algum delito, o destino era a horta, munidos de

um enxadão e um cesto. No final da tarde, um padre ou um frei passava a revista: o cesto devia estar sempre bem cheio de tiririca. Quantas vezes, os colegas passavam por nós, rindo e zombando. Nós não achávamos aquilo tão ruim assim, porque seguidamente caíamos novamente nas diversas tentações proporcionadas por aquele internato, como atacar o porão, a despensa ou o refeitório dos padres.

Em Vila Flores, trabalhei dois anos na cantina do Frei Fabiano. Seguidamente era preciso encher centenas de garrações de vinho, destinados às comunidades capuchinhas espalhadas pelo estado. As cenas do porão da casa de meus pais eram repetidas seguidamente, em proporções muito maiores, quando intercalávamos o destino do vinho, ora para o garrafão, ora para nossa goela. Várias vezes, passei a hora do estudo do final da tarde, antes da janta, dormindo sobre a carteira escolar, chegando às vezes de acordar quando todos já estavam recolhidos aos seus aposentos.

O tempo passado no seminário apresentou-me o mundo da música, do lazer, dos esportes, do teatro, do estudo individual e da leitura. Tratava-se de um mundo paralelo a um outro, de orações, privações, culpas, paixões, condenações, perseguições, temores, ressentimentos, inquietações e sobressaltos. Aos poucos, fui aprendendo e desenvolvendo mecanismos que possibilitassem uma convivência harmoniosa entre os dois.

Com o tempo, fui entrando no mundo dos livros. Nos primeiros meses, ficava na biblioteca olhando as gravuras, as fotografias, os desenhos, passando rapidamente página por página. Tudo era uma grande novidade. Certa noite, o susto: “Leia alguma coisa, também, não fica só olhando as figuras”, aconselhou o padre Gregório Dezen.

A partir dos primeiros meses de estudo, como aluno do temido Ginásio, passei a conviver com as exigências do estudo individual. Foi um tempo de solidão e muito sofrimento, mas era a grande chance de aprender as primeiras lições a respeito de concorrências e competições desiguais e desleais. As aulas da professora Edvige eram tão diferentes!

O mundo criado pelos esportes e pelas artes foi interferindo no mundo dos estudos e dos dogmas, progressivamente. Depois do segundo ou terceiro boletim, as notas começaram a melhorar e já tinha meu grupo de estudos praticamente definido. Eu começava a construir uma vida de pactos, afinidades, lealdade, confidências e cumplicidade. Eu era craque em História, Geografia, Literatura, Gramática, Latim, Inglês e Francês, mas precisava da cola em outras matérias importantes, principalmente

Matemática. Mesmo não entendendo direito as palavras dos professores, eu adorava Química, Biologia e Física porque, para mim, esta última parecia irmã da Filosofia.

Acostumado ao ritmo geral do seminário, comecei a inventar algumas desculpas, motivações e alternativas bastante individuais. Enquanto descansava, almoçava, jantava, estudava, rezava, trabalhava ou passeava, eu ia formulando projetos e estratégias: ir ao cinema sem ser descoberto; pegar os garrações de vinho no porão e levá-los até o sótão; entrar no refeitório dos padres e aproveitar as sobras ou os restos; ser contraventor e componente da banda, do conjunto e do time de cima; matar aula para ver Os três patetas, colar nas disciplinas ministradas pelos padres mais vigilantes e cruéis, entre outros.

Para ver o Larry, o Moe e o Curly (havia também o Joe e o Champ), a nossa turma usava uma estratégia simples. Bastava colocar o lenço no nariz e fingir que estávamos tendo uma crise de sangramento. Liberados, corríamos ao salão de atos, onde ficava a televisão. Fechávamos as cortinas do palco, deixávamos o volume bem baixinho e ficávamos rindo. Os Três Patetas podem ser vistos como vemos o Chaplin, mudos.

Quem sabe, os padres sabiam de tudo, mas calavam porque, observados nossos boletins, as notas revelavam atenção, dedicação e altos estudos. Os nossos superiores faziam muitas coisas às escondidas, nós também, por que não pactos secretos? O Ildo da missa da juventude jamais poderia ser confundido com o Ildo dos assaltos, dos porres, das fugas para o cinema e das músicas indecorosas.

Com o tempo, estávamos sempre juntos, vigilantes, no lazer, no futebol, na sinuca, na música, nos estudos e na leitura. Nossos inimigos maiores eram os espiões e informantes do reitor. Muitos deles viviam para nos perseguir, na tentativa de nos denunciar, maltratar e desmoralizar na presença dos demais.

Podiam ser vistos a olho nu os colegas oriundos de famílias abastadas. Excessos de auto-estima, orgulho-próprio e vaidade criavam uma imagem bastante definida de certos colegas, a de um grupo formado por privilegiados bem vestidos, engomados e protegidos pelos padres superiores. Na verdade, não era inveja ou ciúmes que os faziam assim, porque os lugares mais arejados e nobres eram entregues a eles, na distribuição dos horários e locais da limpeza. Havia um frei, hoje padre, e sua *tchurma* que passavam horas com as garotas da Vila, tudo por causa dos ensaios dos cantos e das apresentações nas missas ou em datas festivas. Saber os nomes deles de cor e salteado, não faz mais sentido.

Naquele tempo, a televisão só passava filmes, noticiários, desenhos animados e a *fórmula 1*, aos domingos. Meu pai tinha as mãos e os pés muito grandes. A televisão exibia seguidamente um desenho animado, O fantasma do Pé Grande. E meu apelido, durante alguns meses, era exatamente esse, “fantasma do pé grande”. Passei um bom tempo com vergonha dos meus pés e daquele apelido, chegando a evitar estar no salão, quando passava aquele desenho animado. Um pouco mais tarde, já havia muita gente de pés enormes, e aquele desenho antigo foi substituído por outros.

Uma vida melhor aguardava por mim, apesar de tantas ameaças, provações e privações. Para cada padre perseguidor havia um outro, amigo, seráfico e benevolente. Havia a turma dos espões e dedurões, mas havia também outros tantos, verdadeiros amigos, fiéis e confidentes. Para cada colega informante havia dois ou três que gostavam de ler, cantar, rir e aprontar. Os freis eram todos bondosos e bonachões.

As participações em peças de teatro, na banda para o desfile do dia da Pátria, no coral - em Vila Flores - e no conjunto The Genius Boys (sic) – em Veranópolis, o tempo livre para leituras e os estudos individuais foram dando ânimo e força, para a superação das dificuldades e dos problemas relacionados ao mundo religioso, nas suas orações, sacrifícios, renúncias, castidades e clausuras.

Antes da partida para as férias de fim de ano, em 1973, o padre Severino Premieri permitiu que eu levasse um violão do seminário para casa. Eu sabia centenas de músicas de cor, mas convivia com a inveja do Waldemar Cândido, porque ele sabia todas elas no violão e na guitarra. Eu não queria apenas cantar. Por esse tempo, nós já podíamos ouvir os Beatles, Creedence, Tim Maia, Raul Seixas, entre outros.

Em Sananduva, comprei um manual prático, com aulas de violão para principiantes. Lá estavam todas as sete notas musicais, com suas sétimas e menores, sem sustenidos, bemóis, nem dissonantes. No decorrer daquelas férias, a Linha Guabiroba pôde ouvir pela primeira vez alguém tocando e cantando **Have you ever seen the rain** e **Medo da chuva**, ambas em dó maior, sem dissonantes.

Durante as férias de verão, em janeiro de 1975, ganhei o melhor presente da minha vida, principalmente pelas circunstâncias. Eu estava em casa de férias do seminário, e um dia papai foi à cidade entregar alguns porcos, vendidos para a Cooperativa de Carnes e Derivados *Majestade*. No final da tarde, ele apareceu com um violão, embalado num plástico. Ele disse que era para mim. Eu não sabia ainda dizer “muito obrigado”, nem fui capaz de dar um abraço no meu pai, que trazia algo tão definitivo para a minha vida, dali para frente. Mas, educar pode ser exatamente isso: ele

não devia ter nenhuma dúvida a respeito do que estava fazendo. E sabia também que eu ficaria agradecido para sempre?

Um dia, apareceu no seminário um rapaz interessado em aprender alguma coisa de música – gaita ou violão. Seu nome era Valdir Anzolin, morador do município de Veranópolis. Naquele tempo, eu já tocava algumas notas no violão, cantarolando pedaços de algumas músicas. Falávamos apenas em músicas populares, brasileiras e estrangeiras, sem nunca mencionar uma canção italiana sequer. O Waldemar Cândido deu algumas dicas e o rapaz desapareceu por um longo período.

A memória pode servir para recordar o nome dos freis e padres bondosos, seráficos, conselheiros e verdadeiros amigos. Em Vila Flores, tive a alegria de conviver com os freis Honorato, Firmino, Adelar, Terenciano e Fabiano; e com os padres, Urbano, Osvaldo Pradela e Inocêncio. Distantes das proibições, dos castigos e das ameaças, nem pareciam religiosos. Em Veranópolis, as aulas de História eram espetaculares nas mãos do padre Júlio Bianchi; o Grego parecia tão familiar na voz do Frei Rovílio Costa; a Química, a Biologia e a Física ficavam lindas na didática, na metodologia e na sensualidade da professora Marluse Braga Machado.

Em Vila Flores, numa aula posterior a uma prova de História, o padre Inocêncio fez comentários jocosos a respeito de algumas das nossas respostas. Lembro do colega Jerônimo Dal Santo, natural de Pinheiro (ou Jacinto) Machado, Chapecó, Santa Catarina, bem próximo ao mundo dos anões, e da resposta dada por ele à pergunta: “Cite uma das grandes realizações do Visconde de Mauá”. A certa altura da prova, alguém teria pedido alguma dica ao professor. Calma e sorrateiramente, ele teria tocado em trilhos, vagões, coisas assim. Isso bastou para o Jerônimo responder: “Uma das grandes realizações do Visconde de Mauá foi a construção de uma estrada de ferro, ligando o Brasil à Europa”. Sem acesso à resposta do colega, ficamos sem saber se ele havia usado a vírgula – depois da palavra “ferro”, e a crase no último “a”.

O padre Inocêncio reaparece como uma bela lembrança porque ele descobriu muito mais graça do que ignorância na resposta daquele aluno. Sem saber por que motivo, nós também rimos e lembrávamos com muita graça da façanha histórica do Visconde de Mauá, registrada pelo menino de Pinheiro (ou Jacinto) Machado, Chapecó, Santa Catarina.

Em Vila Flores, o frei Lívio era o responsável pelo coral local. Cantávamos músicas sacras e algumas profanas, leves e bondosas. As noites de sábado eram utilizadas para apresentações artísticas, musicais e teatrais no salão de atos daquele

internato. Várias vezes, a comunidade era convidada para participar, assistindo aos espetáculos. Um certo dia, o frei apareceu com uma música nova, para ser ensaiada e apresentada no próximo *show*. Ele preparou uma bola de papel para cada um, que devia ficar escondida enquanto cantávamos. No fim da apresentação, gritando *le pietre!*, jogamos as pedras contra a platéia e fugimos para os camarins. Tratava-se da canção **Pietre**, de Gian Pieretti.

Em Veranópolis, vale destacar as figuras do frei Zeferino, da cantina, e do padre Júlio Bianchi, professor de História. Suas aulas eram verdadeiras viagens espetaculares pelo tempo e pelo espaço. Ele gostava de trabalhar com esquemas apresentados no quadro, para depois ampliar aqueles dados com longos e encantadores adereços. Até hoje, alguns amigos meus repetem o que o padre Júlio dizia a respeito de Nero e Calígula: – Jovens, cuidado, porque esses eram ímpios, cruéis e devassos!

(Acabo de falar por telefone com o Alcir Galina, colega daquela turma de novatos que foram para o seminário, em 1969. Ele teve um pequeno derrame, em Ijuí, onde era vigário da paróquia São Geraldo. Está em fase de recuperação, e atua em Porto Alegre, na paróquia São Judas, às margens da avenida Bento Gonçalves. Ele falou que o nome do frei é Zeferino e não Severino, como eu havia escrito. No computador, como fica fácil corrigir um erro assim).

O frei Zeferino tocava harmônio, depois teclado, nas missas. Bem afinado e atencioso, era incapaz de pronunciar mais de uma palavra durante os ensaios e no decorrer da missa. Responsável pelas coisas do porão, talvez nem suspeitasse que dois daqueles jovens violonistas e cantores eram membros da turma que desviava filas de garrafões para o sótão.

Cada um de nós tinha seu confessor, visitado semanalmente. O problema era confessar nossos pecados cometidos quando trancafiados nos banheiros. A urbanidade, o fino trato e a nobreza das “aparências rutilantes” não faziam parte das nossas conversas. Como confessar que havíamos desejado e consumado o amor com a mulher do próximo, a vizinha, a professora de Geografia, a empregada, ou a Nildete, irmã do Valdir Anzolin? Tínhamos algumas amizades com colegas das séries mais adiantadas, e eles diziam que era melhor dizer assim: – Padre, eu me masturbei!

Depois de repetir dezenas, talvez centenas de vezes aquela frase, meu confessor, o bonachão e risonho padre Faustino, aconselhava: – Carbonera, daqui pra frente você vai se confessar assim: Padre, eu fiz sexo sozinho. Não que eu abusasse da confiança do

meu confessor, mas pecar contra a castidade, sozinho ou não, já não assustava tanto, notadamente quando era preciso pedir perdão a Deus, no confessionário.

Ao longo da vida no seminário, durante sete anos, tivemos aulas de História, evidente. Foi o tempo dos “piores anos” da Ditadura Militar Brasileira. A expressão está entre aspas porque nós nunca tivemos qualquer problema ou informação a respeito de tudo o que estava acontecendo no País, naqueles anos. Talvez tenha sido bem melhor nossos professores, diretores, orientadores vocacionais e confessores terem optado pelas orações, teatro, música, livros, estudos individuais, esportes e lazer.

Naquele educandário, saber tocar violão e ter uma bela e afinada voz possibilitava certos privilégios. Quando acontecia algum evento importante ou uma missa especial, o Alcir Galina, Osmar Dutra, Dioniso Dall’Agnol, Protásio Ferronato, Arené Vergani e Ildo Carbonera podiam passar tardes inteiras dedicadas aos ensaios. As missas da juventude aconteciam nos finais das tardes de domingo e eram muito agradáveis e empolgantes, principalmente porque os cantos eram mais joviais, livres de dogmas rígidos ou proibições e condenações. Da minha parte, música era algo que alegrava a vida e não “coisa do Diabo”, como alertava o padre Silvério Costela.

No evento das missões, pregadas nas comunidades do interior e nas cidades vizinhas, as missas de abertura e de encerramento aconteciam ao ar livre e o altar ficava em cima de um caminhão. O conjunto do seminário já tinha duas guitarras, um baixo e uma bateria. Não que a gente soubesse e explorasse o evento de forma profana, mas aquilo parecia um pequeno show ao ar livre; não um concerto de Rock, mas algo empolgante, libertador.

Alguns fatos parecem absurdos, inexplicáveis ou muito estranhos, vistos pelos olhos distantes da inocência. Por volta de 1971 ou 1972, o conjunto The Genius Boys, era formado por cinco rapazes: Waldemar Cândido, na guitarra-solo, e José Carlos Monteiro, na bateria, naturais de Criciúma/SC, Anor José Marcon, na guitarra-base e Ademir Benetti, no baixo, ambos de Vacaria, e Ildo Carbonera, vocalista, natural de Sananduva.

Esses cinco rapazes foram convidados para uma apresentação no colégio Regina Coelli, na cidade de Veranópolis. O público era formado apenas pelas normalistas daquele educandário. Nós tínhamos um repertório definido e ensaiado, bastante comportado, respeitoso e comedido. Não havendo padres por perto e, inspirados pelo ambiente, damos um outro rumo ao repertório e fizemos algumas coisas de improviso.

O sucesso absoluto foi coroado pelas dezenas de autógrafos dados àquelas lindas e empolgadas garotas.

À noite, antes do sono chegar, num silêncio absoluto, fiquei pensando, totalmente absorto e confuso: –Eu quero ser um astro, um cantor de Rock! As razões parecem óbvias. A professora Marluse Braga Machado, linda e cativante, vinha de Passo Fundo para dar aulas de Química, Física e Biologia, e nós estudávamos no mesmo colégio e na mesma sala daquelas meninas normalistas. Ela havia trazido alguns discos dos Beatles e eu podia escutá-los no seminário, às escondidas. A canção **Eight days a week** foi interpretada com muito entusiasmo, requintes e trejeitos naquele palco do colégio Regina Coelli. Ainda hoje, a música **I'm a looser**, dos Beatles, é vista e entendida como **A Marluse**.

Ao longo da minha vida no seminário, havia sempre espiões e informantes do reitor por perto. Em todos os setores, em todas as atividades meus passos eram vigiados e controlados. Muitos pecados cometidos por outros colegas assumiam a nossa rubrica, aos olhos do reitor. Caímos nas armadilhas dos nossos inimigos em algumas oportunidades. Em outras, saímos vitoriosos, mas nunca carregando o fardo da culpa ou do pecado. A inocência e as melhores intenções sempre nortearam nossas atividades seminarísticas. Sempre estivemos efetivamente conscientes de que os excessos de vinho, roubado da cantina e degustado no sótão, podiam gerar certos exageros, à beira da amnésia alcoólica. Assim, quando acordávamos do longo entorpecimento, já estávamos na sala do reitor, tentando dar algumas explicações. Muitas vezes, pecar, cometer erros e descumprir leis fazia tão bem!

Eu nunca pude entender o que aqueles padres queriam descobrir, desvendar, arrancar de mim. Eu era verdadeiramente um cara suspeito, perseguido, ultrajado, mas não consegui me tornar um fracassado, complexado, subversivo, sindicalista panfletário, inimigo da Ditadura e da Direita, por causa disso.

Certa vez, a estratégia utilizada foi o tal do hipnotismo. Conforme eles me perseguiram, intensificando e aprimorando as técnicas, eu aperfeiçoava minhas estratégias de defesa, sempre através da palavra. Para o meu bem, os livros que estavam na biblioteca daquele educandário ensinavam algumas coisas que ultrapassavam o mundo das notas e das boas redações.

Numa manhã, o padre Silvério estava bastante nervoso, inseguro e perturbado. Ele revelava qual pecado eu teria cometido. Assim, eu não podia me defender, sem concordar nem discordar das suas suposições e admoestações. Num instante, lá estava

ele dando início ao processo hipnótico de um pobre e humilde menino, interessado apenas em fazer o Bem e ser um cantor de Rock. Ficava repetindo que eu estava com sono, e eu, atento, sabia que podia não estar com sono. O que ele argumentava era logo rechaçado com palavras violentas, mas mudas. Às vezes, eu disfarçava cair em sua armadilha, através de uma disfarçada sonolência. Ele ficava todo animado. Ao fim e ao cabo, quando ele dava por certa a hipnose, eu reaparecia, consciente, e bem seguro de mim mesmo, nos olhares e nas palavras. Furioso e descontrolado, jogou a caneta sobre a escrivaninha, quebrando-a em vários pedaços. Depois, parecendo bastante calmo e recomposto, ordenou que eu voltasse para meus estudos, junto aos demais colegas.

Naquele tempo, já havia sinais de algo que foi se avolumando e concretizando com o passar dos dias. Algumas vezes lia livremente, sem envolvimento nem padecimento nenhum; outras vezes, lia e ficava pensando, matutando, solitário, e criava um mundo confuso e problemático na minha cabeça. Por que os padres não gostavam de quem ria, gritava e cantava? Como conversar com os padres sobre o mundo dos livros, do mundo inventado, imaginado, sonhado? Como dizer ao orientador vocacional que eu queria ser um artista, um músico, um cantor de Rock? Por que Deus criou tantas mulheres bonitas? Que Céu e que Inferno seriam aqueles elaborados e negados pelos padres?

Assim, lia para não pensar, para pensar e não falar, para falar e não sofrer. Muitas vezes, lia, pensava, não falava, mas sofria. As respostas pareciam não existir. Menino do interior, inocente, puro, humilde, ignorante, desinformado, assustado, não sabia da existência de um mundo exterior. Alguns diziam que era um mundo de pecados e de perdição. Como acreditar, se lá viviam meus pais, se de lá vinham as mulheres, a Música e a Literatura?

No final do Colegial-Científico, em 1976, pelos preparativos para o vestibular em Filosofia, na Universidade Católica de Pelotas, foi selada uma irrequieta, tumultuada, conturbada e traumática passagem pelo mundo do seminário, com a expulsão sumária, assinada verbalmente pelo Frei Ângelo Domingos Salvador, Provincial dos Frades Menores Capuchinhos. Dali em diante, o que importava era lutar e prosperar através do trabalho e dos estudos, sempre de mãos dadas com a Música e a Literatura, bens sublimes encontrados nas bibliotecas, nas salas de aula e nos palcos do seminário dos freis capuchinhos, um em Vilas Flores, outro em Veranópolis.

CAPÍTULO III. AS JANELAS E AS PORTAS DA UNIVERSIDADE

A filosofia representou, sem dúvida, uma complicação a mais em nosso uso crescente da linguagem, à medida que um vocabulário rico de conceitos abstratos e subjetivos substituiu nossos grunhidos e rosnados utilitários e expressivos.

(Robert C. Solomon & Kathleen Higgins, *Paixão pelo saber*)

Longe do seminário, era preciso fazer uma faculdade, conforme alertavam as palavras dos senhores Adelar Justino Bianchi – na Linha Guabiroba, e Marivaldo Tumelero - em Porto Alegre. Na capital gaúcha, passei três dias procurando emprego. Aos poucos, fui obrigado a reorganizar a vida, estudando e trabalhando, nos dias úteis, nos domingos e feriados.

Nas férias de verão de 1976, na Linha Guabiroba, vi o primo Ademar Glicério Bianchi tocar e cantar algumas músicas. Eu fiquei ouvindo, atento e interessado nas notas que ele fazia no violão. Não era difícil tocar aquelas músicas, pela ausência das tais dissonantes. Depois, cantamos outras músicas, milhares de vezes, e somos grandes e fiéis amigos até hoje.

Em novembro de 1977, eu fazia parte da lista de candidatos para o vestibular da Fidene, em Ijuí. Naquele tempo, era possível optar por três cursos, e a minha escolha foi por Administração, Ciências Contábeis e Letras, nesta ordem.

Na “república” onde morava, conheci a Jane Paim, filha da proprietária, redatora do jornal Correio Serrano daquela cidade. Um belo dia, deixei com o colega Ademar Bianchi uma crônica, que acabou nas mãos da Jane. Ela simplesmente perguntou se podia publicá-la no jornal. Fiquei muito confuso e perturbado. Eu tinha medo de me mostrar. Meu primeiro texto publicado em jornal chamava-se **E se fez Natal**.

Durante dois anos, mantinha fidelidade ao jornal, publicando crônicas, às vezes uma por dia, durante semanas inteiras. Os fatos que mais alegravam meu viver podiam ser apontados assim: poder escrever minha crônica durante o expediente, na Fidene, sem ninguém me molestar; rascunhar para depois passar a limpo na velha máquina de escrever; arrumar um tempo para correr ao jornal, deixando lá uma cópia; esperar a chegada do jornal, no dia seguinte, com meu nome estampado na segunda página; por fim, o maior deles, ver meu nome ao lado de dois grandes mestres, um da Literatura e outro da Lingüística, Deonísio da Silva e Sírío Possenti, respectivamente.

As crônicas escritas e publicadas durante minha vida de graduando em Letras apresentam um pequeno problema. Naquele tempo não havia computador (ou já havia?), disquete ou CD, portanto elas deverão ser digitadas, para facilitar o trabalho de revisão, adaptação, atualização e correção.

Com o tempo, no devido tempo, a Jane Paim foi me ensinando a fechar a crônica com algo arrebatador, distante do lugar-comum e dos clichês. “Que os políticos criem vergonha na cara e trabalhem para um País melhor, é o que todos esperam”, coisas assim, eram palavras sem criatividade, de vida curta e não criavam impacto algum junto aos leitores. Mas as verdadeiras aulas sobre o assunto tive como leitor, recebidas de autores como Machado de Assis, Graciliano Ramos e Rubem Fonseca.

Incapaz de me libertar dos remorsos e ressentimentos adquiridos no seminário, publiquei uma crônica chamada **O homem e suas religiões**, que me rendeu uma carta anônima provinda da cidade de Marau, condenando-me aos mais escaldantes e terríveis fogos do Inferno. Assustado, desprotegido e acuado, corri ao banheiro, fiz aquele papel em mil pedaços, jogando-os ao vaso para que desaparecesse para sempre da minha vida. Eu tive uma grande chance de provocar uma revolução, um escândalo ou uma outra grande bobagem, quem sabe anterior à Teologia da Libertação?

O tempo e o trabalho foram decisivos para o surgimento de um ambiente mais sadio, com a elevação da auto-estima e a efetivação de alguns talentos. Palavras como culpa, piedade e compaixão podiam ser imprescindíveis para os interesses da Igreja Católica, mas o mundo estava repleto de outras, igualmente poderosas e libertárias.

Numa certa noite, aí pela décima crônica publicada no jornal, o professor Deonísio da Silva perguntou se o Ildo Carbonera do jornal era o Ildo Carbonera da sala. Mais um susto. Como eu trabalhava na Fidene, ele sabia algumas coisas a meu respeito, por exemplo, o fato de eu querer transferência para o curso de Administração. Suas palavras foram cordiais e convincentes – meu mundo era o mundo das Palavras e não o dos Números.

No curso de Letras, da Fidene, as leituras já eram outras, distantes daquelas praticadas no seminário. **Mundo grande**, de Carlos Drummond de Andrade, e **Graffiti**, de Julio Cortázar, apontavam para uma função subliminar da Literatura. *Esse sujeito está escondendo algo, o que será? Esse sujeito está tentando revelar algo, o que será?* A leitura da crônica **O povo brasileiro**, de Luis Fernando Veríssimo, criou uma grande confusão na minha cabeça. Não que eu ainda acreditasse piamente na bondade, na fraternidade, na democracia, no amor e na paz, mas a leitura da última frase daquela

crônica provocou uma sensação constrangedora e traumática. Eu já tinha algumas informações a respeito do humor presente nos textos do filho de Érico Veríssimo, mas afirmar categoricamente que “o povo deveria ser eliminado” parecia o caos, a barbárie. O tempo foi passando, aquela frase contextualizada e os traumas e os constrangimentos diante da “nova Literatura” foram desaparecendo, constante e progressivamente.

Alguns professores eram adeptos do discurso panfletário, engajado, ideológico, mas ficavam sempre num plano inferior segundo nossas preocupações e prioridades. Em conversas no bar da faculdade, alguns afirmavam que a Fidene era uma instituição vigiada pela polícia e pelo exército. Naqueles dias, os comunistas continuavam comendo criancinhas. Eu não pensava em “heróis”, nem em “pelegos”.

Os primeiros contatos com o pessoal do DCE e dos sindicatos criaram uma certa animosidade e uma grande aversão aos movimentos sociais, expressados em passeatas, comícios, panfletagens, pichações, bravatas e escaramuças.

Durante o curso de Letras, tive vários professores da melhor qualidade. Alguns ensinavam além das abrangências das provas, das datas dos seminários, das provas de recuperação. Os nomes que devem ser lembrados são: Sírio Possenti, Antonio Alberi Maffi, Argemiro Jacob Brum, Cláudio Boeira Garcia, Iara Bem-Querer Costa, Deonísio da Silva e Olívio L. Vincentini. As aulas do senhor João Vanderlei Geraldty também eram excelentes. Depois, fiquei sabendo que ele aparecia em tudo o que era seminário e congresso para falar sobre prática de produção de textos, abaixo a gramática tradicional, acima a Lingüística!

No tempo de seminário, gostava muito dos estudos de Filosofia, mesmo em textos tão carregados de religiosidade e dogmas. No curso de Letras, quem trabalhava essa disciplina era o professor Cláudio Boeira Garcia. Nos primeiros meses, pareciam aulas normais, mesmo que estranhas. Certa noite, haveria um show com o conjunto *Os Tapes*, na Cripta da Igreja São Geraldo. Para minha surpresa e alegria, lá estava o meu professor de Filosofia tocando e cantando. Suas aulas ficaram bem melhores e mais agradáveis depois daquela noite. Em 2004, em Foz do Iguaçu, aquele professor e músico reaparecia num congresso que discutia Educação, Metodologias e Práticas de Ensino. Nem tudo muda para melhor, por mais que os avançadinhos, democratas e progressistas de plantão queiram disfarçar ou esconder.

Naquele tempo, não ouvia falar em terrorismo praticado pelas tão proclamadas e badaladas monografias de hoje. Na universidade onde leciono, alguns professores cobram trabalho monográfico de caráter científico já no primeiro ano de Letras, com o

firme propósito de hastear a bandeira da melhoria da qualidade do ensino, que pode ser confundida com garantia da autoridade. Os professores amantes da didática, da metodologia e dos projetos político-pedagógicos bem claros e definidos estão muito próximos dos estudiosos e pensadores que vivem à sombra dos modelos teóricos. É muito mais cômodo e seguro não se expor, não assumir riscos, não tentar novos experimentos, evitar as aproximações do novo e do incerto.

Os professores de Letras da Fidene, nos finais dos anos 70 e início dos 80, do século passado, procuravam dar as devidas orientações em relação aos trabalhos de pesquisa a ser realizados por seus alunos. Durante aqueles quatro anos, nunca ouvi falar em linha de pesquisa, fundamentação teórica ou modelo teórico. Particularmente, sempre procurei mostrar em meus trabalhos que havia lido os textos sugeridos pelo professor, e outros de livre-escolha. Muitas vezes, o professor aceitava trabalhos inventados por mim mesmo, como foi o caso daquele envolvendo o “Bandido da Cartucheira”, a respeito da marginalidade e da violência no Brasil. A fundamentação teórica daquele trabalho foi baseada em depoimentos da polícia e do próprio bandido, tirados de um programa de televisão, registrados num pequeno e maltrapilho gravador.

A partir do segundo ano do curso de Letras, os tais de trabalhos em grupo transformaram-se em pesadelos. Para mim, sempre foi difícil trabalhar e dialogar com pessoas que não liam, não refletiam, não filosofavam nem criavam, artística ou cientificamente.

Nos finais de semana, a maior parte do tempo era ocupada na elaboração dos trabalhos ou no estudo para as provas. Algumas vezes, nos reuníamos para beber caipirinha, cerveja e vinho e para cantar. Passávamos noites inteiras cantando e bebendo. Fazíamos as tais das “vaquinhas”, mas raramente comprávamos carne para nobres churrascos. Muitos colegas e amigos viviam do Crédito Educativo e de alguma ajuda que vinha de seus familiares.

Aos poucos, essas festas, comemorações e bebedeiras foram me afastando de tantas culpas, remorsos e ressentimentos adquiridos e encarnados durante os anos de seminário. Algumas composições musicais, gravadas mais tarde no CD Consolo, foram feitas nesse tempo. O repertório conhecido de todos apresentava canções sertanejas *de raiz*, músicas gauchescas, algumas do Roberto Carlos, Tim Maia, Os Incríveis, Renato e seus Blue Caps, e muitas do Raul Seixas.

A música **Festa dos Santos Reis**, de Tim Maia, geralmente abria e fechava o espetáculo. No fechamento da noite, as interpretações e os trejeitos individuais criavam um cenário libertário e licencioso.

Alguns anos depois, uma colega de Letras da cidade de Ajuricaba, usou aquele mesmo trabalho, sobre o “Bandido da Cartucheira”, trocando apenas a capa. Dizem as más línguas que ela foi aprovada, com louvores, também. Hoje em dia, alguns professores não pedem mais trabalhos a seus alunos porque copiam tudo da Internet. Por que não mudam as estratégias, sem deixar de aproximá-los do maravilhoso e encantador mundo virtual que é possível ver na tela de um computador?

Conforme avançava em direção à formatura, conquistava uma liberdade maior em relação aos atos revolucionários expressados nos ídolos, heróis e mártires das camisetas, no uso de boinas, nas idas ao cine América assistir a filmes *cults*, na leitura de livros anti-sistema, anti-burguesia, anti-imperialismo Norte-Americano, anti-Direita, entre outros.

Aqueles professores de Letras da Fidene, notadamente os do mundo da Literatura, e o professor Sírio, dificilmente apareciam na sala de aula carregados de didática, características das escolas ou fichas de leitura anexadas ao quadro para todo mundo ver e copiar. Guardo ainda hoje a sensação de que eles agiam daquela forma porque sabiam que cada um de nós estava fadado a ser professor de Português e Literatura Brasileira, nessas escolas fundamentais e secundárias.

CAPÍTULO IV. A VIDA DE PROFESSOR

Bendito seja o mesmo sol de outras terras
Que faz meus irmãos todos os homens.

(Fernando Pessoa, *O guardador de rebanhos*)

A carreira do magistério apareceu por acaso. Em abril de 1977, eu trabalhava de balconista numa loja em Sananduva, quando a secretária de Educação daquele município telefonou dizendo que precisava falar comigo. Havia uma vaga de professor municipal na E.M. São Jorge, na Linha Guabiroba, onde cursei o Primário, nas disciplinas de Comunicação e Expressão, Educação Física, OSPB, Educação Artística e Religião. O salário era muito maior, mas eu não sabia que a vida de professor podia ser melhor ou pior do que a de um gerente de loja, empresário ou administrador de uma empresa, por exemplo.

A escola funcionava no salão de bailes da comunidade, com duas salas apenas, uma para a quinta e outra para a sexta, já do Primeiro Grau. No início, tive alguns problemas porque não havia livros didáticos, aqueles já preenchidos para facilitar a vida do professor. Não ficava apenas no campo da improvisação, porque alguns livros trazidos do seminário e outros deixados por familiares ajudaram bastante.

Três meses depois, estava totalmente ambientado ao novo mundo, aplicando provas, encaminhando alguns para a direção – éramos apenas em dois, a professora-diretora-supervisora-orientadora Berta, e eu. Naquela escola, só na sexta série, estudavam 28 jovens, e eles tinham apenas dois professores. Nunca ficaram sem uma aula sequer. As experiências com o teatro no seminário abriram algumas perspectivas e expectativas muito boas, naquela escola.

Algumas pequenas peças representadas naquele internato continuavam bem vivas na minha memória e foram reescritas para facilitar o entendimento dos alunos, os novos artistas. Algumas outras foram sendo adaptadas durante os ensaios. Com a autorização e a aprovação da direção, ao invés de darmos aulas normais, passávamos o tempo escolar ensaiando para as futuras apresentações nas redondezas.

Os espetáculos eram apresentados nos salões de bailes e festas das comunidades, antes da realização dos matinês, ou das reuniões dançantes. Nós ficávamos com os ingressos e a comunidade ficava com o dinheiro da venda de bebidas. No final do ano,

passamos dois dias das férias na região do Rio das Antas, entre Bento Gonçalves e Veranópolis.

Nesse tempo de final de ano, o senhor Adelar Bianchi sugeriu que eu fosse fazer uma faculdade, porque aquele mundo poderia ficar muito pequeno para mim, opinião compartilhada pela professora Berta. Tudo foi encaminhado de uma forma tranqüila, porque ele estudava e trabalhava na Fidene, em Ijuí, onde morava e estudava também um outro primo, o Ademar, aquele do violão, que um dia apareceu cantando **Medo da chuva**.

Em março de 1982, já formado em Letras e ainda funcionário da Fidene, recebi uma ligação telefônica de Porto Velho, Rondônia. Todos já estavam lá, trabalhando, o Adelar, o Ademar e o Adelírio. Naquele território federal havia centenas de vagas para professores de todas as áreas e de todos os tipos. No dia 24 daquele mês, acertei as contas, comprei a passagem de avião Porto Alegre-Porto Velho, para o sábado, e fui dar adeus a minha família. Uma pequena mala e meu violão formavam minha “mudança”.

Naquele fim de mundo, passei a entender o que era a realidade educacional brasileira. Trabalhei quatro meses no colégio Estudo e Trabalho, com alunos de todas as séries, de todas as idades, de todas as origens e de todas as carências. Caminhava quinze quadras na ida e na volta – pela manhã, e outras tantas à noite.

Um belo dia, a senhora Efigênia, da SEMEC (Secretaria Municipal de Educação) perguntou se eu não queria trocar de colégio. Eu deixaria os dois turnos no colégio Estudo e Trabalho e passaria a lecionar um turno apenas, à noite, para quatro turmas do terceiro ano do segundo grau, no Barão do Solimões, praticamente no centro da cidade, a algumas quadras de casa – uma peça apenas, habitada por três rapazes. Eu teria tal mordomia porque ninguém mais agüentava dar aula àquela gente.

Não havia livros! Ninguém lia! Não havia uma livraria sequer, na cidade! Havia, sim, como há ainda hoje em muitas cidades brasileiras, essas tais de “Livraria, Papelaria e Bazar”, sem livros. Eu tinha uns dois ou três livros didáticos e mais alguns de ficção e poesia, além de algumas apostilas de aluno do curso de Letras da Fidene. Como dar aula para o terceiro ano do segundo grau? Como dar aula de prática de produção de textos, de jogo de imagens, de análise do discurso, de teorias lingüísticas para quem não lia nem sabia escrever?

Escrevi duas cartas, para as revistas de circulação nacional, Veja e Visão. Esta publicou a minha cartinha e algumas semanas depois começaram a chegar os pedidos feitos, dos mais diversos e distantes lugares do País. Peças de teatro, livros de poesia

brasileira, de autores autônomos e anônimos, livros de contos, livros didáticos e apostilas transformaram meu quarto numa verdadeira biblioteca. Muitos foram doados aos alunos e ao colégio.

Lembro de um pequeno livro de contos, textos curtos, pequenas histórias, *Mendigos de paletó e gravata*, e seu autor era Jair Humberto Rosa, de Ituiutaba, interior de Minas Gerais. O texto **Os dois muito contentes** criou alguns choques, como acontecera na leitura da crônica **O povo brasileiro**, mas agora era por causa do romantismo, da bondade, do carinho, do amor e da paz, presentes naquela pequena história. A Literatura podia ser vista como uma grande mentira? As descobertas proporcionadas pela Literatura foram redefinindo minha vida e minha função de ensinar. Consciente e disposto a grandes desafios e empolgantes análises, aceitei a dura realidade: a Literatura não admitia mais ser aceita como “a expressão do Belo”.

Não tive nenhum problema de indisciplina com aqueles alunos. Havia muitas garotas, bonitas, feias, solteiras, casadas, mães-solteiras, homens separados, militares, garçons, pescadores, funcionários públicos, desempregados e outros de uma certa condição social, que só estudavam.

No caminho para o colégio, numa tarde de agosto, fui interpelado por uma senhora. Eu estava usando uma camisa com os seguintes dizeres no peito: “Fidene 25 anos - Rumo à Unijuí”. Esclarecidos os fatos, informou que na faculdade onde ela trabalhava estava faltando professor de Lingüística. Por mais que eu tivesse sido aluno do Sírio, Gerald, Iara, Soyla, Vincentini, e outros, não tive a coragem de aceitar o convite. Eu não estava em condições de dar aula numa Universidade. A gente sempre acaba aprendendo, não a aceitar tudo o que nos oferecem, mesmo realizando da pior forma, mas a aproveitar algumas oportunidades, esquecendo a qualidade, a dignidade, a honra e um bom nome a zelar.

Em 1980, eu havia feito um concurso para o magistério público estadual riograndense. Fui aprovado, mas nunca chamavam a gente. Antes de embarcar para Porto Velho, deixei o telefone de meu primo Adelfrio, lá na Delegacia de Educação de Ijuí. E não é que me avisaram, quando da chamada dos novos contratados?!

No avião, ficava imaginando mil coisas. Eu assinava a nomeação, mas transferia a posse para mais tarde, caso a saudade do Rio Grande ficasse insuportável. Como se as cidades ou os estados tornassem os alunos diferentes, melhores! O pessoal da Secretaria da Administração, em Porto Alegre – eu fora assinar a posse em Ijuí! -, informou que se eu não assumisse imediatamente, perderia a vaga. Mas era preciso optar entre algumas

idades da Região Noroeste e ficar esperando pela publicação da portaria de nomeação. Eu não tinha onde morar, durante a espera. O tempo de espera podia ser muito curto, então deixei o telefone da rádio Sananduva, e voltei a morar na minha terra natal, a velha Guabiroba, imitando os passos de Vincent Van Gogh. O pessoal da rádio disse que o aviso seria dado no programa Interesse Público. Foram longos e complicados dias de espera! Eu passei aqueles dias como um verdadeiro desempregado, ultrajado, fugitivo.

Em abril de 1983, assumi a vaga de professor nomeado, no colégio Poncho Verde, em Panambi, dando aula à noite, para alunos “adultos”, aprovados num teste criado para quem havia abandonado a escola, há muitos anos. O quadro era assustador. Alguns mais velhos do que eu – com 27 anos -, outros muito pobres, desdentados, desempregados, praticamente analfabetos, mas carentes, sedentos, ávidos, suplicantes por uma luz, uma brecha, uma chance. Começava ali meu sofrimento, meu martírio, minha cruz, graças à Educação e aos compromissos assumidos. Eu sentia pena, muita pena deles, porém nascia uma vontade enorme de ajudá-los, salvá-los da desgraça da ignorância, da inutilidade e da obscuridade. “Os que não entram na eternidade, engole-os a obscuridade”, não é mesmo Machado de Assis?

Bastante livre das burocracias, dos planos de ensino e dos preceitos didáticos, decidi transformar aquelas aulas num objetivo claro e preciso. Eles aprenderiam a falar e a escrever. Mas era preciso que copiassem alguma coisa. Fui selecionando alguns textos narrativos curtos, outros foram inventados, voltados para os fins a serem alcançados.

“Um dia, Carlitos pulou cedo da cama, assustado..”.

E a aula iniciava assim: – Peguem o caderno de Português e copiem. “Um dia Carlitos pulou cedo da cama assustado”, sem pausas, sem vírgula. Enquanto ditava, passava nas carteiras, observando o andamento da carruagem. O quadro geral revelava que era preciso ser mais lento, claro e preciso, para que eles notassem algumas condições do texto. Assim, continuamos o ditado de um outro ritmo: – Um dia (pequena pausa) Carlitos pulou cedo da cama (pequena pausa) assustado...

Alguns começaram a usar a vírgula, a grande maioria não. E pela terceira e última vez, fomos socorrer os mais incapazes, lendo assim: – Um dia vírgula Carlitos pulou cedo da cama vírgula assustado...

Uma aluna daquela sala, exatamente como ela está agora na minha memória, escrevia a palavra “vírgula”, e não o sinal de pontuação. Para arejar um pouco aquele

ambiente, eu ficava repetindo que a palavra “vírgula” tinha acento porque era uma proparoxítona. Isso criava outra confusão muito maior na cabeça de alguns. Aquela aluna, magra, pobre, transtornada, de óculos redondos, não por ser fã da Janis Joplin, perguntava: – Onde vai acento mesmo, professor?

Assim, eu ia aprendendo que, para ensinar a respeito de acentuação, deveria ensinar antes a respeito de tonicidade, sílaba tônica... E que muitas e muitas coisas vinham antes de tudo o que exigiam, cobravam e avaliavam os conteúdos programáticos de cada série. Mais tarde, na universidade, os conteúdos programáticos foram substituídos pelos projetos político-pedagógicos. Aí, sobreveio a desgraça e, por um bom tempo, meus sonhos pairavam sobre o abismo.

Alguns meses depois da chegada em Panambi, fui promovido para as séries normais e para o segundo grau. Eu tinha a nomeação do Estado e um contrato com a prefeitura local. A minha figura, a imagem e as roupas – sempre com aquele casaco, aquelas calças surradas, as camisetas com desenhos, frases e artistas, os meus cabelos grandes e meu cavanhaque comprido -, criavam impressões negativas e atitudes arredias. Nas reuniões, minhas palavras não despertavam a simpatia da Direção da Supervisão, nem da Orientação. Mesmo diante de tanto desconforto e divergências, o violão, a Música e a Poesia amenizavam os conflitos e adiavam as guerras. Foram longos dias de batalha, até conseguir levar um pouco de música, poesia, teatro e alegria àquelas crianças e jovens, igualmente carentes e rebeldes, mas sedentos e ávidos para aprender.

Das aulas de Português, no colégio Poncho Verde, as melhores lembranças falam de “redações” publicadas no jornal A Notícia Ilustrada, escritas, avaliadas e selecionadas pelos próprios alunos.

Em dezembro de 1987, morria o Spek, baterista da nossa banda, num acidente de moto; no início de 1988, um acidente de carro tirava a vida da minha namorada; e em março do mesmo ano morria meu pai, de ataque fulminante. Eu devia sair, ir para um outro lugar, buscar novos ares, novas companhias e novas motivações.

Durante minhas férias em Foz do Iguaçu, minha irmã Rosália perguntou: – Por que você não liga pra Facisa (Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas de Foz do Iguaçu), de repente tão precisando de gente! Telefonei. Eu deveria estar lá, a partir do primeiro dia útil de agosto, para dar aulas de Teoria da Literatura, Prática de Produção de Textos, Língua Portuguesa e Cultura Brasileira. Naquele tempo, quanto mais cadernos de chamada, mais dinheiro no bolso; eu passaria a ser um professor hora-aula.

As aulas de Prática de Produção de Textos seriam destinadas ao quarto ano de Letras, em seu último semestre, a primeira turma de formandos do curso. Naquela sala também havia uma diversidade enorme de representantes da raça humana. Para mim, o pior era saber que eles tiveram aulas anteriores, com outros professores de outras concepções e visões, e que pouco restava a ser salvo. Mesmo diante de um conto do Rubem Fonseca, algumas senhoras daquela sala berravam que a Literatura ainda era “a expressão do Belo”.

Naquela sala estavam esposas de engenheiros da Itaipu, diretoras, supervisoras, coordenadoras, orientadoras, madames, professoras e burocratas de longa e larga experiência. Havia alguns rapazes, também, colegas de alguns senhores, vários mais velhos do que o professor, mas todos muito respeitosos.

Estavam lá, também, dois rapazes – Beto Petry e Daniel Assunção, irrequietos, brincalhões, portadores de um domínio sofisticado e apurado da fala e da escrita, além de serem artistas, compositores, letristas e violonistas. Eles não eram bem tratados pelos superiores e por muitos de seus colegas. Eu sentia várias pontas de inveja da parte dos demais, porque nos tornamos amigos e parceiros artísticos logo no segundo mês de convívio. Mais tarde, gravamos o CD Sol Cataratas, sem grandes repercussões ou entusiasmos.

Em 1990, pela transformação da Facisa (Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu) em Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu), foram necessárias algumas adaptações por parte dos professores, alunos e funcionários. Os docentes da nova instituição deixaram de ser hora-aula, optando por um novo quadro, dividido em T9, T12, T24 e T40. Começava aí o trio Ensino, Pesquisa e Extensão.

Reunidos numa choperia da cidade, decidimos criar o Cine-Vídeo Clube T’ 40, um projeto de extensão voltado prioritariamente para a exibição de filmes nacionais, inaugurado no dia 06 de junho de 1989. Naquele tempo, havia a Fundação do Cinema Brasileiro, com sede no Rio de Janeiro. Nós podíamos solicitar o filme por telefone, que seria enviado via aérea, com pequenas taxas de aluguel e transporte. Os filmes seriam exibidos na universidade, aos sábados à tarde, voltados, primeiramente, para os alunos de Letras e para quem estivesse realmente interessado em cinema.

Retirado do Livro de Atas do projeto, abaixo pode ser visto o quadro demonstrativo e representativo do Cine-Vídeo Clube T’40, de vida curta na Unioeste, Campus de Foz do Iguaçu.

NOME DO FILME	EXIBIÇÃO	EXPECTADORES
Ladrões de cinema	19/08/1989	15
O homem que virou suco	26/08/1989	24
Eles não usam Black-tie	02/09/1989	14
Memórias do cárcere	18/09/1989	113
Deus e o Diabo na Terra do Sol	30/09/1989	12
O mágico e o delegado	14/10/1989	03
Sargento Getúlio	17/10/1989	11
Aleluia Gretchen	28/10/1989	10
Como era gostoso meu francês	28/10/1989	06

A exibição de **Memórias do Cárcere**, um filme de muitos rolos, com a exibição encerrada após a meia-noite, criou um certo mal-estar e algumas animosidades em alguns colegas de Letras. Na reunião posterior à exibição, uma professora chegou a exclamar, indignada, proibitiva: – Onde é que já se viu, ficar matando aula para assistir filmes!?. Vale a pena ressaltar que a platéia era formada por alunos de Letras, e *Memórias do Cárcere* é um livro do escritor Graciliano Ramos. Mas naquele tempo, as brigas tinham vida curta, porque não havia ainda o curso de Pedagogia.

Como professor de Letras de uma universidade, descobri que todo tipo de ser humano podia tornar-se “especialista” e dar aulas sobre leitura, literatura, artes em geral, gramática e prática de produção de textos – a Lingüística preferiu assim, no lugar das antigas “aulas de redação”. Muitos não tinham nenhum dom, nem talento, nem disposição, nem interesse para ensinar a ler e a escrever, mas continuavam inertes naquelas salas durante quatro longos e angustiantes anos. As novas práticas pedagógicas, intempestivamente interessadas na qualidade do ensino e na inclusão social, já exigiam outras habilidades e novas ideologias. Como adquirir gosto pela leitura e aprender a escrever com quem não lê nem escreve? Como adquirir gosto por livros temperados por ideologias e projetos político-pedagógicos? Os livros didáticos, os conceitos e as características podem servir como ponto de partida, nunca de chegada.

Em 1997, o senhor José Vicente Tezza apareceu na universidade, sugerindo que eu escolhesse uns trinta poemas curtos, para serem publicados em livro, pela sua editora. Houve uma grande festa de lançamento, apesar da vinda ao mundo de um

pequeno e simplório livrinho de poesias, intitulado *Comunhão & Só*. Mas foi o primeiro passo, permitindo a publicação dos demais: *A lua e os bares* (poemas), *Os animais não têm mais para onde ir* (infanto-juvenil), *A emboscada machadiana* (ensaio de crítica literária), *Chuva danada* (poemas), *Destinos humanos* (poemas), *Alguém viu meu avô?* (infanto-adulto), *Enfim, juntos!* (antologia poética), *Como é um rio?* (romance), *Olha pra mim* (crônicas). Os poemas dos meus livros podem ser considerados como pequenas crônicas em versos.

Na “Terra das Cataratas”, o jornal A Gazeta do Iguazu manteve por alguns anos uma coluna onde eram publicados pequenos artigos e crônicas de professores da Unioeste. No começo, vários docentes participavam do projeto, cada um cumprindo rigorosamente as datas programadas. Ao fim e ao cabo, sobramos em quatro, apenas, fiéis aos clamores dos leitores daquele jornal: José Afonso de Oliveira, Antonio H. G. Cunha, Humberto Guido e eu. Mesmo sendo o mais participativo das Ciências Sociais Aplicadas, o colega Jaime da Silva escreveu algumas vezes, mas depois desapareceu. Reunidas, revisadas e atualizadas, aquelas crônicas escritas para aquele jornal iguaçuense podem formar um conjunto de quatro novos livros, que serão publicados nos próximos anos.

Com a oficialização e pleno funcionamento da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), muitos professores da Instituição tiveram a oportunidade de realizar seus cursos de Mestrado e Doutorado.

SEGUNDA PARTE

DOIS ROMANCES ITALIANOS

CAPÍTULO V

OS MALAVOGLIA: A PALAVRA E O SILÊNCIO.

Antigamente vivia-se melhor na aldeia, quando não tinham vindo os de fora, para rabiscar no papel os bocados que comem da gente, como dom Silvestro, ou para pilar flores de malva no almofariz e criar banha à custa do nosso sangue. Naquela época, todos se conheciam e sabia-se o que cada um fazia e o que sempre fizeram o seu pai e o seu avô, e até o que comia, e quando se via passar alguém, sabia-se aonde ia, e os cercados eram dos que tinham nascido na terra, e o peixe não se deixava apanhar por qualquer um. Então, as pessoas não debandavam de um canto para o outro e não iam morrer no hospital.

(Giovanni Verga, *Os Malavoglia*)

Em janeiro de 1881, Giovanni Verga escrevia o **Prefácio** para seu novo romance, *Os Malavoglia*. O primeiro parágrafo do pensador parece traduzir as invenções e simulações do ficcionista, extraordinariamente condizentes com os objetivos subjacentes ao presente estudo.

Este relato é o estudo sincero e desapaixonado de como, provavelmente, devem nascer e desenvolver-se nas condições mais humildes as primeiras inquietações pelo bem-estar; e que perturbação deve trazer a uma pequena família, que viveu até então relativamente feliz, a vaga cobiça do desconhecido, o perceber que não se está bem, ou que se poderia estar melhor (VERGA, 2002: 7).

Vamos tentar encontrar na ficção do Autor, em suas simulações, invenções e disfarces, os motivos que levaram o narrador a utilizar certas expressões, ao falar de sua própria criação. Ele fala em “estudo sincero e desapaixonado”, porque não encontramos a salvação para os justos, os honestos, os humildes, os que sofrem, nem a condenação infernal para os maus, perversos, desonestos e corruptos. A salvação poderia ser aguardada por alguns membros da família Malavoglia, e a condenação deveria ser proclamada aos agiotas e espertalhões – como o tio Crocifisso, o patrão Cipolla, Alfio e o Campana di Legno, aos *gangsters*, como Piedepapera, ou aos marginais, como Rocco Spatu e Cinghialenta.

Que “inquietações pelo bem-estar” podem nascer das “condições mais humildes”? Se pensarmos na família dos Malavoglia, alguns fatos despontam exemplares: fazer dívidas para prosperar e passar a vida penando para ganhar dinheiro, que seria destinado ao credor; conseguir consertar a Providência para voltar a trabalhar e ganhar algum dinheiro; vender o barco para adquirir um novo e mais equipado.

Além da pobreza e da humildade, a inocência e a ignorância são marcas fortes daquela família, como podemos observar nas inquietações e esperanças de um de seus membros:

O ‘Ntoni coçou a cabeça e pô-se a procurar ele também o que fariam. – Faremos o que outros fazem... Não faremos nada, não faremos nada!... Iremos viver na cidade, sem fazer nada, e comer massa e carne todos os dias (VERGA, 2002: 219).

No fragmento acima, podemos encontrar sinais de uma “vaga cobiça pelo desconhecido”. Trocar uma vida “relativamente feliz” pelos sonhos oferecidos pela cidade, pode nascer de pensamentos provindos de uma mente perturbada, transtornada, despreparada, ou assustadoramente humilde, ingênua e inocente. Mas, é preciso considerar o fato de ‘Ntoni saber que no mundo havia lugares maravilhosos, trabalho para todos, comida farta e muitas formas de ganhar dinheiro. Os exemplos de pessoas bem sucedidas e abastadas, dignas representantes do *far niente*, podiam ser encontradas ali mesmo, em Trezza.

No seu pequeno ensaio, Giovanni Verga aponta três substantivos, palavras, próprias dos homens que sonham e pensam grande: cobiças, vaidades, ambições. Mais tarde, como acontece aos Malavoglia, vamos encontrar outras três palavras, em forma de adjetivos, agora sem mais sonhos: fracos, extenuados, vencidos.

As passagens que registram a “estrutura circular”, apontada por Antonio Candido, em seu ensaio **O mundo provérbio**⁸, podem ser encontradas ao longo do romance. O fragmento abaixo torna-se emblemático:

Então o patrão ‘Ntoni, depois de pensar um bocado no assunto, com um aperto no coração, resolveu falar com a Mena sobre o que deviam fazer doravante. Ela era sensata como a mãe e não havia ninguém mais em casa a quem falar, dos muitos que antes havia! O melhor era vender a *Providência*, que não rendia nada e comia as diárias do compadre Nunzio e do filho da Locca; do contrário, aquele dinheiro da casa iria embora pouco a pouco. A *Providência* estava velha e necessitando sempre de remendos para se manter à tona. Mais tarde, se o ‘Ntoni voltasse e um pouco de sorte bafejasse pela popa, como na época em que tinham

⁸ O ensaio foi publicado, também, no final do romance *Os Malavoglia*.

juntado o dinheiro da casa, comprariam outra embarcação nova e lhe dariam novamente o nome *Providência* (VERGA, 2002: 234).

O rapaz voltou sem trazer boas notícias, idéias novas ou ânimo, e a sorte não bafejou pela popa uma vez sequer. A família Malavoglia estava fadada à desintegração e à ruína e novas ocupações marcariam a vida da maioria de seus membros, notadamente a de 'Ntoni.

No caso específico da família Malavoglia, o Autor declara tratar-se de um relato voltado apenas para a luta pelas “necessidades materiais”. Mas, logo adiante, o pensador parece dar lugar ao artista, dirigindo-se diretamente ao leitor, alertando:

Quem observa tal espetáculo não tem o direito de julgá-lo; já é muito se consegue retirar-se um instante para fora do campo da luta para estudá-la sem paixão, e restituir a cena nitidamente, com as cores devidas, de modo a dar a representação da realidade como ela foi, ou como deveria ter sido (VERGA, 2002: 10).

O tempo histórico da publicação do romance é a segunda metade do século XIX e o cenário é o vilarejo de Trezza, ou Aci Trezza, localizado na costa oriental da Sicília. O romance apresenta um conjunto complexo e bastante diversificado de unidades de ação, todas muito próximas do eixo central da narrativa – a luta da família Malavoglia pela sobrevivência, contando apenas com um barco pesqueiro, a *Providência*. Entre esses “fatos secundários”, destacamos a luta desesperada para evitar a venda da casa da nespereira – a casa da família; a vida traduzida e interpretada a partir de motes e provérbios proferidos pelo avô, patrão “Ntoni, o patriarca; a chegada de grandes novidades, como os lampiões, os barcos a vapor, o telégrafo e de novos e pesados impostos; as sujeiras e os roubos nas prefeituras e nos parlamentos; as vidas arruinadas pelo casamento; o contrabando em parceria com os guardas fiscais; a passagem do tempo e os novos valores, cada vez mais distantes da família Malavoglia, entre outros.

Conforme informa uma nota de rodapé, “malavoglia” pode ser traduzido literalmente como “ausência de qualquer participação ativa, que se traduz num comportamento preguiçoso”, em consonância quase perfeita com as palavras proferidas pela ficção, conforme pode ser observado no fragmento abaixo:

O advogado continuou a falar sem cuspir, sem coçar a cabeça, por mais de vinte e cinco liras, de tal modo que o patrão 'Ntoni e os seus netos Sentiam a boca cheia de saliva de tanta vontade de falar também, de pôr para fora a defesa de seus interesses, que até sentiam a cabeça a latejar; e saíram dali estonteado, esmagados por todas aquelas razões que lhes cabiam, ruminando e gesticulando os falatórios do advogado por todo o caminho (VERGA, 2002: 98).

Os sonhos da família Malavoglia podem ser assim apresentados, do início ao fim da narrativa: ganhar a vida com a Providência; consertar o barco para trabalhar e ganhar algum dinheiro; vender o barco para comprar um outro, novo e melhor; trabalhar e ganhar dinheiro para não perder a casa da nespereira; comprar a casa da nespereira de volta; reconstruir e reconstituir a vida que morava na casa da nespereira. No fim, nem mais os Malavoglia estão interessados na compra da casa, porque não há mais uma família Malavoglia naquela aldeia.

Ao longo da narrativa, temos algumas pequenas reações, em palavras nunca transformadas em ação, por mais forte que possam parecer os sentimentos, como é o caso que segue, num fragmento de um diálogo entre Alfio e Mena - Filomena Malavoglia, neta do patrão 'Ntoni:

– Por que vai para a Bicocca se lá tem a malária?... – E você por que se casa com o Brasi Cipolla? ... Teria ficado aqui... e teria me casado com você, comadre Mena, que há muito tempo trago no coração, e levo-a comigo para Bicocca, e para toda a parte por onde andar... – Então, adeus, concluiu a Mena; também tenho como que um espinho aqui dentro... e daqui em diante, ao ver esta janela sempre fechada, vai me dar a impressão de ter fechado também o coração, e de ter fechado em cima dele esta janela, pesada como uma porta de lagar. – Mas é assim que Deus quer (VERGA, 2002: 146).

As benesses do amor, da amizade, das conquistas e da realização pessoal parecem não terem sido destinadas aos ancestrais, descendentes e pósteros dos Malavoglia. O mundo dos políticos, dos padres e dos abastados aparece como um outro mundo, paralelo, inatingível, distante da realidade da família, e também das pessoas comuns, por mais que possa parecer real e tipicamente humano. As pessoas pobres, simples e humildes, de maneira geral, vêem e sabem, mas não conseguem nem podem fazer nada. Há uma convivência muito forte entre a palavra e o silêncio e uma distância enorme entre a palavra e a ação.

O caso mais exemplar é o do boticário, em seus pontos de vista relacionados aos políticos e administradores públicos, como informam as palavras que seguem:

...pois que lá, na prefeitura, então, há outras tantas sujeiras! Por minha fé! E queriam, com os impostos, cada um puxar a sardinha para a sua brasa, mas depois voltaram a se entender, dom Silvestro e os demais, e não tocaram mais no assunto... Tal e qual aqueles outros ladrões do Parlamento, que vivem conchavando entre si: e sabem vocês alguma coisa do que eles dizem? Chegam a espumar pela boca e parece que querem se pegar pelos cabelos a toda hora, mas depois riem-se na cara dos palermas que acreditam neles (VERGA, 2002: 250-1).

A respeito dos padres, as palavras abaixo parecem revelar uma mesma opinião, de duas vozes de um mesmo partido.

Dom Franco... dizia que enquanto existissem padres seria a mesma coisa... – Por mim, eu queria ver todos eles na fogueira! respondia dom Giammaria (VERGA, 2002: 318).

É preciso voltar às primeiras páginas do livro, e lá é possível observar que dom Franco e dom Giammaria não pertenciam a um mesmo mundo e que as mudanças de interesses não acontecem assim tão rapidamente. Um outro cenário pode ser visto assim:

Então, esfregando as mãos, dom Franco dizia que estava parecendo um Parlamento em miniatura, e ia plantar-se atrás do balcão, cofiando a barbona com os dedos, com um sorriso malicioso que parecia querer jantar alguém, e de vez em quando deixava escapar meias palavras em voz baixa diante da assistência, pondo-se nas pontas dos pés, e via-se que era mais escolado que os outros, tanto que dom Giammaria não o tolerava e roía o próprio fígado, atirando-lhe na cara palavras em latim (VERGA, 2002: 31).

Vivendo de empréstimos, o tio Crocifisso passa os dias circulando pela praça, sem fazer absolutamente nada, observando o movimento, sempre pronto a fornecer ajuda e socorro a quem estivesse precisando, suas novas vítimas. A raiva e o ódio que alguns nutrem por ele surgem de uma forma bastante sutil, conforme apontam as palavras a seguir:

Comprava também a pesca toda de uma vez, com abatimento, quando o pobre diabo que a fizera precisava imediatamente de dinheiro; mas tinha que ser pesada nas balanças dele, que eram falsas como Judas, diziam os que nunca estavam satisfeitos (...) e quando lhe diziam por que não ia ele arriscar a pele como todos os demais, que papava o melhor da pesca sem correr perigo, respondia: Que maravilha! E se no mar me acontece alguma desgraça, Deus me livre, e deixo lá os ossos, quem vai cuidar dos meus negócios? (VERGA, 2002: 58).

Quando o autor escreve a **Apresentação** do livro, em 1881, o início oficial da imigração italiana no Brasil já completava seis anos. Na região de abrangência do romance não se falava na América. Não havia a América, nem a *Cuccagna*. A América podia existir, mas sem oferecer atrativo algum. O grande e maravilhoso sonho representado pela *Cuccagna* parecia existir apenas na vida dos moradores da Itália do Centro-Norte. Sonhos, angústias e pesadelos marcam a trajetória de ‘Ntoni, personagem central para as investigações do presente capítulo. Os tópicos principais que interessam

à análise são: a trajetória e as experiências de uma vida solitária e deslocada; os momentos de alegria, ânimo e esperança; e uma vida de sonhos, fracassos e decepções.

Na **Apresentação**, assinada no dia 19 de janeiro de 1881, segundo alguns livros didáticos, o ano da “grande revolução” no mundo ficcional machadiano, podemos ler o resumo do livro, em uma linguagem marcadamente figurada, mas bastante esclarecedora. As palavras-chave utilizadas na “montagem do mosaico” podem ser encontradas no fragmento abaixo:

Só o observador, arrastado ele também pela cheia, olhando ao seu redor, tem o direito de interessar-se pelos fracos que ficam pelo caminho, pelos extenuados que se deixam ultrapassar pela onda para acabar mais cedo, pelos vencidos que levantam os braços desesperados, e dobram a cabeça sob o pé brutal dos que sobrevivem, os vencedores de hoje, também apressados, também ávidos por chegar, e que serão ultrapassados amanhã (VERGA, 2002: 9).

Os vocábulos mais importantes para a constituição do mosaico ficcional, sugerido pelo Autor, são os seguintes: “observador” (artista/escritor/ficcionista), “fracos”, “extenuados” e “vencidos” (os Malavoglia) e “vencedores”, antes do *gran finale* (tio Crocifisso, dom Michelle, patrão Cipolla, Rocco Spatu e Cinghialenta).

O mosaico ficcional presente no romance de Giovanni Verga não é formado por ricos e pobres, vencedores e vencidos, felizes e infelizes, separada ou exclusivamente, pois:

Cada um, do mais humilde ao mais elevado, teve sua parte na luta pela existência, pelo bem estar, pela ambição – do pescador humilde ao novo-rico... ao artista que acredita seguir o seu ideal, seguindo uma outra forma de ambição (VERGA, 2002: 9-10).

Para ilustrar o que classificamos como pensar e não falar, ter consciência e não (poder) agir, quando a fala não se transforma em ação, pensar muito e não dizer nada, pensar e falar o que não significa nada, a vida dos que não sabem, não conseguem ou nem podem falar, escolhemos um fragmento do romance, que serve como ilustração:

... o patrão ‘Ntoni tinha partido para uma longa viagem, mais longe do que Trieste ou Alexandria do Egito, da qual não se volta mais... e a todos parecia ter o pobre velho diante dos olhos, como o tinham visto da última vez que foram encontrá-lo naquele quarto enorme, de camas enfileiradas, que era preciso procurar para achá-lo, e onde o avô os esperava como uma alma do purgatório, de olhos pregados à porta, embora já não enxergasse quase, e os tocava para assegurar-se de que eram eles, e daí não dizia mais nada, enquanto dava pra ver em sua cara que tinha muita coisa a dizer, e partia o coração com aquela pena que se lia em seu rosto e não podia dizer (VERGA, 2002: 327).

A condição da família Malavoglia, apresentada acima, remete aos “grunhidos e rosnados”, apontados por Robert C. Solomon e Kathleen M. Higgins, no livro *Paixão pelo saber*. Para justificar as dúvidas, as incertezas, a instabilidade e os fracassos, a grande maioria dos Malavoglia repete contínua e insistentemente um argumento poderoso e convincente: quando tivermos dinheiro.

A palavra nunca transformada em ação não é característica exclusiva da família dos Malavoglia. Naquela aldeia, a “vontade sem ação”⁹ surge das mais diversas bocas e condições sociais. O fragmento abaixo apresenta um quadro geral da realidade presente naquela comunidade:

Alguns deixavam-se ficar aboletados nas cadeiras, e iam embora sem ter aberto a boca, como se fossem bacalhaus de verdade; mas quem sabia dizer quatro palavras, procurava manter um fiapo de conversa para afugentar a tristeza, e distrair um pouco os pobres Malavoglia, que fazia dois dias choravam como chafarizes (VERGA, 2002: 61).

Depois de casado, tio Crocifisso, um dos abastados da aldeia, finalmente abre seu coração e revela ao senhor Locca, diante de seu desespero:

– A cadeia fica na minha casa! Queria eu estar no lugar do seu filho! (VERGA, 2002: 297).

Diante da cobrança de novos impostos, a comadre Zuppidda esbraveja, diante de alguns ouvintes:

– Deviam todos ser queimados, esses dos impostos! (VERGA, 2002: 62).

A chegada das novas taxas, impostas pelos governantes, gera as mais diversas reações. Uma das vozes ouvidas ficou assim registrada:

– Até o sal vai ser taxado! Acrescentou o compadre Mangiacarrubbe. Disse o boticário que saiu no jornal. Daí será o fim das anchovas salgadas, e os nossos barcos servirão de lenha para a lareira (VERGA, 2002: 65).

Algumas cenas que marcam a vida dos Malavoglia surgem numa mistura de dor, desespero, afeto e ternura, como podemos observar no fragmento a seguir:

... e a Mena... o levava para tomar sol, nos dias bonitos, e ficava ao lado dele com a roca, a contar-lhe histórias, como se faz às crianças, e a fiar, quando não precisava ir ao lavadouro, falava também do que fariam quando a providência lhes mandasse alguma coisa, para alegrar seu coração (VERGA, 2002: 314).

⁹ A expressão pode ser encontrada no romance *Memorial de Aires*, de Machado de Assis.

Talvez, o socorro e a ajuda que viriam do barco – a Providência, poderiam chegar trazidos pela intervenção “divina”. A morte do patrão ‘Ntoni, o provável destino trágico do neto ‘Ntoni e o fim da tradição dos Malavoglia revelam que a ajuda não veio de lugar algum.

Os sentidos que traduzem a palavra “cuccagna” parecem todos abstratos, inatingíveis, impossíveis, deslocados temporal e espacialmente: paraíso, terra prometida, eldorado, fartura. Durante toda a narrativa, não há referência alguma à América, à *Cuccagna*. A presença da palavra “fortuna”, pelo menos em duas oportunidades, parece ser a única a fazer parte dos sonhos e esperanças daquela gente. ‘Ntoni, ao tentar a sorte em outro lugar, pode ser considerado um representante emblemático dessa esperança de encontrar a “terra prometida”, num lugar distante, desconhecido, inatingível, observadas as reações de seus familiares, amigos e vizinhos:

– Se o ‘Ntoni voltar rico, ele comprará a casa. O patrão ‘Ntoni não respondia nada; mas a aldeia inteira sabia que o ‘Ntoni devia voltar rico, depois de andar tanto tempo em busca da fortuna, e muitos já o invejavam e queriam abandonar tudo para sair à caça da riqueza como ele (VERGA, 2002: 243).

No fragmento acima, temos três visões do mundo, distintas: a do patrão (pela desconfiança), a da comunidade inteira (pela solidariedade) e a de muitos (pela inveja). O silêncio do patrão ‘Ntoni é justificado pela desconfiança em relação ao sucesso, ou mesmo pela certeza em relação ao fracasso do moço. ‘Ntoni havia declarado categoricamente que voltaria rico, e a comunidade inteira acreditou piamente em suas palavras e em seus sonhos. Muitas pessoas daquela pequena aldeia torciam pelo sucesso do rapaz, alimentando, antecipadamente, uma ponta de inveja, caso ele retornasse realmente rico.

Recrutado pela Marinha, servindo em Nápoles, ‘Ntoni parecia viver num mundo bem melhor, em condições mais abastadas, conforme revelam suas palavras, na primeira carta enviada aos parentes, traduzida pelo narrador:

Finalmente chegou de Nápoles a primeira cara do ‘Ntoni, que pôs em polvorosa a vizinhança inteira. Dizia que por aquelas bandas as mulheres varriam as ruas com suas saias de seda, e que no cais havia o teatro de polichinelo, e vendiam-se pizzas, a dois centavos, daquelas que os granfinos comiam, e que sem dinheiro ali não se podia viver, que não era como em Trezza, onde, afora a taverna da Santuzza, não se sabia como gastar um tostão (VERGA, 2002: 19).

O mesmo rapaz, encantado e deslumbrado diante do novo mundo, não está livre de um passado recente, conforme informam as palavras de seu avô, patrão 'Ntoni:

O avô, por sua vez, tinha argumentos próprios para consolar-se e consolar os outros: – Afinal, querem que eu diga? A vida de soldado fará bem ao rapaz; pois gostava mais de levar seu par de braços a passear de domingo, ao invés de servir-se deles para ganhar o pão (VERGA, 2002: 19).

A experiência como soldado não proporcionou grandes novidades nem provocou mudanças significativas na vida do rapaz. As palavras do avô soam proféticas, observada a nova condição:

– Mãe do céu! – exclamava o 'Ntoni, quem me dera voltar a ser soldado!
– E arrancava os cabelos, e dava murros na cabeça, mas não sabia que decisão tomar, de tão poltrão que era (VERGA, 2002: 169).

Não há uma explicação lógica, nem filosófica para tanta covardia, desânimo e tamanha ausência de coragem e boa vontade. Os conselhos e advertências da mãe, carregados e impregnados de religiosidade, dogmas, paixões e culpas, talvez sirvam de consolo:

– O que você tem, 'Ntoni?... Diga pra mim, que sou sua mãe! Ele não respondia; ou respondia que não tinha nada. E, enfim, disse-lhe o que tinha, que o avô e todos os outros queriam o couro dele, que não agüentava mais aquilo. Queria ir em busca da fortuna, como todos os demais... você irá embora, se é isso que quer, mas não me verá mais; pois já me sinto velha e cansada, e acho que não conseguirei suportar mais esta tristeza (VERGA, 2002: 221).

As razões da mãe, por mais religiosas e decisivas que possam parecer, não conseguem justificar tamanha passividade e desânimo, pois

À noite, tomava a sopa de cara fechada, e no domingo ia perambular em volta da taverna, onde as pessoas não tinham outra coisa a fazer, senão rir e folgar, sem pensar que no dia seguinte tornava-se a fazer o que se fizera a semana inteira; ou, então, ficava horas a fio sentado nos degraus da igreja, de queixo na mão, vendo quem passava, matutando sobre aqueles ofícios em que nada se tinha a fazer (VERGA, 2002: 173).

Em alguns momentos da sua vida, 'Ntoni parecia ressurgir num novo ânimo, projetando uma vida melhor para sua família. Suas palavras ainda inspiravam alguma confiança em seus ouvintes, como as que seguem:

– Pois bem,! exclamou depois, o que vou fazer é por ela, pelo senhor e por todos, quero enriquecer a minha mãe! é isso que eu quero. Agora suamos a camisa pela casa e pelo dote da Mena; daí, a Lias crescerá e, por menos ruins que sejam os anos, estaremos sempre na miséria. Não

quero mais esta vida. Quero mudar a minha situação e a de todos vocês. Quero que sejamos ricos, a mamãe, o senhor, a Mena, o Alessi e todos (VERGA, 2002: 218).

O rapaz teve a chance de mudar de vida quando convocado pela marinha. De volta à aldeia, tentou a sorte grande, atuando no contrabando, ao lado de dois profissionais da área, Rocco Spatu e Cinghialenta, mancomunados com os guardas fiscais.

Para algumas pessoas da aldeia, as providências poderiam ser tomadas por alguém da família, na tentativa de salvar o rapaz, conforme acreditava dom Michele, nas advertências a seguir:

... há de querer saber o que o seu irmão faz com o Cinghialenta de noite para os lados do Rotolo (...) Seu irmão confia no Piedepapera e não sabe que os guardas fiscais têm um tanto por cento sobre os contrabandos (...) Mas não me agrada que o seu irmão venha a se meter numa enrascada. Não! não gostaria de encontrá-lo de noite em algum lugar escuro, nem mesmo para apanhar um contrabando de mil liras, palavra de honra (VERGA, 2002: 268-9).

A realidade acima parece não fazer parte do mundo onde vivem os Malavoglia, destacadamente 'Ntoni. As palavras do compadre Vanni, a respeito de Piedepapera, dirigidas a 'Ntoni, ao Rocco Spatu e a Cinghialenta, parecem claras e precisas:

Toda vez que se dá um golpe, ele navega ao largo, para provar que não tem nada com o que possa acontecer, é raposa velha e as balas dos guardas nunca o acertarão, apesar de se coxo como o diabo. Daí, na manhã seguinte, tudo resolvido, ele vem buscar a comissão, com a maior cara de pau. Mas as balas, ele as deixa para os outros (VERGA, 2002: 289).

Como negar a 'Ntoni o direito de acreditar que seu futuro poderia estar no contrabando, obtendo o mesmo sucesso de seus novos amigos? Mas, enquanto a sorte não chegava, ele passava as horas perambulando, vadiando ou bebendo. As promessas de abandonar o vício da bebida, evitando tornar-se um contrabandista, misturavam-se a um novo ânimo para o trabalho e para uma nova vida:

– Não quero ir mais à taverna, nem que me matem! E voltou a trabalhar com boa vontade como antes (VAERGA, 2002: 254).

O trabalho de alguns dias não traz a fortuna e a boa sorte, tão desejadas e aguardadas pela família Malavoglia, ao longo dos tempos. As últimas esperanças parecem surgir nas palavras do velho patriarca.

O avô dizia-lhe: – Para você, era melhor que o domingo não existisse, já que no dia seguinte amanhece como se estivesse doente. Aí está o que era melhor para ele, que os domingos não existissem! e o coração saltava-lhe no peito só de pensar que todos os dias pudessem ser segundas-férias. Desse modo, ao voltar do mar à noite, nem vontade de ir dormir ele tinha, e desabafava passeando com sua desgraça para cima e para baixo, tanto que, finalmente, acabou indo parar novamente na taverna (VERGA, 2002: 255).

Além de serem uma ameaça à vida de ‘Ntoni, os parceiros do contrabando ofereciam-lhe algum alento e uma certa alegria, pois

O ‘Ntoni chorava como um bezerro desmamado e dizia que também queria morrer; mas depois, aos poucos, voltava à taverna e, à noite, em vez de ir para casa, andava pela rua, parando às portas e encostando-se nos muros, morto de cansaço, na companhia de Rocco Spatu e do Cinghialenta; e punha-se a cantar com eles para espantar a tristeza (VERGA, 2002: 256).

A ausência de novidades e de mudanças na vida dos Malavoglia e demais habitantes daquela região é justificada nas palavras do ensaísta Antonio Candido, em seu artigo **O mundo provérbio**, publicado no final do romance:

... em lugares onde pesava o atraso econômico e a cultura das cidades não predominava, como na Itália do Sul, a ficção se tingiu de regionalismo e o império da rotina suscitou na organização do enredo uma relativa atemporalidade, pela necessidade de representar costumes e modos-de-ser indefinidamente estáveis... o tempo flui pastoso e as etapas não se diferenciam, fazendo os homens parecerem os mesmos, uma geração depois da outra, encasulados na fixidez do costume (CANDIDO, IN: VERGA, 2002: 335).

As palavras do grande ensaísta brasileiro mostram que ele realmente leu “aquele romance”, revelando ao leitor os “fatos” e os “objetos” de seu estudo, tornando a “nova leitura” mais segura e precisa. No romance, o sentido da expressão “relativa atemporalidade” pode ser justificado pela presença dos novos barcos pesqueiros, muito mais ágeis e modernos que a Providência, pela chegada do telégrafo e da implantação de novos impostos e taxas sobre os produtos comercializados, notadamente aqueles oriundos da pesca. Alguma coisa parece insistir em afirmar que apenas os Malavoglia não se dão conta dos novos tempos, das novas relações e dos novos interesses, como podemos observar nas palavras abaixo:

Não convinha abrir a porta aos gatos de noite, porque uma velha de Acì Sant’Antonio tinha sido morta por causa disso; ladrões roubaram-lhe o gato três dias antes..e e depois trouxeram-no de volta meio morto de

fome a miar do lado de fora da porta; e a pobre mulher, sem coragem de deixar o bichano na rua àquela hora, abriu a porta, de modo que os ladrões tinham-lhe entrado em casa. Hoje em dia os gatunos inventam de tudo para dar seus golpes; e em Trezza viam-se caras que nunca tinham sido vistas nos escolhos, com o pretexto da pesca, e, quando calhava, surrupiavam as roupas dos varais. Assim tinham roubado da pobre Nunziata um lençol novinho. Coitadinha! Roubar logo dela que trabalhava para sustentar todos aqueles irmãozinhos, que seu pai lhe deixara nas costas, ao partir para tentar a sorte em Alexandria do Egito! (VERGA, 2002: 33).

Para Antonio Candido, o mundo da aldeia, distante do mundo da cidade, sem novidades e sem mudanças estruturais significativas, pode ser assim justificado, tendo como eixo central o patrão ‘Ntoni e seus descendentes:

... o que impressiona o leitor é a homogeneidade essencial da sua vida: poucas atividades para quase todos, mesmas recreações, mesmas preocupações, mesmas conversas (CÂNDIDO, in: VERGA, 2002: 340).

Para cada uma das quatro explicações apresentadas pelo estudioso, vamos buscar na ficção os argumentos e as justificativas. O tempo de vida útil da Providência está esgotado há algum tempo, mas seus proprietários não percebem, e continuam confiando seu sustento no velho e extenuado barco, competindo com os outros pescadores, donos já de barcos novos e em condições bem melhores.

Na aldeia de Trezza parece não haver “recreação” nenhuma, além daquelas repetidas dia após dia, sem alegria, entusiasmo ou libertação. As “preocupações” daquela família podem ser resumidas numa expressão usada anteriormente, na intenção de renovar os restos de esperança ou resolver qualquer problema: quando tivermos dinheiro.

Em vários momentos, os Malavoglia ouvem conselhos e recebem orientações, como revelam as palavras do narrador, apresentadas a seguir:

... o compadre Alfio tentava consolá-los, lembrando-lhes como era a casa da nespereira em outros tempos, quando ficavam de prosa de uma porta a outra, com a lua no céu, e ouvia-se o dia inteiro o barulho do tear de Santa Ágata e o cacarejar das galinhas e a voz da Longa, que tinha sempre o que fazer. Agora tudo tinha mudado e quando a pessoa vai embora de sua terra é melhor que não volte mais, porque até a estrada não parecia mais a mesma (VERGA, 2002: 322).

O universo das “mesmas conversas” pode ser justificado pelo uso de provérbios, do início ao fim do livro, por parte do patrão ‘Ntoni. A respeito da presença deles, Antonio Candido assim se manifesta:

Os provérbios costuram o mundo segundo um corte definitivo, que imobiliza a vida, os sentimentos, a ação; ou aparecem como símbolos de uma vida, de uma ação ou de sentimentos já imobilizados. A ironia que vai do provérbio ao enredo e do enredo ao provérbio, é que este é quase sempre uma verdade apenas aparente, sendo no fundo um equívoco, que só parece certo na medida em que exprime o mundo ideal das expectativas, sem correspondência com o real (CÂNDIDO, in: VERGA, 2002: 357).

Quanto ao uso de provérbios, as idéias e posições apresentadas no fragmento acima funcionam perfeitamente quando dirigidas à família Malavoglia, como referência ou objeto de estudo. Aquelas máximas parecem existir apenas para o patrão ‘Ntoni e seus descendentes.

No último capítulo do livro, temos um quadro geral do destino e as novas posições de outros habitantes daquela aldeia, alguns ilustres outros simples, mas bem populares:

... a Mangiacarrubbe já não dava os seus passeios e nem dom Silvestro mostrava mais a cara, à espera de que a Zuppidda tombasse a seus pés, e o tio Crocifisso trancara-se em casa, a tomar conta de seus pertences e a embirrar com a Vespa, e também não se ouvia tanta discussão na botica, desde que dom Franco tinha visto a justiça nas suas barbas, e agora vivia no seu canto, lendo o jornal, e desabafava-se, pilando no almofariz o dia inteiro para passar o tempo. Até o patrão Cipolla tinha deixado de achatar os degraus da igreja, desde que perdera o sossego (VERGA, 2002: 322-3).

A justiça dos homens não foi feita para o pessoal do contrabando – alguns guardas ficais, Rocco Spatu, Cinghialenta e Piedepapera. Bem conhecidos pelo povo em geral, eles continuam tocando a vida sem grandes inquietações ou perturbações.

Os velhos problemas continuam assolando a vida dos Malavoglia. No último diálogo realizado entre Mena, Alessi e ‘Ntoni há uma mistura de tristeza, desespero e alguns restos de confiança no futuro.

- Está indo embora? – Estou! Respondeu o ‘Ntoni. – E para onde vai? perguntou Alessi. – Não sei. Vim para vê-los. Mas desde que estou aqui, a sopa me desceu como veneno. Além disso, não posso ficar, pois todos me conhecem, e por isso é que vim de noite. Irei para longe, onde possa ganhar meu pão, e ninguém saberá quem sou (VERGA, 2002: 328-9).

Depois de alguns dias na cadeia, preso no contrabando, ‘Ntoni decide ir embora, prometendo manter contato com a família, mas não consegue sair daquela casa, daquela aldeia, nem daquela vida. Fica sabendo da morte do avô e, diante do silêncio dos

irmãos, acredita que Lia – sua irmã, também estava morta. No capítulo anterior, o narrador conta exatamente o que aconteceu com ela:

De noite, quando trouxeram o avô na carroça e a Mena fora correndo encontrá-lo, sem ter mais vergonha dos outros, a Lia saiu no quintal e dali para a rua, e foi-se embora de fato, e ninguém tornou a vê-la (VERGA, 2002: 306).

Alguns fatos marcaram a vida do jovem 'Ntoni para sempre, tornando-se decisivos para sua partida: abandonar a casa da nespereira, esfaquear dom Michele e meter-se em enrascadas, como no caso do contrabando.

E foi-se embora com seu cesto debaixo do braço; depois quando estava longe, no meio da praça escura e deserta, que todas as portas estavam fechadas, parou para ouvir se fechavam a porta da casa da nespereira, enquanto o cachorro latia atrás dele, dizendo-lhe com seus latidos que ele estava sozinho no meio da aldeia (VERGA, 2002: 331).

Em seus sonhos e em seus “últimos suspiros”, 'Ntoni vê a porta da casa da nespereira aberta, ouve um chamado e sente a alegria de ser convidado a ficar, a permanecer ali, viver ali, sofrendo e acreditando num futuro melhor! Apenas o silêncio, a solidão, os latidos do cachorro e o barulho do mar. E mais uma vez, ele parece acreditar que não será preciso partir.

Então, o 'Ntoni parou no meio da estrada, a olhar a aldeia toda negra, como se não tivesse coragem de abandoná-la, agora que sabia tudo, e sentou-se na mureta da vinha do feitor Filippo (VERGA, 2002: 331).

Um tempo depois, ouvindo o mar que resmungava, e com a proximidade do dia, surgem os ruídos conhecidos e as vozes nas casas, as luzes sendo acesas e, no céu, os Três Reis e a estrela dalva, tão familiares, anunciando o amanhecer. Eis o último parágrafo do livro:

Voltou a olhar o mar, que se tornara purpurino, todo semeado de barcos, que também tinham começado o seu dia, pegou de novo o cesto e disse: - Agora está na hora de partir, porque daqui a pouco começará a passar gente. Mas o primeiro de todos a começar o seu dia foi o Rocco Spatu (VERGA, 2002: 332).

Pela última vez, 'Ntoni fala que é preciso partir, como um fugitivo, um condenado, um pobre coitado, sem ser visto, notado, ou descoberto. A última cena do romance retrata o mesmo homem, o mesmo mar, com seus barcos de pesca, formando uma nova paisagem. Não há mais lugar nem espaço para a Providência, nem para os

antigos sonhos do rapaz, anestesiados, renascidos ou inspirados pela experiência de outros, contemporâneos seus, como podemos observar no fragmento abaixo:

Uma vez, o ‘Ntoni Malavoglia, vadiando pela aldeia, tinha visto dois rapazes que embarcaram alguns anos antes em Riposto, em busca da fortuna, e voltavam de Trieste, ou de Alexandria do Egito, de longe, em suma, e gastavam na taverna mais do que o compadre Naso ou o patrão Cipolla; acavalavam-se no balcão; diziam gracinhas às moças e tinham lenços de seda em cada bolso do casaco; de forma que o lugarejo estava em polvorosa por causa deles... contavam as histórias mais bonitas (VERGA, 2002: 213).

No fragmento acima, encontramos uma das referências à palavra “fortuna”. Não há nenhuma palavra, ação ou sonho voltado para a América. A “boa sorte” para aquela gente estaria em Nápoles, Trieste ou em Alexandria do Egito.

Talvez, ‘Ntoni tenha um destino muito mais trágico que o de seu avô, o patrão ‘Ntoni. Algumas pessoas sofrem pela demora da chegada da morte, pois “os infelizes têm vida longa”, conforme pregava um dos seus muitos provérbios. Pela hora da morte, alguns sugerem levar o velho para o hospital, outros para o Albergue dos pobres. Ele pede para não ser levado ao hospital, e isso criaria alguns problemas. Sem ninguém sempre disponível para cuidar do avô, ele poderia até ser devorado pelas pulgas ou pelos porcos, caso a porta fosse deixada aberta. E assim, o velho Malavoglia, patrão ‘Ntoni, o patriarca, acaba morrendo jogado na carroça do Alfio Mosca, a caminho do hospital. O avô morreu velho, abandonado, desprezado e esquecido; o neto poderá morrer no campo de batalha, como bandido, ou como um pobre coitado, miserável e infeliz, nos fundos de uma cadeia qualquer.

Ao fim e ao cabo, Rocco Spatu, o contrabandista, é um dos sobreviventes do velho mundo, habitante daquela aldeia, e segue sua rotina, ileso, indiferente e bastante seguro. Aquela conjunção adversativa – “mas”-, que abre a última frase do romance, provoca uma sensação espetacular, impregnada de sugestões e formulações. Talvez, ‘Ntoni não vá mais embora e tentará a sorte grande no contrabando. Rocco está ali, porque costuma trabalhar à noite, sem ser visto ou descoberto; mas pode estar ali, também, porque ‘Ntoni espera por um chamado, um convite, uma proposta de trabalho, que não poderá vir da casa da nespereira nem do velho acabado barco, Providência. E assim, o neto do patrão ‘Ntoni insinua representar a última grande tragédia da família Malavoglia, provavelmente muito próxima e irreversível.

CAPÍTULO VI

PAI PATRÃO: DA DOR, O APRIMORAMENTO ESPIRITUAL

As jovens plantinhas do nosso olival, traídas pelo clima, acordaram antes do tempo. Em pleno inverno já estavam cheias de seiva, “em amor”, crescendo como na primavera. O tempo as despertara traiçoeiramente, e elas não poderiam desobedecer à natureza

(Gavino Ledda, *Pai patrão*)

O presente capítulo pode ser representado pela seguinte ementa: a trajetória e as experiências de uma vida solitária, isolada, deslocada; os momentos de crise e desânimo; na vida diária, os castigos, a dor e as tribulações; o trabalho, a música e o estudo; a elevação e o aprimoramento espiritual.

Obrigado a abandonar os estudos, para auxiliar seu pai a cuidar das ovelhas e demais afazeres no campo, o menino Gavino é uma mistura de grandes desgraças, muito sofrimento, castigos, superação, aprendizado e aprimoramento profissional e espiritual. Os momentos de desânimo e desespero servem como alicerce para a busca e a realização de seus projetos pessoais. Poderíamos afirmar que a trajetória desse menino parece imitar aquela vivida por Brás Cubas: “Desse estrume nasceu essa flor”.

Várias experiências vividas pelo menino Gavino fazem lembrar daquelas experimentadas por ‘Ntoni, do romance *Os Malavoglia*, com diferenças evidentes. Um estudo comparativo pode sugerir o quadro a seguir:

Gavino	‘Ntoni
A boa sorte em outro lugar – sim	A boa sorte em outro lugar – não
Banditismo, uma possibilidade negada	Contrabando, uma saída aceita
Transformar a dor em vitória: sim	Transformar a dor em vitória: não
Exército, trampolim para algo maior	Marinha, desistir, voltar para fracassar
Vontade + força: força de vontade	Vontade + força: fraqueza, poltrão
Palavra → Ação – sim	Palavra → Ação – não
Aprender do patriarca para libertar-se: sim	Aprender do patriarca para libertar-se: não

As primeiras atitudes do patriarca, senhor Abramo, pai de Gavino, apontam para uma vida cíclica, a repetição da “estrutura circular”, apontada por Antonio Candido, a respeito da vida da família Malavoglia. As palavras abaixo falam por si mesmas:

Ele não será o primeiro nem o último... Eu também passei minha infância desse jeito. Infância! Puah! Tive de me tornar adulto antes do tempo e os velhos me usaram como guardião contra ataques da raposa em pleno inverno... E eu cuidei das ovelhas, mesmo tendo mais necessidade das tetas de minha mãe do que do úbere desses animais. (LEDDA, 2004: 27-8).

Mesmo diante de tantos sacrifícios, punições e dificuldades, Gavino vai experimentado um processo de aprendizagem espetacular. Silenciosamente, vai aprendendo do pai, um verdadeiro patriarca – rude, severo e autoritário, muitas coisas aproveitadas mais tarde nas provas que dariam continuidade a sua vida de estudante e profissional. As ansiedades e os sonhos do menino são marcados por três mundos, distintos, mas próximos: o mundo do trabalho (real, cotidiano), do estudo e da música (as paixões sufocadas, os sonhos, os desejos).

As palavras do patriarca que apontavam para um mundo de gerações iguais aparecem seguidas de outras, proferidas pela professora, antes do menino deixar a escola, muito mais agradáveis e instigantes:

“Você se tornará um grande pastor. Seu pai lhe ensinará a ordenhar ovelhas e vacas. São muito bonitas, sabe? E nos campos há tantas flores, muita relva e tantas árvores cheias de pássaros que piam e cantam. Fazem ninhos nas moitas, no chão, nas árvores e você poderá pegar quantos quiser. Aqui em Siligo não há nada!” (LEDDA, 2004: 29).

A realidade observada no fragmento acima parece apontar para três condições, distintas mas interligadas, representadas pela presença da tradição, da ruptura e da purificação. Naquela propriedade rural, havia o trabalho, os castigos e as surras do patriarca, mas havia também a beleza dos animais, a companhia das flores, da relva, das árvores e do cachorro Rusigabedra, o piar e o cantar dos pássaros.

Sobreveio o primeiro inverno e com ele o resfriado, a febre, a visita do médico e a convalescença em Siligo. A experiência é assim narrada por Gavino:

A convalescença em Siligo durou mais de um mês. Foi a ocasião para reatar as amizades perdidas e fazer outras novas. Eu me juntava às turmas como fizera durante a minha infância. Mas as brincadeiras com os companheiros não tinham mais graça. Eles tinham outra imaginação. Eu já era diferente deles. Um ano de campo havia me amadurecido pelo menos dez anos em relação a eles. Na escola de meu pai aprendiam-se coisas bem mais profundas do que aquelas perninhas e consoantes que

eles agora sabiam de cor. De suas brincadeiras eu não me lembrava mais, e também não me atraíam. Somente o silêncio do campo e descobrir a natureza deixavam-me curioso. Eu queria voltar o mais depressa possível (LEDDA, 2004: 76).

As palavras e as sensações apresentadas no fragmento acima parecem revelar a presença de um ser progressista, urbanizado, politizado, depurado. O mesmo menino que sonhava com o estudo e a música, que vê o mundo da cidade assim, é o mesmo que afirma, logo em seguida:

Na terra agora não existia mais nada tão apreciável e amável como nosso campo com suas árvores e seus penhascos, Rusigabedra e as ovelhas (LEDDA, 2004: 77).

Muito além das proibições, punições, surras e dos castigos, o senhor Abramo, patriarca e pai, possibilitava momentos de rara beleza, sendo permitido falar de companhia, amizade, alegria, júbilo e comemorações. As palavras do senhor Abramo parecem soar sempre plurais, dúbias, numa mistura de ordem e pedido, ameaça e súplica. Talvez, isso ajude a justificar muitas lições aprendidas pelo menino, em meio a tanto abandono e sofrimento. O cenário abaixo serve como exemplo emblemático:

De repente, aquele silêncio escuro e impenetrável dissipou-se como por encanto. Ao longe ouviu-se o poderoso zurro primaveril (*su orriu eranile*) do nosso burro. Rusigabedra deixou-me no mesmo instante e, fiel, correu ao encontro do seu dono, que voltava com as provisões. Dirigi-me para a cabana à espera de que meu pai aparecesse no horizonte das moitas debaixo das árvores, batendo como sempre as pernas nos flancos do burro. Rusigabedra abria-lhe caminho e me alcançou no terreiro lambendo-me as mãos, como se eu tivesse de dividir com ele uma alegria comum, que ele não podia exprimir de outra maneira, mas que mostrava uma evidente satisfação pela volta de meu pai e pela comida que nos trazia em seu alforje. Seus pulos de felicidade e suas enérgicas lambidas me diziam que deveríamos participar juntos do regozijo pela chegada do pai, do dono, do pão (LEDDA, 2004: 71).

Ao longo de sua trajetória, Gavino nunca deixou de reconhecer as grandes lições deixadas por seu pai, pois sempre lhe serviram de ajuda e trampolim para a realização de seus sonhos e projetos. Entre tantas boas lembranças das lições recebidas, merece destaque a que segue:

Assim, de tanto em tanto devia interromper o meu trote. Eu parava. Apoiava o pé picado sobre o joelho da perna na qual me segurava e tirava o espinho que ultrapassara a sola dos meus pés. Com um puxão seco eu procurava fazer com que o espinho saísse sem se romper. E antes de jogá-lo longe da trilha, para evitar que me picasse uma segunda vez,

olhava bem para ver se saía inteiro com toda a sua ponta, como me ensinara meu pai (LEDDA, 2004: 43).

Durante a realização do exame de aptidão – para alcançar o posto de sargento, bastante seguro de si e familiarizado com o mundo do estudo e do trabalho, quase livre das proibições, punições e castigos do patriarca e das penúrias da vida no campo, Gavino recorda de seu passado recente:

... as lições relâmpago de meu pai continham mais ou menos aquelas respostas. Eu estava quase acostumado a esse tipo de exame. E para isso foram úteis também algumas notícias que ouvira da voz dos pastores ao longo da estrada de Siligo: eles liam “La Domenica del Corriere” e competiam em citar nomes famosos, que escutavam como se fossem sons mágicos! Claro, se a prova tivesse sido uma composição, eu teria sido irremediavelmente reprovado (LEDDA, 2004: 218).

Os pensamentos e as experiências que vão formando a personalidade e o caráter do menino parecem apontar para uma vida cíclica, de fatos que se repetem. O conhecimento oral proporcionou algumas vantagens e alguns benefícios a Gavino, quando colocado frente a frente com seus concorrentes.

Diante das histórias de *thiu* Giommaria, contadas por *thiu* Juarne, Gavino assim se manifesta:

Essas histórias me exaltavam, e estimulavam minha imaginação. Muitas vezes eu chegava a ver *thiu* Giommaria em suas façanhas contra seus inimigos. Dom Pepe, *thiu* Jonbattista. Eram uns heróis para mim: eu que não sabia ler devia guardar em minha mente os feitos daqueles personagens gigantescos, que ousavam tudo porque tudo podiam enfrentar (LEDDA, 2004: 67).

Entre tantos, três fragmentos retirados do romance justificam a escolha pelo título do presente capítulo. O berço da trajetória de Gavino é o trabalho, o sacrifício, o sofrimento e a dor. Ao longo da narrativa, as cenas dos castigos praticados pelo senhor Abramo aparecem em palavras claras e precisas, como as que seguem:

Aproximou-se de minha cama, onde eu dormia com meus irmãos. Arrancou violentamente as cobertas de cima de mim. Esfregou na minha cabeça e na minha cara a bacia de zinco, coberta de geada (*totta iddiada*) e esmaltada de gelo. Chamou-me de volta à vida. Uma coisa terrível. Depois pegou um ramo de carvalho e me bateu até sangrar durante uns dois minutos, desabafando sua costumeira ira descontrolada (LEDDA, 2004: 149-50).

Para tornar-se verdadeiramente um homem, livre e realizado, em nenhum momento Gavino desliza para o discurso panfletário, doentio, choroso e derrotista,

próprio dos homens sem vontade, sem iniciativa, nem criatividade. Em relação ao mesmo pai, autoritário e violento, podemos ver cenas encantadoras, na voz do próprio Gavino:

Mas as coisas logo mudaram. Meu pai, mesmo com a recriminação de todos, decidiu levar toda a família para o ovil. “Hoje vou para a aldeia buscar sua mãe e seus irmãos: você não ficará mais sozinho.” (LEDDA, 2004: 137).

Gavino sempre esteve mais atento aos ensinamentos do pai. Aquele homem autoritário, sem escrúpulos, crente na educação através dos castigos e das privações, pertencia a um mundo que estava prestes a desaparecer. Muito além da perversidade e da maldade daquele homem, era possível ver o bem que ele representava. São palavras de seu filho:

Quando ele se ausentava, eu devia exercer a autoridade. No começo, os meus irmãos tinham medo dos animais, dos insetos e das serpentes. Então eu devia imitar meu pai, destruindo em suas mentes os fantasmas que haviam criado sobre esses intrusos habitantes do nosso espaço (LEDDA, 2004: 139).

Agora, aquele mesmo lugar já pode ser visto com olhos diferentes. O mesmo meio revela a presença de um novo homem, segundo informam as palavras do próprio Gavino:

Tudo estava diferente agora, com a presença deles. A casa e a cabana arrumadas assumiam um aspecto nunca visto. Até o campo agora falava uma outra língua. Os gritos, os choros diários, os cantos dos meus irmãos se expandiam por todos os cantos, modificando a quietude dos vales, o silêncio nunca perturbado, que me falava secretamente, quando a natureza ria às gargalhadas na primavera ou quando, no inverno, uivava gelo e tempestade (LEDDA, 2004: 138).

Naquele ambiente hostil, no entanto, era possível ver o desabrochar de uma vida nova, alegre, brincalhona, inocente, compartilhada por meninos, cordeiros, lebres e cães. Os sonhos de uma vida melhor num outro lugar pareciam habitar apenas a mente de um daqueles meninos, conforme afirmam as palavras a seguir:

“Quando eu crescer, irei embora desta casa. Ele ficará sozinho. Vou ser *carabiniere*. Como todos os meus primos e todos os outros. Se eu crescer, vou mostrar para ele! Ou então vou emigrar para trabalhar nas minas, na América ou em algum outro lugar. Ouvi dizer que haverá emigrações. Pelo menos serei livre.” (LEDDA, 2004: 151).

Gavino Ledda nasceu em 1938, e, por esse tempo, a “América” já era representada pelos Estados Unidos e a “América da Cuccagna” representava apenas um

outro lugar que oferecia algumas oportunidades de trabalho para alguns italianos formados e com uma profissão definida. Para Gavino, a liberdade não implicava simplesmente em fugir. Os sonhos e planos que fervilhavam na sua mente mantinham um contato direto e íntimo com a realidade. O velho patriarca parecia não estar preparado para o diálogo.

Trovejou de novo com suas imprecações, como para suscitar o temporal das suas pancadas. Logo sibilou o temporal. Atrás de mim, ouvi o turbilhão. As nuvens se adensaram e o furacão estourou logo. Foi o granizo dos seus golpes. Atingiu-me de modo atroz. Os tapas se alternavam aos socos no terreno que eu ceifara, enquanto com um pontapé me jogava ao chão e com outro me recolocava em pé, para me bater com as mãos. Um de seus socos, infelizmente, alcançou-me a nuca. A escuridão me engoliu. Vi estrelas. Um turbilhão de luzes e cintilações e caí no chão desfalecido, desmaiado, sobre os restolhos (LEDDA, 2004: 153).

Quando o leitor começa a organizar um determinado raciocínio, num conjunto de impressões e valores, podendo até apelar para um discurso panfletário, vingativo e contestador, o mesmo Gavino se encarrega de desviar a atenção, em palavras assim:

Eu via meu pai podar e trabalhar suas plantinhas com um ardor incontido e com paixão quase ciumenta: acariciava-as em todos os galhos e no tronco, até as raízes, quando carpia em volta delas. Coisa que não podia fazer com os filhos (LEDDA, 2004: 163).

O homem rude, incapaz de realizar o grande salto, afastando o trabalho do sofrimento, torna-se autor de belas palavras, como podemos ver a seguir:

Pegue a enxada. Cave um buraco. Assim. Alargue-o um pouco. Afaste-se! Está vendo? Ela nunca imaginaria dar um passeio em cima de seus ombros e acabar aqui. Quando você for grande vai lembrar disso. Será uma árvore pesada, grande, alta. Você poderá comer suas azeitonas, quando for enxertada e crescer como oliveira.” (LEDDA, 2004: 166).

As palavras acima parecem apontar para um novo quadro: seguir uma tradição e através do trabalho conquistar uma vida melhor, cheia de fartura e bem-estar. O encanto é quebrado novamente, logo a seguir:

O desejo da riqueza desencadeara-se dentro de nós de maneira cega e irracional. Em suma, o egoísmo pessoal, que antes, na má sorte, fora a defesa que alimentara o espírito de conservação, agora, na boa sorte, fora transformado pelo olival em egoísmo feroz, em cego furor para o lucro, jogando uma sombra letal sobre a nossa existência (LEDDA, 2004: 167).

Além da exclusividade dos sonhos, a consciência também parece habitar apenas a casa daquele menino.

Foi uma descoberta que me estarreceu, mas que preciso confessar. Guardadas as devidas proporções, todos nós não éramos menos burgueses que aqueles que agora eu defino como tais. A mesma luta pelo lucro fundado no instinto da posse: a mesma aspiração a dominar os outros para destruí-los. Certamente, uma burguesia em gestação, mas sempre com as mesmas características e com a mesma ferocidade em querer ser tal. Com suas normas rígidas, primeiro para sobreviver e depois para abusar do poder, quando as circunstâncias o permitiam (LEDDA, 2004: 168).

As questões sociais não interferem tanto nas escolhas e decisões de Gavino. Seu olhar parecia estar voltado para um outro processo, sempre presente na vida daquela gente. A natureza estava disposta a ensinar muito mais do que podiam ensinar os homens. O menino sabia que seu tempo não havia chegado, pois:

As jovens plantinhas do nosso olival, traídas pelo clima, acordaram antes do tempo. Em pleno inverno já estavam cheias de seiva, “em amor”, crescendo como na primavera. O tempo as despertara traiçoeiramente, e elas não poderiam desobedecer à natureza (LEDDA, 2004: 170).

Para um leitor atento, mesmo romântico e sentimental, não há a possibilidade do surgimento de um quadro trágico, fechado. Os juízos de valor não apontam para o fim, mas sempre para um recomeço, observadas as reações do senhor Abramo, diante daquela desgraça:

E nervosamente quebrava e voltava a olhar. Pulou de repente em cima de outra arvorezinha. Quebrou de novo. Descascou o galho e o leu. Jogou-o em silêncio. E como louco correu em direção a outra planta. A mesma cena. Ele se debatia mais que os vagalhões de neve que o cercavam de todos os lados. Corria ofegante, quase chorando, com o rosto e os olhos cobertos de neve. E, como se alimentasse ainda alguma esperança, quebrou todas as plantas à sua volta. Lia e voltava a ler compulsivamente as cascas, afundando nelas seus polegares calosos, mas lia sempre a mesma coisa (LEDDA, 2004: 172).

Além do cumprimento das tarefas diárias diurnas – cumprir o papel de agricultor, e noturnas – cuidar das ovelhas, contando com a ajuda de seu irmão Filippo, Gavino toma uma atitude inusitada, na intenção de arrumar algum dinheiro a mais.

“*Thiu Michè?* O senhor nos dá a sua vinha para carpir?” “Se fizerem um bom trabalho, tudo bem. Eu sou exigente.” “Vamos fazer bem feito, sim. Pegamos por tarefa, mas o senhor não conte isso para nosso pai. Vamos fazer assim: nós carpimos e o senhor paga para ele. O resto é com a gente. Precisamos de um dinheiro.” (LEDDA, 2004: 175).

Depois de uma pequena espiada na consciência de Gavino, é possível descobrir que há um outro mundo a ser perseguido e alcançado, além do mundo do trabalho, do sacrifício e do sofrimento. Velada, aquela voz insistia:

Eu estava com dezoito anos e, além da paixão pelo estudo, sufocada mas mantida viva e zelosamente escondida em meu íntimo, existia também em mim, desde sempre, a paixão pela música (LEDDA, 2004: 176).

Um dia, em Siligo, Gavino decide procurar o *thiu* Gellòn e revelar-lhe o desejo de aprender a tocar acordeão. As primeiras palavras daquele tio sempre distante não foram muito animadoras:

“Só gostar não é suficiente. É preciso disposição, constância, ambiente. E muito tempo. E você deve trabalhar. Vá, vá trabalhar. Seu pai deve estar esperando por você.” (LEDDA, 2004: 180).

Gavino volta para o trabalho, mas compra uma gaita. Os contatos com a natureza e não com os mestres da música permitem que ele toque alguma coisa naquele instrumento, mas era preciso mostrar ao *thiu* Gellòn a grande novidade. Aquele mesmo homem brusco, rude e desinteressado nos sonhos do menino, ressurgiu numa outra condição:

Dava-me sempre a lição deitado em sua cama, explicando-me com boa vontade tudo aquilo que sabia, desinteressadamente. Passava-me aquilo como um tesouro, que muitas vezes lamentava não ter podido transmitir aos filhos, mortos antes do tempo (LEDDA, 2004: 183).

Para Gavino, as sensações e conquistas interiores criavam uma distância bastante grande dos demais habitantes daquele lugar, orientados e guiados pelo instinto e pelo uso da força. Ele representa a presença de um novo homem vivendo na mesma terra de mesmas mentes. Suas reflexões revelam a existência de um espírito acostumado com a tradição, voltado para os projetos individuais e também atento às mudanças em curso. Para Gavino, o sonho tornava a realidade melhor e mais bonita.

Por isso, muitas vezes, enquanto carpia ou arava, eu devorava o céu com o olhar, como se tivesse o poder de perturbá-lo e suscitar nuvens e tempestades. Os dias mais lindos para mim eram aqueles que, para os outros, eram os piores. Os dias intermináveis embaixo da chuva eram tempo precioso para o meu sonho (LEDDA, 2004: 184).

Algumas atividades ensinadas por seu pai, ao longo do tempo - ordenhar as ovelhas, lutar contra as pulgas e as raposas, carpir no olival e na vinha, deviam ser abandonadas, para dar lugar a outras, irmanando trabalho, estudo e música. Já era

tempo de enfrentar o velho patriarca, mas não como acerto de contas ou vingança. Os diálogos com o senhor Abramo trazem a marca do confronto, dos primeiros sinais de ruptura. O “conflito de gerações” passa a fazer parte da vida de algumas pessoas na comunidade de Baddevrustana também. De um lado, os instrumentos do velho patriarca – as enxadas, os podões e as pás, e de outro, os do menino – o acordeão.

As palavras do senhor Abramo parecem esconder um pouco de cortesia, carinho, afeto, resignação, mesmo quando afirma que naquele lugarejo não haveria lugar para a música, apenas para o trabalho. Naquele pequeno mundo começava a surgir um novo tempo, assim expresso em palavras:

“Se você não me comprar o acordeão, quando eu tiver dezoito anos vou embora para a Holanda ou para a Bélgica. Lá vou comprar um acordeão com o meu trabalho.” “Está bem. Mas a sua verdadeira música deve ser o trabalho.” Assim, pela primeira vez, o patriarca cedeu e deixou entrar um rebanho estranho na pastagem da sua moral (LEDDA, 2004: 186).

Para os esquerdistas de plantão, o fragmento acima registra o nascimento de uma revolução em curso. É o momento perfeito para a produção de um discurso panfletário, contestador, revolucionário e libertário. Talvez, a dedicação ao trabalho, a obediência ao pai, o contato com a natureza, os animais, os pássaros, as florestas, os cachorros, a vida solitária – mesmo sofrida e sacrificada, tenham interferido no surgimento e na formação de um espírito mais cortês e elevado.

As alternativas oferecidas pelo mundo do contrabando, tão sedutoras aos olhos de Ntoni, do romance *Os Malavoglia*, são traduzidas assim, na voz de Gavino:

“Se eu roubasse três peças de queijo, meio saco de trigo e meio de cevada? A coisa estaria feita. Porém! Roubar! Não! Não é possível. Eu não consigo.” Repetia isso a mim mesmo, com medo de ser descoberto só em pensar numa solução assim (LEDDA, 2004: 187).

Gavino não corria nenhum risco de cair em desgraça, porque a música trouxera um novo mundo, novas sensações e comoções, mesmo tão distantes daquela gente tão indiferente. Havia uma grande revolução em curso, silenciosa e vibrante:

Com vontade rude, animalesca, mas inflexível, meus dedos, calejados e deformados pela enxada, pela primeira vez tiveram a oportunidade de exprimir aos carvalhos seculares a sensibilidade de gerações e gerações jamais educadas pela música. E, através de meus dedos, o homem das cavernas, ainda intacto dentro de mim, mas sensível em toda sua humanidade, começou a abrandar-se com a música: a escavar dentro de si e a descobrir que, para além de seus campos, o mundo não acabava no horizonte, e que a mina dos seus recursos ultrapassava aquele céu, que até então conhecera. Infelizmente naquele tempo ninguém pôde

compreender minha conquista. Nem eu podia compreendê-la em todas as suas implicações. E os pastores vizinhos não podiam sentir nada além de um êxtase instintivo pela minha música, que penetrava no silêncio do bosque como água em terra seca: o lugar tinha sede de doçura. Meu pai nunca se entusiasmou com minha conquista (LEDDA, 2004: 190).

O processo de aprimoramento espiritual é longo, muito bem pensado e planejado. As tarefas que pareciam sagradas e eternas, numa mistura de trabalho e sofrimento, serviam apenas para estabelecer um novo quadro, a comunhão do trabalho com o estudo e a música.

Aos poucos, Gavino foi construindo uma outra imagem das pessoas do lugar, sem rancor e sem desprezo. A nova consciência via aquela gente assim:

As novas gerações eram obrigadas a emigrar. O rigor do inverno de suas vidas os obrigava a invadir as planícies onde haviam surgido as fábricas e onde estavam à espreita pastores especiais, que atiravam contra eles. Praticamente invertera-se a situação: agora eles eram as raposas e os lobos; as fábricas eram as planícies; os industriais, os pastores (LEDDA, 2004: 192).

Com a intenção de defender a família e demais trabalhadores daquela região, Gavino provoca uma grande confusão ao assumir uma postura de enfrentamento em relação aos inimigos ocultos, e esbravejava:

“Voltar aqui para quê? Para viver nossa morte? Para remexer pedras? Para ceifar esse trigo ressequido, debaixo do sol, para o patrão? Para ordenhar ovelhas cheias de merda ou voltar a limpar seus cus cheios de lã, para ordenhá-las melhor? Esses cus que quando estão com diarreia, nos períodos de geada ou de gelo, não dá nem para limpar de tão fechados! E tudo isso para dar metade do produto ao dono da terra, que nem sabe como se ordenha uma ovelha nem que cheiro tem o estrume do porco? Não!” (LEDDA, 2004: 194).

O caminho das conquistas individuais tinha um inimigo declarado, inevitável, muito próximo. O velho mundo das velhas tradições e da velha consciência, ameaçado e enfurecido, surgia na voz do próprio pai:

Eu tinha intenção de reagir, de chegar às vias de fato, se fosse o caso. Mas meu pai, ao invés de me ajudar e defender os nossos interesses, medroso, me acertou um tabefe em plena cara, na frente do patrão. Coisa de louco. E, para que eu me sujeitasse a *thiu* Pedru, enfureceu-se contra mim: ‘Fique quieto. Eu sei como defender nossos interesses. Isso não é da sua conta. Você não entende nada disso!’ (LEDDA, 2004: 195).

Gavino não pertence ao mundo de ‘Ntoni – o poltrão, nem ao mundo de Nanetto Pipetta – o fiel e eterno sonhador depositário da *Cuccagna*. Uma vida melhor em outro lugar é vista assim, agora:

Prantos, gritos e lamentos de idades e sentimentos diversos se erguiam de todas as partes sobre a miséria, sobre a inocência daqueles moços condenados a se refugiar em terras desconhecidas, desconhecendo seu futuro, sem saber como deveriam renascer num lugar nunca visto: em terras que só podiam imaginar. De certo, a América não era uma terrível incógnita para a população sarda, e a dor pela separação nunca havia alcançado o desespero. Na pracinha estavam muitos regressados das emigrações do começo do século para a América. E mesmo estando ali como restos de um longínquo exílio, eram o açúcar no meio do amargo menos suportável (LEDDA, 2004: 196).

Aqueles jovens – atletas da enxada e do arado -, irmãos de outros, vistos por Giovanni Verga, Aquiles Bernardi, José Clemente Pozenato, Cristovão Tezza e Luiz Ruffato, estavam fadados ao fracasso e ao desaparecimento, traduzidos nas metáforas singelas e terríveis de Gavino:

Já nos sentíamos como pássaros em liberdade. Nossas asas, porém, não funcionaram, e não pudemos levantar vôo (LEDDA, 2004: 208).

A grande revolução em curso proporcionava grandes reflexões e acusava a ausência de contato, de convívio e partilha com os demais. A voz da nova consciência insistia em afirmar que tudo deveria acontecer no seu devido tempo.

De mãos calejadas e músculos rijos, velho na atividade prática, amadurecido pelas intempéries do frio e do calor, no espírito eu era exatamente tenro. Até então eu tinha agido e reagido dentro da natureza, mas as circunstâncias nunca haviam solicitado meus recursos interiores, senão minimamente. Eu havia lutado muito, mas pensado pouco. Eu usara muito as mãos e os braços, mas o cérebro nunca fora cultivado realmente. Sempre debatera entre as coisas, nunca acima delas. Dentro do meu físico endurecido, porém, havia um entusiasmo fresco e incontido. O meu eu, que permanecera intocado com todos os seus recursos interiores, buscava a possibilidade de sair da tirania que o físico tivera de impor-lhe. Estava à espreita: pronto a se realizar, como se fosse uma reserva escondida, à espera de um eventual renascimento. De meu pai eu roubara toda a sabedoria que ele por sua vez havia roubado dos velhos, e aos vinte anos eu também era arguto, “sábio” e “velho” no trabalho. Mas, dentro de mim, meus recursos haviam permanecido como brotos sobre um tronco seco, que esperavam a estação propícia para desabrochar (LEDDA, 2004: 211).

Para Gavino, havia várias saídas, muito práticas e possíveis: abandonar tudo e fugir – a boa sorte estaria aguardando por ele em outro lugar, como bem pensava

‘Ntoni, o banditismo na Sardenha e o alistamento no Exército. Mas, quase como um troféu, uma coroa de louros, uma grande e encantadora janela surge na voz de seu próprio pai:

“Sim, agora você tira o certificado do primário. Não quero esse peso na consciência. Já está na hora. É um sacrifício que preciso fazer. Eu o tinha prometido a você, quando o tirei da escola.” (LEDDA, 2004: 215).

Gavino foi aprovado na prova de seleção. A explicação para tal conquista parece óbvia e coerente, vista de fora das interpretações panfletárias e didaticamente modeladas.

A prova oral me ajudou. Aquilo que eu ouvira desde pequeno da boca dos pastores, do meu pai e da professora não saíra mais de minha cabeça (LEDDA, 2004: 215).

O tempo ainda não é o das grandes conquistas e realizações individuais. Para Gavino, as grandes respostas para as grandes perguntas do mundo civilizado estavam nas lições recebidas de seu pai, da professora e das conversas dos pastores.

O tempo da liberdade não havia chegado. Em Cagliari, na casa do tio Tottoi, antigo agricultor, o novo mundo tornava-se muito estranho e assustador.

E, por ter já vivido a mesma experiência que eu, desde o momento em que foi me buscar na estação deu-se conta de que eu, em Cagliari, me encontrava como um animal selvagem fora do próprio ambiente (LEDDA, 2004: 216).

Pela primeira vez em sua vida, Gavino viu um chuveiro. Além de tomar banho, foi aconselhado a limpar o corpo com água sanitária. Para ingressar no exército passou por um exame físico e por uma prova oral.

Enquanto aguardava o chamamento, Gavino viveu dias de trabalho e de muita disposição, ao lado de seu pai. Chegada a convocação, ele deveria ir imediatamente para Siligo, e em três dias deveria tomar uma decisão.

Talvez, para Gavino ingressar no exército significava desistir da vida no campo, do trabalho, do estudo e da música. Os novos desafios criavam novas sensações.

Eu não sabia o que responder. Fiquei ali imóvel, parado em pé diante da escrivania, com a mente que oscilava entre o ovil, os sulcos, o arado e aquele Exército que não conseguia de maneira alguma imaginar sem pensar na palavra guerra. E, como se eu quisesse dar uma resposta a mim mesmo mais do que ao *brigadiere*, meus olhos ficaram como que cravados no uniforme dele. Minha respiração parou: a decisão dava-me medo (LEDDA, 2004: 222).

Durante os primeiros dias no Exército, a vontade de “voltar para casa” era uma presença constante nos anseios de Gavino. Ele não estava preparado para fazer parte daquele mundo. Mesmo assim, não deixava de criar algumas razões que tornassem o convívio com o mundo civilizado menos traumático.

De noite, quando voltávamos para o alojamento após a janta, eu rogava a algum amigo para que me explicasse alguma coisa. Mas, um pouco porque não sabiam, um pouco por ciúme e para eliminar um concorrente, ninguém me “dava explicações”. Eu chegava a prometer, a alguns, a metade do que eu recebia, mas não havia jeito. Cada um só pensava em si mesmo (LEDDA, 2004: 239).

No mundo civilizado, o menino sonhador continuava fiel em suas reflexões e projetos. Agora, ele está bem mais seguro, confiante e consciente ao refletir sobre sua condição e suas chances. O tempo passado no Exército servia apenas como trampolim, como rito de passagem para seus verdadeiros projetos.

“... quando acabar o prazo de alistamento, vou voltar para Siligo e consertar rádios. Vale a pena. Serei o único ali e terei trabalho. Caso contrário, terei de voltar a ser pastor, com o pensamento fixo em emigrar para algum outro lugar. E, além disso, o pessoal de Siligo vai zombar de mim: ‘O filho de Abramo não conseguiu nem chegar a ser sargento. É um burro mesmo. Até meu pai, que não sabia ler nem escrever, conseguiu’.” (LEDDA, 2004: 241).

Além de aprender a consertar rádios, projetando uma futura profissão, Gavino já falava em italiano com as pessoas, tinha bem claro na mente a vontade e a necessidade de estudar, seu grande projeto. A grande descoberta surgiu espontaneamente e ele declara bastante seguro: “Eu precisava me civilizar”. Com as novas experiências vividas e adquiridas no Exército, ele fica esperto e começa a tirar vantagens das situações, como informam as palavras abaixo:

Entre os soldados aos quais eu ensinava os regulamentos existiam alguns que haviam cursado o magistério e até o curso superior. Mas eu já era cabo. Era um superior. Tinha as divisas que me davam o direito de dar aula até aos professores. Muitas vezes, porém, era eu que recebia a lição: mandava-os ler e escutava sua dicção. Fazia-os explicar também o significado de muitas palavras. Em suma, como professor do curso de regulamentos, eu dera um jeito de aprender tanto quanto os alunos. Não me importava o valor daqueles regulamentos. Estavam escritos em italiano e isso me bastava (LEDDA, 2004: 256).

Enquanto cumpria com suas obrigações no Exército, Gavino faz projeções para um futuro bem próximo, marcado pelos seguintes fatos:

A música, o curso de radiotécnico e o terceiro ano do ginásio haviam se tornado as três pilastras sobre as quais podia construir o edifício das minhas ambições: a licenciatura em letras. Só me deteria a natureza, com a doença ou a morte (LEDDA, 2004: 263).

Enquanto participava das manobras de verão de Ravenna e pegava um bronze pela primeira vez, Gavino adquire alguns livros necessários para o quarto e o quinto ano do ginásio, além de aprofundar os estudos de grego. As pontas de inveja dos moradores próximos ao ovil pareciam as mesmas, agora provindas do pessoal do Exército. Ele já entendia muitas coisas, típicas do mundo civilizado e as absorvia com bastante naturalidade.

O fato de eu estudar durante o tempo livre (domingos, feriados e nas folgas, enquanto eles iam procurar putas) os incomodava tremendamente. Aquela aprovação e o estudo me tornavam diferente deles: eu não era apenas um sargento. Meu entusiasmo genuíno pelo estudo era sentido como um corpo estranho no quartel: chocava-se contra sua sede de mando (LEDDA, 2004: 263).

Por mais que o pai não aprovasse seus intentos e não vibrasse com suas conquistas, Gavino consegue algo muito importante, que é estabelecer um ambiente de diálogo, com a presença de perguntas e respostas e a ausência de ordens e ameaças.

“E agora, o que você pretende fazer?” “O primeiro e o segundo ano do liceu clássico, em junho próximo.” “Eu lhe digo que você está no caminho errado. Digo isso para o seu bem. Procure um trabalho. Eu estou de saco cheio. Você não pode continuar aqui. Seus irmãos vão se queixar e eu preciso defender os interesses deles.” (LEDDA, 2004: 272).

Gavino torna-se uma ameaça para a autoridade que seu pai exercia sobre os demais membros da família. Diante da impossibilidade de qualquer mudança ou abertura da parte do pai, Gavino assume uma atitude de enfrentamento, não para mudar aquele mundo ou rebaixar o patriarca.

“É verdade que você trabalhou, mas também nos fez trabalhar, com a sua ânsia de enriquecer. E isso você não pode negar. Você emprestou e empresta dinheiro para todos os parentes com juros altos.” (LEDDA, 2004: 275).

Gavino entende perfeitamente a condição de seu pai, um homem inserido num contexto geral. Sem remorsos e sem a intenção de praticar qualquer tipo de vingança, ele apenas observa aquele ambiente ainda rudimentar e bastante primitivo, pois já pertencia a um outro mundo, novo, o mundo dos estudos, da música e das realizações pessoais.

A aldeia inteira, com meu pai à frente, define-me como um louco. Para eles é uma loucura o fato de eu estudar. Eu, porém, me sinto moralmente tranqüilo: estou dando passos de gigante. Estou em movimento, enquanto eles não percebem que estão parados como rochas e as suas montanhas (LEDDA, 2004: 277).

Preocupado com seus programas e com os estudos preparatórios para o exame, pela primeira vez Gavino diz não a um pedido, ou a uma ordem, de seu pai.

Era a primeira vez que eu dizia “não” a um pedido dele. E, pego assim de surpresa, engoliu em seco. Virou-me as costas e começou o trabalho com Giacomo e com minha mãe. Era evidente que minha recusa ficara-lhe engasgada na garganta e não iria engoli-la (LEDDA, 2004: 279).

Sentindo-se desafiado e ameaçado, o senhor Abramo apresenta suas conjecturas também. Surgem novas reflexões, reveladas pelas palavras a seguir:

“Ele está se comportando como se fosse o dono daqui. Está invadindo meu campo. Esqueceu os limites do seu terreno. Está na hora de acabar com esse intruso prepotente. É preciso dar-lhe uma lição para o seu bem e também pelo dos seus irmãos, antes que os leve à ruína. Quando lhe peço que me ajude, sempre encontra a desculpa do estudo. Antes me respeitava. Agora, pelo contrário, olhem para ele! Quando eu entro em casa, é como se entrasse um burro. Antes que ele se convença de que é o patrão, é preciso fazer-lhe lembrar que aqui o patrão sou eu, só eu. Caso contrário, mais cedo ou mais tarde, ele vai mandar em mim.” (LEDDA, 2004: 280).

A maior preocupação de Gavino eram os estudos, já a de seu pai era a de garantir e perpetuar a autoridade. Um novo diálogo entre os dois mundos revela a presença de um enfrentamento direto.

“Desligue o rádio, rápido!”, disse levando a primeira colherada à boca, como para dar solenidade e exequibilidade à sua ordem, para fazê-la parecer como fato consumado. “Estou cansado, eu não sou um vadio como você. Desligue, desligue!” “Eu não executo mais ordens assim. Se não quiser ouvir, levante e desligue. Eu gosto de ouvi-lo.” (LEDDA, 2004: 281).

Gavino sabe da importância dos ensinamentos recebidos daquele velho patriarca. Estamos próximos do *the end*, e as últimas esperanças de um entendimento ou de uma reconciliação vão desaparecendo lenta e progressivamente.

O tumulto e os gritos raivosos finalmente alcançaram minha mãe e minhas irmãs, que naqueles dias estavam de férias. E elas desceram imediatamente para o lugar onde se desenrolava o drama patriarcal, onde duas culturas, ambas graníticas, estavam se chocando: agarrando-se e observando-se, estudando-se e anulando-se reciprocamente. Não podiam somar-se nem subtrair-se. Eram incomensuráveis entre si, estavam se

chocando somente no plano dos instintos. Em vão as mulheres tentaram nos separar e nos acalmar (LEDDA, 2004: 284).

O velho patrão ‘Ntoni, patriarca da família Malavoglia, morre jogado em cima de uma carroça. O patriarca Abramo encerra sua participação num quadro que parece bem mais sombrio, ainda em vida:

Quando me viu deitado no chão, pronto para receber seu furor derrotado e neutralizado na frente dos outros filhos, sobre os quais queria ainda exercer o mando, não teve coragem de tocar-me. Humilhado e mortificado, retirou-se em silêncio e fechou-se em seu quarto (LEDDA, 2004: 286).

O mundo simbólico, imprescindível para a Literatura, pode ser visto ao longo do romance. As palavras do patriarca Abramo representam o “mundo que se despede”¹⁰, presente no fragmento abaixo:

“Você fala em trabalho. Onde está o seu produto? No que você trabalha? Você rouba o pão que come. Aqui, você é um ladrão. Se não for embora, um dia desses...” (LEDDA, 2004: 276).

As palavras, as atitudes e os projetos de Gavino fazem parte de um “mundo que chega”, numa nova visão do trabalho, familiarizado com a música e o estudo. As imagens e as figuras de linguagem criadas pelo menino para caracterizar seu pai refletem as condições de um mundo de relações fadado ao desaparecimento, ou simplesmente adaptado à nova ordem.

“Você está achando difícil. Venha, venha que eu vou lhe mostrar como é a nova maneira de se comportar com as pessoas. Se puser as mãos em mim, vou arrancar esses seus chifres de touro selvagem. Vamos!” (LEDDA, 2004: 283).

Diante da impossibilidade de estabelecer qualquer diálogo *construtivo*, de provocar alguma mudança, de levar o progresso àquela aldeia, de descobrir naquelas pessoas a predisposição para ouvir e aprender, Gavino pensa em fugir. Não exatamente como um fantasma, mas como um ser que não pertencia mais àquele mundo, ouvidas algumas sugestões de um professor primário, ele decide partir para Salerno, onde poderia dar continuidade aos seus estudos.

¹⁰ As expressões “o mundo que chega” e “o mundo que se despede” foram registradas por Raymundo Faoro, no livro *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*.

TERCEIRA PARTE

TRAJETÓRIAS DA NARRATIVA ÍTALO-BRASILEIRA

CAPÍTULO VII

O QUATRILHO, A COCANHA, A BABILÔNIA: O MUNDO ITALIANO IMIGRANTE CHEGA À CIDADE

Para mim, esse decreto de cidade é para aumentar os impostos. A senhora acredita que vou ter que pagar imposto dessa minha oficina no porão? A gente trabalha e o governo leva o lucro. Dinheiro botado fora, para dar a esses bundinhas que não fazem nada. E vai ser cada vez pior. Vai chegar o dia em que o governo vai ficar com tudo e depois vai dar um prato de sopa, para não se morrer de fome.

(José Clemente Pozenato, *O quatrilho*)

7.1. NASCEM OS NOVOS, MORREM OS VELHOS

Durante o seminário “Érico Veríssimo – 100 anos: Leituras e Perspectivas”, realizado em Porto Alegre, de 08 a 12 de agosto de 2005, Flávio Loureiro Chaves afirmou que através dos romances *O quatrilho*, *A cocanha* e *A Babilônia* – ainda não publicado, José Clemente Pozenato instaura a cidadania da imigração italiana, notadamente no Rio Grande do Sul. A trilogia apresenta um cenário razoavelmente linear da trajetória dos imigrantes italianos, possibilitando a reconstituição do enredo e a fixação de um resumo sem grandes problemas nem dificuldades. Durante os 70 anos (de 1875 a 1945) passados em solo riograndense, o imigrante parece ter estado livre de problemas, pesadelos e sofrimento.

Os romances *O quatrilho*, *A cocanha* e *A Babilônia* registram um corte transversal de um tempo histórico – a partida da Itália, nos anos 70 do século XIX, até os anos 40 do século XX, na região de Caxias do Sul, a “Pérola das Colônias”.

Transformado em filme, *O quatrilho* possibilita formular algumas questões: graças aos ensaios, a personagem de um filme ou de uma telenovela sabe de tudo, mas precisa disfarçar, despistar; a personagem de um romance sabe o papel a cumprir conforme vai sendo construída pelos ensaios do narrador, mas como despistar, disfarçar, adiar, diante do leitor? A tarefa do telespectador é mais cômoda que a do leitor. No

romance, o leitor tem acesso aos segredos observando apenas as palavras e as imagens sugeridas ou recriadas. Além das palavras proferidas, as personagens de um filme ou de uma telenovela revelam muitos segredos através de gestos, olhares e tons de voz.

O deslocamento no espaço e no tempo é bastante intenso, mas linear. As cenas vão surgindo intercaladas, no meio rural, na Itália, no navio em alto-mar e na cidade. Nos romances *O quatrilho* e *A cocanha*, a presença da “italianidade” é muito forte, possibilitando a identificação da identidade cultural na valorização do trabalho, no espírito de coletividade – antes da transferência para a cidade, na religiosidade, na autoridade exercida pelo padre e na própria inocência de muitos colonos. O tempo presente vivido pelas personagens é marcado pelas lembranças do passado – marcadas fortemente pela saudade, e pelas perspectivas criadas em relação ao futuro – notadamente duvidosas e levemente esperançosas.

O mundo da ficção presente em *O quatrilho*, *A cocanha* e *A Babilônia* é um mundo de ricos e pobres, resignados e indignados, espertos e ingênuos, espertalhões e ignorantes. Nos três romances, destacadamente no último, não temos favelados desempregados miseráveis nem propagandistas do resgate das raízes, dos valores e das tradições.

Na passagem irreversível do tempo, as personagens parecem cumprir um mesmo ritual, aquele que aponta para o mundo da cidade, da diversidade cultural, mas distantes e livres das crises, dos conflitos e dos problemas, típicos do mundo globalizado. O único destino é a cidade, não havendo nenhuma possibilidade de outra escolha. O homem pode permanecer no campo, mas é visitado diariamente pelos signos, valores e costumes da vida urbana. Não há recanto, refúgio ou esconderijo para as velhas tradições.

Um fragmento do romance *A cocanha*, retirado de certas “anotações para um romance realista”, apresenta sumariamente o quadro formado pelos imigrantes italianos:

Há os que chegam aqui apenas para aguardar o fim dos seus dias, e os que vêm decididos a começar vida nova. Há os lamurientos, todos os dias na repartição, a se queixar da farinha recebida e do cheiro do charque, que para eles é carne podre. Mas há os que não se queixam, os que cerram os dentes e seguem adiante, teimosos, determinados. Há os que trabalham de sol a sol, sem descanso, e os que preferem zanzar pelas ruas ou passar o dia na taberna. Há os sóbrios e os que começam a afundar no vício da bebida: a cachaça começa por fazer estragos entre eles. Há os que têm medo – a maioria? – e os que, como Amábile, com coragem para desafiar a autoridade. Há os profundamente religiosos e há

os incréus, dizendo blasfêmias horrendas por dá cá aquela palha (POZENATO, 2000: 195).

Ângelo, do romance *O quatrilho*, Aurélio, do romance *A cocanha*, e Lourenço, do romance *A babilônia* são três exemplos importantes para o entendimento do quadro formado pela ficção do Autor. O primeiro pode ser o nome certo para o registro da prosperidade através dos negócios; o segundo, o nome ideal para representar a prosperidade através do trabalho; o terceiro, um homem urbano, estudado, vivendo sem sofrimentos e quase nenhum sacrifício.

O convívio entre dois mundos, o da identidade italiana imigrante e o da globalização, ou da diversidade cultural, pode ser observado na trajetória de duas personagens femininas: Pierina e Teresa, ambas do romance *O quatrilho*, com algumas aparições no romance *A babilônia*. A primeira representa um mundo prestes a ruir, mas que sobrevive e prospera, alcançando altos esplendores sociais. O mundo de Teresa parece triunfar, mas acaba desaparecendo, semelhante àquelas folhas levadas pelo vento a todos os cantos do universo, cenas vistas em muitos momentos da ficção de Machado de Assis, respeitadas as diferenças. No romance *A babilônia*, Teresa reaparece, vivendo em São Paulo, ao lado de Máximo, ex-marido de Pierina, companheira de Ângelo. Num determinado momento do livro, Teresa parece retornar para reclamar sua herança, mas ela simplesmente cumpre o papel de outra folha levada pelo vento.

Os três romances apresentam uma versão objetiva e desmistificada da *Cuccagna* – as palavras desenham fatos. Em *Vita e Stória de Nanetto Pipetta*, de Achilles Bernardi, o processo de desmistificação surge de forma mais sutil e comedida – as palavras desenham símbolos e imagens. Um palavra afirma explicitamente, outra sugere.

As personagens de *A cocanha* sonham com a fortuna, a boa sorte, e, principalmente, a aquisição de um pequeno pedaço de terra, para trabalhar e prosperar. Saem de um país marcado pela crise, pela fome e pelo desespero, rumo a um outro, cheio de promessas e esperanças.

No Brasil, a realidade dos primeiros imigrantes não era diferente daquela vivida na Itália, pois

O Agostinho estava com dezessete, podia ser o chefe da família no dia em que ele sáisse, para fazer a sua vida, com a sua casa, o seu parreiral, os seus filhos. A Dosolina estava também para casar, mas ficava a Bambina, já mocinha, meio sem juízo, mas juízo é coisa que vem com o

tempo e o sofrimento. *Grazie a Dio*, o tempo da miséria pior tinha passado, quando só tinham polenta para comer de manhã, ao meio-dia e de noite, e precisavam deitar antes de escurecer, porque faltava dinheiro para a querosene (POZENATO, 1997: 13).

Os fatos acima revelam a presença de um tempo que não existe mais. A sensação é clara e precisa: a inexistência da cidade, em seus atrativos e promessas. Daquele mundo da identidade imigrante italiana, parece que a heróica polenta é a única sobrevivente, estrela brilhante das noites italianas e dos jantares típicos. Há a salada de *radici*, mas, muitas vezes, o *bacon* faz lembrar do colesterol e a tradição perde muito de seus gostos e sabores.

Os rapazes e as gurias do século XXI estão todos nas cidades, trabalhando, estudando ou aguardando a boa sorte. Alguns meninos e certas meninas não esperam pelo casamento e já são pais e mães aos primeiros sinais de fertilidade. Chegará um tempo quando os bebês serão gerados nas creches, evitando tantos transtornos na luta por uma vaga, será? Fatos como sexo antes do casamento, gravidez na adolescência e mãe solteira em qualquer idade já não criam pânico entre as famílias nem recebem altos brados condenatórios de padres e pastores. As conversas e os fuxicos são reflexos gerados muito mais pelo tédio e pela rotina que por revolta ou indignação.

As personagens do romance *A cocanha* passaram pelos seguintes lugares: Roncà, Verona, Bréscia, Gênova, Ventimiglia, Nice, Marselha, Estreito de Gibraltar, Ilhas Canárias, Ilha de São Vicente, Arquipélago de Cabo Verde, Rio de Janeiro, Ilha do Desterro, Rio Grande, Lagoa dos Patos, Porto Alegre, vapor rio acima, fila de mulas, Nova Palmira, trilha que entra pelo mato, São Pedro, Campo dos Bugres/Colônia Caxias, linhas e travessões, terceira légua...

Que sonhos eles tinham no navio! Uma casa grande, cheia de filhos, muitas vacas no pasto, belas colheitas de trigo para terem pão no ano inteiro, dinheiro para se vestirem de seda e casimira, perfumes para Rosa, charutos para ele... (POZENATO, 1997: 24).

Na passagem do mundo da identidade cultural italiana imigrante para o da diversidade cultural, a sobrevivência é exclusividade das vacas no pasto. Os demais fatos sucumbiram ou sofreram modificações radicais. Os velhos casarões de madeira deram lugar a pequenas casas de alvenaria, com poucos quartos e grandes salas; nas casas das famílias globalizadas são vistos os pais e, no máximo, um filho ou uma filha – os demais estão todos na cidade; o trigo perdeu seu espaço para a soja e as pastagens para a vacas de leite – assim como os pomares, os parreirais, os bosques e,

gradativamente, as florestas e os morros; o dinheiro conquistado com o “suor do próprio rosto” já serve para vestir a casa com os signos da modernidade.

Na região de Sananduva, as conversas informais tratam de um assunto bastante relevante: os frigoríficos e os abatedouros recebem apenas os suínos provenientes de “condomínios” – porcos gerados, criados e engordados respeitando as normas técnicas e modernas exigidas pelas leis de mercado. Há um longo caminho a seguir até a conquista de uma relação harmoniosa entre os criadores de porcos e frangos e o meio ambiente. O fragmento abaixo retrata um mundo que não existe mais:

Estar ali, no chiqueiro dos porcos, nessa hora quente depois do almoço, dava a Aurélio uma sensação de saciedade. O cheiro do esterco, da abóbora mastigada, da porca amamentando os doze leitões de orelhas rosadas, era tão grosso e adocicado que se arrastava pelo chão e lhe envolvia o corpo como um cobertor. Gostava de ficar ali, com a cabeça leve, como se estivesse um pouco embriagado. Tomara, sim, dois copos de vinho tinto, mas não era do vinho o prazer que sentia. Era de ver que estava rodeado de fartura. Depois de sete anos de luta, ele era quase um senhor. Tinha seu cavalo, as duas vacas, queijos e salames guardados no porão, uma pipa de vinho, essa ninhada de leitões (POZENATO, 2000: 277).

Os sonhos dos antigos colonos imigrantes estavam voltados para a prosperidade conquistada através do trabalho e do sacrifício. Hoje, as esperanças e os sacrifícios estão voltados para o mundo da cidade ou para os bens de consumo oferecidos insistentemente e compulsivamente em todos os recantos. Não que os italianos tenham alguma descendência portuguesa, mas alguns deles, em certos lugares, já demonstram, também, “pouca disposição para o trabalho” e as intenções de tirar da terra “excessivos benefícios sem grandes sacrifícios”¹¹. Conscientemente, abandonaram a agricultura diversificada; rapidamente, aprenderam a arte de reclamar dos preços dos produtos adquiridos na cidade, ou dos caminhões que passam semanalmente nos rincões mais remotos e abandonados.

Uma passagem curta e profética – talvez não para todos os leitores, presente nas últimas páginas do romance *A cocanha*, mesmo publicado posteriormente, antecipa o que viria depois – *O quatrilho*, para a vida das pessoas comuns e para as novas intenções romanescas do Autor – *A babilônia*.

Há dias a vila de Santa Teresa está em polvorosa. O imprevisível, nem tão imprevisível, aconteceu. Grassa, neste começo de verão, uma epidemia no alojamento dos imigrantes. Está lá uma leva de algumas

¹¹ As expressões foram utilizadas por Sergio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*, referentes aos colonizadores portugueses.

centenas de polacos, morrendo como moscas. Eles já têm dificuldades com a língua. Por estranho que pareça, só conseguem se comunicar por meio de algum intérprete que fale alemão. Mas a verdadeira Babel não é essa, a Babel são as autoridades, que parecem baratas tontas. A junta municipal lava as mãos, diz que o problema deve ser resolvido pela Comissão de Terras, e esta acha-se acéfala. Ou com tantas cabeças que uma não atina com o pensar da outra (POZENATO, 2000: 284).

O estágio atual da vida no campo e nas cidades pode ser resumido através do seguinte quadro: os atrativos urbanos continuam exercendo um fascínio muito poderoso sobre as pessoas do meio rural – os jovens vão parar nas cidades, hipnotizados por sonhos e fantasias; passam a maior parte dos seus dias na cidade, na sala de aula, pesquisando na biblioteca, praticando educação física, fazendo cursos de computação, ensaios teatrais; muitos velhos acabam na cidade, vivendo na solidão e no silêncio. Por outro lado, para as pessoas da cidade, a nobreza, o descanso, o lazer e a admiração podem ser encontrados no campo, às margens de rios e lagos. A aquisição de um sítio ou de uma chácara é sinal de prosperidade, abastança, a garantia de paz e sossego.

Mas, o mundo dos paradoxos humanos sobrevive, apesar de tudo. O homem da cidade deseja encontrar o sítio ou a chácara em condições originais, as mais rústicas possíveis. O homem do campo prefere mostrar um ambiente progressista, bem cuidado, limpo. Tirar leite de uma vaca manualmente pode ser sublime, mesmo exótico, para o homem da cidade, mas uma vergonha e um atraso para o colono. Para os habitantes da cidade, o velho chapéu de palha pode ser uma amostra da verdadeira identidade colonial; para quem usa, pode ser sinal de pobreza e rebaixamento. Por outro lado, em dias especiais, de festas típicas, o velho chapéu de palha abandonado, rasgado e desprezado retorna com todo seu esplendor e glória

As relações entre as duas consciências sobrevivem apenas pelo viés das aparências, do disfarce e da hipocrisia. Os antigos sonhadores eram ignorantes, mas desinformados; os novos sonhadores são super-bem-informados, mas parecem ser muito mais ignorantes. Nas relações com o outro e com o meio ambiente, o desaparecimento da fé, da desinformação e da inocência implica progressivamente no surgimento da esperteza, da velhacaria e da perversidade.

Hoje, aquela América transformada numa bela e acolhedora *Cuccagna* pode ser vista como uma visão, muito mais terrível do que pessimista: virá a cidade, o bairro, a favela, e as pessoas irão para um outro lugar, exatamente para o mesmo lugar, sucessivamente. Os sonhos alimentados pelas promessas dos governos e dos

agenciadores da imigração são alimentados por jantares típicos, noites italianas, dia da cuccagna, programas radiofônicos, efêmeros e fantasmagóricos.

O destino final do caminho percorrido pelos antigos colonos imigrantes pode ser visto na SOERAL – Sociedade Esportiva e Recreativa Alegria, no Parque da Redenção, em Porto Alegre. Lá, os velinhos italianos – e de outras gentes, jogam, conversam, riem e passam boa parte de seu tempo. Talvez, fosse mesmo necessário, urgente e derradeiro criar o MTI – Movimento Tradicionalista Italiano, ou o CTI – Centro de Tradições Italianas, transformando, como fazem os gaúchos de marca maior, praticamente todas as raízes, valores e costumes em promoção social, em mercadorias, em objetos ilusórios de compra e venda.

Nas “trajetórias das narrativas ítalo-brasileiras”, encontramos algumas situações bastante parecidas, que se repetem ao longo do tempo. Em linhas gerais, as pessoas parecem estar acostumadas, consciente ou inconscientemente, com o bom exemplo das teorias e o mau exemplo das práticas. Mesmo diante do predomínio do Mal, vale o discurso e a crença na vitória final do Bem. Vistos pelo viés da inveja, da incapacidade ou da inutilidade, os fortes, os vencedores, os bem-sucedidos não servem mais como heróis, modelos ou guias. Em todas as esferas, em todos os níveis sociais, em todos os recantos há a consciência e a aceitação de que os fracos estão fadados ao fracasso, restando aos mesmos o direito de protestar e reivindicar. Os discursos dos representantes dos sindicatos e os dos padres petistas são exemplos emblemáticos, nos programas radiofônicos, nas reuniões ou nas missas.

Nos romances estudados, e também em *Os Malavoglia*, *Vita e Stória de Nanetto Pipetta* e *Pai patrão*, notadamente, os pobres, os oprimidos, os fracos e os vencidos – sem serem covardes, têm plena consciência das artimanhas, falcatruas, jogatinas e ilegalidades praticadas pelos ricos e poderosos, mas sua única alternativa é calar ou observar à distância. O fragmento abaixo é esclarecedor:

O que podia parecer vontade de ajudar era de fato vontade de ganhar, numa luta de unhas e dentes. Era preciso ser muito duro para participar desse jogo. Os fracos seriam deixados na beira da estrada, sem piedade nenhuma. Só teria ajuda quem fosse capaz também de ajudar. Era visto que Gaetano Padovan não viera para a América praticar a bondade. Ia manter o coração duro e mau, sem jamais cair na tentação de amolecer. Estava certo. Quem fosse poltrão, ou cedesse aos bons sentimentos, não teria a sua cocanha (POZENATO, 2000: 104).

A pergunta poderia ser elaborada assim: o coração de Gaetano Padovan deveria permanecer “duro e mau” por estar livre dos conselhos e ensinamentos da Igreja, ou é apenas a expressão de uma consciência clara e precisa da verdadeira condição humana?

Os caminhos e os objetivos que conduziam à “Serra” nem sempre eram os mesmos. A história da personagem José Bernardino, do romance *A cocanha*, soa como algo deslocado, como podemos observar nas palavras que seguem:

Nascido na capital da Província, com um bom emprego na Fazenda, um nome admirado nos meios literários, trinta e seis anos de idade, vinha embrenhar-se na selva selvagem e áspera, como funcionário da Comissão de Terras. Um pouco pela vontade de exilar-se, mas principalmente com a esperança de melhorar de saúde nos ares bons da serra. A cidade de Porto Alegre não passava de uma cloaca a céu aberto. Mas não era sua primeira aventura. Mal nascia o buço, havia se alistado como voluntário na guerra contra o Paraguai. Nem por isso considerava-se herói. Naqueles anos ferozes, quase não havia família na Província sem um de seus filhos em combate contra o ditador Solano. E antes do fim da guerra tivera de voltar a Porto Alegre, doente, sem poder esperar o último assalto (POZENATO, 2000: 173).

José Clemente Pozenato pode ser leitor e admirador de Dante Alighieri. Não há informações seguras a respeito da leitura do soneto **Convalescente**, de Civita Cartier, nascida em 1893, e falecida em 1919. Para alguém que conhece José Bernardino e o poema, não há como negar a existência do intertexto.

Eis o soneto:

Por vontade espontânea, resolvi
Passar na serra larga temporada.
Dizem todos que, aqui, recuperada
Hei de haver a saúde que perdi.

Longe da sociedade em que vivi
Onde, talvez, nem seja mais lembrada.
Irei gozando, mesmo desamada
A solidão poética daqui.

Mas... Certo dia eu tornarei altiva
À multidão que numa roda viva
Goza e sofre num ar de agitação.

De paz irá, então, meu ser trajado
De saúde meu corpo iluminado;
De versos... um punhado em cada mão.

O estabelecimento da intertextualidade, dos diálogos realizados entre autores e obras, não é exclusividade das teorias ou dos modelos teóricos. As leituras e análises pelo viés do intertexto serão sempre originais, únicas e subjetivas. “Subjetivas”, não no sentido das impressões pessoais, emocionais ou sentimentais, mas das experiências individuais, racionais, portanto científicas.

José Clemente Pozenato não deve ter criado a personagem José Bernardino por conhecer a história de Civita Cartier, contada num soneto intitulado **Convalescente**. Em suas intenções, sugestões e expressões, o romance *A cocanha* não exige própria e exclusivamente a análise pelo viés da intertextualidade. Muitos leitores, ensaístas e críticos passam indiferentes diante da experiência de uma personagem romanesca e da história de vida de um *eu-lírico* feminino, que busca saúde junto aos ares da *Serra*.

Talvez, “fazer o texto falar” não significa posicionar-se distante dos modelos teóricos e dos conceitos consagrados e sacralizados. Alguns podem entender como a abertura ou a permissividade para a exposição de impressões pessoais aleatórias, vagas e imprecisas. Pelo viés da intertextualidade, será possível “fazer o texto falar” racionalmente, cientificamente, com a simples prática da leitura.

As duas personagens, a do romance e a do soneto, buscaram na Serra a saúde perdida. No fim ao cabo, levando em consideração a longa trajetória humana, uma delas – talvez próxima das grandes tragédias dos jovens poetas românticos do século XIX, não encontrou a saúde tão sonhada, mas, sim, outra coisa, talvez muito mais importante e bela, resumida num soneto, tão sugestivo, singelo e também terrível.

7.2. DOIS PADRES, DOIS MUNDOS

Uma forma de entender o universo ficcional presente nos romances de José Clemente Pozenato é fazer um levantamento minucioso dos fatos que revelam a convivência pacífica e diplomática de dois mundos, distantes e distintos. Além dos mundos de Aurélio e Ângelo, Pierina e Teresa, da figura tosca de Ângelo e da imagem depurada de Máximo, dos pais e dos filhos, dos velhos e dos jovens, dos saudosistas e dos futuristas, temos os mundos dos padres Giobbe e Gentile, personagens do romance *O quatrilho*. De um lado, a convicção dos medíocres e dos tolos; de outro, a dúvida e a indecisão dos que pensam, transpassados de imaginação. No romance *A babilônia*, o

padre Giobbe retorna para morrer, assustado com as novidades e as mudanças do mundo exterior, mas em silêncio.

Ainda na Itália, os fiéis, pobres e esperançosos imigrantes ouvem emocionados as últimas recomendações da Igreja. Na voz do narrador do romance *A cocanha*, as palavras eram as que seguem abaixo:

O sermão tem um tom grave, repleto de últimas recomendações, de alusões a uma despedida sem retorno, como se o padre fosse um capelão de guerra dando a bênção antes de uma batalha. Não poucas mulheres enxugam as lágrimas e, nos bancos dos homens, as tossidas se multiplicam. A emoção e os soluços ficam quase incontroláveis quando, para encerrar a cerimônia, o padre benze e entrega aos que partem um quadro com a efígie da *Madona*, para que ela os acompanhe na viagem e os faça lembrar sempre da fé católica e romana de seus pais (POZENATO, 2000: 12).

No final do livro, surge a figura do padre Giobbe, recém-chegado da Itália, personagem importante na construção da trama do romance *O quatrilho*. Seus sentimentos e expectativas são vistas assim, na voz do narrador:

No passo lerdo da mula, padre Giobbe abriu o breviário para ir adiantando a leitura dos salmos. Mas logo o fechou e guardou. Era incapaz de ler se não estivesse com os pés no chão ou bem firme numa cadeira. Além disso, não ia poder se concentrar. Os pensamentos teimavam em ficar voando ao redor dele. Fazia apenas um mês que chegara da Itália para atender as colônias e ainda se sentia dolorido, como se estivesse em carne viva por dentro, com o sofrimento que via em cada lugar que visitava. Imaginara que seria assim, mas imaginar e ver de perto eram coisas bem diferentes. Essa pobre menina Rosa, por exemplo. Apenas trinta anos e cheia de rugas, a boca quase sem dentes, os fios brancos de cabelo que o lenço deixava escapar. Gema lhe contara das desgraças da vizinha, o marido desanimado de tudo, tomando um porre a cada fim de semana, e lhe pedira que ele dissesse a ela algumas palavras de coragem (POZENATO, 2000: 336).

O mundo do padre Giobbe aparece repleto de reflexões, esperanças, divagações, perturbações e desilusões. A imagem que ele tem dos antigos imigrantes pode ser observada claramente no fragmento abaixo:

Em quase trinta anos de padre, dez deles na Itália e os restantes na América, onde com certeza deixaria os ossos, teria celebrado mais de mil casamentos. E depois de cada um deles lhe vinha essa tristeza. Não era inveja, ao contrário. O caminho que Deus escolhera para chamá-lo à vida sacerdotal tinha sido, talvez, o medo de enfrentar a mesma miséria e as humilhações do pai, camponês nas terras de um senhor de Bolzano. Entendia muito bem a pobre gente que juntara seus miseráveis pertences e atravessara o mar, numa casca de madeira, para tentar a aventura na América. Era pra cá que seu pai teria vindo, se não tivesse morrido ainda

jovem. Para cá tinha vindo ele, trazido por um impulso, que podia ser talvez virtude ou, mais provavelmente, uma simples compulsão humana, destituída de merecimento (POZENATO, 1997: 17).

Corre sorrateiramente entre as conversas de pessoas, nobres ou comuns, um fato bastante ilustrativo: os padres e as freiras assumem a vocação religiosa para viverem longe dos problemas da família. Quem sabe, seja mesmo muito mais fácil e cômodo esbravejar aos quatro ventos: “Faça o que digo, mas não faça o que faço”.

O mundo revelado pelas palavras, impressões e conselhos do padre Gentile é marcadamente diverso e diferente. Enquanto as palavras do padre Giobbe estão voltadas para os fatos, as experiências e as verdadeiras condições humanas, as do padre Gentile estão voltadas para um mundo ideal, irreal, das promessas e fantasias. Carregado de bons sentimentos e das melhores intenções, ele não consegue disfarçar a hipocrisia e o discurso panfletário. Pierina é a melhor testemunha das sombras enganosas que as palavras abaixo tentam esconder:

- Lamento, sinceramente, o que aconteceu – começou o padre Gentile, compungido. – Deve ter sido um golpe muito duro. – Mas deve ver nisso, antes de tudo, a vontade de Deus. Foi uma provação para aprimorar a sua virtude. Não quero que fique preocupado, mas vão vir maiores dificuldades. Grandes tentações. Acho que sabe o que eu quero dizer. Sua mulher cedeu à tentação da carne, e você não tem nenhuma culpa disso. Mas vai se tornar também culpado se cair na tentação, como ela. Entende o que eu quero dizer, não é? Você não pode mais casar, Gardone. Acho que sabe disso. É a cruz que Deus Nosso Senhor lhe reservou. Deve portanto carregá-la com paciência, e muita oração. Não pode casar. Não pode viver com outra mulher. Pior ainda se ela for também casada. Seria horrível, uma coisa abominada por Deus (POZENATO, 1997: 183-4).

O padre Gentile é o pregador da “boa nova” através das velhas verdades, envoltas em disfarces, simulações, sutilezas e hipocrisias. O discurso é organizado de tal forma que tudo e nada é absoluto, ao mesmo tempo. O padre Giobbe é representante do mundo antigo, quando a esperança, a fé, a humildade e a coletividade conseguiam mover montanhas. Sua dor é pelo desaparecimento desse mundo ideal, mas ainda possível: um mundo de artistas, pensadores, inventores, mentes inteligentes, competentes, responsáveis, livres de influências políticas e ideológicas. Um homem sem partido e sem ideologia não necessariamente deva ser um verme, um rato, um idiota, um estorvo, a inutilidade completa.

Para ilustrar, seguem algumas palavras de Norbert Elias, a respeito das “atitudes partidárias”:

Eu próprio estava envolvido. Mas contra a dissimulação. Não suportava que elas pudessem exprimir-se apenas em termos ideológicos. Num tempo, evidentemente, superei o pensamento de Mannheim: enquanto ele se aferrava à idéia de que tudo era ideológico, de meu lado eu pretendia desenvolver uma imagem da sociedade que não fosse ideológica. E consegui (ELIAS, 2001: 45).

Alguns pesquisadores, pensadores, teóricos, filósofos e sociólogos defendem com todo o ardor, a indignação e nos mais altos brados o engajamento, a fidelidade, a construção da cidadania e a entrega total a uma postura ideológica, coesa, coerente, engajada e participativa.

As palavras e as angústias do padre Giobbe parecem perguntar: o que é preciso – e melhor – deixar morrer para ficar apenas na memória e nas lembranças de algumas mentes humanas, para não ser prostituído, ultrajado e pisoteado pelos novos seres que vão surgindo na face da Terra?

O mundo das idéias e visões do padre Gentile também está dividido. Enquanto Pierina e Ângelo eram apenas colonos que ganhavam o pão com muito suor, dedicação e sacrifícios, ele falava assim:

Quando vier a tentação, procure pensar na morte, no juízo final, no fogo do inferno. Sabe por que eu digo isso? Não vou esconder. Sei, estou bem informado, que você continua morando na mesma casa com aquela mulher. Você vai me dizer: nós tomamos providências, está um jovem morando conosco. Eu louvo essa prudência. Mas tenho, diante de Deus, a obrigação de prevenir o mal. O pecado é traiçoeiro. Por maiores cuidados que se tome, pode-se cair na sua rede. É um conselho de pai que eu lhe dou. Afaste-se dessa mulher como se ela fosse o demônio. Não levante os olhos para ela. Essa mulher pode ser a perdição da sua alma. Por isso o meu conselho: saia daquela casa. Certamente encontrará algum vizinho caridoso que lhe dê um teto. Não posso exigir que vá para outro lugar. Seus negócios todos estão em San Giusepe. Mas até isso, se lhe for possível, sem muito prejuízo, eu aconselharia. Mais vale a salvação da alma do que um ou dois contos de réis. Prometa que vai seguir o meu conselho (POZENATO, 1997: 183-4).

Um bom homem pode ser aquele que paga em dia seus tributos à Igreja, mesmo que cometa pecados, traições e adultérios. Um homem mau pode ser aquele que não cumpre seus compromissos tributários com a Santa Mãe Igreja, mesmo sendo um legítimo seguidor de Jesus e praticamente um santo. Para qualquer ser humano, dívidas pagas implicam em sossego, serenidade, tranqüilidade e paz, uma verdade universal.

Através do trabalho, dos negócios e de certas estratégias, os homens podem prosperar e enriquecer. Assim, as palavras do padre Gentile já são outras:

- Uma escorregada ou outra não faz mal – piscou cúmplice o olho o padre Gentile. – Para isso existe a confissão. O importante é o compromisso, o bom propósito de viverem como irmãos. Se uma vez ou outra caírem, eu já disse, existe a confissão (POZENATO, 1997: 206).

Parece que o mundo das alegrias, das grandes conquistas, dos grandes méritos, das mais apetitosas fatias e das mais abundantes recompensas está destinado aos espertos, sorrateiros, farsantes, vendilhões, falsários e hipócritas. Mesmo na confissão, um sujeito que não aprendeu a mentir, a disfarçar, a enganar, está fadado ao fracasso, ao desaparecimento, à condenação. Por que será que as penitenciais perderam tanto seu valor?

O padre Gentile parece sugerir um quadro bastante complicado, mas ilustrativo: você peca, eu sei; você confessa tudo, eu perdôo; eu sei que você pecou, mas não sei se você confessou todos os pecados cometidos; você deve apenas se confessar e eu devo apenas acreditar que você se confessou plenamente; ciente de suas obrigações perante a Igreja, você deve ficar com a consciência tranqüila.

Na visão do padre, a confissão assume uma função bastante distinta daquela apresentada pelo padre Giobbe, conforme revelam as palavras abaixo:

O que lhe causava mal-estar era o brilho de esperança que via nos olhos dos noivos. Uma esperança que ele sabia destinada a durar muito pouco tempo. Tinha pena principalmente das noivas, atraentes, risonhas como uma rosa desabrochada de manhã, que ele voltaria a ver daí a alguns anos, envelhecidas, feias, com o sofrimento e a resignação escondidos no fundo dos olhos tristes, revelados com lágrimas no confessionário. Por isso é que lhe fazia tanto mal celebrar um casamento (POZENATO, 1997: 17).

O mundo do padre Giobbe está fadado ao desaparecimento, porque ele acredita na prosperidade e na felicidade através da dedicação, da honestidade, da coletividade, do zelo e do trabalho. É bem provável que alguns estudiosos afirmariam ser um dos dois padres o *alter-ego* do Autor. Lido e analisado o romane *A babilônia*, a questão perde seu valor e seu sentido.

O mundo do padre Gentile será o mundo dos vencedores e bem sucedidos, porque seus mandamentos pregam a esperteza, o faro dos negócios – em *Quincas Borba*, a família Palha; em *Esau e Jacó*, a família Santos -, o poder do perdão oblíquo e dissimulado – não o perdão, mas o olhar de Capitu, o tapinha nas costas, os arranjos, as adequações e os acertos que o dinheiro e o poder econômico podem sugerir e implantar.

As velhas relações sociais, proporcionadas ou motivadas por eventos religiosos, parecem ter sofrido algumas pequenas modificações, observadas as palavras que seguem:

Aliás, tenho a impressão de que a missa de domingo é menos uma devoção do que uma oportunidade de vida social e, mesmo, de diversão. Os comerciantes ao redor da praça preparam carnes assadas e põem à venda vinho, cerveja, gasosa, laranjas e até bananas, vendidas a um preço dez vezes maior do que na capital (POZENATO, 2000: 198).

Não há absolutamente nada a declarar a respeito de eventos religiosos pós-modernos, como as romarias a Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora Consoladora, Nossa Senhora do Caravaggio e ao Santuário de Madre Paulina, por exemplo. Dizem os cronistas que, nesses eventos, muitos seres humanos não perdem a oportunidade de montar suas banquinhas para ganhar alguns trocados, vendendo os mais variados produtos e as mais diversificadas mercadorias. O padre Gentile deve estar muito feliz.

7.3. DIÁLOGOS SOBRE O NADA

Um homem pós-moderno – urbanizado, estudioso, grande leitor, artista -, não conseguirá compartilhar novas e belas descobertas nem dialogar com as pessoas em geral, da cidade ou do campo. Talvez, o mundo dos autores estudados tenha sobrevivido graças aos livros e não aos contatos mantidos com os fatos, as pessoas, princípios, costumes e valores de seu tempo. Para esses homens, o silêncio e a solidão cumpriram um papel fundamental; a perplexidade foi transformada em palavras e imagens ficcionais.

Os contatos mantidos com algumas pessoas que vivem na cidade e no campo dos municípios de Sananduva, São João da Urtiga, Paim Filho e Maximiliano de Almeida confirmam a tese: aos tolos, a convicção; aos ébrios de imaginação, a dúvida e a indecisão.

Da janela da casa do sítio da minha terra natal, é possível observar alguns quadros do mundo rural dos primeiros anos do século XXI: o trator de destoque transformando florestas inteiras de árvores nativas, de madeiras nobres, como araucárias centenárias, em terreno propício para o plantio de soja; as margens do rio ocupadas por pastagens para as vacas leiteiras; algumas famílias pensam em acabar com as galinhas caipiras porque ficam ciscando onde é o lugar do milho, da soja ou do pasto; os colonos

pós-modernos daqueles mundos têm plena convicção de que cultivar um parreiral para produzir vinho de ótima qualidade para consumo próprio é uma atividade antiga, típica de homens escravos, velhos e atrasados. Não só para um artista ou um estudioso, mas também para um simples leitor, a companhia da solidão e do silêncio torna-se imprescindível. A pergunta mais rasteira e ignóbil é: de que adianta ter consciência?

Além de todos os seus versos e as suas prosas, Fernando Pessoa assina também *Aforismos e afins*, onde podemos ler:

Só quem nunca pensou chegou alguma vez a uma conclusão. Pensar é hesitar. Os homens de ação nunca pensam (PESSOA: 2006: 50).

O singular poeta português pode ser considerado de outros tempos, praticamente antigos. Mas nunca é demais lembrar de uma autora atual, “contemporânea”, que apareceu no mercado editorial, recentemente, com uma obra cujo título pregava aos quatro ventos do universo que *Pensar é transgredir*.

As primeiras idéias a respeito dos “diálogos sobre o nada” surgiram da leitura do romance *Mamma, son tanto felice*, de Luiz Ruffato. Em momentos de desespero, desilusão e de solidão extrema, Carlos conversa com sua mãe sobre questões cruciais, sem chegar a lugar algum, carcomidos pela separação e pela distância, pertencentes a dois mundos assustadoramente estranhos.

As conversas realizadas entre as personagens estão muito próximas dos desencontros absolutos e da negação total. São exemplos emblemáticos os diálogos de J. Mattoso com os companheiros, amigos, colegas da escola, vizinhos, os funcionários da editora em Curitiba, a repórter da revista *Sul* – no romance *A suavidade do vento*, de Cristovão Tezza; os diálogos do padre Giobbe com seus paroquianos, no romance *O quatrilho*, de José Clemente Pozenato; a maior parte dos diálogos realizados entre as personagens do romances *Os Malavoglia*, de Giovanni Verga, *Pai Patrão*, de Gavino Ledda, *Juliano Pavolini*, de Cristovão Tezza, *Mamma, son tanto felice*, *O mundo inimigo* e *Vista parcial da noite*, de Luiz Ruffato; entre outros.

O romance *A cocanha*, de José Clemente Pozenato, objeto de estudo do presente capítulo, oferece momentos preciosos desses “diálogos sobre o nada”. O mundo real, mesmo dentro da ficção, pode ser visto nas palavras abaixo:

“Toda esta terra é nossa”, ela dizia, “vamos ter aqui muitos filhos.” Mas um trovão surdo começou a vir de nuvens distantes, cada vez mais forte, e o sol desapareceu. Aurélio deu um salto e puxou com ele a mulher. Precisavam fugir antes de cair a tempestade (POZENATO, 2000: 21).

O mundo real, conforme o sonho de Aurélio, pode ser observado no fragmento a seguir:

- Sonhei que estava na América. Nós dois. – E aí? É um lugar bonito? – Muito. Muitas flores. Tu estavas deitada no meio das flores. De vestido vermelho. Como o daquela propaganda no navio, te lembras? – Ah, que bonito! E depois? – Me disseste que vamos ter muitos filhos. Ela apertou-lhe os dedos, sorrindo, e seus olhos brilhavam. Ele não quis contar o resto do sonho. A tempestade que vinha, eles correndo para fugir. Seria isso um mau augúrio? (POZENATO, 2000: 21).

No romance *O quatrilho*, as palavras tornam-se importantes apenas em seus sentidos subliminares. Não há espaço para a sinceridade e a confiança, porque os interesses de Ângelo e os de Teresa não são os mesmos. O mundo dela já é o mundo de Máximo, galante, atencioso, de fino trato, perfumado e bem vestido – o mundo das “aparências rutilantes”. Ângelo é o mundo do trabalho, do suor, do cheiro de chiqueiro e de estrebaria.

Chegaram à beira do arroio e Teresa tirou os tamancos e ergueu um pouco o vestido para andar dentro da água. – Melhor não – falou Ângelo preocupado –. Sempre pode ter alguém olhando. No mesmo instante Teresa perdeu a vontade de cantarolar. Saiu da água e enfiou os pés molhados no tamanco. – Aconteceu alguma coisa? – quis saber o marido. – Não, nada. Me deu um pouco de dor de cabeça. Deve ser do sol. – É, o sol está para chuva, queimando. E foste botar os pés nessa água gelada. – Deve ser isso, sim. Sou mesmo uma estúpida (POZENATO, 1997: 28).

O fino trato e a atenção dispensada por Ângelo servem apenas para criar uma distância ainda maior entre os dois. A submissão, representada pelo dor de cabeça e pela condição de “estúpida” – para um leitor atento, óbvio, servem apenas para satisfazer aos reclames do marido. “Erguer um pouco o vestido” pode ser expressão de naturalidade, espontaneidade, inocência, mas “estar com dor de cabeça” e “ser estúpida” apontam para o mundo de conotações banais e fúteis.

As personagens não conseguem dialogar por serem ignorantes, inocentes ou desinformadas, e a ausência de sinceridade e de confiança é a marca maior dos tons que envolvem suas conversas. Em nome de interesses e ambições individuais, mesmo na relação marido e mulher, pais e filhos, irmãos e irmãs, padres e fiéis, amigos e vizinhos, os assuntos são ordenados e direcionados pelo viés da mentira, do disfarce, da hipocrisia. Na busca e na realização de objetivos, mesmo dos mais mesquinhos, as pessoas parecem desconhecer remorsos e escrúpulos.

Ignorantes, mesmo bem informados, os homens pós-modernos vivem confusos e desnorteados. As invasões patrocinadas pelas novas igrejas e pelos partidos políticos,

marcados pelo tom “de esquerda”, criaram as maiores confusões nas mentes e nos corações das pessoas mais humildes, pouco esclarecidas e menos estudadas. Quanto mais elas avançam e crêem nas novidades e nas novas promessas, mais criam guetos. Apesar de tantos avanços, algumas características *antigas* continuam desfilando pelas ruas e estradas da pós-modernidade. No romance *A cocanha*, o narrador informa:

Ninguém tem coragem de reclamar, de protestar. Ficam resmungando pelos cantos, como comadres, mas têm medo de erguer a voz. Têm medo de perder as migalhas que estão recebendo. Mas eu sei por que são assim. Aprenderam dos padres que se deve suportar tudo com paciência e resignação. Já era assim na Itália, quando os senhores faziam o que bem entendiam, com as bênçãos da Igreja (POZENATO, 2000: 192).

No romance *A babilônia*, os diálogos entre as personagens parecem apontar para uma mesma direção: o desfecho com final feliz. Ao longo do livro são raros os momentos que transformam as intenções e as palavras em ações. Alguns diálogos poderiam ser banidos do livro, sem deixar grandes lacunas, como pode ser observado a seguir.

7.4. O ROMANCE E A TESE

Publicado em 2006, depois de *O quatrilho* (1985) e *A cocanha* (2000), o romance *A Babilônia* encerra a trilogia do Autor, conforme consta nas abas da primeira edição. A respeito da questão da imigração italiana no Rio Grande do Sul. O texto foi aceito e aprovado como tese de doutoramento na PUC/RS, em 2005. Angelo Gardone, já como industrialista, Pierina, o padre Giobbe, o cônego Gentile, Teresa Gardone (agora Boschini, esposa de Massimo) e algumas personagens secundárias, voltam à cena romanesca, como participantes da vida urbana caxiense, até os anos 40 do século passado. Nas páginas do romance *O quatrilho*, essas personagens viviam no interior, dedicadas e interessadas nos serviços da roça, familiarizadas com as tradições italianas.

O padre Giobbe morreu de velho, dormindo, sorrindo, mas inconsolável diante das novidades e mudanças do mundo exterior; Ângelo, de ataque, porque passou a sentir umas pontadas no peito; e Pierina, envolta em reumatismo, tremedeiras nas mãos e catarata, morreu deserddada e esquecida numa cadeira de balanço.

Personagem central do romance, Lourenço Boschini é o maior representante de uma nova geração de descendentes italianos imigrantes, adaptados ao ambiente urbano, na cidade de Caxias do Sul, em seus primeiros surtos de industrialização e desenvolvimento, no final da primeira metade do século XX. Estudado, politizado e bastante viajado, não apresenta nenhum remorso ou ressentimento em relação ao passado, preocupação ou ânsia alguma em relação ao presente, e nenhum sobressalto ou assombro em relação ao futuro. Sua vida pode ser considerada, concomitantemente, amena, fútil, tumultuada e participativa.

Na ainda jovem cidade de Caxias do Sul, os signos da modernidade, como automóvel, gramofone, eletrola, rádio, geladeira, campainha elétrica e telefone, estão presentes na vida das famílias mais abastadas. Não é o tempo, ainda, da televisão, nem do computador, e algumas mulheres, como Pierina, continuam fazendo sua marmelada nos fundos da casa. Essa atividade foi praticamente abandonada pela grande maioria dos novos habitantes da cidade. As filhas de Pierina não trabalhavam por causa do estudo, das aulas de piano, das aulas de Francês, entre outras obrigações. Ao longo do texto, graças ao jovem Lourenço, acontecem discussões acaloradas e bastante descontraídas a respeito de alguns temas, como luta de classes, exploração da mão-de-obra feminina, a construção do Comunismo, as idéias de Carl Marx e as novas regras a serem implantadas na fábrica do industrialista Ângelo Gardone, seu padrastrô. Esperto e astuto nos negócios, o industrial afirmava categoricamente que aprendera tudo na “escola da vida”.

Enquanto os homens trabalhavam, as esposas passavam as horas sem seus afazeres domésticos. Nas horas vagas, as conversas entre as mulheres envolviam os mais variados assuntos, merecendo destaque a compra de um novo mosquitoireiro bordado, trazido de Porto Alegre, as suspeitas de traição e adultério da parte dos maridos, a nova mobília da casa, os cuidados com a beleza e conservação do corpo, a compra de jóias e roupas caras, as intrigas na hora de dividir a herança, entre outros. A palavra “amante” era uma sombra que roía as entranhas de boa parte daquelas donas-de-casa, oriundas do mundo simples e humilde da colônia. Na sua maior parte, esses assuntos serviam para causar inveja ou impressionar as amigas e vizinhas.

Depois de muita insistência da parte de Pierina, Ângelo Gardone decidiu comprar um telefone residencial. A chegada do aparelho naquela casa, e diante das insinuações apresentadas por uma amiga, Dona Gervásia, uma terrível suspeita nascia naquele lar: ele comprara o aparelho porque tinha uma amante. Pierina já havia sido

abandonada pelo primeiro marido, Massimo Boschini, nas páginas da obra anterior, *O quatrilho*.

Dedicado integralmente aos seus princípios ideológicos, Lourenço Boschini parece viver num outro mundo. Os fatos e as pessoas que fazem parte da vida diária do rapaz vivem num outro mundo, distante do mundo de sua família. Enquanto Pierina está preocupada com sua marmelada e Ângelo com a prosperidade da sua indústria, Lourenço vai tentando sobreviver às próprias custas, cumprindo com as suas obrigações de trabalhador comum, mas, decididamente, dedicado, concentrado e engajado em suas atividades políticas, chegando a viver algumas vezes na clandestinidade. Sua vida pessoal e íntima é marcada pela presença intensa e constante da professora Sílvia.

Insatisfeito com os novos rumos políticos e ideológicos do jornal A Hora, Lourenço decide pedir demissão. O “mundo real” parece não interferir nos princípios e prioridades do rapaz, pois

Lourenço meteu no bolso os trocados a que tinha direito e saiu. Havia sol, o vento leve varria as folhas caídas nas alamedas da praça. As rosas resplandeciam nos canteiros. E a sensação de alívio o tornava também leve e ensolarado. Sem muito pensar, tomou o rumo do jornal de Justino e, como de hábito, foi entrando sem se anunciar. Para sua surpresa, estava ali a Sílvia. O sorriso com que ela o acolheu era também cheio de sol. Ao menos fez nele o mesmo efeito da manhã ensolarada (POZENATO, 2006: 278).

As tramas, as artimanhas, as imagens e as sensações presentes no fragmento acima fazem lembrar de uma passagem do conto **D. Benedicta**, de Machado de Assis, presente no livro *Papéis avulsos*:

... a impressão que deixou na alma de D. Benedicta foi intensíssima. Uso este superlativo, porque ela mesma o empregou: é um documento humano (ASSIS, 1937: 183).

Lemos José Clemente Pozenato lembrando Machado de Assis, graças ao riso, a leveza das palavras, registrando subliminarmente a presença da ironia, do deboche. Não há uma regra ou uma lógica que justifique a presença do intertexto. A força, a intensidade e a abrangência das palavras de um ficcionista fogem do controle da teoria, do modelo, da versão única. A pluralidade, a diversidade e a intertextualidade podem ser exclusividade de um leitor leigo.

As primeiras impressões e expectativas diante do romanece informavam que a *velha Babilônia* poderia representar metaforicamente a vida na cidade pós-moderna, tumultuada, conturbada e descontrolada – Caxias do Sul, na segunda metade do século

XX, abrigando os novos homens descendentes de imigrantes, oriundos da colônia. Poderia, também, representar um artifício, um argumento convincente a ponto de a crítica autorizar o fechamento da trilogia. Porém, o lugar é dos fatos e não dos juízos de valor. A “nova Babilônia” pode ser lida como o desenrolar de uma história de amor, suas devidas intrigas, com final feliz, entremeadas de fascistas, integralistas, comunistas e getulistas, amenizada por alguns versos de Carlos Drummond de Andrade, pelas referências a Dante Alighieri, Eça de Queirós, Machado de Assis, Olavo Bilac, Rousseau, Mussolini, Hitler, e outros.

Nos romances de José Clemente Pozenato, que constituem a trilogia da imigração italiana no Rio Grande do Sul, o *Talian* riograndense é registrado através de algumas frases ou expressões espalhadas e perdidas ao longo dos diálogos e das narrações em terceira pessoa, como veremos a seguir. No mundo conturbado e violento da cidade, os valores da tradição italiana imigrante estão fadados ao desaparecimento. O que resta não vai além de raras lembranças e alguns registros da memória, individual ou coletiva. O mundo da cultura italiana imigrante é o mundo da diversidade cultural.

Uma segunda leitura, em retrospectiva, revela a ausência de dois mundos: o mundo da identidade cultural italiana imigrante e o mundo urbano globalizado, e o romance pode ser considerado como um “momento de passagem”, da primeira para a segunda. A presença da cultura italiana não vai além de algumas palavras em *Talian*, como *taiadéla*, *dressa*, *grôstoli*, *nhoques*, *putâne*, *paúra*, *bon giorno*, *bona sera*, *la vá mal*, *tutti gli affari*, quase nada mais. Há, também, algumas referências à culinária e a algumas práticas agrícolas, mas apenas como referência e não como experiência de vida. Em linhas gerais, o mundo imigrante é representado por restos de italianidade.

Os olhares dos novos descendentes habitantes da cidade voltados para o passado revelam que o trabalho é visto como sofrimento, a pobreza como vergonha e a colônia como rebaixamento. Por mais que a professora Sílvia amasse sua profissão e seus alunos, confiando num futuro melhor para todos, abandona seu trabalho em San Giusepe, simplesmente porque os colonos viram suas pernas, quando ela brincava animada e distraidamente com as crianças. Sentindo-se vigiada e condenada, tomou a decisão sem dúvidas, traumas ou remorsos.

Outras culturas marcam presença no romance, através de expressões igualmente soltas, isoladas, perdidas entre as borbulhas e as amenidades discursivas. A cultura espanhola está representada pelas frases “te fuiste a las putas” ditas por Manoel Tovar

em Santa Maria - onde Lourenço passou um tempo da sua clandestinidade - e “es sangre y mierda tan sólo”, dita por ele próprio. Em Porto Alegre, o rapaz presenciou a influência alemã, quando o senhor Adolf Anti-Hitler o interpelou: - Frequês novo? Posso achutar? Um tal de George Orwel alertava que “Stalin is a pig”. A vaidade do rapaz e a auto-estima através do auto-elogio podem ser observadas nas palavras finais daquele inglês: – Good boy, good boy. A babilônia racial pode ser vista também na pessoa da prostituta Gládis, “morena”, “mistura de índio”. A Polônia participa das ações através da aparição de outra prostituta, chamada apenas de “polaca”, de passagem meteórica pelas páginas do livro.

Dividido o livro em quatro partes, somando um total de 81 capítulos, há o convívio pacífico entre objetividade, a linearidade e a superficialidade com o suspense, a curiosidade, a ansiedade e a pressa. Na passagem de um capítulo para outro, há uma alternância muito grande nos cenários, fatos e personagens, registrando a presença de um fio condutor, subentendido, resguardado pelas artimanhas da linguagem.

Lourenço morou em Caxias do Sul, Porto Alegre, esteve em São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Maria e em vários países da Europa, mas não conseguiu fixar residência, nem optar por uma profissão, apesar das várias funções desempenhadas, como jornalista, advogado e professor. O amor de Sílvia e sua gravidez anunciada no final do romance podem ser indícios de que o guerreiro vai depositar as armas brevemente, fixando residência e fazendo parte da vida diária e corriqueira da cidade. Lourenço Boschini tem todas as chances de se transformar simplesmente num cidadão comum.

Ao longo de suas viagens, aventuras, peripécias e batalhas, o rapaz foi escrevendo um diário. Entre tantas anotações, uma merece destaque. Na noite do dia 20 de julho de 1937, ele escreveu:

(Diversas páginas em branco. Na verdade sujas. Deviam estar aqui registrados os episódios de combate. Mas o que registrar? Sempre os mesmos tiros, os mesmos fedores, os mesmos gritos, a mesma fome, a mesma sede. Guerra *es sangre y mierda tan sólo*. E então o ferimento). (POZENATO, 2006: 214).

No final do diário, há uma nota explicativa, da parte do narrador. As palavras proferidas pela personagem e aquelas apresentadas pela voz do narrador estão muito próximas; as amenidades e as veleidades circulam nos dois mundos. A nota explicativa apresentada no final do “diário” é a que segue:

Mais nada. Lourenço fechou o caderno e o repôs no fundo da mala. Não tinha material ali para um livro, como Orwell. Quando muito alguma

ajuda para a memória, no dia em que tivesse vontade de rever essa página do passado (POZENATO, 2006: 218).

Ao longo da narrativa, pode ser observado um ambiente de amenidades, frouxidão, dispersão e desconexão, nos fatos relacionados à imigração e naqueles relacionados ao mundo urbano. As entrelinhas do romance revelam que o mundo dos antigos imigrantes italianos agoniza, e está fadado ao desaprecimento.

A “babilônia” torna-se o cenário propício para um mundo de aparências, não exatamente rutilantes, mesmo sendo parte constituinte do mundo de descendência italiana imigrante e do mundo da diversidade cultural, onde jazem as mais diversas origens. Lourenço Boschini ensaiava e insinuava enfrentar um mundo muito mais complexo, problematizado e inseguro, comparado àquele presente nos dois romances anteriores, principalmente por fazer parte de uma obra que “encerra um ciclo”.

Nesse “momento de passagem”, da vida nas pequenas comunidades italianas do interior para a vida miscigenada da cidade, como saber das verdadeiras intenções do narrador, ao traduzir certas passagens apresentadas em língua estrangeira? Quatro delas servem como amostra: “Stalin is a pig, um porco” e “Não é brincadeira, is no joke” – ditas por um tal de George Orwell; “tudo ia mal, *la và mal*” – na voz dos industrialistas, e “todos os negócios. *Tutti gli affari*”, nas palavras de um médico a Ângelo Gardone.

As pistas, as sugestões, os segredos e os mistérios vão sofrendo dos mesmos achaques, ao longo do romance, como podemos observar no fragmento abaixo:

Haviam todos saído. Lourenço pôs casualmente a mão no bolso externo do paletó e encontrou um envelope. Dentro havia um bilhete curto: “Te esperamos para jantar no sábado à noite. É proibido recusar. Sílvia.” Levou o bilhete às narinas em busca de quem sabe algum perfume. E riuse da própria estupidez. Como o bilhete de Sofia a Rubião, no romance de Machado de Assis, este também podia ter sido escrito pelo marido. Devolveu-o ao envelope e ao bolso e saiu para a rua (POZENATO, 2006: 250).

Personagens de *Esaú e Jacó*, sem nada para fazer, num tédio absoluto, os gêmeos Pedro e Paulo “iam mamando”; Lourenço, em meio a tantos projetos e tribulações, “ia fumando”. Que estratégias teriam sido utilizadas por Sílvia para tornar-se tão audaciosa e ousada, obtendo sucesso em seu intento? Por que Lourenço teria colocado “casualmente a mão no bolso externo”?

O ambiente apresentado no fagmento acima faz lembrar de uma passagem da obra de Machado de Assis, referida ao “rapaz do nariz comprido”, no conto **Ernesto de Tal**, do livro *Histórias da meia-noite*:

A graça, por exemplo, com que ele metia o dedo polegar da mão esquerda no bolso esquerdo do colete, brincando depois com os outros dedos como se tocasse piano, era de todo ponto inimitável (ASSIS, 1951: 135).

Lourenço surge na história como estudante de Direito e portador de idéias comunistas e revolucionárias. Discorda das idéias e atitudes do padraço, o industrialista Ângelo Gardone, defende e prega os ideais comunistas, fala sobre todos os assuntos e questões com vivacidade, leveza, cordialidade, disposição, pompa, firmeza e autoridade.

Nas palavras do narrador, Lourenço apresenta um certo perfil, segundo a visão do amigo e colega Justino:

Era preciso não ter cabeça ou estar fora da realidade para arriscar mais essa aventura, pensa consigo. Mas se os dirigentes são todos como Lourenço Boschini, nada disso é de estranhar. Seu amigo nunca teve muito senso da realidade (POZENATO, 2006: 168).

Ao longo de sua vida, Lourenço Boschini trabalhou em alguns jornais, viveu parte de seus dias na clandestinidade, morou em pensões baratas e de baixa categoria, participou das brigadas internacionais em alguns países da Europa, foi aclamado o primeiro diretor do Clube de Civismo Olavo Bilac, pediu desligamento do partido comunista - mas foi expulso por “trair os ideais da revolução” -, desistiu misteriosamente de sua parte da herança, trabalhou como advogado do sindicato operário, professor de francês, entre outras ocupações relevantes, para, no final, entregar-se ao amor de Sílvia e ao primeiro filho, anunciado no último parágrafo do romance, afastando-se silenciosa e misteriosamente dos seus antigos ideais. Enquanto participa do velório de sua mãe, Pierina, Lourenço vai fumando e beijando Sílvia.

Uma das estratégias arquitetadas por Lourenço Boschini para viver na clandestinidade foi a utilização de dois nomes falsos, Bruno Boeira e Federico Sanchez. Em nenhum momento, na longa jornada do grande revolucionário e do intrépido combatente, houve qualquer ameaça de ser descoberto, aprisionado, fuzilado ou queimado em praça pública.

As preocupações com a herança deixada pelo casal Ângelo e Teresa Gardone – que abandonou o lar fugindo com Massimo Boschini, no romance *O quatrilha* -

aparecem em alguns diálogos mantidos com seu irmão Máximo Segundo Boschini, serenos, inflamados ou ameaçadores. Na vida de Lourenço, a política, a luta armada, a libertação do povo, a melhoria das condições de trabalho dos operários e o amor de Sílvia sempre minimizaram e abafaram seu interesse pela fortuna deixada pelo casal. Não é possível falar em “pais”, porque ele é filho de Pierina e de Massimo, e não de Ângelo, o dono da empresa “Productos Alimenticios Gardone Ltda”. Talvez, sendo advogado, ele soubesse que era filho ilegítimo, portanto sem direito à herança.

Os desentendimentos, as dúvidas, as discussões, as brigas e as ameaças que deveriam ocorrer entre os herdeiros de Ângelo e Rosa Gardone poderiam fornecer material para um verdadeiro romance urbano moderno, nas expectativas de alguns leitores. Trata-se de uma luta sem fim, quando praticamente tudo é feito sem registro, sem contratos, sem papéis assinados, sem autorização da Igreja nem da Lei. Mas, num mundo de amenidades, urbanidades e subterfúgios, tudo pode ser superado, minimizado, esquecido e anestesiado.

A questão da herança foi desaparecendo do romance, encoberta e amordaçada pelo amor desabrochado lenta, monótona e tardiamente entre Lourenço e Sílvia; ele um revolucionário, um comunista; ela, uma professora, esposa de Esteves Ribeiro de Alencar.

Em Porto Alegre, além de assumir uma postura engajada, participativa e atuante em relação às causas comunistas e revolucionárias, Lourenço pensa em trabalhar e arrumar um lugar para morar. Um “mundo sem crises” aparece subitamente para alívio do rapaz e espanto de certos leitores:

Novo proletário, Lourenço saiu à cata de emprego e de onde morar, pela ordem. No segundo dia, ajudado pelos empenhos do pai do Afrânio, conseguiu lugar no Diário de Notícias, para cuidar das páginas de cinema e espetáculos... A Pensão Amazonas, a mais barata que encontrou, no começo da rua Voluntários da Pátria, lhe deixava uma sobra escassa de cinqenta mil réis. Em resumo, ia trabalhar para comer e dormir, e na vizinhança de cafetões e prostitutas (POZENATO, 2006: 104-5).

Para a sorte de Lourenço, nas proximidades da pensão havia a Livraria Universal, do anarquista alemão Adolf Anti-Hitler. Este senhor, muito simpático e atencioso, foi logo emprestando livros e livros ao rapaz, que seriam devorados naquela humilde pensão. Envolto nas leituras e no aprimoramento de seu espírito revolucionário, Lourenço recebeu uma carta de Sílvia, coroada diabolicamente por frases como “Estás debaixo da minha pele, estás no fundo do meu coração”. Muitos ainda acreditam que

arte e casamento não combinam; para Lourenço, no lugar da arte, a revolução. Mais tarde, morre o revolucionário, o engajado, o rebelde, para sobreviver o esposo, o marido, o amante.

No penúltimo capítulo da quarta parte do livro, Sílvia fala para seu marido, Esteves, que vai voltar para a casa da mãe; na verdade, ela quer o desquite. Ele aceita pacífica e naturalmente, apontando algumas ações para que tudo ficasse resolvido calmamente, sem brigas, sem ressentimentos e sem traumas. Sílvia imaginava criar uma grande confusão. As “aparências rutilantes” deste caso podem provocar indignação e revolta em alguns leitores. Surpreendida pela indiferença e frieza do ex-marido, e atingida em sua vaidade, Sílvia é vista assim, nas palavras do narrador:

Foi para dentro arrumar suas roupas e livros. Um peso enorme se abatia sobre ela. Imaginara, inocente, que no instante em que as amarras se soltassem ela se sentiria aliviada, solta. Via agora que nem isso se fazia sem sofrer. Libertar-se custava sofrimento (POZENATO, 2006: 336).

O leitor já sabe que ela quer o desquite para ficar com Lourenço, então não há motivação, lógica, ambiente, espaço ou lugar, nem antecedentes para tanta dramaticidade. Cenas assim, tão próximas do fim, tendem para a banalização, a vulgarização da argumentação ficcional, o desencanto, um desfecho melancólico e ignóbil. Em pleno velório de uma legítima descendente de italianos imigrantes, a confusão entre cenários, sentimentos e argumentos segue a passos largos, como podemos observar abaixo:

Fez um breve movimento dos olhos na direção do andar superior e se afastou. Lourenço ficou em alvoroço. Depois de alguns minutos sem fim, aproveitou que duas mulheres subiam a escada e subiu também. Sílvia o puxou para dentro de um quarto e trancou a porta. Beijaram-se longamente (POZENATO, 2006: 342).

O alvoroço, os minutos sem fim e a subida da escada escondido entre as duas mulheres parecem fazer parte de uma “outra história”. Lourenço estava no velório da própria mãe, como pode ser tão frio, indiferente e inescrupuloso?

O que acontecia na sala do velório da mãe está muito distante do que acontecia no quarto, onde estava o filho.

Agora só havia ali o armário vazio e a cama com o colchão. Sentaram no colchão, não havia outra alternativa. Ele a quis beijar, mas Sílvia o manteve distante, com a energia de uma professora em sala de aula (POZENATO, 2006: 342).

Sílvia sabia que aquele era o antigo quarto do rapaz. No fragmento acima, também é possível identificar algumas pérolas: o armário vazio, o fato de sentarem no colchão e não na cama, a distância entre os dois e a energia da professora (que acabara de abandonar seus alunos da comunidade de San Giusepe).

Segundo a mãe e a avó, Sílvia foi a única que teve coragem de “fugir da gaiola” – o casamento com Esteves –, para ser livre, mas precisava ir embora, buscar a felicidade em outro lugar. Sobreviventes e representantes de mundo antigo, como aquelas duas senhoras conseguem demonstrar uma superação tão milagrosa e imediata de tantos dogmas, tabus e preconceitos? As palavras e os conselhos parecem fazer parte de um outro mundo que não o constituinte da matéria narrada. Livre das garras e amarras de Esteves, Sílvia cai imediatamente nas de Lourenço.

Graças ao apoio do intendente, Sílvia consegue transferência para o Rio de Janeiro. Sua sorte começa a mudar, graças a um telegrama enviado por Tia Bela, daquela cidade:

Minha casa eh tua casa pt traz junto figurinha difícil vg beijos pt Tia Bela (POZENATO, 2006: 343).

A autora do telegrama parece estar muito bem informada, de prontidão para socorrer o mais novo casal da cidade. O amor, a atração e o devaneio dos dois amantes são tão intensos que o leitor acaba sem saber se Pierina já foi enterrada ou não.

Depois de percorrer pacientemente as 343 páginas, superadas diversas situações incômodas, o leitor pode ler o último parágrafo do livro:

Lourenço não precisou adivinhar. Leu, dava para ler, na alegria que transbordava dela. Pousou a mão no ventre de Sílvia, onde estava seu filho ainda em botão, e foi escorregando até ficar de joelhos, o rosto afundado nela. Sílvia mergulhou os dedos em seus cabelos e ele se sentiu fundido com o mundo numa única peça. Mundo que não era uma babilônia (POZENATO, 2006: 343).

Sem serem resolvidas ou superadas, nem sempre as mazelas, as intrigas e as desavenças podem ser simplesmente desprezadas, desconsideradas ou esquecidas. Da parte de Lourenço e de Sílvia, a superação do passado parece ser justificada mais pela ausência de memória, escrúpulos e remorsos que pela resolução ou superação dos problemas.

As dificuldades e os impasses podem ser resolvidos através de um simples argumento discursivo, de uma casualidade, de um surpreendente imprevisto. Nem

mesmo uma guerra na Europa conseguiu atrapalhar ou travancar os caminhos de Lourenço Boschini. Quanto mais próximos estivermos do final do romance, acompanhando a trajetória do jovem casal, mais distantes estaremos dos remorsos, dos ressentimentos e dos laços que uniam as famílias.

O velho mundo italiano imigrante, o “resgate das raízes” e o “cultivo das tradições” são temas vistos do alto, notadamente da parte de Lourenço Boschini, personagem central do romance, marcado por uma vida abençoada, privilegiada, sem grandes dúvidas, sofrimentos, remorsos, ressentimentos, nem traumas, diante do mundo conturbado de uma cidade grande que despontava de um horizonte bem próximo.

Para os descendentes de Lourenço e Sílvia, o mundo que os aguarda é o que pode ser observado nos romances de Cristovão Tezza e Luiz Ruffato, voltados fiel e progressivamente para os novos, conturbados e problemáticos caminhos do homem pós-moderno, marcados pela diversidade cultural, envoltos em violência, insegurança, dúvidas e neuroses.

CAPÍTULO VIII

CIDADE DO INTERIOR E CIDADE GRANDE

8.1. JULIANO PAVOLINI

– Juliano, bom rapaz. Você não precisava ouvir isso, mas eu te quero bem. Também te ajudei a criar. Você não sabe, mas sempre te cuidei. Você tem educação, Juliano, você é gente fina. Eu tenho olho. Não sei quem são teu pai e tua mãe, não sei se existem, mas eles te trataram. Não deixe essa mulher te apodrecer. Você vai cair junto, e o tombo vai ser feio. Arranja um emprego e se arranca dessa putaria. Eu tenho toda a ficha da Isabela, dos catorze anos até agora. Fede.

(Cristovão Tezza, *Juliano Pavolini*)

A técnica narrativa utilizada por Cristovão Tezza, em seu romance *Juliano Pavolini*, retoma algumas tradições presentes nos maiores ficcionistas da Literatura Brasileira. Quem narra, narra alguma coisa a alguém, correto, mas há casos onde o narrador escolhe um interlocutor, um ouvinte definido, único, confidente, do início ao fim da narrativa. O fio condutor dessas narrativas é a retomada, a reordenação ou a reconstrução do passado. O texto parece ter sido tirado de uma entrevista, de uma gravação, de um depoimento, de uma confissão. Entre tantos exemplares, estão *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, *São Bernardo*, de Graciliano Ramos e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Como confiar em alguém que está contando sua própria história? Esses narradores, modernos, parecem desmontar as noções de certo e errado, verdadeiro e falso, culpados e inocentes, vencedores e vencidos. No lugar da busca pela verdade, a cumplicidade e a duplicidade dão ao texto um caráter de insegurança, instabilidade e imprevisibilidade.

Por que alguém se propõe a contar seu passado, mesmo não encontrando ou apresentando respostas? De que pesadelos o homem precisa se libertar, mesmo através da invenção e da simulação? As intenções de Juliano Pavolini parecem estar voltadas para três situações bem distintas: o tempo de infância, marcado pela pobreza, pelo sofrimento e pela tristeza; sua vida na cidade grande, marcada pela prostituição, pela

violência e pela marginalidade; o depoimento para a psicóloga Clara, na prisão, aguardando o julgamento.

O narrador tem domínio e clareza a respeito dos fatos narrados? Ele sabe onde está a verdade, uma delas pelo menos? Por que não revelá-la ao leitor? A dúvida predomina na maior parte das impressões e versões apresentadas. Que fantasmas tornam-se imprescindíveis e dos quais o ficcionista não consegue se libertar? Por que não há grandes narrativas ficcionais futuristas? O que impede a nomeação de passadistas a algumas narrativas ficcionais? O que seria da Literatura sem lembranças e sem memória?

Havia na foto um traço que era a sua marca primeira e maior: a pobreza. Meus pais eram pobres, e esta verdade estava escancarada na parede: uma pobreza triste, completa e eterna. Pobres para sempre, como havia as histórias dos felizes para sempre (TEZZA, 2002: 14).

Em *Juliano Pavolini*, o passado é de pobreza e tristeza; em *Mamma, son tanto felice e Vista parcial da noite*, de Luiz Ruffato, o passado é de pobreza e felicidade; nos três romances de José Clemente Pozenato, o passado é de trabalho e sacrifício; em *Os Malavoglia e Pai patrão*, temos o registro de um passado pleno de trabalho, sacrifício e sofrimento.

O passado pode ser visitado, mas não modificado. Através da confiança e da cumplicidade, a busca é pela superação. “Libertar-se dos fantasmas e dos demônios” assumiu ares de chavão no mundo da crítica literária. O passado de Juliano Pavolini é um tempo de sofrimento porque as pessoas acreditavam na recompensa eterna. A pobreza, o sofrimento e a tristeza eram condições básicas para a conquista do Paraíso. O trabalho não podia implicar em sacrifícios voltados para a prosperidade. Para a maioria das mentes, sofrer era bom.

A figura do pai é uma presença muito forte e marcante nas lembranças de Juliano. Sua tristeza, suas mãos enormes e pesadas, seu mau humor, suas leituras diárias da Bíblia, sua crença nas recompensas da vida eterna acompanhariam e marcariam definitivamente a vida daquele menino. Naquele mundo, a chegada da modernidade é registrada assim:

Ele não estava programado, entre outras coisas, para viver neste mundo – a transformação era letal. Lembro-me da chegada do fogão a gás; minha irmã foi quem acendeu a chama pela primeira vez, mas a velha continuou usando o fogão a lenha, até que eu me recusei definitivamente a cortar lenha. A geladeira demorou mais: não seria bom para a saúde aquele ar

frio no rosto a cada vez que se abrisse a porta. Para comprá-la – e a eletrola, e a enceradeira, e o exaustor, e a bateadeira, e o liquidificador –, o velho teve de vender os fundos do terreno, em fatias, que ele estava cada vez mais pobre, no aguardo de uma aposentadoria mesquinha de mestre-escola sem diploma, e já sem aulas, carimbando papéis na secretaria enquanto jovens lépidos e formados na capital enchiam um já portentoso Instituto de Educação (TEZZA, 2002: 15).

O fragmento acima poderia ser o retrato fiel da passagem da vida de uma pequena comuniade do interior para o mundo da globalização, no universo do imigrante italiano. A tensão entre indivíduo e sociedade é bastante aprofundada. Geralmente, não há uma afinidade entre intenção e ação. Nas personagens, parece não haver mundo exterior e quase nada de vida interior. Guardadas as diferenças e as proporções, Juliano Pavolini vive a sina de personagens da ficção de Rubem Fonseca: roubar e matar para sobreviver, notadamente nas obras *Feliz Ano Novo* e *A grande arte*. Muitos diálogos servem apenas para disfarçar ou esconder a realidade. Na maioria dos casos, os conselhos e as ameaças não se transformam em ação. Sem tendências para a banalização e a vulgarização, as palavras parecem sempre repetir que os seres humanos estão fadados a cumprirem ordens e rituais provindos de um mundo exterior, oculto, desconhecido e poderoso. Quando Juliano conta a Doroti as maldades cometidas, já é tarde demais, para a salvação ou para o perdão.

Essa vida cíclica das gerações que se sucedem, registrada no fragmento acima, pode ser observada também nos romances *Os Malavoglia*, de Giovanni Verga, e *Pai patrão*, de Gavino Ledda. Os três homens – dois pais e um avô, todos patriarcas, parecem a mesma pessoa. Os filhos e netos apresentam algumas características próprias. Juliano Pavolini foge de casa; ‘Ntoni pensa em partir, não tem para onde ir, e vai seguindo os passos do avô; Gavino, por mais que o pai tenha sido ruim, sofre uma grande transformação interior, planeja partir, projetando um futuro melhor através do trabalho e do estudo.

Nas memórias de Juliano, declaradas à psicóloga Clara, podemos observar em que condições ele alcançou a cidade grande. Os argumentos do homem maduro jamais poderão ser transferidos para o recém-chegado, pobre, inocente e carente.

Vender a alma, é a imagem que hoje me vem à cabeça. Mas ali eu era só uma criança com medo, querendo ser abraçada, e foi o que ela fez, um abraço terrivelmente solitário (TEZZA, 2002: 68).

O fragmento acima recupera uma cena presente em muitas histórias de ficcionistas importantes. Este instante remete ao conto **Missa do galo**, de Machado de

Assis, quando o narrador recorda suas conversas com Conceição. Lá, as razões do narrador adulto também não poderiam ser as mesmas razões de um rapaz de dezessete anos.

Antes de entrar para o mundo do crime e da marginalidade, Juliano Pavolini teve algumas chances de tornar-se um sujeito normal, adaptado e aceito socialmente. As maiores oportunidades foram oferecidas por duas mulheres, Isabela e Doroti. A terceira mulher, a psicóloga Clara, cumpre apenas a tarefa de ouvinte, confidente, indiferente e calada.

Isabela representa o mundo dos negócios, dos prazeres, da segurança econômica, das influências, das benesses e esplendores sociais. Com ela, Juliano teria uma vida bastante segura, pois

– Sou uma mulher rica, muito rica. E ainda vou ter o rabo cheio de dinheiro para te contratar como motorista. Vou comprar um Itamaraty branco e comprar uma mansão no Batel, daquelas, com colunas na frente. Vou ser sócia do Curitibano e sair nos jornais. Vou ter colar de diamantes e criadagem. Vou ter uma rede de hotéis. Vou ser amada (TEZZA, 2002: 61).

Além de oferecer uma vida bastante segura, Isabela alerta o rapaz em relação aos perigos da cidade, como podemos observar nas palavras a seguir:

– E, cá entre nós, Juliano, que não saia dessa porta. (Segurou minhas mãos.) Fique longe do Rude, pelo amor de Deus fique longe do Rude. Ele é uma boa pessoa, ele me ajuda muito, mas ele não presta, você entende? Fique longe dele, dos amigos dele, fique longe desse povinho que frequenta essa merda, você entendeu? (TEZZA, 2002: 91).

Mais adiante, outro diálogo parece desmontar a versão de Isabela. A verdade dos fatos aparece outra, aos olhos do amigo Lorde Rude:

– Juliano, bom rapaz. Você não precisava ouvir isso, mas eu te quero bem. Também te ajudei a criar. Você não sabe, mas sempre te cuidei. Você tem educação, Juliano, você é gente fina. Eu tenho olho. Não sei quem são teu pai e tua mãe, não sei se existem, mas eles te trataram. Não deixe essa mulher te apodrecer. Você vai cair junto, e o tombo vai ser feio. Arranja um emprego e se arranca dessa putaria. Eu tenho toda a ficha da Isabela, dos catorze anos até agora. Fede (TEZZA, 2002: 142).

Mas as duas versões apresentadas pelos fragmentos acima surgem em momentos distintos e distantes. A aproximação cabe ao leitor, atento e perspicaz, para a elaboração de um juízo objetivo e bem fundamentado. Na companhia de Rude, Juliano parece não lembrar mais das palavras e dos conselhos de Isabela. Talvez, Machado de Assis tivesse mesmo razão: “Os fatos e os tempos ligam-se por fios invisíveis”. As palavras são essas, no conto **Pobre Cardeal**, do livro *Relíquias de Casa Velha*, volume 1.

Nem sempre, para todas as personagens, os diálogos são sobre o nada, o vazio. Em algumas situações, pelo menos uma personagem sabe do que as palavras estão tratando, como mostram as de Doroti, no fragmento abaixo:

... É que uns meses atrás assaltaram lá em casa, reviraram tudo, mas só levaram o meu gravador... eu tinha ganhado um gravador do meu pai... e uma fotografia minha (TEZZA, 2002: 160).

As palavras de Doroti são dirigidas a Juliano, seu namorado, seu futuro marido, com quem poderia constituir uma família e construir um futuro melhor para ambos. Ela não sabe, nem imagina, mas foi justamente ele quem assaltou a casa e roubou o gravador e a fotografia. Diante da dor de Doroti, Juliano sente algum remorso, jura jamais contar a verdade a ela, passam o resto da tarde juntos e despedem-se com um beijo.

Matozo, personagem central do romance *A suavidade do vento*, vive no presente, voltado para o futuro, tentando planejá-lo. Juliano Pavolini vive no presente, voltado para o passado, tentando entender, justificar, superar ou esquecer um tempo que não existe mais.

As palavras, conselhos e alertas de Isabela e de Lorde Rude não conseguiram dar um outro rumo para a vida de Juliano. Ao longo do romance, não há nenhuma palavra proferida pela psicóloga. Parece que os conselhos e o silêncio cumprem um mesmo papel. No começo, as preocupações do rapaz pareciam apontar para nobres ideais e um futuro promissor, como indicam as palavras abaixo:

Como se entra em um hotel? Como se paga um hotel? Como se pede um emprego? O que é que eu sei fazer? (TEZZA, 2002: 29).

Momentos como este do fragmento acima aproximam Juliano Pavolini do neto 'Ntoni, do romance *Os Malavoglia*, e o afasta do menino Gavino, do romance *Pai patrão*. Este tem para onde ir, aquele, não.

Sem orientação da família, sem profissão e em más companhias, parece natural Juliano cair nos braços da marginalidade. O homem maduro, que está preso, fala com orgulho de seu passado recente:

Aprendi a fumar, a beber, a não vomitar; aprendi a mentir com uma sofisticação nunca antes atingida. (TEZZA, 2002: 75-6).

Em certos momentos do texto, temos o outro extremo. As atitudes revelam a presença de um espírito nobre e elevado.

Muitas vezes eu faltava às duas últimas aulas, voava para o meu sótão, tomava banho, punha roupa nova e corria para a Biblioteca Pública, seção infantil, esperar Doroti. Ela era estagiária na Biblioteca (TEZZA, 2002: 149).

Doroti pode ser considerada a grande chance na vida de Juliano – a namorada, a esposa, o amor, a família, a posteridade. Mas ele já era bandido, assaltante, ladrão, um perdido. Mesmo assim, alimenta alguns sonhos. A voz que fala e que suplica não é mais a voz que ordena. O próprio Juliano reconhece:

Olhei nosso império. Meu mundo começava ali, no Alto da Glória, e terminava nos limites do Seminário. O único mundo de uma vida inteira. Era muito pouco espaço para um homem se mover. Eu queria minha colina verde. Mas eu já estava inapelavelmente estragado (TEZZA, 2002: 180).

Essas reflexões aparecem depois de uma discussão violenta com o companheiro Odair. Na companhia dos bandidos, além de aprender a fumar, a beber e a cuspir, Juliano conquistara outras honrarias, na presença do mesmo Odair:

Me saí bem nos palavrões – e dei uma cuspidada madura na calçada. Fomos avançando meio sem rumo (TEZZA, 2002: 95).

Ao longo das leituras dos romances, alguns fatos pareciam reproduzir a mesma realidade. Enquanto algumas personagens progridem, procuram avançar, sonham em prosperar, ou vivem de lembranças - estáticas e saudosistas -, outras vivem da mesma forma como viviam as gerações anteriores. No romance *Os Malavoglia*, as palavras são as que seguem:

... dom Franco queria ensinar um modo novo de salgar as anchovas, que tinha lido nos livros. Como lhe rissem na cara, punha-se a gritar: – Que bestas! E querem o progresso! E querem a república! – As pessoas viravam-lhe as costas, e deixavam-no ali a berrar como um doido, desde que o mundo é mundo as anchovas são preparadas com sal e tijolos socados (VERGA, 2002: 209).

Não se trata propriamente de conflitos de gerações. Geralmente, pela leitura de bons livros ou pela astúcia, por exemplo, alguns homens conseguem inovar e progredir. Às turbas, guiadas pela ignorância, pelo pudor ou pelo comodismo, resta o atraso, o silêncio e a insignificância. No romance *Pai patrão*, a manutenção dos modos de vida das gerações anteriores está a cargo do pai de Gavino, como podemos observar no fragmento abaixo:

Ele não será o primeiro nem o último... Eu também passei minha infância desse jeito. Infância! Puah! Tive de me tornar adulto antes do tempo e os velhos me usaram como guardião contra ataques da raposa em pleno inverno... E eu cuidei das ovelhas, mesmo tendo mais necessidade das

tetas de minha mãe do que do úbere desses animais (LEDDA, 2004: 27-8).

Essas palavras fazem referência a Gavino, obrigado a abandonar os estudos para ajudar ao pai na criação de ovelhas. Por mais que tenha sido difícil, penosa e sacrificada, a vida no campo ofereceu muitas oportunidades àquele menino. Os castigos, a dor e a solidão misturavam-se a outras coisas maravilhosas e encantadoras, vindas da natureza, da música, dos pássaros, dos animais e do próprio pai. O fragmento abaixo serve como prova:

Eu via meu pai podar e trabalhar suas plantinhas com um ardor incontido e com paixão quase ciumenta: acariciava-as em todos os galhos e no tronco, até as raízes, quando carpia em volta delas. Coisa que não podia fazer com os filhos (LEDDA, 2004: 163).

As palavras da última frase soam terríveis porque o tempo daquele homem não foi um tempo de oportunidades, de mudanças, de vida nova. Um novo tempo, cheio de sonhos e de novas perspectivas, abria-se para o menino. Fica evidente que ele não deixaria a sorte escorregar das suas mãos, observada a maneira como ele fala de seu pai, por mais que o velho tenha sido rude, violento e cruel.

No romance *Juliano Pavolini*, a morte do pai parece dar fim a um modo de vida, transmitido de uma geração a outra, notadamente na questão religiosa. As palavras insistem em apontar para uma vida de sofrimento e tristeza proporcionada pela fé, pela oração, pela crença no Paraíso. São palavras expressas pelas lembranças do narrador adulto:

Porque meu pai era um homem substancialmente triste. O Paraíso estava em outra parte, possivelmente no Céu, depois que ele morresse (TEZZA, 2002: 10).

As marcas de uma “angústia da influência”¹² podem estar presentes apenas na inventividade do leitor. O romance *Juliano Pavolini* apresenta dois desfechos, sugestivamente distintos. O primeiro parece ser o encerramento das memórias do ficcionista, dirigidas ao leitor ficcional; o segundo, as últimas palavras do cronista, do bandido, da vida que continua, dirigidas no depoimento a Clara.

O primeiro desfecho faz lembrar do final do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Em *Juliano Pavolini*, as últimas palavras das memórias do narrador são:

¹² A expressão dá título a um livro de Harold Bloom.

Fui manchete dos jornais por alguns dias. Houve quem pedisse pena de morte; outros diziam que eu era uma vítima da sociedade; uns terceiros alegaram insanidade mental – só um louco mataria Isabela, deviam imaginar. Mas logo se esqueceram. Quanto a mim, queria dormir (TEZZA, 2002: 212-3).

Essas palavras traduzem um desejo de afastamento, de isolamento, de despedida; fugir, desaparecer na obscuridade, no anonimato, no esquecimento total. Essas sensações estão muito próximas daquelas encontradas no final do romance *São Bernardo*. Eis o último parágrafo:

E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos (RAMOS, 1980: 188).

Os verbos “dormir” e “descansar” sugerem imagens muito próximas. As pessoas costumam repetir fervorosamente a expressão “descanse em paz”, mas para toda uma eternidade. Não há como morrer por uns minutos apenas, está comprovado. E alguns já não acreditam mais que “é morrendo que se vive para a vida eterna”, conforme pregava São Francisco de Assis.

No outro desfecho do romance de Cristovão Tezza, temos palavras dirigidas exclusivamente a Clara – o ouvinte, o interlocutor, o leitor ficcional parece ter sido abandonado.

É só isso, minha Clara. Eu gostaria que minha história fosse mais comprida, para te entreter por mais alguns meses. Tenho modo de que você não venha mais me ver. Você diz que não, que continuará me visitando, mas pode ser gentileza. Juliano Pavolini acaba aqui, em relativa paz, de certo modo melhor do que quando começou. Não tenho nada, não sou nada; mas ando com algumas idéias na cabeça (TEZZA, 2002: 213).

A partir das duas últimas linhas, um leitor assíduo e apaixonado por Fernando Pessoa lembrará de um de seus poemas, **Lisbon Revisited**. A memória não permite discernir entre o I e o II. Um outro leitor, assíduo e apaixonado por Rubem Fonseca, poderá lembrar-se rapidamente do final do conto **O cobrador**.

As últimas palavras do conto são: “Fecha-se um ciclo e abre-se outro”. Neste caso, o novo ciclo que estava sendo aberto tratava de armas com um poder muito maior de destruição. É preciso destacar que as comparações foram feitas graças ao gosto pela ficção e não pela Literatura Comparada; e que foram bem guardadas as diferenças e as proporções entre autores e obras.

Que idéias e que planos poderiam estar na cabeça do presidiário Juliano Pavolini? Por um lado, é difícil acreditar que ele está pensando em mudar de vida, ao lado de Doroti, recuperando aquela bela e promissora história, quem sabe, trabalhando honestamente. A cena é a mesma de muitas outras cenas dos grandes livros: pessoas cheias de boas intenções sem nenhuma ação; “veleidades puras”.

Juliano Pavolini pode estar pensando em vingança. Suas últimas palavras em relação a Lorde Rude e a Odair parecem amenizar uma determinada situação, mas trazem uma carga bastante forte de duplicidade, sutilezas, sugestões, notadamente ligadas ao primeiro. A única pessoa conhecida que estaria presente no julgamento era exatamente Lorde Rude. Segundo Isabela, não prestava e Juliano devia afastar-se dele. Mas, depois de Juliano condenado, para que ser tão gentil e respeitoso? As palavras podem estar sugerindo que os grandes e verdadeiros culpados nunca vão parar na cadeia.

Vida nova, marcada pela violência e pela marginalidade, significava afastar-se dos antigos amigos e colegas, agora suspeitos e traidores. O Cobrador usaria novas e mais poderosas armas; Juliano Pavolini, novas estratégias. Falar em “obra aberta”, aqui, poderia significar a banalização de alguns estudos de Umberto Eco.

Juliano Pavolini não pode ser considerado o *alter-ego*, o porta-voz do ficcionista. Alguns dados permitem algumas suspeitas, sempre que a Literatura for considerada pelo viés das possibilidades e não das soluções.

Em entrevista realizada via internet, o romancista apresenta algumas impressões ricas e esclarecedoras, entre as quais destacamos:

Num primeiro momento, a vida em Curitiba foi um choque, um encontro profundo com a solidão. Talvez daí que eu tenha me tornado realmente escritor (TEZZA, 2006, Anexo I).

Na ficção do romancista, um dos fatos subjacentes é precisamente a solidão, pela ausência de contato, amizade e diálogo. As personagens vivem no tumultuado, agitado e dispersivo ambiente urbano, conversam e divergem, sem compartilhar confidências ou confissões. A expressão que caracteriza os diálogos presentes na ficção do autor é “diálogos sobre o nada” – presença constante também nos demais romances. Não se trata de uma vida de aparências, talvez de futilidades, mesmo nas camadas mais pobres ou esquecidas.

A personagem central do romance *Juliano Pavolini* é originária de uma pequena comunidade do interior e vive numa cidade marcada pela prostituição, pela violência e pela marginalidade. Parece não haver futuro para as personagens, e o passado é algo a ser superado, abandonado, esquecido.

A história de Juliano Pavolini apresenta características muito próximas daquela do menino Gavino, personagem central do romance *Pai Patrão*. No romance de Cristovão Tezza, a memória da personagem apresenta quadros de um passado distante, como o que temos a seguir:

Se, por teimosia ou teste, mordesse a língua e não gritasse, os tapas cresciam, em velocidade e fúria até o insuportável – e mesmo depois que eu saía trôpego com as pernas queimadas, o olho do velho me perseguia, tenso, como a tentar descobrir a menor sombra de deboche ou desrespeito (TEZZA, 2002: 11).

No romance de Gavino Ledda, as palavras e as ações assumem um caráter sombrio, num primeiro momento, como mostra o fragmento abaixo:

Aproximou-se de minha cama, onde eu dormia com meus irmãos. Arrancou violentamente as cobertas de cima de mim. Esfregou na minha cabeça e na minha cara a bacia de zinco, coberta de geada (*totta iddiada*) e esmaltada de gelo. Chamou-me de volta à vida. Uma coisa terrível. Depois pegou um ramo de carvalho e me bateu até sangrar durante uns dois minutos, desabafando sua costumeira ira descontrolada (LEDDA, 2004: 149-50).

Por mais que a pobreza, a dor e o sofrimento aproximem os dois “meninos”, as lembranças do passado surgem em palavras e imagens diferenciadas. Em *Pai patrão*, a pobreza é apresentada pelo olhar da professora:

“Você se tornará um grande pastor. Seu pai lhe ensinará a ordenhar ovelhas e vacas. São muito bonitas, sabe? E nos campos há tantas flores, muita relva e tantas árvores cheias de pássaros que piam e cantam. Fazem ninhos nas moitas, no chão, nas árvores e você poderá pegar quantos quiser. Aqui em Siligo não há nada!” (LEDDA, 2004: 29).

Na busca pela liberdade e por uma vida melhor, no romance de Gavino Ledda há cenas espetaculares. Em certos momentos, a sensação é de se estar diante de um romance romântico, de rara beleza, destinado a um final feliz. No meio da pobreza, das tribulações e do sofrimento, encontramos sentimentos nobres, belos e encantadores, como mostram as palavras abaixo:

De mãos calejadas e músculos rijos, velho na atividade prática, amadurecido pelas intempéries do frio e do calor, no espírito eu era

exatamente tenro. Até então eu tinha agido e reagido dentro da natureza, mas as circunstâncias nunca haviam solicitado meus recursos interiores, senão minimamente. Eu havia lutado muito, mas pensado pouco. Eu usara muito as mãos e os braços, mas o cérebro nunca fora cultivado realmente. Sempre debatera entre as coisas, nunca acima delas. Dentro do meu físico endurecido, porém, havia um entusiasmo fresco e incontido. O meu eu, que permanecera intocado com todos os seus recursos interiores, buscava a possibilidade de sair da tirania que o físico tivera de impor-lhe. Estava à espreita: pronto a se realizar, como se fosse uma reserva escondida, à espera de um eventual renascimento. De meu pai eu roubara toda a sabedoria que ele por sua vez havia roubado dos velhos, e aos vinte anos eu também era arguto, “sábio” e “velho” no trabalho. Mas, dentro de mim, meus recursos haviam permanecido como brotos sobre um tronco seco, que esperavam a estação propícia para desabrochar (LEDDA, 2004: 211).

Em Juliano Pavolini, o processo de superação do passado e a luta por uma vida melhor assumem características bem marcadas:

Aprendi a discernir uma enorme gama de nuances de comportamento, a avaliar, a ponderar e a controlar o meu medo, e a usar a minha força. Aprendi a arrombar casas como quem se diverte, não como quem violenta (TEZZA, 2002: 75-6).

Juliano Pavolini fugiu de casa, aos dezessete anos, em busca da sorte na cidade, caminho inverso percorrido pelo menino Gavino. Para o primeiro, o passado é algo que deve ser superado e esquecido; para o segundo, torna-se um meio de aprendizagem e de elevação espiritual, no sentido de tornar-se verdadeiramente um homem. O processo de amadurecimento ocorrido em Gavino é algo de extraordinário, belo e encantador. Sua relação com o trabalho, a natureza e seu pai – rude, autoritário e violento – é uma versão que deveria servir de exemplo a muitos que vivem de discursos panfletários, decorados e tendenciosos contra o autoritarismo, os maus tratos, as ordens e o *status quo*. Alguns ainda conseguem ver o trabalho como sacrifício, voltado para a prosperidade, e não como sofrimento.

Juliano Pavolini torna-se um homem habitante da cidade grande, marcada pela violência, prostituição e marginalidade. Preso, seu futuro é incerto, salvo ainda por algumas esperanças, bastante indefinidas. Não há retorno e poucas chances de “fugir do próprio destino”. Há, também, uma voz, distante, sufocada, suplicante, ainda marcada pela esperança, clamando por alguns direitos, quem sabe até por algumas novas oportunidades – nem para o Bem, nem para o Mal.

8.2. A SUAVIDADE DO VENTO

Ninguém lê isso aqui. As pessoas compram e assinam, mas nunca abrem. Como o exemplar do diretor. Está lá, criando pó. Nem o homem da banca lê. Só a Maria, que é retardada, abriu a revista. Se tivessem lido, teriam falado.

(Cristovão Tezza, *A suavidade do vento*)

Matozo, umas vezes Mattozo, outras Matôzo, mas sem crises de personalidade, personagem central do romance *A suavidade do vento*, professor em uma pequena cidade do interior do Paraná, passa parte do tempo escrevendo, tentando libertar-se da rotina, do tédio e da solidão. Sua participação social resume-se em lecionar, beber, jogar sinuca e general. Em casa, conta com a companhia do uísque e de monstros imaginários – mais divertidos que assustadores. No colégio, quase não há vida, parece não haver diálogo, nem amizades. Em linhas gerais, sua vida pode ser resumida por duas palavras, insignificância e solidão. No mundo de uma pequena cidade do interior do Brasil, que valor poderia adquirir o fato de Matozo ter escrito um romance?

Assim, uma das questões a serem investigadas é por que Matozo não conseguiu realizar seu sonho de se tornar escritor. Na verdade, ele não conseguiu nem publicar um livro sequer. É importante salientar também que ele tinha motivos e intrigas suficientes para escrever seu primeiro livro. Mas os motivos da personagem pareciam não ser os mesmos do seu criador, o autor do romance *A suavidade do vento*. O que faltou a Matozo? O que era importante registrar e narrar? Por que Matozo ficou com tanto medo e mentiu para as pessoas da editora, criando tanta confusão e mal-entendidos? Artimanhas do ficcionista, certamente.

A partir de Matozo, algumas outras perguntas tornam-se imprescindíveis: quais são as expectativas e motivações das pessoas de uma pequena cidade do interior? Por que é tão difícil a conquista e a realização de seus sonhos? Mesmo sendo uma região colonizada por descendentes de italianos, na sua grande maioria, não há mais referência nenhuma aos costumes e tradições dos antigos imigrantes, por quê? A transposição do mapa ficcional para o mapa oficial do Paraná, diríamos que a cidade de Matozo é Medianeira ou São Miguel do Iguçu.

No romance, predomina o tempo presente, com algumas projeções para o futuro. Não há registro nenhum do passado, nem herança, lembranças, saudades, ou remorsos. Não há tradição familiar, patriarcas, vovós, pais autoritários e violentos, nem filhos frustrados ou complexados por problemas vividos na infância. As ocupações mais importantes de Matozo estão voltadas para três ambientes bem distintos: a vida no bar, as aulas no colégio e os escritos literários em casa.

Além da viagem de férias de Matozo a Curitiba, não há deslocamento maior no espaço e no tempo. O narrador faz algumas referências a Foz do Iguaçu e ao Paraguai, mas as ações não acontecem nesses locais. O deslocamento maior é do próprio Matozo: de casa para o bar, para o colégio e vagando pelas ruas da cidade.

Apesar dos contatos, das amizades e dos diálogos, Matozo parece viver deslocado, à margem da realidade. A socialização acontece por experiências traumáticas. A vida de quem escreve é assim mesmo? Em Curitiba, de férias forçadas e tentando a sorte grande para seu romance, Matozo revela sua verdadeira condição de fantasma, talvez visionário. As palavras do narrador são precisas:

Não esqueceu os livros no balcão e saiu inebriado para a rua. Céu e sol belíssimos, vontade de pular, de dançar, de dançar pela primeira vez na vida! Parou numa esquina, para rir. Não conseguiu controlar o riso, as pessoas meio que parando diante dele, quem era aquele louco que ria assim ao sol de Curitiba, ao pé da Catedral? (TEZZA, 2003: 194).

As pessoas não podem mais rir, Matozo? Mas as impressões das pessoas registradas pelas palavras do narrador mantêm-se ambíguas. Para o ambiente da capital, mais um louco não faria diferença nenhuma. Para Matozo, um louco a rir na capital fazia uma grande diferença. Talvez, as pessoas tenham mais raiva e inveja dos que riem que dos que choram. Na cidade grande, ele parece demonstrar um certo orgulho por não fazer parte daquele mundo.

Matozo não é condenado pelos olhares das pessoas por transgredir regras, quebrar tabus, ou por atitudes imorais. O riso expresso por ele pode ter chamado a atenção dos transeuntes por dois motivos: ninguém mais ri – e aí Matozo estaria quebrando uma regra, um costume, ou as pessoas estranharam o fato de alguém ficar rindo na frente da Catedral – como se isso fosse falta de educação, de respeito, um pecado, a atitude de um louco. Talvez, Matozo estivesse ali exatamente para quebrar regras, simplesmente, provocando e desafiando a moral e os costumes das pessoas da

cidade grande. É preciso destacar que ele levava consigo algo essencialmente importante: exemplares de um livro.

Esse mundo da cidade grande, conturbado, complexo, agitado, descontrolado, quase sem rumo, observado mais detalhadamente na análise do romance *Juliano Pavolini*, mostra que os grandes acontecimentos históricos contemporâneos não interferem mais no cotidiano das pessoas. Com a banalização de fatos como a violência, a fome, a fé, o amor e a morte, o dia-a-dia dos homens traz a marca constante da novidade e do tédio, da agitação e da rotina, sucessivamente. Os atentados, as mortes no trânsito, os assaltos, os seqüestros e os assassinatos fazem parte das notícias diárias e as pessoas já não esboçam espanto ou indignação. Não há como acreditar na possibilidade de grandes e chamativas reportagens ou manchetes a respeito de um grande caso de amor, de uma grande amizade, de uma bondade recompensada, de uma mansidão premiada. Provavelmente, uma terceira guerra mundial seria apenas, ou simplesmente o fim, a consumação natural de um processo.

Enquanto Matozo tentava a sorte em Curitiba – passando férias na versão dos habitantes de sua cidade, um fato apenas sacudiu o cotidiano daquelas pessoas:

– E alguma coisa de novo na cidade, esse mês? – Olha, de novidade mesmo só o Mário Cornudo, que se enforcou. – Quem?! – O Mário, aquele um que a mulher fugiu com o carpinteiro e vivia pelos botecos (TEZZA, 2003: 203).

O fragmento acima trata de duas questões bastante problemáticas aos olhos de uma região predominantemente católica: o suicídio e o adultério. Portanto, essa “vida pacata” não significa a garantia de habitantes pacíficos, tranqüilos, amistosos, fiéis, benévolos, ingênuos e desinformados.

Transformar a morte de um pobre coitado no acontecimento do mês é a revelação e a imagem do tédio, da ausência de novidades e da rotina. Assim, para um mosaico a ser montado formando uma cidade do interior, algumas peças são imprescindíveis: vida pacata, pessoas pobres, espíritos fracos, ausência de diálogo e de indignação. Mas, a serenidade e a brandura podem esconder pequenos escândalos, grandes traições e várias perversidades.

As controvérsias desaparecem rapidamente aos olhos da pós-modernidade, presente nos mais distantes e esquecidos rincões do Brasil. Casos assim, como o do enforcamento do senhor Mário Cornudo, provocam alguns constrangimentos, mantêm

as pessoas ocupadas e distraídas por algumas horas, renovam a moral e os bons costumes durante o velório e o enterro, para depois a vida continuar em seu ritmo alucinante mesmo sem novidades.

Na cidade de Matozo, há uma banca de revistas – a livraria da cidade. Um dos conselhos dados ao jovem escritor sugere que ele tente a sorte em Foz do Iguaçu. Segundo aquele conselheiro, lá haveria uma papelaria que também vendia livros. Do início da década de 70, do século XX, até hoje, aquela cidade sofreu algumas modificações. Hoje, há várias papelarias, três livrarias, uma distribuidora de jornais e revistas, que também vende livros, e centenas de bancas de revistas.

Quando o ficcionista afirma que em Foz do Iguaçu existe uma papelaria que também vende livros, talvez não esteja valendo-se de uma ironia zombeteira. O tempo vivido naquela cidade nos permite afirmar que vai demorar ainda algum tempo para que o livro conquiste seu merecido lugar naquela região das Três Fronteiras.

Para a opinião pública e o povo em geral daquela cidade, Matozo poderia exercer a função de um ser exótico, deslocado e estranho, dificilmente “revolucionário”. Segundo o que consta no livro *Introdução à análise do romance*, de Yves Reuter, o jovem escritor não está infringindo lei nenhuma, pois

A pessoa (e a personagem) não é mais um simples emblema de sua casta social (o cavaleiro, o camponês...) ou um símbolo das atitudes possíveis no mundo (as diferenças entre os cavaleiros da Távola Redonda). Ele se singulariza, complexifica-se psicologicamente, é digno de existir independentemente de seu nascimento. Os heróis diversificam-se de vez e não aparecem mais como representantes exemplares de sua comunidade (REUTER, 1995: 15).

Como professor, Matozo parece não existir. Ele provocou algumas reações inesperadas e surpreendentes nos colegas uma única vez, quando apareceu na escola de barba feita, banho tomado e de roupas mais elegantes; as aparências nem sempre enganam.

Uma personagem bem sucedida, vitoriosa, sem conflitos, complexos, traumas e neuroses não pode ser protagonista de um romance moderno? Matozo parece afastar-se das pessoas de sua cidade, demonstrando muitas vezes estar escondendo um grande segredo. As pistas podem ser dadas pelo narrador, mas algumas delas não parecem dignas de muita confiança, a ponto de se tornarem decisivas para os desenlaces

romanesco. O fragmento abaixo sugere algumas considerações detalhadas e aprofundadas.

(Tinha *A suavidade do vento*, que a cada dia ganhava uma nova capa, um novo tipo de letra, um papel mais brilhante, em alguma gráfica secreta de São Paulo. Oh espera angustiada! Ninguém sabia ainda, mas saberiam quando o verdadeiro Matozo – o Mattoso – se revelasse!) (TEZZA, 2003: 99).

A partir da página 80, o autor de *A suavidade do vento* passa a ser J. Mattoso. Trata-se de um romance ainda não publicado, como podemos observar no fragmento acima. Para as pessoas em geral, Matozo era um sujeito que lecionava, bebia e jogava sinuca e general com alguns amigos, jamais um escritor em potencial. O mundo das possibilidades, por mais bonito que fosse, mantinha-se a uma distância muito grande, permitindo a existência de muitos sonhos, decepções e angústias.

As três versões para um mesmo nome não significam ausência de personalidade, diversidade de caráter e opiniões contraditórias. Era preciso ter uma atitude adequada para cada tipo de situação, conforme o ambiente ou a pessoa. As situações por que passa são das mais diversas: com os amigos do bar, os colegas na escola, o diretor, o proprietário da banca de revistas, a Maria Louca, em casa com seus fantasmas, os avisos de cobrança do banco, o pessoal das editoras, os estranhos de Curitiba, entre outras. Ele vivia sob os auspícios da insegurança. Para cada situação, havia uma grafia de seu nome a ser respeitada, nisso ele era um *expert*.

Mas como assinar? Matozo? Mattoso? Estevão sabia exatamente como era o nome dele? É claro que sim. E mais: sabia que era *Matôzo*, lembrou vagamente de uma piada ortográfica a respeito, dois ou três anos antes. Se assinasse Mattoso seria pedantismo? Só porque escreveu um livrinho já mudou de nome. Súbita vertigem: *todos* os livros estavam assinados assim! Mas decidiu continuar sendo ele mesmo: *Matozo*. O que era “ele mesmo”? (TEZZA, 2003: 113).

Ele mesmo, Matozo, é o autor de *A suavidade do vento*, cujo autor era J. Mattoso. Seu sonho de publicar o livro era visto das mais diversas maneiras. No colégio, conversando com o diretor, a realidade apresentava-se assim:

– O senhor... já tinha visto? – *Jota Mattoso*. Hum. O diretor segurou o exemplar e folheou-o – zap! – como Estevão o fizera; detendo-se na lombada, experimentou forçar a abertura do livro além do razoável. *O que ele pretende?* – e Matozo esticou o pescoço. – Interessante. Páginas coladas. Fica mais barato, mas com o tempo as folhas se soltam. – Eu não havia pensado nisso. É que... Outra folheada – zap! – e de novo a

investigação da lombada. – Parece firme. Também estou publicando um livro. Sobre métodos de ensino. Vai sair pela Secretaria de Educação. Mas as edições lá são costuradas. – Outro zap!, e esticou o braço, devolvendo o livro. – Mas vamos ao que importa, professor. (Ele disse *também*? Então ele sabe que Jota Mattoso sou eu?) (TEZZA, 2003: 151).

Matozo vivia cheio de dúvidas e contratempos. As palavras não expressam claramente, mas sugerem algo que está presente constantemente: os tolos e os acomodados apresentam-se cheios de convicção e parecem bem sucedidos. E as mesmas palavras revelam uma mesma cena: Matozo parece não querer ver a realidade, nem aproveitar as oportunidades que lhe são oferecidas. Mas ele não estava muito disposto a “vender a alma ao Diabo”.

No lugar de romances, ele deveria escrever livros sobre “métodos de ensino” e “macetes gramaticais”. Na perseguição de sua realização literária, Matozo recebe a solidariedade de José de Alencar, em sua pequena grande obra *Como e por que sou romancista*:

Todavia, ainda para o que teve a fortuna de obter um editor, o bom livro é, no Brasil, e por muito tempo será para seu autor, um desastre financeiro. O cabedal de inteligência e trabalho que nele se emprega daria em qualquer outra aplicação lucro cêntuplo (ALENCAR, 1998: 75).

Os problemas enfrentados por Matozo são anteriores à publicação do livro. O processo de elaboração da obra literária confunde-se com a vida de professor, o jogo e a bebida nos bares, a solidão e a pobreza cultural da cidade. Não há possibilidade nenhuma de uma dedicação exclusiva ao mundo da literatura. As conversas com o pessoal da editora, em Curitiba, são reveladoras:

– Só tem um problema: Tony Antunes não existe. Matozo não entendia, mudo. – É pseudônimo. Eu pensava que todo mundo soubesse! É sobre o quê? Vertigem. – Pseudônimo? Bem. Eu não sabia. É sobre uma crítica do livro *A suavidade do vento*. Saiu há... Mas a explosão da gargalhada calou brutalmente Matozo, que se apoiou no balcão. Morais tomou ar: – Ah, aquele troço que Luís inventou não sei daonde? – Continuava a rir um riso saboroso. – Foi o Luís que escreveu. Eu ainda tive de copidescar aquela bosta. Ele não trabalha mais aqui (TEZZA, 2003: 188-9).

Mas Matozo é socorrido por José de Alencar, novamente:

Se eu tivesse a fortuna de achar oficinas bem montadas, com hábeis revisores, meus livros sairiam mais corretos; a atenção e o tempo por mim despendidos em rever, e mal, provas truncadas, seriam melhor aproveitadas em compor outra obra (ALENCAR, 1998: 72).

Ao retornar para sua cidade, ele recebe a solidariedade e o apoio do diretor da escola e dos velhos amigos. As palavras do diretor confirmam apenas que a vida vai continuar nos mesmos moldes e agruras.

Tenho o prazer de avisá-lo de que já está tudo certo para o segundo semestre. Resolvi diretamente com a Secretaria. Procure-me, por favor, voltando das férias... P.S.: Li a sua carta de desagravo à revista Sul desta semana. De cabeça cheia que estava não entendi o que tinha acontecido quando você esteve comigo a última vez. Agora compreendo, e você tem a minha solidariedade (TEZZA, 2003: 199).

Depois de passar um mês na capital, Matozo retorna para sua pequena cidade – “Continuo na terrinha”, confidencia a Bernardete. A expressão correta para a chegada de Matozo, vista pelos olhos do diretor do colégio, dos amigos, vizinhos e povo em geral é “volta triunfal”. Não tanto quanto o retorno dos antigos generais, dos heróis do penta (do hexa, estava escrito), ou dos filhos pródigos, mas ele aceita o reconhecimento e os louros oferecidos.

A volta de Matozo é marcada pelo entusiasmo e planos, notadamente nas conversas com o amigo Estêvão, proprietário da gráfica. Uma nova janela parece abrir-se na vida do professor e do escritor:

– O que eu topo é a tua idéia antiga, de uma coluna gramatical. Que tal?
 – Você topa? – Topo mesmo. – Negócio fechado. Vamos lá no Snooker? O pessoal sentiu tua falta. Bem, cá entre nós, a burralhada não entendeu muito o que aconteceu, mas que você está com prestígio, isso está! Riram os dois (TEZZA, 2003: 203).

Matozo não voltou decepcionado e fracassado, ouvindo vaias, zombarias e escárnios das pessoas da sua cidade. Pelo contrário, foi muito bem recebido por todos. A cidade ficava mais feliz com sua volta. Mas o tempo da segunda metade do século XX, nas cidades do interior do Brasil, continua muito parecido com o tempo de José de Alencar:

Que país é este onde forja-se uma falsidade, e para quê? Para tornar odiosa e desprezível a riqueza honestamente ganha pelo mais nobre trabalho, o da inteligência (ALENCAR, 1998: 76).

No final do século XX, um ensaísta e uma banda de Rock valeram-se das primeiras palavras do fragmento acima para darem título a um livro e a uma música. Pelo que se sabe, ninguém admitiu José de Alencar como precursor da pergunta.

Para as pessoas em geral, Matozo contou que havia tirado umas férias e estava de volta ao lar. Ele continuava ansioso por novidades e parecia disposto a dar uma

guinada na sua vida. A ausência e a saudade podem reascender velhos sentimentos, mas também enterrar novos sonhos. Convidado entusiasticamente por Estêvão, Matozo acaba voltando ao bar, onde estão os velhos e fiéis amigos.

A chegada de Matozo no bar foi apoteótica – até os desconhecidos jogadores de sinuca interromperam as tacadas para admirá-lo. O abraço, esmagador, do Gordo: – Matozo! De volta com a gente! Que saudade! O Galo abraçou-o em seguida, brincando: – Como é mesmo a frase da Bíblia? A volta pródiga do filho gênio! E daí, Matozo, tudo bem? Olhos enfim molhados, uma felicidade aturdida e trêmula, Matozo via dentes alegres, o aceno do dono do bar atrás do balcão, os dados do jogo na mesa. Outro abraço de Estêvão, mestre-de-cerimônias: – Mas vamos festejar! Roberval, cerveja pra gente! O Gordo punha os dados no copinho: – E depois vamos jogar. Hoje o Matozo me paga o que deve! Riram e abraçaram-se, comovidos. Matozo ainda sentiu algumas pontadas nas costas, curtas e fortes, mas nada que um bom médico não pudesse resolver. Encheram os copos de derramar espuma e ergueram os braços, brindando num grito de guerra: – Viva Matozo! (TEZZA, 2003: 204).

Depois da festa, do brinde e da bebedeira, é bem provável que o passado volte realimentando a rotina, a dúvida e a solidão. O velho Matozo viverá de lembranças e dos velhos sonhos:

Quem sabe até preparar um lançamento formal? Por que não? Era preciso sair da casca! Poderia ser na escola mesmo, com bebidas e salgadinhos. O pessoal gosta de novidade, principalmente num lugar em que não acontece nada, como ali. Bem, o diretor talvez não gostasse – misturar ensino público com venda de livros (TEZZA, 2003: 114).

Muito além dos fatos narrados, dos diálogos, dos segredos confidenciais, encontramos vários mundos onde vivem as personagens. Matozo pode ser representante dos grupos humanos, que podem ser divididos assim: os que sofreram e não conquistaram nada; personagens que sofreram e alimentam algumas esperanças; o mundo dos que pensam, falam e sofrem; o mundo dos que sabem, calam e sofrem; o mundo dos que sofrem por não poderem falar; o mundo dos que sofrem porque não sabem falar. Poderíamos resumir o cenário em dois mundos: o mundo dos que não pensam – alegres e libertos; o mundo dos que pensam – tristes e conturbados.

Matozo é convidado a retomar sua vida anterior, condição básica para a cidade aceitá-lo de volta. Conta com o carinho, a atenção e o apoio de seus amigos, mas todos sofrem, inertes, estáticos, calados e solitários. Velhas cenas voltariam a se repetir naquela pacata cidade:

Todos já estavam demasiadamente bêbados para sentir desejo de ir embora, e demasiadamente derrotados para prosseguir o jogo; mecânicos, olhavam um para o outro, no lapso inútil de quem se pergunta depois de um pequeno fim: e agora? (TEZZA, 2003: 43).

Na Literatura Brasileira, talvez Machado de Assis tenha inaugurado a tradição de formar quadros narrativos marcados pela intenção sem nenhuma ação. Não pela sua grandeza ou insignificância, mas o conto **O caso Barreto** é um caso exemplar. As personagens de *A suavidade do vento* repetem a fórmula do início ao fim do romance, como podemos observar no fragmento abaixo:

Quem sabe saísse dali para conversar com Madalena? Uma conversa suave, vagarosa, que chegasse às mãos dadas e à comunhão. Ele falaria do livro; ela, dos planos de mudar de rumo na vida, *mas era tão difícil!* (TEZZA, 2003: 50).

O mundo do romance moderno também é constituído de sonhos, mas reduzidos a pesadelos. As personagens não vivem como seres fracassados, frustrados ou desiludidos. Sua vida é marcada pela incapacidade, tolerância, submissão e impossibilidade. As personagens dos romances modernos parecem viver mais de sonhos do que suas colegas dos romances românticos. A grande diferença é que para os romances modernos não há final feliz nem trágico. A vida continua ficção a fora.

Matozo não fala, ou não consegue falar com Madalena, não por ser tolo, idiota, ignorante, incapaz, fraco, inexperiente, tímido ou virgem. Não se trata de um caso isolado, diferente das demais personagens. Ele é um ser representativo, absorvente. Além de ser professor, é considerado um homem de certa importância e dono de uma consciência bastante destacada.

– Sabe que o Matozo tem razão? A gente fala de brincadeira, mas você sabia que no Paraguai não tem ladrão? É o código de honra deles. Até ladrão de galinha eles fuzilam. A coisa funciona. Se no Brasil fosse assim, a gente ia pra frente (TEZZA, 2003: 47).

Além de parecerem românticas, as personagens do romance moderno parecem viver em outro mundo, um lugar onde a consciência, o conhecimento e a sabedoria apontam para a dor, o sofrimento e a solidão. Muito próxima do caos, a narrativa segue adiante.

Uma leitura desatenta pode criar muitas dúvidas e mesmo confusões. O leitor fica sem saber em quem confiar, como podemos observar no fragmento abaixo:

Mãos no bolso, passos lentos, imaginou-se escrevendo *O pó e as trevas* só para mostrar ao mundo como a comunidade humana é sórdida, mesquinha, estúpida e irremissível. Mas no mesmo instante sentiu

vergonha: não é para isso que a literatura serve. – Aliás, a literatura não serve para nada. *Por enquanto, serviu para me destruir*, ruminava ele (TEZZA, 2003: 171).

Matozo é personagem do livro *A suavidade do vento*, de Cristovão Tezza, caracterizado como romance moderno. As reflexões do futuro autor de *O pó e as trevas* podem representar as do autor de *A suavidade do vento*. Conhecendo a história de Matozo, fica difícil acreditar em atitudes ou ações firmes e seguras. Ao longo da história da humanidade, os grandes livros não foram aqueles que narraram a respeito do lado bom da vida, da felicidade, do final feliz, do mundo ideal, da vitória do Bem.

Talvez, algumas pistas possam ser encontradas em passagens como a que segue:

... lançar duas notas de quinhentos na mesa e gritar alguma coisa como: *Estou desafiando! Quem é o pato que vai me enfrentar!?* Mordeu o riso que ameaçava romper os lábios, riso não da suposta cena, mas da simples idéia de que ele, Matozo, seria capaz algum dia de viver um humor solto, verdadeiramente alegre, de quem não tem medo de nada, de quem não deve a ninguém, nem ao dentista, nem ao vizinho, nem ao amigo, nem ao Carvalhal, que agora estendia o papel com a soma devida (TEZZA, 2003: 169).

A alegria e o bom humor seriam fatores decisivos e imprescindíveis para a Literatura? Há algum ser humano que vive sem medo? Matozo estava fadado ao fracasso? A Literatura Moderna insiste em reprisar uma velha cena: um ser humano cheio de boas intenções, sonhos, desejos, planos, mas sem atitude, decisão ou ação. O homem pós-moderno tem pressa, é ágil nos negócios, inventivo, bem informado, mas parece viver distante e desligado dos verdadeiros interesses e ambições dos que mandam. Não se trata de um mundo de aparências, marcado pela inocência e pela ignorância.

A condição de Matozo é melhor, aos olhos e juízos das outras pessoas. Corre a notícia na cidade de que ele estaria de mudança para a cidade grande. A reação do proprietário do Boliche é a seguinte:

– E eu pensei cá comigo: olha só, o professor, bem instalado na casinha dele, solteirinho da silva, aqui nessa terra cheia de futuro pela frente, o professor larga o conforto e vai arriscar a vida na capital (TEZZA, 2003: 174).

As pessoas parecem ter uma consciência muito clara quando falam a respeito da vida na cidade, grande ou pequena. Matozo quer ir para uma cidade grande. Seu amigo Gordo aconselha:

– E sem falar que vida em cidade pequena é muito melhor, mais tranqüila, todo mundo é amigo, se ajuda, aqui você é alguém! Vai! Vai lá pra São Paulo e vê se agüenta dois dias! Vai lá! (TEZZA, 2003: 29).

Mesmo sendo professor, escritor e sonhador, Matozo virava gente quando estava no bar, jogando general, boliche ou sinuca. Seus sonhos não estavam voltados apenas para a cidade grande, pois certos milagres podem acontecer em qualquer lugar. Algumas reflexões criam um cenário encantado:

Gráfica do Estevão coisa nenhuma! O livro sairia por uma editora de Curitiba, capa em quatro cores, papel cuchê, cinco mil exemplares em todo o estado. A televisão viria entrevistá-lo. Talvez o encontrasse aqui mesmo no Snooker Bar, jogando general. *Sou assim mesmo, um homem simples. Devo minha arte a esta cidade nova, que me acolheu como filho. Este é o meu mundo: minhas alunas, meus amigos, o barro promissor desta terra* (TEZZA, 2003: 31).

O mundo das idéias não parece ser apenas privilégio da Filosofia. Que mundo maravilhoso o mundo dos sonhos de Matozo! Havia um outro mundo, onde viviam seus amigos. Estêvão, seu amigo e dono de uma gráfica, já havia escrito algumas coisas, como podemos observar no fragmento a seguir:

Tudo isso porque, há alguns anos, num momento idiota de entusiasmo, bêbado em fim de noite, confessou a Estêvão que escrevia algumas coisas. Muito pior ainda: leu um trecho em voz alta. Foi o fim. Nem as repetidas e irritadas juras de que havia abandonado as musas para sempre (*Como vão as musas, Matozo?*) convenciam o amigo. Que, aliás, dez anos mais velho, já tinha currículo: um livrinho de sonetos (*Brincadeiras da faculdade!*), uma peça de teatro, participação numa antologia de contos, se não me engano de São José do Rio Preto e um opúsculo de sucesso na região – *Entenda a lei do inquilinato* – impresso na própria gráfica. A par disso, cultivava alguma ambição política (TEZZA, 2003: 35).

O que interessava a Matozo era a veia artística do amigo, sua produção literária bastante diversificada. Faria tudo para tornar-se seu colega de letras. Há aqui, e em outros lugares do romance, muita controvérsia. Que mecanismos impedem o despertar? Estêvão é a expressão e a manifestação da realidade, de um mundo de possibilidades. Podemos viver de arte, mas vamos ganhar dinheiro também, parece ser o que ele fica repetindo ao amigo.

A produção literária bastante diversificada serviu para abrir novas portas, novas chances de prosperar. Talvez, viver para ganhar dinheiro implicava em abandonar o mundo da Literatura. O fragmento acima é claro e preciso: a única produção literária

que teve valor foi aquele “opúsculo”. Os demais não passavam de pequenos motivos para justificar a ambição política do autor. Para o povo de uma pequena cidade do interior, onde há apenas uma banca de revistas, sem nenhuma livraria por perto, Estêvão podia declarar-se um grande escritor, uma figura nobre, elevada, uma autoridade.

Como prova de amizade, Matozo é chamado novamente ao mundo dos vivos, através da seguinte sugestão:

– Fora de brincadeira, Matozo. Por que você não prepara um manual de gramática para o segundo grau, regras, macetes, crase, essas coisas? Eu banco na minha gráfica. Dá pra ganhar um bom dinheiro (TEZZA, 2003: 37).

Além do conselho, temos o elogio. Estêvão conhecia as habilidades discursivas do amigo. A Literatura podia servir para ganhar dinheiro e não para alimentar sonhos, pela invenção e pela simulação. Aliás, trabalhando juntos, o artista e o astuto podiam alcançar muito sucesso. Matozo insistia em não entender ou não aceitar. Suas chances eram grandes, bem melhores do que aquelas oferecidas ao seu colega ficcional, Juliano Pavolini. Há algo no ar que faz lembrar de Rubião, do romance *Quincas Borba*. – Ó Rubião, eis aí teus rebentos!

Matozo é a prova de que as pessoas parecem não ter o costume de dialogar, conversar abertamente a respeito de suas alegrias e tristezas, conquistas e fracassos. Aceitam pacificamente um mundo de aparências, compartilhado na família, na escola, nas festas, nas igrejas, nos clubes, nos bares. Os leitores do romance *A suavidade do vento* sabem como é a vida de Matoso, bem diferente daquela imaginada pelo senhor Carvalhal, o dono do bar. Mas o narrador não pode narrar estabelecendo pactos explícitos com o leitor, por mais que Matozo insinue revelar o “gigante adormecido”.

... lançar duas notas de quinhentos na mesa e gritar alguma coisa como: *Estou desafiando! Quem é o pato que vai me enfrentar!?* Mordeu o riso que ameaçava romper os lábios, riso não da suposta cena, mas da simples idéia de que ele, Matozo, seria capaz algum dia de viver um humor solto, verdadeiramente alegre, de quem não tem medo de nada, de quem não deve a ninguém, nem ao dentista, nem ao vizinho, nem ao amigo, nem ao Carvalhal, que agora estendia o papel com a soma devida (TEZZA, 2003: 169).

O narrador de um romance policial cria o suspense e as suspeitas através de pistas, que podem ser verdadeiras ou falsas. Lida a história, o mistério é desvendado. Desvendado o mistério, as pistas perdem seu valor. Assim, imaginamos que na releitura de um romance policial desaparecem a motivação, a graça, o encanto e o espanto. Mas, para a crítica oficial, as histórias subjacentes devem ser respeitadas ou podem ser

traduzidas quando observadas algumas leis e normas. Alguns tabus ou mistérios da ficção não podem ser traduzidos para a língua comum dos homens.

Durante e antes do término da primeira leitura de *Grande Sertão: Veredas*, algumas perguntas podem ser feitas: Diadorim torna-se provocante, insinuante e ameaçador por livre e espontânea vontade? Por que Riobaldo fica tão perturbado diante do fascínio representado por Diadorim? A suposta imagem erótica feminina presente no jagunço revela o ocaso da masculinidade em Riobaldo, e ele não tem coragem de assumir sua tendência ou preferência homossexual?

A partir da segunda leitura, algumas novas perguntas podem ser feitas: Como ver um jagunço na figura de Diadorim? Não há ali a negação de uma linda e arrebatadora história de amor? Vista como jagunço, Diadorim é a negação da beleza, do encanto, do amor, de uma outra história de amor com final feliz? O clima perturbador exercido e provocado por Diadorim é apenas a presença de uma mulher fascinante, devoradora ou os indícios da homossexualidade em Riobaldo? Riobaldo não gosta de mulher? Esse cara é gay? Aceitar Diadorim exclusivamente como jagunço é motivação para gays, lésbicas e simpatizantes? Não aceitar ou não admitir Diadorim como mulher é a manutenção do preconceito?

Riobaldo sabe que Diadorim é mulher e por isso se afasta, recua, nega, incapaz de atender a tanto amor, a tanta volúpia? Perguntar se Riobaldo teria algum problema com sua sexualidade seria repetir esse contínuo, sufocante, pegajoso e desgastado ritual de querer descobrir se Capitu traiu Bentinho ou não... Mas essa é uma outra motivação para outras teses, de outros autores...

O narrador de um romance moderno fornece pistas para criar suspense e suspeitas. Mesmo diante de todas as indagações, inquietações e indignações do leitor, essas pistas não podem ser verdadeiras nem falsas. A releitura de um romance moderno será sempre uma outra e nova leitura, com novas impressões e novas descobertas, nunca transformadas em leis, dogmas ou modelos acabados. A partir da segunda leitura, *Grande sertão: veredas* vai se distanciando da categoria romance moderno? O fato de Diadorim ser revelada mulher só no final faz parte dos fatos secundários da obra?

No texto bíblico, narrar implica em revelar, segundo as versões da Igreja. As imagens, os símbolos, as metáforas e as parábolas são transformadas e traduzidas por uma verdade única e definitiva. Poderíamos apontar algumas versões dessa verdade absoluta: o Bem sempre vencerá o Mal; os mansos, puros e misericordiosos irão para o

Céu; quanto mais sofrereres mais próximo estarás do reino do céu; os que têm fome e sede de justiça serão saciados, na vida eterna.

As telenovelas, longe de lembrarem passagens ou circunstâncias bíblicas, cumprem a sina do fechamento com final feliz. Num passe de mágica, os maus são condenados e os bons recompensados. Por mais que a personagem cumpra um papel tirano, ímpio, cruel e devasso, o telespectador atento vai projetando as intrigas e os conflitos para o grande final. Diríamos que um telespectador ingênuo, desinformado, idiota ou ignorante aceita pacífica e comodamente o final feliz, sem estranheza, reação ou grandes lamúrias. Ele faz parte do mundo dos que aceitam serem enganados, traídos e mal tratados.

Os mocinhos da novela e do romance policial têm uma certeza: no final, serão recompensados. Pode não saber um leitor ingênuo, porque o pacto do narrador é com a astúcia e a inteligência e não com a ignorância e a imbecilidade. A aventura proposta por um romance policial é de curta duração, mesmo que a vida continue após o mistério ser desvendado. Muitas vezes, a duração de uma telenovela é determinada pelo nível de audiência.

O suspense criado por um romance moderno dever suscitar as mais variadas versões e impressões. Segundo Yves Reuter, em seu livro *Introdução à análise do romance*, nossos comentários não devem ser vagos nem aleatórios. Mas nós podemos levantar as mais variadas suspeitas, sem uma intenção vaga ou aleatória. Uma passagem do romance *A suavidade do vento* permite ampliarmos a discussão:

Num dos cafés, esqueceu *A suavidade do vento* no balcão, mas a funcionária alertou-o em seguida. Três homens pararam de falar enquanto ele voltava para pegar o envelope; quando ele se afastou, voltaram a conversar (TEZZA, 2003: 184).

Matozo já está na capital, tentando a sorte. Não se trata mais do romance *O pó e as trevas*, e sim de *A suavidade do vento*, agora de autoria de Matozo e não de Cristovão Tezza. Talvez não seja um caso de ficção dentro da ficção.

Quando ele deixou o envelope no balcão, suas intenções eram as melhores, alimentando uma grande esperança, talvez a única e última. Contar com um leitor era algo extraordinário para Matozo. Ele quis ser gentil e a funcionária conseguiu ser mais gentil ainda, por mais que isso desagradasse a Matozo.

Há algo muito intrigante no fragmento acima: as reações daqueles três homens. Que suspeitas o quadro formado poderia sugerir? Naquele envelope havia uma arma e

Matozo era um investigador, um detetive, um agente federal ou um bandido. Os três homens estavam planejando um assalto, a receptação de um carro roubado, a distribuição de drogas. Na verdade, eles podiam estar comentando a respeito daquele sujeito, na base da fofoca, achando-o estranho e ridículo.

Por outro lado, Matozo podia ser alguém importante, uma celebridade, um grande e festejado escritor, e ele estava ali disfarçado de homem comum, um homem do povo.

Realmente, Matozo podia ser confundido como um homem do povo, humilde e pobre. Na capital, ele pôde realizar parte de seus infundáveis desejos, como podemos observar no fragmento abaixo:

Desfilou no entardecer da rua XV, à vontade no tabuleiro. Tomou um cafezinho, surpreendeu-se a conversar com um desconhecido sobre o tempo: de fato, o pior frio já havia passado, acordaram ambos. Depois, fez um lanche reforçado, pesquisou os cinemas e entrou num deles. Foi bom ver aquela sucessão de imagens: nenhuma dor na coluna. À saída, bebeu conhaque num bar, comprou um bilhete de loteria, deu esmola para um aleijado (TEZZA, 2003: 195).

Não havendo o contato, o diálogo, nem a intimidade entre as personagens, o mundo é revelado a partir das impressões, anseios, expectativas e sonhos de Matozo. Um sonho pode transformar e melhorar a realidade.

A “angústia da influência” pode se manifestar apenas no leitor. Algumas situações vividas por Matozo parecem ter sido tiradas da ficção de Machado de Assis. Não trazendo a marca da cópia ou da originalidade, nem uma ruptura desconstruindo uma tradição, elas oferecem apenas sugestões. Fundadas na existência de seu livro, as ilusões de Matozo podem ser representadas pelo fragmento abaixo:

Resolveu fazer a barba de alguns dias. Hoje, no cafezinho, olharam para ele alguns segundos a mais que o normal – particularmente o diretor. Estava reservando um exemplar de *A suavidade do vento* para ele. Uma espécie de escudo protetor. Talvez ele já soubesse. A cidade inteira já estava sabendo de tudo, até mesmo da entrevista, essas coisas correm. O olhar distante era respeito. Deviam dizer, lá entre eles: *Já temos o nosso escritor. Deixem-no em paz, criando*. Vendo desse modo, ele não mentiu à jornalista; apenas transcreveu a verdade subjetiva. O que está subterrâneo. O *motor*. No espelho, gostou do rosto limpo. Pela milésima vez decidiu ser mais cuidadoso com a aparência – isso pesa na vida. Talvez, exagerou ele sentindo de estalo um desejo novíssimo, talvez controlar mais a bebida! Quem bebe agride. E talvez – e agora ele riu, gostosamente – começar logo *O pó e as trevas*. Com a caverna mesmo! E descobria, comovido: *tenho muito a dizer ainda* (TEZZA, 2003: 136).

Os sentimentos e as ilusões de Matozo em relação aos leitores e ao sucesso da sua obra fazem lembrar de algumas personagens machadianas em seus achaques literários: o coronel Borges - *Abaixo as máscaras*; Luís Tinoco – *Goivos e camélias*; Romualdo – *Verdades e quimeras*; e o “drama”, escrito pelo major Lopo Alves. Matozo não conseguiu publicar *A suavidade do vento* e já pensava em escrever um novo romance, *O pó e as trevas*.

Pensamos que a personagem cumpre uma caminhada de continuidade, de complementação, dependendo exclusivamente de uma nova palavra, imagem ou símbolo. A plenitude e a totalização da personagem de um romance imitam a montagem de um mosaico. Cada palavra, imagem ou símbolo é uma nova peça a ser encaixada. As palavras de um romance moderno nunca formam um mosaico definido, completo ou definitivo.

CAPÍTULO IX

O MUNDO ITALIANO E A CIDADE GRANDE

Aquela vidinha boba... insossa... E, no entanto, éramos felizes! Sim, felizes, porque a felicidade é a ignorância... O homem que não conhece, esse o homem feliz. O conhecimento é a cobra que criamos para nos picar... É o muro que nos aparta para sempre da felicidade.

(Luiz Ruffato, *Mamma, son tanto felice*)

9.1. MAMMA, SON TANTO FELICE

9.1.1. Notas Preliminares

O livro *Mamma, son tanto felice* é o volume I de um título geral, **Inferno provisório**, seguido de *O mundo inimig*, ambos, publicados em 2005; o terceiro, *Vista parcial da noite*, é de 2006; inéditos, *O livro das impossibilidades* e *São São Paulo* completam a série.

O primeiro trata da paisagem rural de um pequeno município do interior de Minas Gerais e a passagem para a vida nas cidades, grandes e pequenas. A ficha técnica apresenta a obra como um “romance brasileiro”. O índice é apresentado dividido em seis “histórias”: Uma fábula, Sulfato de morfina, Aquário, A expiação, O alemão e a puria e O segredo. Não podemos afirmar que as histórias apresentam um fio condutor, de continuidade e afinidades. A fragmentação do romance talvez queira simplesmente ser fiel à fragmentação da vida humana, nos meios rural e urbano. Segundo Cecília Almeida Salles, na *aba* do livro, trata-se de “narrações de eventos onde quase nada acontece... retratos acurados de personagens que compõem uma sociedade em agonia”.

O título do livro de Luiz Ruffato, *Mamma, son tanto felice*, remete a uma canção italiana das mais populares, talvez das mais conhecidas: “Mamma, son tanto felice / perchè ritorno da te” (Mãe, sou tão feliz / porque retorno a ti, ao teu convívio). Desconfiamos que “popular”, ou “conhecida”, graças a esses dois versos iniciais, porque é bem provável o desconhecimento do restante da letra por parte da maioria dos brasileiros descendentes de italianos.

E a “mamma”, a matriarca, o cerne, o sustentáculo da família, está desaparecendo das comunidades tipicamente italianas, das cidades e dos interiores do Brasil. A vovó de Carlos não sabia uma palavra em Português. O fato de só saber falar *Talian* criava muitos constrangimentos, notadamente com os netos, e acabou morrendo de solidão, segundo palavras de uma das filhas, conforme podemos ler no capítulo “Bom Jesus do Norte, 9h35min”. Mas, se a Literatura é o registro dos homens e de seu tempo, por que a participação de uma *nonna* que não fala mais por saber apenas o *Talian* e nada de Português? No presente, o fato pode ser representante de um saber que perdemos, presente na memória e nas lembranças de um tempo de desinformação, miséria, ignorância e felicidade.

A educação dos filhos não cabe mais à família, aos pais e nem mesmo à escola ou à Igreja. O eixo foi deslocado, assustadoramente. A televisão, o shopping, o videogame, o celular e a internet exercem papéis preponderantes e decisivos na formação das personalidades e das mentalidades nesse início do século XXI. O homem do campo tornou-se moderno, participante ativo da globalização, sem precisar transferir-se para a cidade.

“Voltar ao lar”, ao “seio da família”, às tradições e aos costumes pode significar apenas uma alusão, outra grande ilusão, uma atitude urbanizada, mais uma das formas mágicas de transformar tudo em mercadoria, em objeto de compra e venda. Há provas e testemunhas vivas de que muito do que resta do homem arcaico habitante do meio rural é a memória, provocada ou aguçada por alguns resquícios de lembranças e saudades dos valores e das velhas relações sociais praticadas nas famílias e nas comunidades do interior; dois exemplos, apenas: as noites e os jantares italianos. Alguns raros italianos ainda jogam a *mora*, o quatrilho, espontaneamente, ou quando alguma reportagem ou documentário de televisão assim o exigir.

No “Prólogo” para o livro *Seleta em prosa e verso*, Alfredo Clemente Pinto, seu autor, informa:

... tivemos em vista não só a correção, clareza e elegância da linguagem, condições essas essenciais em um livro de leitura, senão também a amenidade, variedade e utilidade dos assuntos (PINTO, 2001: 3).

Para um leitor-aluno-consumidor (rural e urbano) de hoje, os adjetivos referentes à linguagem e os substantivos referentes aos textos não devem soar atraentes, instigantes, ou inquietantes, nem familiares, amistosos ou amigáveis. Alias, para a escola progressista, com bases e objetivos fortes voltados para a inclusão social e a

construção da cidadania, de nada serve ficar identificando a presença de substantivos e de adjetivos num pequeno fragmento ficcional.

Confiante nos leitores da época, os esclarecimentos seguem nos seguintes termos:

Omitimos, portanto, os que, por demasiadamente científicos, só poderiam causar tédio aos nossos jovens e escolhemos os mais próprios para lhes despertarem nos ânimos o respeito da religião, o amor da pátria e da família, excitando-lhes ao mesmo tempo os sentimentos mais elevados, e desenvolvendo *pari passu* a imaginação e o bom gosto literário (PINTO, 2001: 3).

No fragmento acima, o leitor de hoje não expressaria bons sentimentos em relação aos livros voltados para a religião, pátria ou família; no final da leitura, dificilmente seus sentimentos surgiriam mais elevados; teoricamente, talvez. No romance de Luiz Ruffato, encontramos provas do fracasso da família e da escola, como podemos observar no fragmento a seguir:

Sabia que os filhos estavam metidos com drogas, visadas pela polícia e pelas quadrilhas, achou, no entanto, que conseguiria, através das orações, das vigílias, tirá-las do erro, e que seu exemplo de homem trabalhador, honesto, correto, bom pagador, iria acabar, quem sabe, influenciando... Quantas vezes tinha chamado a atenção dos filhos, mas de que adiantava? (RUFFATO, 2005: 93).

Na página seguinte, os clamores são dirigidos a Deus, em busca, talvez, de explicação ou mesmo de consolação:

Ah, meu Deus, a gente cria os filhos com tanto carinho... Pra isso? É justo? É justo? (RUFFATO, 2005: 93).

Assim, Deus passa a ser apenas uma outra palavra, parte do vocabulário humano, em momentos de agradecimento e adoração, amargura e revolta, ou mesmo uma expressão cotidiana, empregada como glorificação ou como blasfêmia, em momentos de desespero e súplica, de forma inconsciente e espontânea.

Vale destacar que *Seleto em prosa e verso* é um “livro de leitura”. Não há nenhuma pergunta, guia de leitura, ou modelo teórico a ser seguido. Nos livros didáticos das últimas décadas constam as mais diversas e diferentes teorias, definições e orientações de leitura e de análise. Muitos deles conseguem eliminar o “prazer da leitura”, graças aos questionários, ao direcionamento das perguntas, tendenciosas ou marcadamente subjetivas e aos “guias de leitura”.

Aquela velha canção italiana e o *Seleta em prosa e verso* fazem parte de um passado remoto, muito distante, considerando sua insignificância e inutilidade para as prioridades e interesses atuais, tanto dos ouvintes e leitores quanto das escolas. As novas lideranças educacionais – da SEC até a mais humilde escola do interior, guardam uma admiração e uma fidelidade cada vez maiores em relação aos caminhões de livros didáticos e de auto-ajuda que chegam anualmente às mais recônditas taperas brasileiras.

O romance *Mamma, son tanto felice* não é propriamente uma história, de começo, meio e fim, constituída de capítulos subseqüentes ou de um certo ordenamento espacial e temporal. As palavras parecem estar sempre em um outro lugar, distantes da fotografia – o leitor poder ver -, do registro imediato ou direto do cenário, do ambiente. Nós vemos as palavras, mas não os lugares, as pessoas, os fatos, o cenário em geral; apenas imaginamos. Mesmo que as personagens estejam interagindo, as informações sobre causa e conseqüência ficam suspensas. Por outro lado, não temos, também, apenas palavras que refletem o mundo interior das personagens, em suas divagações, saudades, dúvidas, alegrias e tristezas. Não há continuidade. A logicidade pode transparecer apenas nas conclusões ou reflexões individuais (e íntimas) do leitor.

Afirmar que se trata de um romance de caráter fragmentário ou psicológico não resolveria as questões de leitura e análise. A complexidade, o suspense, as confusões e a ilogicidade podem apresentar possíveis esclarecimentos a algumas páginas adiante.

A título de ilustração, rápida, em um determinado momento da narrativa, lemos a respeito de um assassinato:

Foi o Badeco? É, o empregado de vocês... aquele preto, o homem falou. Preto é traiçoeiro, sempre falei (RUFFATO, 2005: 77).

O que está para ser julgado não parece ser exatamente o assassinato, mas o fato de Badeco ser preto e, assim, traiçoeiro. Mas, numa leitura atenta às artimanhas do narrador, na construção do imaginário ficcional, logo mais adiante surge inadvertidamente uma outra versão dos fatos, conforme podemos observar no fragmento abaixo:

... porque quando o pai estava daquele jeito, possuído, não via o Badeco, seu filho de criação, mas o Badeco, seu empregado, e nele batia com o que estivesse à mão, o cabo da enxada, uma acha de lenha, um pedaço de bambu. Na hora da raiva, o Badeco dizia, Um dia acabo fazendo uma doideira, você vai ver, mas só na hora da raiva, porque o Badeco gostava muito do pai (RUFFATO, 2005: 83).

A narrativa parece não oferecer respostas, nem permitir escolhas. Por ser preto e traiçoeiro, Badeco podia muito bem matar seu pai de criação; estaria atendendo a uma certa parcela da população daquele lugar; podia também gostar muito dele, mesmo sendo preto e traiçoeiro; por ser preto e traiçoeiro, podia também matar, acertando contas com aquele senhor que o maltratava tanto, por Badeco ser preto e traiçoeiro, ou por ser igual a outros seres humanos.

Badeco matou aquele senhor? Agiu por vingança? O fato de “gostar muito do pai” é uma declaração em sua defesa, em prol da sua inocência, ou é um outro argumento do narrador para confundir o leitor, aguçando sua atenção? Talvez não devêssemos buscar respostas, apenas possibilidades e alternativas.

No artigo “Memória remota da pobreza”, publicado na revista Bravo, de abril de 2005, talvez o primeiro publicado no Brasil sobre o romance de Luiz Ruffato, o professor Luís Augusto Fischer aponta uma das tendências da prosa brasileira recente:

... a tendência responde à consciência de que é do nervo das experiências históricas que sai a matéria-prima da grande narrativa, mesmo quando elas parecem destinadas apenas à anedota, quando não ao simples esquecimento (FISCHER, 2005: 94).

A história recente que marca a vida das pessoas que viviam no meio rural de cidades mineiras, como Rodeiro, pode ser observada em muitas regiões do interior do Rio Grande do Sul, como em Sananduva, Nordeste do Estado. Um dos argumentos que permitem a aproximação ou identificação: as antigas relações que existiam entre as pessoas e as comunidades eram estabelecidas por um padre, o guia espiritual; as de hoje trazem a marca da diversidade – não um pastor para cada habitante, para cada casa, nem para cada rua, mas para cada quarteirão, é bem provável.

9.1.2. Vozes do campo

Lançado em 2005, o romance não recebeu da crítica os devidos e merecidos estudos, ainda. O que temos até o presente momento o ensaio de três páginas, do professor Luís Augusto Fischer, publicado na revista Bravo, de abril daquele ano. O ensaio aponta para questões nevrálgicas que devem ser consideradas na leitura e na análise de textos que tratam da história brasileira recente.

Em linhas gerais, o universo ficcional do romance divide-se em dois momentos, distintos. Um, chamado de meio rural, assume determinadas características, assim apresentadas pelo professor:

Lá e então se organizou um estilo de vida de curta duração mas muito forte, capaz de permanecer na memória dos pósteros como uma vida feliz – o mundo do campo, do trabalho com mão-de-obra familiar, da relativa autonomia do sítio, da organização social mediada pela Igreja Católica (FISCHER, 2005: 93).

O primeiro parágrafo do livro *Mamma, son tanto felice* parece remeter aos tempos primórdios, os mais remotos do homem do campo primitivo. O início do livro parece ser o início da vida dos colonos daqueles lugares:

... a “tia” Maria Zoccoli suava ao lembrar: dos que chegaram pelas suas mãos e vingaram, o pior, nasceu sentado, embora doessem-lhe quantos inascidos!, abortos horrendos, monstros, aleijados, anjinhos semeando o-lado-de-trás, o das bananeiras, das casas das fazendolas nos derredores de Rodeiro, quantos! (RUFFATO, 2005: 15).

As relações familiares, típicas de uma sociedade patriarcal, os juízos de valor, os princípios e regras fundem-se na voz do narrador e na voz de personagens:

Quando necessitava, ordenava, “Filho, isso assim e assim”, “Filha, isso assim e assado”, e candeava suas afeições, mais pelas criações e pela lavoura que pela prole, que aquelas dão trabalho, mas alegrias, e essas decepções apenas (RUFFATO, 2005:16).

O mundo rural, antigo e arcaico, apresenta homens muito próximos ou misturados aos animais, e é revelado através das atitudes, princípios e valores considerados importantes para a sociedade:

Demorou um nada para preferir uma menina-Bicio, Chiara, recém-moça, catorze anos, que, pela largura das ancas, mostrava-se boa parideira, embora magra e intimidada, corpo forrado de sardas, e fraca da cabeça, como descobriria depois, já fora-de-hora para desfazer o negócio (RUFFATO, 2005: 17).

De casamentos entre pessoas assim é que eram gerados seres humanos descritos no fragmento destacado, trazidos ao mundo auxiliados pelas mãos ágeis da parteira, “tia” Maria Zoccoli; tal mundo, tais filhos, num processo harmoniosamente trágico e semibestial.

O processo de construção da narrativa não traz a marca do princípio, meio e fim. Não há o mundo primitivo – rural - separado do civilizado – urbano. Os cenários vão

surgindo e sendo construídos alternadamente. Há o encontro e o diálogo, sempre marcados por dois mundos distintos e distantes:

... apertou sua mão sem calos, Salvador, seu criado, falou, simpático, André, balbuciou, Seu criado, repetiu, encabulado (RUFFATO, 2005: 25).

No fragmento acima, temos o homem do campo e o homem da cidade em situação de diálogo, mas as palavras revelam uma distância enorme entre eles. A expressão “seu criado”, pronunciada pelos dois, apresenta-se em tons diferentes. Parece que André repetiu em tom cordial, gentil, respeitoso, mesmo sendo ele o homem rude, calejado e humilde. Salvador “falou”, apresentava-se “simpático” e “sem calos”; André “balbuciou”, e repetiu “encabulado”. Caso a opção fosse pelo estudo comparativo, caberia neste momento uma aproximação minuciosa com outros dois mundos ficcionais: o de Zé Bebelo e o de Hermógenes, do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa.

Em muitos lugares e situações, além da missa - o grande evento social -, havia outras atividades que mantinham ocupadas as pessoas do lugar, como podemos observar na passagem a seguir:

Domingo, o Micheletto velho reservava para, além de assistir missa na Igreja de São Sebastião, revolver pendengas, ferrar o cavalo, comprar mantimento no Maneco Linhares, miudeza na loja do Turco, cascar arroz na máquina, tomar uns goles no Pivatto, tratar da berganha de um garote ou de um cachaço, levar uma encomenda de ovos de pato, um marrequinho-d’água, uma besteiragem de mulher, um troço, outro (RUFFATO, 2005: 17).

No meio rural também aconteciam mudanças, registrando avanços, melhorias e progresso. As palavras abaixo são esclarecedoras:

... reservara ele todo para seus alqueires cercados de achas de braúna e arame farpado, porteira adentro onde antes sujeiras de matas, pedras, voçorocas, cupins, agora pastos de guzaré e gir, pomar e limas, limões, tanjos, laranjas, sidras e mexericas, roças de fumo, milho, café, cana, horta, arroz, abacate, manga, jaca, frangos, patos, cachorros, gatos (RUFFATO, 2005: 18).

Esse tempo, do fragmento acima, é o tempo demarcado pelas reflexões e divagações de Carlos, na página 134: “éramos pobres, mas não faltava comida na mesa”. A presença do diálogo entre dois mundos distintos e distantes é constante ao longo do romance.

Em muitos momentos da narrativa, as palavras não oferecem informações precisas a respeito do lugar onde poderiam estar as personagens. As reflexões, lembranças e divagações fazem parte dos registros da memória, geralmente voltadas para um mundo e um tempo que se perderam, praticamente esquecidos. O que sabemos é que a boa e velha música desapareceu.

Depois, tentou imaginar os barulhos que emergiam do quintal. Galinhas cisgam o chão, despreocupadas. Um enorme porco remexe o cocho num chiqueiro fedorento. Um cachorro espreguiça-se à sombra das bananeiras. Uma dupla caipira esgoela no rádio vizinho (RUFFATO, 2005: 75).

Os seres e as vozes do quintal, prováveis frutos da imaginação de Carlos, podem muito bem fazer parte do passado da personagem, trazendo tranqüilidade, paz e serenidade; as canções da dupla caipira são manifestações do presente e de um futuro bastante definido: a perpetuação do presente e não a volta ao passado.

Leitora de Faulkner – “o passado nunca está morto, ele nem mesmo é passado” - Hannah Arendt afirma:

Esse passado, além do mais, estirando-se por todo seu trajeto de volta à origem, ao invés de puxar para trás, empurra para a frente, e, ao contrário do que seria de esperar, é o futuro que nos impele de volta ao passado (ARENDR, 1988: 37).

No romance de Luiz Ruffato, a cena renasce na personagem Carlos, em suas reflexões e divagações, e nos diálogos mantidos com sua mãe. Diríamos que ele já está distante de sua família e de seu meio - os tempos da infância e da mocidade. Agora está na cidade, trabalhando, e “seguir em frente” é trazer para o presente diálogos e impressões de um passado recente, quando vivia com sua família, mais precisamente quando conversava com sua mãe. As pessoas parecem viver de lembranças e não de saudades.

Mas as palavras não parecem dar continuidade à narrativa; podem ser traduzidas por reflexões e não por ações. O presente permanece suspenso. Não há também a necessidade ou a imposição do passado apontando para um acerto de contas, confissão, pedido de perdão, de condenação ou desejo de vingança. As perguntas de Carlos e de sua mãe soam cordiais, gentis, carinhosas, conciliadoras, mas também complicadoras e terríveis.

A pergunta da mãe:

– E você, Carlinhos... Você que largou tudo e foi embora... Você conseguiu?, conseguiu ser feliz? (RUFFATO, 2005: 52).

Uma das perguntas do filho:

– Mãe, a senhora... a senhora foi feliz... com meu pai? (RUFFATO, 2005: 50).

A abrangência e as implicações das palavras “conseguiu” e “feliz” e das reticências serão analisadas mais adiante, na seção **Pluralidade de vozes**.

As perguntas sem respostas não são mais exclusividade do homem do campo, desinformado, ingênuo, atrasado ou inocente. O mundo da incerteza, da dúvida, do silêncio e da perplexidade invadiu a cidade, imperceptível e desavisadamente.

As divagações voltadas para o passado aparecem misturadas aos sonhos em relação ao futuro. Muitos planos giram em torno da fórmula “vontade sem ação”. Diante de um presente estático e confuso, a saudade do passado mistura-se às esperanças no futuro:

O moço André... assuntando solitário por baixadas e pastos, no Alto do Cruzeiro e no estradão só-pó, uma charrete, uma Rural, um cavaleiro, um de-a-pé, ninguém... aflito por dentro... arrasta-pés... nas peladas, brigas de galo, nas rinhas de canários, com o irmão nas visitas, “para ver”, às zinhas da Rua do Quiabo, pé direito na igreja, esquerdo no botequim... um dia encorajar, aventurar-se em Ubá, diz-que cidade grande, de amplas modernidades, espiava o ônibus resfolegante na praça, Cataguases–Ubá... arrumava emprego numa fábrica de móveis, ganhava dinheiro, punha um implante de dente-de-ouro na boca, e, depois, sim, caçava uma noiva, casava, pois, a de outro fim se destina a vida? (RUFFATO, 2005: 24).

Há cenas terríveis, constituídas por atores de uma “sociedade em agonia” – apontada por Cecília Almeida Salles, revelada pela incapacidade e pelos fracassos das personagens diante dos próprios problemas. A mesma cena que revela poder de decisão e segurança diante das próprias atitudes, esconde um ser triste e desgraçado. As palavras do texto:

... e levou a Madalena amarrada para o alto do pasto, sol a pique, desatou o nó, Vai, desgraçada, vai embora, vai pra bem longe, anda!, berrou, empurrando-a por entre touceiras de capim-gordura, ela chorando, Pai, ele, apontando a espingarda, Vai, desgraçada, estou mandando, ela, Pai, me perdoa, Pai, ele, encostando o cano no seu rosto, Vai, desgraçada, estou mandando, ela, Pai, e pôs-se a correr, desesperada, quando então a explosão de um tiro suspendeu os barulhos da tarde e os dois empregados, assustados, viram o Pai retrocedendo calmo na direção do cavalo, pegando o enxadão, Façam uma cova bem funda, pros bichos não comerem, é carne minha, e botem uma cruzinha em cima, é carne minha, espero nas Três Vendas, e quando, lusco-fusco, lá apontaram, acharam

bêbado o Micheletto velho, escorado na densa fumaça azulada do cigarro-de-palha (RUFFATO, 2005: 20).

Com o passar do tempo, surgem novas situações entre os membros da família, com alguns sinais de diálogos mais abertos e participativos. O novo quadro apresenta-se mais ou menos assim: um pai zeloso e teimoso, uma mãe submissa e preocupada, os filhos indiferentes, descobrindo novas formas de vida, como podemos observar nas palavras abaixo:

Um sábado, a família reunida à mesa, falou, **O Zé da Ti'Assunta chamou eu pra ir num baile em Ubá, semana que vem.** O pai chupou o cigarro-de-palha, cuspiu no chão, coçou a cabeça do cachorro. Não aprovava a idéia, tinha medo de que o filho gostasse da cidade, largasse ele na mão, um braço a menos; mas, sabia, se prendesse, seria pior. **Fala com sua mãe.** Sempre assim: quando não queria dar o braço a torcer, incumbia a mulher de dizer *Sim, meu filho, pode ir, mas toma cuidado* (RUFFATO, 2005: 113).

Talvez, as palavras da mãe apontem apenas para a irreversibilidade do tempo, um momento de passagem, revelando que a “sociedade em agonia” é a vida do campo e também a da cidade. O futuro dos filhos, incondicionalmente, está na cidade, como podemos observar nos diálogos e reflexões proporcionadas pelo narrador e pelo Professor:

Professor: E a solidão? E o silêncio? Quanto tempo! Só havia sentido esse langor na época do seminário... Lá longe, no meio do pasto, uma casinha de sapé, fechada, abandonada, *Ninguém mais quer ficar na roça, a moda agora é a cidade* (RUFFATO, 2005: 139).

A passagem do tempo e suas implicações na vida diária das pessoas podem ser observadas em três momentos: do campo para a pequena cidade do interior; da pequena cidade do interior para a cidade grande ou para a capital; da cidade para o campo – o processo irreversível da globalização. Nos dois primeiros momentos, temos o deslocamento dos homens; no último, apenas dos signos.

9.1.3. Vozes da cidade

A passagem do meio rural para o meio urbano - mesmo o da periferia, das favelas -, implica em mudanças drásticas no quadro geral da vida das pessoas. Em seu ensaio, “Memória remota da pobreza”, Luís Augusto Fischer vê o novo cenário assim:

... aqui e agora, a vida degradada em que os que conseguem emprego são a salvação da família, em que muitos foram seduzidos pelo dinheiro fácil do tráfico de drogas, em que religiões pragmáticas arrebanharam os fiéis aos antigos padres (FISCHER, 2005: 93).

A ficção, em seus quadros inventados e disfarçados, não está distante das palavras do ensaísta, apresentando a vida urbana nas suas mais diferentes e desastrosas manifestações. O mundo das drogas e da violência salta aos olhos do leitor em palavras não tanto sutis quanto reveladoras:

... os meninos passavam o dia inteiro trancados no quarto, dormindo à toa, vendo televisão, e quando ia falar que aquilo não podia continuar, que eles tinham que caçar rumo na vida, estudar, ou trabalhar, tornavam-se agressivos, desrespeitosos, quase colocavam a casa abaixo, e tinha que esconder o dinheiro (RUFFATO, 2005: 92).

Logo a seguir, é escancarado o destino do dinheiro: roupas caras e tóxicos. A família pedia socorro ao pastor, recebido com deboche e zombaria pelos meninos, e que nada resolvia.

Não saber o que os meninos ficavam fazendo no quarto e acreditar que o estudo ou o trabalho resolveria os problemas daqueles jovens são pensamentos de mentes ainda não absorvidas totalmente pelo meio urbano. Essas pessoas continuam simples, inofensivas, fiéis a alguns princípios, marcados pela fé, religião, pelos conselhos do padre ou do pastor, pelo trabalho ou pelo estudo; alguns pela própria ignorância ou mesmo pela falta de estudo.

Hoje em dia, nas primeiras horas da manhã, vários canais de televisão apresentam programas religiosos. As estratégias utilizadas para chamar a atenção dos telespectadores vão muito além do “poder da palavra”. Algumas coisas do mundo real podem operar verdadeiros milagres: a rosa amarela da riqueza, a rosa ungida, a fogueira santa do monte Sinai, um manto, uma aliança, a bênção da água, uma estola sacerdotal, o sal de Jericó, a garrafa em forma de cruz, a chave da vitória, a cruz vermelha, o jejum das causas impossíveis. Para uma das igrejas, entre os sete dias da semana, a terça-feira foi escolhida como o “dia dos milagres”; a quarta, o “dia da santa ceia”; a sexta, “o corredor dos milagres”, o sábado, o “dia do jejum da vitória”, ou o “dia da vitória final”, e assim por diante.

Se em certas regiões do interior havia uma igreja só, a Católica, hoje o quadro das crenças e dos credos apresenta-se bastante diversificado, e muitas passam a ser as opções, conforme consta no romance *Mamma, son tanto felice*: Congregação do

Coração de Jesus, Igreja Deus é Amor, Igreja Brasil para Cristo, Centro Espírita Bezerra de Menezes, Cruzada Evangélica, benzedeira Sá-Ana, Basílica do Santo, Matriz de Santa Rita de Cássia, Santa Madre Igreja, entre outras.

Na atualidade, a televisão oferece as mais variadas versões dos poderes sobrenaturais. Em certos horários, podem ser vistos vários programas religiosos. Merecem destaque três argumentos: “a cruz da terra santa”, do padre Antônio Maria, contendo um pouquinho da terra de Belém, por onde Jesus Cristo andou e da água do rio Jordão, onde o Cristo foi batizado; “o terço bizantino”, do padre Marcelo Rossi; *O manual da felicidade* e o “Programa Encontro com Cristo”, do padre Alberto Gambarini, aquele da padroeira Nossa Senhora dos Prazeres. Vale lembrar que o padre Antonio Maria foi quem celebrou as cerimônias de casamento de Ronaldo Fenômeno com Daniela Cicarelli, lá na França.

O cenário das igrejas novas, essas instauradas nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, apresenta-se cada vez mais diversificado. Uma situação curiosa envolve o nome de três dessas novas e arrebatadoras tendências religiosas. “No início era” a Igreja Universal do Reino de Deus; depois surgiu a Igreja Internacional da Graça de Deus; por fim, aquela revelada por um *outdoor* em Porto Alegre, dia 31 de agosto de 2006, a Igreja Mundial do Poder de Deus. “Crescei e multiplicai-vos”, notadamente na fé e em suas versões e interpretações, assim devem entender esses novos pregadores da “boa nova”.

Alguns devotos da milenar Igreja Católica Apostólica Romana informam bastante alterados que algumas comunidades do interior de Sananduva e região estão sendo invadidas e tomadas pelos crentes. Trata-se, na verdade, de um tema praticamente proibido. Na comunidade do Gaúcho, aos domingos, a capela e o salão de bailes e festas ficam quase sempre vazios, praticamente abandonados, porque várias famílias cumprem seus rituais e compromissos religiosos numa igreja que funciona apenas na cidade.

Na ficção de Luiz Ruffato, a passagem do tempo, com suas mudanças, novidades e transtornos, pode ser observada, também, a partir dos sobrenomes das famílias que passam a ocupar aquele espaço. No princípio não era o verbo, mas apenas a italianada. Depois, vieram as misturanças, reveladas nos nomes a seguir: Zoccoli, Micheletto, Bicio, Benvenuti, Finetto, Pivatto, Linhares, Turco, Chiesa, Spinelli, Zé Pinto, Alemão, Maria dos Anjos, Donato, Gomes, Lopes, Divaldo Antunes Sobrinho, entre outros. Trata-se de uma diversidade cultural bastante grande, composta por italianos, portugueses, alemães, turcos e outros.

A mudança do campo para a cidade, segundo o que consta no romance, não interferiu muito na condição da mulher, notadamente vista como esposa – um momento singular e emblemático para as feministas -, conforme podemos observar no fragmento abaixo:

Ansiosa, barriga no fogão-a-gás, colher-de-pau remexendo nervosa o angu... aguardava o marido aportar da fábrica, estômago às costas, e a erupção das crianças de volta da escola, reclamonas, demorasse muito, *Meu deus!*, panelas, talheres, pratos se acumulando no fundo da pia, *Tanta coisa por fazer!*, acabaria perdendo o capítulo da novela-das-sete (RUFFATO, 2005: 29).

Há aí alguns elementos que já estavam presentes na vida diária da “mulher da roça”; e outras, típicas da “mulher da cidade”. A expressão “Meu deus!” não implica em prece, súplica ou numa reza qualquer. “Tanta coisa por fazer!” não está relacionada ao trabalho diário da mulher, na cidade ou na roça, mas às novas preocupações e prioridades trazidas pela televisão, mais precisamente durante o tempo destinado ao horário das telenovelas. A hora daquela novela e a hora da janta do marido eram simultâneas, por isso a confusão e a ansiedade.

Se pensarmos que os fatos narrados fazem parte de um tempo bastante recente na história do País, é claro que os elementos que parecem tipicamente urbanos podem já estar fazendo parte do mundo rural também. A presença do fogão-a-gás, dos serviços acumulados, a hora da novela na televisão e das crianças na escola revelam uma condição nova e surpreendente: o homem do campo perdeu a inocência e sua simplicidade, tornando-se urbano e globalizado sem precisar morar na cidade.

Em outros lugares do texto, encontramos cenas típicas da vida na cidade, e que aos poucos foram invadindo o mundo rural, como a que segue:

... um caminhão apregoando água sanitária, desinfetante, sabão líquido, detergente, *Tudo pela metade do preço, freguesa, venha conferir!* (RUFFATO, 2005: 30).

Quanto ao processo de produção, comercialização e consumo de produtos coloniais, a história recente de boa parte das regiões tipicamente italianas – a microrregião de Sananduva serve de exemplo -, marcadas pela predominância de minifúndios, repete-se inalterada e progressivamente: o colono produzia quase tudo o que consumia; graças à monocultura, o colono passa a comprar muitos produtos alimentícios na cidade; os caminhões passam semanalmente pelas casas dos colonos

oferecendo e vendendo os mais variados produtos coloniais – muitos deles sem agrotóxicos.

Para comprovar a tese de que o homem do campo tornou-se globalizado sem sair do seu meio, sem precisar transferir-se para a cidade, merece destaque a passagem a seguir:

... nó na garganta quando, na televisão, pisca o fim-do-mundo, exagero?, filho atira no pai, mulher envenena marido, avô abusa da neta, irmão-polícia caça irmão-bandido, homem dorme com filha, professora foge com aluno, barracos despencam de barrancos, corgos fétidos, incêndios alveolares, atropelamentos, assaltos, estupros, assassinatos, balas sem dono, inocentes sem memória, pecadores sem lembranças, Ivair, onde a essa hora? Desassossegada, o sono negaceia, dona Jandira chega do culto, arrasta a porta, *“Glória! Glória! Os anjos cantam lá! Glória! Glória! As harpas tocam já!”* (RUFFATO, 2005: 35).

Vale destacar a ambigüidade presente da palavra “exagero”. Vista, apenas, não há problema algum. Mas, ouvida, pode ser da boca do narrador ou de dona Jandira. Neste caso, a contenção – um “exagero”, substantivo - revela alguns resquícios de pudor diante de um mundo tão conturbado e degradado, ainda não visto plenamente pelos olhos de pessoas mais simples e devotas. No caso de lermos “exagero” - como verbo na primeira pessoa do singular, presente do indicativo de “exagerar”, temos a presença do narrador em um momento de reflexão, dúvida, ou apenas diálogo mais aberto e direto com o leitor, ou com os valores e verdades do mundo levado ao campo pela televisão.

A imagem que vai sendo construída da família, ao longo do romance, passa pelo crivo da separação, distanciamento e desintegração. Um mesmo fragmento revela a presença de valores rurais e urbanos, próximos e conflitantes. Algumas situações ou considerações podem ser observadas no fragmento abaixo:

O Franco não se misturava. Casou com as terras de uma Benvenuti, botou uma serrariazinha, engordou, antipatizou, encabrestou os filhos, “Bobageira, estudo”, filosofava... *Dov’è la famiglia?*, indagaria o patriarca. Franco atalhou para a soberbia, os filhos prostituíram a fortuna: a um e outros empurrou de graus abaixo a reta justiça. Foram-se todos, se numa epidemia: Renatinho e Renan, morte-matada, bestamente num baile no Diamante; Selena, desastre de carro, com o recém-marido... caminho de Belo Horizonte; Franco, escavado pela tristeza (RUFFATO, 2005: 38-9).

As primeiras frases do fragmento proporcionam algumas suspeitas: Franco tem personalidade, é solitário, mas independente; casou por interesses; pensa em progredir e

enriquecer, investindo no negócio de serraria. O fato de engordar pode significar melhoria de vida, um certo sucesso ou vida farta.

A história e as conquistas de Franco chocam-se com uma outra parte da “célula-mãe” da sociedade, a parte onde está seu pai. Quando o patriarca pergunta: – Dov’è la famiglia?, a preocupação está voltada para a velha constituição familiar, os velhos princípios que marcavam as famílias do interior; pode também significar um mundo feliz, perdido para sempre. Fugindo um pouco do contexto do romance, vale lembrar das fortunas e desgraças trazidas pela monocultura da soja, pelo enriquecimento fácil e rápido, em diversos estados brasileiros nas últimas décadas.

A nova família constituída, abastada, mesmo sem dar importância ao estudo, revela-se de forma trágica, em lances típicos que envolvem habitantes da cidade: assassinatos, acidente de carro e depressão. A “fortuna perdida” já faz parte, também, do imaginário do mundo rural.

Em seu livro *Entre o passado e o futuro*, Hannah Arendt afirma:

... uma sociedade de massas nada mais é que aquele tipo de vida organizada que automaticamente se estabelece entre seres humanos que se relacionam ainda uns aos outros mas que perderam o mundo outrora comum a todos eles (ARENDR,1988: 126).

Assim, o despertar de uma nova consciência não significa o surgimento de um novo mundo, melhor organizado. O novo modo de ver o mundo e as pessoas em geral revela apenas outras facetas da sociedade, mesmo num ambiente ainda rural. O fragmento abaixo é testemunha:

... e ele berrou, raro fato, cordato que era, calmo e tranqüilo, só se manifestava agitado quando acercavam visitas, não quaisquer, mas gente-bem, o padre, os políticos, os compadres melhor de vida; aos pobres, pés-inchados, pretos, mascates, cometas, a esses reservava os degraus da escada, uma caneca-d’água fresca, a impaciência; àqueles, a pompa, os capões do quintal, os capados, os garrotes, o vinho-de-garrafão, os doces, a sala... (RUFFATO, 2005: 41).

As palavras do narrador surgem confusas, quando misturadas às das personagens. Não sabemos exatamente de quem é a voz que fala, pensa, sofre e sonha. As explicações podem ser encontradas nas palavras de Luís Augusto Fischer, em seu artigo “Memória remota da pobreza”:

Ruffato parece ter tomado a peito desenhar o painel de um complexo processo histórico, que é recente e difícil de contar (FISCHER, 2005: 93).

As cenas e imagens seguem uma trajetória de mudanças constantes, sempre observadas pelo olhar do passado, do presente e do futuro. Conforme aponta Cecília Almeida Salles, não há cronologia nem linearidade. Mas, subjacente ao texto, parece haver sempre uma outra voz, descontente, insistente e profundamente irônica:

Este, seu orgulho: os filhos todos formados. Guardava vergonha da minha mãe, analfabeta, e de si mesmo, que nem farejara o ginásial. “Dou a eles o que não pude ter”, inchava-se. Agora está morto. Fernando está morto. Como, de certa maneira, estamos nós todos... Enterramos meu pai anteontem. Gente à beça no cemitério. Muito popular, ele. Mão-de-obra nas quermesses, revirava a cidade pelo avesso em busca de doações de agasalhos ou na campanha-do-quilo da Sociedade São Vicente de Paula. Cabo eleitoral da situação, se esfalfava atrás de um mísero voto duvidoso (RUFFATO, 2005: 46).

A vida na cidade e a nova vida no campo apresentam novos quadros sociais. As condições de vida das mulheres, notadamente das esposas, apresentam novidades bastante diferenciadas:

O Alfredo orgulhava-se da esposa, tão despachada. As intrigas que chegavam à soleira de sua porta, creditava-se à inveja, porque todas as colegas da Norma envelheciam debruçadas nos teares das fábricas, ou mofavam entediadas no fundo melancólico de um armarinho, ou definhavam esperando o marido com a janta na mesa (RUFFATO, 2005: 67).

“Mulheres despachadas” podem não significar mulheres livres e independentes; a inveja podia ser apenas sinônimo de miséria e abandono; as mulheres que envelheciam, mofavam e definhavam podem significar apenas restos de humanidade e dignidade, além de submissão.

Essa nova condição de vida das pessoas surge através dos quadros mais diversos. A Kombi, o Fusca e a Rural resumem a nova vida dos jovens que trocaram os afazeres do campo por atividades consideradas urbanas. Não se trata exatamente de uma nova vida, e sim, talvez, de novas relações e outros sentimentos:

Ele já era de-maior: tinha título de eleitor e carteira de motorista, comprada em Volta Redonda; trabalhava numa oficina mecânica em Ubá e sempre aparecia em Rodeiro dirigindo um automóvel diferente, uma Kombi, um Fusca, uma Rural... Na venda, pagava rodadas de cachaça para que ouvissem com paciência e interesse as vantagens que contava (RUFFATO, 2005: 78).

Alguns jovens rurais alcançaram uma certa projeção social e um certo *status*, observados através dos olhos daqueles que continuam trabalhando no campo. Não há como acreditar em projeção social, realização pessoal e felicidade, diante de uma vida

nova proporcionada por oficinas mecânicas, kombis, fuscas e rurais, ou conquistando a atenção e confiança das pessoas com alguns tragos de cachaça. A ficção invade a cidade, abandona a linearidade e a harmonia, alcançando a fragmentação e a ilogicidade.

9.1.4. Pluralidade de vozes

Em 2002, publicamos um livro de poemas intitulado *Destinos humanos*, dividido em duas partes: pequenas crônicas em verso e poemas líricos. A abertura da segunda parte traz como título geral, “Versos perdidos”, apresentando vários flagrantes, jocosos, líricos e satíricos. Um deles é assim:

Quando os homens
insistiam na necessidade
de se tomar consciência,
não sabíamos ainda
que existia a morte.
Tomar consciência, que fria!
(CARBONERA: 2002: 84)

O pequeno poema apresentado acima está ligado fortemente a algumas passagens do romance de Luiz Ruffato, como a que segue:

Aquela vidinha boba... insossa... E, no entanto, éramos felizes! Sim, felizes, porque a felicidade é a ignorância... O homem que não conhece, esse o homem feliz. O conhecimento é a cobra que criamos para nos picar... É o muro que nos aparta para sempre da felicidade (RUFFATO, 2005: 134-5).

Talvez, uma das funções primordiais da Literatura seja mesmo a de procurarmos fórmulas mágicas e ao mesmo tempo conscientes para superarmos dúvidas, angústias, incertezas e mistérios. Talvez, tudo não vá além de um simples fato: acreditarmos que um dia tivemos um “paraíso”, primeiramente “terrestre”, agora “perdido”.

No romance *Mamma, son tanto felice*, os momentos de reflexão do narrador surgem quase sempre distantes ou deslocados do mundo narrado, do ambiente habitado pelas personagens. Parece não haver contato, além daquele estabelecido com o leitor, e a palavra insinua pedir socorro.

Éramos tão inocentes... Tão ignorantes... Tão... felizes... Ah!, os tempos felizes da minha miséria (RUFFATO, 2005: 136).

A montagem e a construção do “mosaico”, apontado por Luís Augusto Fischer, podem ser de responsabilidade do leitor. Um leitor atento e prático pode valer-se de algumas pistas fornecidas pelo narrador. As elipses, os vazios e os suspenses presentes em algumas páginas podem ser esclarecidos ou completados em outras, anteriores ou adiante; o narrador conta com a astúcia do leitor. O fragmento abaixo abre espaço para muitas discussões e divagações:

O pessoal vai para a praia. Levam a mãe. O Pai fica, “Por mim...” Não mais surpreendi minha mãe tão contente. Meu pai arrastou um ano de mal com ela (RUFFATO, 2005: 49).

As ordens parecem ser dadas explicitamente pelo patriarca, portador de uma aparente indiferença e de um costumeiro rancor. Os problemas são criados e resolvidos no próprio seio familiar, revelando uma ausência quase absoluta da Igreja e do Estado.

Na página seguinte, mais alguns dados, algumas pistas propostas pelo narrador, no sentido de socorrer o leitor em seus momentos de dúvida, estranhamento, ou perplexidade:

– Mãe, a senhora... a senhora foi feliz... com meu pai? Um corguinho, a fumaça esbranquiçada de uma chaminé, um andarilho – Isso é pergunta que se faça, meu filho? , disse, impaciente. Claro que fui feliz. Um homem bom, seu pai... Certo, tinha seus defeitos... é verdade... Manias... Mas... quem não tem? (...) de manhã, minha mãe, sem jeito, disfarçava o braço roxo, o olho roxo, a perna roxa, o corpo moído. “Bati na porta”. “Bati na quina da mesa”. “É essa lavagem de roupa... essa friagem, que me deixa assim” (RUFFATO, 2005: 50).

Quem sabe, “ler” não é ficar sabendo, mas tentar descobrir, inventar, reescrever, e calar. A pergunta que abre o fragmento acima aponta para algumas estratégias e alguns significados: “a senhora foi feliz?” - torna-se uma pergunta monótona, repetitiva, gasta tanto quanto suas possíveis repostas; seguida das reticências, provoca e instiga, desmontando a linearidade e a indiferença (de leitores desatentos ou desleixados); quando a pergunta surge inteira, completa – “Mãe, a senhora foi feliz com meu pai?” -, aí ela se torna questionadora, desafiadora e terrível; choca-se com a estrutura e os valores familiares, a relação pai-mãe, a vida de quem sempre pode ter sofrido, padecido e calado. A pergunta pode ser a voz da Literatura. Quem realmente foi ou é feliz? E dos que vivem tristes, quantos se dispõem a contar?

Não podemos negar a presença do diálogo, marca e prova de contato. Mas, o diálogo entre a mãe e o filho, assim apresentado, é um momento de tensão, prova de

afastamento, deslocamento, mesmo compartilhado com o leitor. Alguns leitores podem ver apenas as marcas de diálogo, reveladas através dos travessões e seguir adiante, numa leitura rápida e relaxada. Outros podem perguntar: eles estão falando a quem? Se na história não há mais ninguém interessado nessas conversas, que sentido elas têm para a história, que está sendo contada?

O filho sabe, mas a mãe disfarça, através de um último e único argumento: a resignação. E a última alternativa do filho é a prática da reação violenta, contra um pai violento. O narrador que pergunta à mãe, “Foi feliz com meu pai?”, é o mesmo que desafia, “Vem, seu desgraçado, bate em mim”, como defesa da mãe?

Esse narrador, que defende a mãe – sofrida e resignada, atacando o pai - autoritário e violento, consegue “resolver os problemas do mundo” criados por ele mesmo? Que alternativas são apresentadas pela Literatura, ao leitor, para sugerir ou apontar soluções de continuidade?

Logo adiante, o quadro parece invertido. Agora a mãe interroga o filho, numa passagem igualmente questionadora e terrível:

– E você, Carlinho... Você que largou tudo e foi embora... Você conseguiu?, conseguiu ser feliz? (RUFFATO, 2005: 52).

Em princípio, para um romance de 169 páginas, uma pergunta assim poderia soar estranha e desconexa, apresentada já na página 52. Ou, o narrador poderia ter esperado um pouco mais para revelar alguns segredos das suas próprias artimanhas. O que restaria de uma história de 169 páginas que conta tudo no início?

O passado pode servir de motivo poético ou ficcional, carregado de lembranças, saudades, anseios e remorsos, mas sempre haverá algo impedindo o acesso, o contato, o convívio. Os romances *Dom Casmurro*, *Grande Sertão: Veredas* e *São Bernardo* servem como exemplos emblemáticos.

A voz da mãe, em seus tons e entretons, constrói um texto paralelo, quase apocalíptico, não surgisse lá nos primeiros momentos da narrativa – contadas as páginas, de 13 a 169. Há aí, a presença do “paraíso perdido” e do novo mundo – quando mais distante da família e do mundo rural, mais próximo do complexo e trágico mundo urbano. Como que cobrando, a mãe aceita e aprova a escolha do filho: largar tudo, ir embora, tentar a vida na cidade, estudar, ter um emprego e tudo o mais. A simplicidade, a monotonia e uma certa inocência misturada à ingenuidade da “mãe-da-roça” não autorizariam perguntas tão terríveis.

Para o universo dos diálogos tradicionais, o filho não responde, ou melhor, ele responde, mas desconversa, desvia a atenção, adia. A felicidade parece ser algo distante, inatingível. Diríamos, até, que as duas personagens parecem ter morrido e conversam agora em outro mundo.

Para um bom narrador e um atento leitor, há um mosaico a ser montado, além de muitos outros. O que poderá vir depois de quase tudo revelado? Podemos nos sustentar nos artifícios sugeridos pelo próprio texto, apontados nas reflexões abaixo:

Minha mãe nunca aceitou o fato de eu ter me rebelado contra meu pai, dede ter evidenciado a sua ignorância, a sua hipocrisia, as suas mentiras, de ter desvelado o quando todos éramos cúmplices de sua vida torta, de sua piedade de ocasião, de seu moralismo amorfo. Ela nunca me perdoou por ter rompido com a família, por ter escapulado da mediocridade, por ter me recusado a carregar o quinhão que me cabia naquele fardo. Queria que eu tivesse permanecido ali, sob suas asas, para sempre, como meus irmãos, comendo de sua mão, aninhados à sombra daquela tragédia que contaminava a todos (RUFFATO, 2005: 51).

O narrador, aliás Carlos, parece assumir ares de um ser diferenciado, superior, autêntico e dono de si; parece também o contrário. Ele sabe que não pode interferir na vida e nos destinos daqueles seres, inventados ou reais, realidade enfrentada por Matozo, do romance *A suavidade do vento* e por Gavino, do romance *Pai patrão*. Neste instante, aqui e agora, surgem as figuras de Paulo Honório, do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, de Riobaldo, do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, e de Bentinho, do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Como ver o passado, irreversível e morto, sem poder salvá-lo, modificá-lo, nem tocá-lo?

Essa incapacidade de resolver ou apresentar soluções mais convincentes para os problemas do passado é um alimento preciso, precioso e convincente para a arte em geral, notadamente para a Literatura. Talvez, no caso da pintura, as cores podem não trazer uma mensagem tão precisa e expressa quanto aquela proporcionada pelas palavras. Mas as palavras e as cores estão todas ali, escritas e representadas nas suas sugestões, imagens e elipses. É bem provável que não chegaria até nós a notícia de que Vincent Van Gogh cortou a própria orelha, se ele não tivesse pintado quadros nem escrito cartas ao seu irmão Théo. Como era a voz de Machado de Assis?

No romance de Luiz Ruffato, o passado é o que resta de memória, como podemos observar no fragmento abaixo:

Minha avó, uma bugra pega a laço... A gente plantava milho, fumo, arroz, cuidava de uma horta... Meu pai analfabeto, minha mãe também, que Deus os guarde... Só saía da fuma aos domingos, quando levava a gente à missa... Um acontecimento! Éramos pobres, pobres mesmo! Mas não faltava comida na mesa... (RUFFATO, 2005: 134).

O passado mantém algumas marcas definidoras, em relação ao presente: trabalho, resignação, contentamento e religiosidade – “que Deus os guarde”. Há um provérbio que diz: “trocam a pobreza do campo pela miséria da cidade”. O fato de uma missa tornar-se um acontecimento social podia não ser por motivos religiosos, e sim por não existir verdadeiramente nenhuma diversão, lazer ou divertimento. Essa gente está muito distante das velhas comunidades gregas, pois, segundo Hannah Arendt,

Os cidadãos atenienses... eram cidadãos apenas na medida em que possuíssem tempo de lazer... (ARENDR, 1988: 45).

Mesmo assim, tendo apenas a missa como evento social, vivendo de uma agricultura diversificada, as pessoas viviam do trabalho e da religião, pobres, mas bem alimentadas, talvez até felizes.

Ficamos muito inseguros e desconfiados ao afirmar que, subjacente às palavras do fragmento acima, apresentado pelo narrador de *Mamma, son tanto felice*, pulsa um discurso panfletário: a favor da agricultura de subsistência, contra a monocultura; ou um ataque sutil aos atuais modos de exploração agrícola; pior ainda: Não venham para a cidade! Fiquem aí na colônia! (Através do trabalho, pelo menos teriam sempre o que comer!). Quem sabe, o narrador esteja apenas apresentando um retrato da vida das pessoas que depositaram seus sonhos e esperanças de uma nova vida na cidade. Havia outra alternativa?

Entre os momentos mais marcantes do romance *Mamma, son tanto felice*, destacam-se aqueles dirigidos a interlocutores distantes, quase ausentes, os que não estão envolvidos diretamente com a história. Não se trata de leitores do futuro. As palavras, sentimentos e impressões do advogado, doutor Divaldo Antunes Sobrinho – o sobrenome não é mais italiano, o ambiente já é tipicamente urbano e a família Antunes já estabeleceu uma tradição -, parecem ser dirigidas a um ouvinte especial, deslocado:

No entanto, era alívio o que sentia. Há muito a presença do Professor na redação do jornal virara uma inconveniência... Aquela amizade, antes tão querida, ia se tornando perigosa, um empecilho... a oposição poderia acabar por transformá-la em arma contra o prefeito (RUFFATO, 2005: 146).

Mudam os tempos, mudam os interesses, e as pessoas vão sendo moldadas pelo viés da indiferença, da hipocrisia e da traição. Seria um mérito a Literatura adaptar-se tão rapidamente assim aos novos tempos e interesses? Certamente, não.

No fundo, gostava daquele professor metido a poeta, embora fizesse restrições a seus sonetos e àquele paletó ensebado, sempre os ombros cobertos de caspas (RUFFATO, 2005: 148).

O advogado (ou qualquer outro ser humano urbano, esperto, profissional?) revela-se incapaz de expressar seus verdadeiros sentimentos. Gostava do professor, não gostava de seus sonetos e de seu paletó, mas por que não dizer? As pessoas perderam o dom de falar ou apenas conquistaram o direito à indiferença e ao desprezo?

O diálogo entre dois mundos distintos e distantes, o rural e o urbano, é mantido ao longo do livro, em passagens como:

... os quatro irmãos de seu pai apareceram conduzindo nos ombros o caixão embrulhado numa bandeira vermelha envolvendo um coração branco. Logo atrás, um enxame de acompanhantes, que se avolumavam à medida que a procissão evoluía em direção ao cemitério. O comércio cerrou as portas. Os cachorros não latiram, os cavalos não rincharam, os bois não mugiram. A cidade, enlutada, sustara a tarde, que abria-se cortesmente a nuvens carregadas (RUFFATO, 2005: 81).

Uma pergunta, didática ou não: Por que os animais não se manifestaram, em suas vozes características? Em sinal de respeito, receio ou medo do defunto que passava? Não, porque os animais não assistem a enterros, e ficam calados porque estão ausentes. São bichos do campo.

A antiga casa não existe mais, no campo ou na cidade. Há ainda alguns resquícios de sonhos, desejos e vontades. No mais, prevalece a velha sina que continua alimentando a Literatura: “vontade sem ação”. As palavras abaixo tornam-se reveladoras:

Queria voltar correndo para casa, jogar-se na cama e dormir, dormir um sono pesado, sem sonhos, e acordar no dia seguinte com seu canário-da-terra cantando, sabendo que lá fora dezembro se espatifava em direção ao Natal e que a vida retomava seus trilhos com o resfolegar de uma maria-fumaça. Mas suas pernas imobilizadas ensaiavam outro desfecho (RUFFATO, 2005: 85).

Um dos sonhos do Professor, além de suas incertezas e indecisões diante de Bach e Beethoven, recitar o Credo e o Pai-Nosso, era o de publicar um livro; é o mesmo grande sonho do professor Matozo, personagem central do romance *A suavidade do vento*, de Cristovão Tezza. Das suas vontades individuais e dos contatos com outras

peças no sentido de viabilizar tal projeto, surge um quadro, representado pelo fragmento a seguir:

Certa ocasião, o Professor pagou para um aluno da Escola de Datilografia e Estenografia da Rua do Comércio passar a limpo seus sonetos em formato de livro que teria prefácio do doutor Divaldo Sobrinho e apresentação do Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal, mas este se revelou outro de seus inviáveis projetos, muito acima dos rendimentos de um pobre mestre de modestos estipêndios. O volume, que se chamaria *Sonetos Vividos*, foi entregue solenemente ao doutor Divaldo Sobrinho, que solenemente guardou-o “em algum lugar, não me lembro onde agora... Mas já-já eu acho... Deixa-me ver...” (RUFFATO, 2005: 145).

Os livros dos dois Professores não foram publicados, as peças continuam sendo jogadas para dentro de um mundo, rural-urbano - marcado pela indiferença, hipocrisia e inveja -, a fé mantém-se firme em seus propósitos de mover as mais diversas e majestosas montanhas, mas à Literatura não cabe o ofício de transformar o mundo; apenas oferecer pistas, confundindo e instigando.

Um livro intitulado *Mamma, son tanto felice*, publicado em 2005, torna-se duplamente instigante: a tradição subjacente ao título (os valores e as tradições de uma vida simples, pacata e feliz) e a ruptura provocada pela linguagem (uma história fragmentária, de vidas desencontradas e despedaçadas). Um dos momentos espetaculares proporcionados pelo romance surge quando o leitor vislumbrar um ambiente harmonioso revelado através da mistura de ignorância, miséria e felicidade. Algumas coisas da literatura não escapam aos olhos atentos do tempo; outras, atentas, apenas espreitam as alegrias e tristezas, as esperanças e as decepções.

9.2. A ARTE DE UM MUNDO CONTURBADO

9.2.1. O MUNDO INIMIGO

Dos romances estudados, dois apresentam problemas muito sérios para estabelecer a reconstituição do enredo, *O mundo inimigo* e *Vista parcial da noite*. A tensão entre indivíduo e sociedade é profunda, caótica, irresolúvel e irreversível. Diante de um mundo exterior desconhecido, estranho e fragmentado, a personagem não consegue agir nem escolher. Poderá haver a intenção, quase nenhuma ação, mas o que predomina é a anulação.

O mundo urbano é marcado pelo predomínio da ansiedade pela busca de um emprego, de uma colocação, de uma segurança, mínima possível. Os maiores sonhos das pessoas são divididos em três grupos: casar com um homem rico - para as moças; transferir-se para a cidade grande, trabalhar e prosperar, ou jogar na seleção para enriquecer e ser famoso - para os rapazes. Os deslocamentos no tempo e no espaço são cíclicos, descontínuos, confusos e fragmentários. Os “diálogos sobre o nada” aparecem bem mais sofisticados em relação àqueles presentes em *Mamma, son tanto felice*.

Aqueles descendentes dos antigos imigrantes italianos vivem totalmente absorvidos pela globalização. A identidade cultural – como na maior parte das cidades do País, é representada por alguns resquícios de lembranças do passado, morto e esquecido para o povo em geral.

O tempo é presente, sem memória e sem futuro. O quadro geral é formado por seres pobres, desempregados, angustiados, favelados, resignados e miseráveis. Não há sinais de indignação, lucidez, enfrentamento ou combate.

No mundo urbano globalizado pós-moderno registrado pela ficção não há mais espaço nem motivação para discursos panfletários, greves, passeatas, assembléias, movimentos estudantis, campanhas eleitorais. As maiores preocupações das pessoas comuns das cidades estão voltadas para a manutenção do emprego e um possível aumento de salário. Para a grande maioria da população, o mínimo conquistado já é motivo de grande satisfação.

As pessoas continuam sonhando com uma vida melhor, na cidade. Para quem vive em pequenas cidades do interior, a cidade grande é vista como oportunidade de trabalho, de emprego. Ganhar um salário é questão fundamental para milhares de seres sem estudo, sem educação, sem “experiência anterior”.

Você devia é ir pra São Paulo, cara. Logo-logo arrumava uma colocação, ia ganhar muito dinheiro, ficava bem de vida! – Bobagem, Gildo... Pra mim não dá mais não... Agora, então, que casei... – Mas você não tem nem onde cair morto, cara! Desculpa eu falar assim, mas é mentira? Você tem que largar isso aqui, ir embora... Tem um mundo esperando lá fora... (RUFFATO, 2005: 23).

Muito além dos sonhos, esperanças e vontades, possíveis em outro lugar, as intenções e as ações das personagens dos romances estudados vão montando um mosaico assustador: elas não têm para onde ir. O tamanho da cidade grande é igual aos estragos que a mesma provoca nas pessoas em geral.

A filha, Bernadete, conheceu um “paulista” num baile de debutantes no Clube Social. Um ano mais e estava casada e mudada. De São Paulo,

escrevia de quando em quando, o apartamento, as crias, as novidadezinhas. Uma carta de quinze em quinze dias, uma carta por mês, uma carta por ano, nenhuma carta (RUFFATO, 2005: 46).

Conforme aumentam as influências exercidas pela cidade sobre as pessoas, vão mudando seus sentimentos em relação ao passado e aos familiares. Mesmo sendo “novidadezinhas”, eram bem maiores e mais atraentes do que aquelas oferecidas pela vida no campo ou nas pequenas cidades do interior. Provavelmente, o que vai modificando as pessoas é o envolvimento natural na passagem dos turbulentos e tumultuados dias. Mesmo não conquistando sucesso na vida profissional, social ou afetiva, as pessoas vão acreditando piamente que sua vida mudou e que seus novos ideais são bem diferentes daqueles buscados pelas pessoas que continuam vivendo “lá fora”.

Talvez, “saudade” não seja a palavra mais adequada para registrar os sentimentos das pessoas em relação ao passado. Depois de tantas mudanças ocorridas no mundo rural, nas pequenas cidades do interior e aquelas encontradas na cidade grande, a palavra mais representativa é “lembrança”. Estáticas, bem intencionadas ou atuantes, as pessoas revelam uma mesma característica: sua incapacidade de agir e modificar a realidade.

Dona Geralda levantou a cabeça e tomou o retrato que conservava no criado-mudo, à cabeceira da cama. Mirou-o, suspirando. Lá, quase-menina, bonita, vestida de noiva, o olhar enviesado na direção do marido, rapagão espadaúdo, bigode em flor, recém-formado em Medicina pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. A felicidade... Ah, a ignorância do vindouro! Se soubesse... (RUFFATO, 2005: 45).

Os sentimentos presentes em Dona Geralda, ou subjacentes às palavras do narrador, podem ser observados também nas palavras do padre Giobbe, do romance *O quatrilho*. Lá, podemos ler:

O que lhe causava mal-estar era o brilho de esperança que via nos olhos dos noivos. Uma esperança que ele sabia destinada a durar muito pouco tempo. Tinha pena principalmente das noivas, atraentes, risonhas como uma rosa desabrochada de manhã, que ele voltaria a ver daí a alguns anos, envelhecidas, feias, com o sofrimento e a resignação escondidos no fundo dos olhos tristes, revelados com lágrimas no confessionário. Por isso é que lhe fazia tanto mal celebrar um casamento (POZENATO, 1997: 17).

A mesma Igreja que levou a religião, a fé, o sacrifício, a renúncia, o sofrimento e a miséria aos lugares mais distantes, é a mesma que andou espalhando a política, notadamente a partir dos anos 90, do século passado.

No dia 07 de julho de 2006, em conversa com o vigário da paróquia São José Operário, de Sananduva, a realidade foi apresentada de uma forma assustadora, aterradora. Não há uma comunidade do interior sequer que vive em harmonia, graças aos novos interesses trazidos pelos partidos políticos, notadamente um que alcançou o poder supremo da nação, vinte e dois anos depois de seu nascimento. Os casos de depressão e desinteresse pela vida crescem progressivamente, nas comunidades mais humildes. Como morrer do próprio veneno, a Igreja Católica parece não tem mais argumentos, conselhos ou verdades para oferecer às pessoas.

O mundo dos homens pós-modernos pode ser visto como a paisagem vista pelo narrador do romance *O mundo inimigo*.

O quintal se expande às margens do Rio Pomba, imundo de pé-de-galinha, marmelada-de-cachorro, capim-gordura, assa-peixe, vassoura, capim-angola, que rastejam por entre mangueiras, abacateiros, abieiros, ingazeiros, goiabeiras, amoreiras e pés-de-carambola. Debruçadas sobre as águas, do outro lado, as industriárias casas da Vila Minalda, a estrada para Leopoldina, para o Rio de Janeiro (RUFFATO, 2005: 42).

Antigamente, quando chovia muito e a televisão mostrava a indignação, a revolta e o desespero das comunidades ribeirinhas, ficávamos perguntando aos quatro ventos: Por que as pessoas constroem suas casas tão perto dos rios? Que culpa tem o rio?

O mosaico formado pelos seres humanos do século XXI assemelha-se àquele formado pelas ervas daninhas e pelas árvores frutíferas, do fragmento acima. Dizem que as figueiras ganham vida destruindo a vida de uma outra árvore, como as canjeranas e os cedros, por exemplo.

... um teto de idosas parreiras estéreis e ladeado por um avoengo jardim: ervas-daninhas sufocando beijos-estudantes, brincos-de-princesa, rosas-japão, moças-velhas, onze-horas, bocas-de-leão, damas-da-noite, margaridas (RUFFATO, 2005: 41).

No fragmento acima, a ficção novamente revela metaforicamente o mundo dos homens. As “ervas-daninhas” podem ser vistas como representantes do mundo globalizado invadindo o mundo da identidade cultural italiana imigrante, representado pelas “idosas parreiras estéreis” e pelo “avoengo jardim”. Na conversa com o vigário da paróquia São José Operário, após o seu desabafo, uma possível solução foi apontada para dar um novo rumo ao seu trabalho de condutor de rebanhos. Uma alternativa através de uma pergunta: Por que as mulheres da roça não cultivam mais jardins? Elas

aprenderam a se organizar em associações, clubes de mães, participar de romarias, panfletagens, assembléias, discussões, mas dificilmente falam em pomar, horta, jardim ou parreiral, por que será? Com o passar do tempo, aprendemos a observar as reações das pessoas. Elas são bastante sinceras em suas mensagens, quando afetadas, agredidas ou desafiadas, em seus olhares, gestos, exclamações e trejeitos.

Mesmo vivendo marcadas plenamente pelas informações ininterruptas do mundo globalizado, as pessoas do interior guardam algumas ilusões a respeito da cidade grande. Elas acreditam que as cidades grandes acolhem os homens com carinho, afeto e amizade. Expressões gastas e ultrapassadas, como “todo mundo conhece todo mundo”, “todos são amigos de todos”, ainda servem de conforto e alívio.

Zunga nunca procurou aquele tal motorista amigo dele pra saber se ele viu o Jorginho lá no Rio, se ele está bem, precisando de alguma coisa, toda vez que brota o assunto, desconversa, Quê isso, Bibica, ele deve de estar melhor que a gente, bem melhor... (RUFFATO, 2005: 102).

As palavras parecem afirmar que as pessoas não têm mais acesso aos verdadeiros sentidos da cidade, em seus símbolos, engrenagens e motivações. Zito Pereira, mineiro de Cataguases, é apresentado assim, vivendo em São Paulo:

Domingo batia pernas, encovado numa blusa de lã verde, à procura de um rosto conhecido, disseram que São Paulo estava repleta de conterrâneos, *Mas onde?* Tomava café, acendia um Imperador sem filtro, e o que enxergava não era as centenas de pessoas zanzando esbaforidas pela Praça Clóvis Bevilácqua, mas moças e rapazes, braços dados, rodando a Praça Rui Barbosa, em Cataguases, depois do cinema; e o que respirava não era o odor da fumaça dos ônibus e dos carros, mas o cheiro de pipoca que inundava o centro da cidade, sábado à noite (RUFFATO, 2005: 136).

No Rio de Janeiro, como identificar o Jorginho? Em São Paulo, como saber que “o mineiro” era o Zito Pereira? Sem emprego, profissão, reconhecimento, as personagens perdem até o nome, quase sempre transformadas em fantasmas, sem saudades, com algumas lembranças.

Depois da grande e frustrante aventura vivida em São Paulo, Zito Pereira volta para casa, guardando na manga alguns sonhos e planos. Sua nova condição é revelada por palavras objetivas, frias e diretas:

Quando chegou de São Paulo, alugou um quartinho no Beco do Zé Pinto, comprou de segunda-mão uma bicicleta Philips preta, freio contra-pedal, pneu balão (...) A vitrola vendeu para pagar dívidas de uma esparrela, não gostava nem de lembrar. Os discos, as crianças quebraram. Morava

num porão úmido, cômodos separados por compensados. Esse, o resultado de anos e anos de labuta (RUFFATO, 2005: 141).

Mesmo diante de tamanha desgraça, o momento não é de saudade, nem de lembranças, mas de esperança. Com algum sacrifício, imitando o ‘Ntoni, do romacne *Os Malavoglia*, Zito Pereira encontra uns restos de forças dentro de si e insinua partir para grandes decisões, indiferente aos olhares e juízos alheios.

Tinha aquele curso, nunca aproveitado, de eletricista por correspondência, com diploma e tudo, do Instituto Universal Brasileiro. Poderia, quem sabe, abrir uma bancada, por que não? E se nada desse certo, restavam-lhe duas mãos, duas pernas, uma cabeça boa, voltava para São Paulo, não era vergonha nenhuma (RUFFATO, 2005: 142).

Vanim, intitulado “Vanim do Sinimbu” e o “garganta de ouro”, sonha em ser artista, e transferir-se para o Rio de Janeiro. Diante das reações de Zazá, sua companheira, revela que está apenas sonhando:

... morar no Rio, ter do bom e do melhor, casa, comida, roupa lavada, todo mundo puxando o saco... (RUFFATO, 2005: 163).

Num instante, o remorso parece desfazer o delírio, mas o mundo dos sonhos continua bonito e encantador. No fim ao cabo, o encontro entre as intenções e as ações parece impossível.

Meu Deus, é certo o que estou fazendo? Ah, mas logo logo, se tudo corresse direito, voltaria. Chamaria o Ditão e o Ditinho, o Natanael e a Mariinha, o Zico e o Zeca, fariam uma serenata para a Zazá, traria um monte de presentes, um vestido novo, um par de sapato, perfume, uma noite inesquecível! (RUFFATO, 2005: 168).

Os ricos e poderosos também sonham e deliram, mas sempre distantes do pudor e dos remorsos. Vanim pertence a um grupo específico, marcado e identificado por algumas características determinantes: a consciência comanda a razão, o remorso anula os sonhos; o arrependimento alimenta a miséria.

*Meu Deus, o quê que estou fazendo?, pegou a estrada rumo a Leopoldina, Cataguases sumiu atrás dos morros, o breu da noite, vontade de levantar, falar para o motorista que tinha esquecido os documentos em casa, *Vê se pode, não sei onde estou com a cabeça, pode parar aí mesmo, seguir viagem, tem problema não*, e descer, voltar no beco, conversar com o seu Zé Pinto, *Vamos esquecer aquele negócio, seu Zé, pensei melhor, bobagem minha*, ele ia entender, seu corpo não se mexeu, *Meu Deus, a Zazá vai querer me matar...* No meio da escuridão o ônibus engolindo o asfalto (RUFFATO, 2005: 169).*

A situação da personagem é muito complicada. O remorso e o arrependimento mantêm Vanim estático. Sua condição social não lhe permite nenhuma escolha nem oportunidade. Por mais que ele consiga pensar e refletir, é incapaz de decidir, de agir. Mesmo sendo o “Vanim do Sinimbu” e o “garganta de ouro”, ele é um sonhador ingênuo – em relação ao mundo -, prepotente – em relação ao seu talento -, e mentiroso – nas conversas com seu Edegar de Souza, no programa Coração Sertanejo.

Vanim é um pobre coitado, mas suas palavras insinuam tratar-se de um homem esperto e de sucesso, amigo de várias pessoas influentes no mundo do rádio e do disco, no Rio de Janeiro. Diante das palavras cordiais e amistosas de Edegar de Souza, ele não consegue ou não admite despertar para o verdadeiro mundo que o cercava. Vanim não sonha por ser inocente e ingênuo, mas por ser ignorante e idiota.

As páginas do romance *O mundo inimigo* são formadas por quadros fragmentários, excludentes, sem seqüência e sem linearidade. Juntos formam o grande painel onde circulam as mais diversas formas de vida, esperanças, conquistas e fracassos. A história das personagens parece não ter começo nem fim. Muitas passagens – representadas por fatos, imagens ou símbolos, podem ser prenúncio ou revelação das mensagens subliminares onde podem estar as verdadeiras intenções do texto.

... aquilo que um dia foram fotografias caprichosamente recortadas de revistas, Amiga, Contigo, Grande Hotel, coladas nas folhas da madeira, e arrancadas à força por alheias mãos descontroladas. De quem aquele sorriso melancólico? E aquela testa? O olho que nos mira romanticamente: Roberto Carlos? Quem, o casal do qual apenas restaram braços entrelaçados? E a moça sentada sobre o capô de um Gordini vermelho? (RUFFATO, 2005: 127).

Em cada obra ficcional, há um enredo, a intriga, as pistas, as insinuações, os segredos e mistérios a serem desvendados. Na abertura do conto **Sonata**, Érico Veríssimo afirma que a história não terá início, nem meio, nem fim. Quem sabe, assim, o leitor passe seu tempo procurando-os, sem encontrá-los, aceitando a mentira, o jogo proposto pelo narrador.

No fragmento anterior podemos encontrar as diversas e diferentes etapas da construção do romance. As fotografias, as revistas e os artistas podem ser considerados como metáforas. Em seu estado original, pronto e próprio para o consumo, esses elementos podem ser considerados como partes de romances de enredo tradicional, linear, cronologicamente identificado. Quando Roberto Carlos deixa de ser o artista, ele passa para o mundo das personagens, da dúvida, da incerteza e da insegurança. Como

identificar os rostos das pessoas donas daqueles braços entrelaçados? Quais as possibilidades de termos um novo quadro, harmonioso, fiel ao mundo dos homens, a partir de fragmentos? Na ficção, a função das mãos alheias e descontroladas é a do ficcionista? As perguntas feitas pelo narrador são as perguntas feitas pelo leitor em relação ao romance.

O romance de Luiz Ruffato mostra o mundo constituído e formulado quando já não temos mais fotografias, nem revistas, nem dados que identifiquem cada uma das pessoas, em seus nomes, olhares, sorrisos, roupas e rostos. Como aceitar que o mundo bem nomeado, revelado, linear, perfeito, não é o mundo do escritor nem do leitor? Não tanto nas fotografias quanto nas revistas a desconfiança é pela vertente das futilidades e das aparências. Dizer que um romance não apresenta um enredo é negar sua própria condição de romance. Onde está o “mundo inimigo”, então?

Quem ainda se lembra do Zé Pinto? O primeiro na rua a ter geladeira, quando ninguém nem sonhava com isso. A ter televisão, uma coisa tão importante que a janela ficava suja de gente espiando. A ter telefone, que até serviu para ganhar um dinheirinho extra, cobrando pelos recados que recebia e enviava. A ter fogão-a-gás, enceradeira, vespa, um luxo! (RUFFATO, 2005: 181).

Zé Pinto, Vanim, Zazá, Margarida, Dona Olinda, Zito Pereira e muitos outros nomes vão sumindo, desaparecendo, transformando as últimas páginas do romance num quadro parecido com aquele das fotografias e revistas rasgadas. Trapos, raros momentos de lucidez e sinais de loucura impedem o diálogo, a noção do tempo e do espaço. O mosaico despedaçado parece suplicar para ser reorganizado novamente.

O mundo novo, que pode ser visto nos pequenos momentos de lucidez, oferece cenários assustadores, como podemos ver abaixo:

... sem se dar conta, estava no Beco do Zé Pinto, o visgo do passado impregnando sua roupa. Titubeante, começou a descer as escadas, mas parou de repente, enauseado com o fedor que parecia emanar do chão, como se num pântano de bosta, e viu-se envolvido por meninos e meninas tímidos, catarro escorrendo de narizes feridos, frangalhos de roupas, dois vira-latas perebas à mostra e frenéticos rabos sujos afugentando mosquitos... (RUFFATO, 2005: 192).

O que se pode ouvir ainda das conversas humanas aponta para os novos signos da modernidade:

O beco mesmo, nós só estamos esperando ele morrer pra derrubar as casas... Não sei na época do senhor, outros tempos, mas agora é só

marginal... barra-pesada... até na polícia metem medo... (RUFFATO, 2005: 193).

Havia uma voz, proferida entre “uniformes apressados”, “assustados visitantes” e “intrigados pacientes”, de alguém que tentava fugir do Hospital-Hospício São Marcos, aos gritos de socorro, desaparecendo como um *fade out* musical. A ficção alcança a vertigem, ambiente adequado para receber as personagens do romance *Vista parcial da noite*, de Luiz Ruffato, terceiro volume da série Inferno Provisório.

9.2.2. VISTA PARCIAL DA NOITE

Em maio de 2005, durante a elaboração do ensaio sobre o romance *Mamma, son tanto felice*, foi enviado um e-mail para Luiz Ruffato, pedindo que ele escrevesse uma frase sobre cada um dos três romances inéditos, constituintes do projeto Inferno Provisório. No dia 13 de junho daquele ano, recebemos a seguinte resposta:

Vista parcial da noite - Retrata alguns personagens proletários, não mais no Beco do Zé Pindo, mas nas periferias de Cataguases.

O livro das impossibilidades - Flagra os descaminhos de alguns jovens proletários, absorvidos pela violência e falta de perspectivas econômicas.

São São Paulo - É a megalópole hoje, com seus personagens anônimos e desencantados.

Para quem já conhece Luiz Ruffato, dos romances *Mamma, son tanto felice* e *O mundo inimigo*, as palavras acima merecem a maior confiança. A “trajetória” percorrida pelas personagens do ficcionista mineiro, nascido em Cataguases e residente em São Paulo, com dedicação exclusiva à Literatura, é o espelho da realidade observada por Antonio Candido, marcada pela “debilidade” e “degradação” culturais e pela “consciência catastrófica de atraso”.

No fragmento acima, as informações apresentadas a respeito do novo romance – *Vista parcial da noite*, obrigam o leitor a ler em retrospectiva. A ficção parece cumprir uma jornada cronológica, fiel ao mundo real e cotidiano dos homens em geral. O Inferno Provisório parece cópia fiel da realidade brasileira identificada por Antonio Candido, em seu ensaio “A Nova Narrativa”. As duas trajetórias seguem pelos mesmos trilhos, irmanadas: “a transformação das populações rurais em massas miseráveis e marginalizadas”. A culpa não é do ensaísta nem do ficcionista.

A realidade apresentada em *Vista parcial da noite* é marcada pela convivência diária e conturbada entre pobreza, violência, religiosidade e alcoolismo. A educação dos filhos rebeldes, revoltados, desrespeitosos e desobedientes é exercida através do espancamento, último recurso de pais que perderam a “guarda” e a autoridade.

O romance é dividido em onze capítulos, constituídos por histórias interdependentes, mas que também podem ser consideradas autosuficientes, completas ou independentes. O que realmente importa é que cada uma delas vai formando o quadro geral da vida das pessoas humildes, menos abastadas, pobres, miseráveis, habitantes das periferias da cidade de Cataguases. O mundo da favela cumpre o papel desempenhado pelos signos da globalização pós-moderna; aquele caminha em direção às periferias das cidades do interior, estes, em direção ao mundo rural, rápida e irreversivelmente.

Por tratar-se do terceiro volume da série, esperava-se um aprofundamento progressivo e irreversível do retrato e da análise da vida das pessoas das periferias das grandes metrópoles, no caso Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. As cenas do romance *Vista parcial da noite* acontecem na periferia de uma cidade do interior do Brasil porque lá já chegaram praticamente todos os problemas típicos das cidades grande, exclusivos a elas, até um tempo não muito distante.

No presente segmento, são apresentados alguns fatos, quadros ou cenários fiéis ao resumo apresentado pelo Autor - *Vista parcial da noite*: *Retrata alguns personagens proletários, não mais no Beco do Zé Pindo, mas nas periferias de Cataguases*. Há um deslocamento geográfico, apenas.

Num determinado momento da narrativa, uma frase apenas parece resumir o quadro geral do ambiente onde vivem as personagens do romance, incapazes de falar, de conversar, de dialogar, de resolver seus problemas mais imediatos: “A balbúrdia instala-se imperceptível com a noite”.

A revelação do ficcionista asselha-se aos enunciados do ensaísta, Giovanni Verga, na **Apresentação** do romance *Os Malavoglia*. A “balbúrdia” criada pode ser vista no fragmento abaixo, bastante ilustrativo e rico em sugestões:

Vou te matar desgraçada!, berra, Fátima escapa, derrubando vasilhas, **Socorro!**, Zé Bundinha a alcança na sala, desfecha-lhe um tapa, outro, em desespero Teresinha agarra-se às pernas do pai, **Larga a mãe, larga!**, a mulher se desvencilha, corre para fora, Isidoro chora, **Acudam, que**

ele está me matando! Larga a mãe, pai!, larga ela! Zunga: **Pára, Zé, pára!** Bibica: **Chama a polícia, minha nossa senhora!** Dona Olga: **Pára, Zé!** Hilda: **Chama a polícia! Ele vai matar a Fátima!** Zito Pereira imobiliza-o numa chave-de-braço, caem contra a cerca de bambu. Revólver na mão, Zé Pinto, **Quê que houve, aí, quê que houve?**, espantadas, as mulheres espalham-se, aos gritos, **Santo deus!, Carece disso não, seu Zé Pindo!, eu já falei que não quero bagunça por aqui, não falei? Eu já** (RUFFATO, 2006: 36).

Descendentes ou não dos antigos italianos ainda vivos em *Mamma, son tanto felice*, os habitantes da periferia de Cataguases alimentam pequenos sonhos, alguns resquícios, restos ou frangalhos da velha *Cuccagna*, conforme informa o fragmento a seguir:

A Mirtes completara dezesseis anos e caçava um rapaz que pudesse soerguê-la da condição de operária para a de grã-fina. Na sala-de-pano da Industrial, longe do barulho, do calor, do abafamento, do ar viciado da fiação e da tecelagem, todas as recentes conquistas da família contavam pouco. Queria conhecer logo um que morasse no centro, proprietário de uma ótica ou uma loja de eletrodomésticos. Pois, namorar povo da fábrica?, que nem ela mesma?, de jeito maneira! E nada também de dono de botequim, coisa de português, dá camisa a ninguém. Enquanto isso, ajeitava-se no sofá-cama da sala e namorava escondido um zé-mané-qualquer nos escuros da Praça Santa Rita (RUFFATO, 2006: 57).

Em linhas gerais, a insatisfação, a indignação e a revolta estão presentes em todos os ambientes. Não há nenhum sinal ou possibilidade de uma grande revolução, de uma mudança na vida das pessoas, porque suas reações não vão além de contatos esporádicos, de pequenas violências praticadas contra os próprios familiares, os amigos ou vizinhos.

Arrancou a calça dependurada num prego na parede, vestiu-a; arrastou uma caixa-de-papelão de debaixo da cama, os dedos carachentos adivinharam a maciez da blusa, enfiou-se nela. Tateando, seus olhos caminharam até a porta da cozinha, eancarando-a. da cerração que esmagava a paisagem emergiram as costelas magras de Rex, rabo abanando, a língua frenética lambendo e babando suas mãos, afastou-o; ele insistiu, empurrou-o; ele teimou, impeliu-o; ele perseverou, acertou-lhe um pontapé nos baixios. Magoado, o cachorro, nem um resmungo, refugiou-se num canto do terreiro, borrado pela névoa branca que cobria o mundo (RUFFATO, 2006: 79).

As atitudes do cachorro parecem aquelas do escritor; um diante do Baiano, outro diante dos problemas, das agruras e dos poderosos do mundo capitalista. Rex talvez fosse o único verdadeiro amigo daquele homem, mas, considerado inferior e mais fraco merecia ser castigado, recebendo toda a fúria de um homem incapaz de reagir diante de seus verdadeiros algozes.

Quando o Autor afirma tratar-se da vida de operários na periferia de Cataguases, provavelmente devia estar pensando em quadros criados por ele mesmo, apresentados assim aos olhos do leitor:

O lote, no Paraíso, compraram-no a prestações, o bairro ainda banguelo, uma lonjura, nem água, nem força, calçamento então!, e escola?! A rua que afluía transversalmente do Beira-Rio trifurcava ao chegar à miNa: ali o terreno. À esquerda, íngreme, serpeava enfezada, trançadas valetas rompendo a poeira e o capim-gordura, casebres de pau-a-pique e viralatas, o Paraíso dos pobres. Ao centro, escalava uma suave elevação entre mangueiras e abacateiros, casas de alvenaria, poços artesianos, cachorros, o Paraíso remediado. À direita, ensaibrada, chácaras de muitos pomares, pastores-alemães e amplas varandas, o Paraíso dos ricos. Só, cercou-o, capinou-o, aplainou a base para o alicerce. Servente, as paredes ajudou a erguer. A laje bateram-na um bando de pinguços, domingo de sol entocado, a troco de bucho e cachaça (RUFFATO, 2006: 105).

No capítulo nove – “Vicente Cambota”, nasce Vicente, um novo habitante da periferia de Cataguases, batizado de Asclepiades, assim caracterizado nas palavras do narrador:

Arisco e arredio cresceu, roupas sempre menos que as partes, ganhadas em campanhas do agasalho, perrengue de todos os males, caxumba e sarampo, bertoeja e catapora, caganeira e sapinho, piolho e sarna, cobreiro e coqueluche, crupe e frieira, furunco e pereba, micose e terçol, lombriga e barriga vazia. De-favor abrigados aqui-ali, pulava carteiras de escolas, repetente, compridos olhos invejosos de uniformes azuis-e-brancos. A mãe, protegia-o esbravecido, quando frenética desafiava a vizinhança impaciente, quando esgotada só desejava a morte (RUFFATO, 2006: 119).

Sem emprego, sem valor, sem amigos, sem amor e sem esperança, muitos caminhos imitam aquele trilhado por um dos rapazes habitantes do lugar. Como não falar de vícios, pinguços, álcool, cachaça, brigas nos bares e fins trágicos?

... e o rapaz, vexaminado, tomava o gargalo da garrafa e gorgolejava a aguardente, as vistas espelhando um confiado sabiá a saltitar nos galhos da mangueira. E a cada arranca-rabo, mais afeiçoado sentia-se ao balcão seboso do Bar do Auzílio e à catinga de bosta e mijo emanando da vala que escorria pelo terreiro da casa do seu Anísio, de onde às vezes saía abraçado à madrugada, derrubando-se pala trilha e esquecendo-se pelo caminho. Já não o respeitavam crianças nem viralatas, que perseguiam-no, em algazarra, trôpego e incongruente, em suas tentativas de permutar o que restava de força nos braços por mixarias que se transmudavam instantaneamente em cachaça ou mãos de jogo-de-baralho (RUFFATO, 2006: 126).

Quando as mulheres pedem socorro a Deus e a Nossa Senhora, em defesa de Fátima – ver fragmento destacado anteriormente -, revelam apenas sua incapacidade de interferir no próprio destino, na própria sorte, no seu cotidiano mais imediato. O destino último, comum a todos, trágico e sem qualquer esperança, tem uma explicação precisa e explícita, apresentada no livro. No fragmento abaixo, o delegado Aníbal ocupa o lugar de Deus e também o de Nossa Senhora.

... por conta da rédea-solta filho desrespeita pai, filha debocha da mãe, cunhado achaca cunhado, a putaria descamba, graças a deus ainda existe gente como o doutor Aníbal (RUFFATO, 2006: 132).

As últimas palavras do romance conseguem abarcar os mais diversos sentimentos e as mais diferentes razões presentes nas pessoas pobres, sofridas, castigadas, exploradas, resignadas, mas também confortadas e esperançosas. Surgida quase do nada e de uma participação meteórica, Cassiana fecha com chave de ouro sua participação e a de todos os seus convivas.

Na passagem de ano do milênio, o telefone soou onze da noite, o coração aos murros, Uma desgraça, meu deus, do outro lado a voz sufocada pelos estrondos, Feliz Ano Novo! Feliz Ano Novo!, Mas, minha filha, ainda nem é meia-noite, Aqui já é, mãe, aqui já é. Onde você está, minha nossa senhora?, Nova Iorque!, mãe, Nova Iorque! Um dia ainda levo a senhora pra ver o mar... Um dia ainda levo a senhora pra andar de avião... Um dia ainda levo a senhora pra conhecer meu apartamentinho em Brasília... promessas... coitadinha... que não podia talvez cumprir... mas entendia, ah, entendia... E casar, minha filha? Casar?, eu?, de jeito manceira, mãe... homem só serve pra trepar... mais nada, Quê isso, minha filha!, e gargalhava (RUFFATO, 2006: 154).

A linguagem tenta mostrar a ilogicidade dos fatos, das ações, das reflexões e dos diálogos. As “personas” são incapazes de conversar e de dialogar para resolver os problemas e as desavenças. O narrador já havia alertado que a balbúrdia já estava instalada, imperceptivelmente. Para as pessoas em geral, as diferenças, as intrigas e as discórdias existem para serem ampliadas e aprofundadas, mas não para serem resolvidas. Um romance moderno que se presta a resolver os problemas do mundo não funciona nem mesmo como livro de auto-ajuda; “fechado” com um final feliz, ao leitor resta o riso zombeteiro.

Vista parcial da noite é um romance sem muita violência, assaltos, furtos, mas habitado por pessoas sem instrução, incapazes de falar, de dialogar, de se expressar – os Malavoglia são parentes bem próximos -, muitos desempregados, outros vivendo de bicos, fretes, e mais outros, vadiando, vagando, perambulando sem destino. Cláudio, um

dos quatro filhos de Baiano: “Fosse inteligente apenas e já seria muito. Mas, uma preocupação em ajudar!”

Os “diálogos sobre o nada” na ficção de Luiz Ruffato não são marcados pela conversa fiada, pelas evasivas, ou por temas banais, monótonos e repetitivos, e, sim, pela incapacidade presente na grande maioria das pessoas pobres, de classes habitantes das periferias, porta-vozes da “palavra ausente”, em conversas sem lógica, sem continuidade, sem finalidade, nem afinidade, a prova de uma incapacidade de se manifestar em ação transformadora. A inexistência de harmonia nos falares é característica também das pessoas habitantes dos grandes centros urbanos, bem empregadas, instruídas, de lares sólidos e abastados, mas igualmente escravas da pressa, da correria, da concorrência, da insegurança e da neurose, presenças típicas da cidade grande, do progresso e do dinheirismo. O romancista mineiro vai ampliando e aprimorando seus meios expressivos, numa tentativa desesperada de dar voz a bocas famintas, a mentes deterioradas e a corações agrestes, desabitados e despovoados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estas palavras, a assembléia seria cruel se não aplaudisse. O aplauso não atrapalhou o orador, pela simples razão de que ele sabia o discurso de cor.

(Machado de Assis, *As bodas de Luis Duarte*)

Em 2005, aconteceu uma grande festa italiana na cidade de Sananduva. No dia 02 de julho, a equipe do “Taliani Bona Gente”, levado ao ar pela rádio local, aos domingos pela manhã, organizou a festa dos 15 anos de existência do programa. As maiores atrações da noite: jantar típico, apresentação de corais espontâneos e um show com o cantor Jaime Pastre.

Muito animado, viajei e fiquei hospedado num dos hotéis da cidade, aguardando a chegada da grande noite italiana. As maiores expectativas estavam voltadas para o show do cantor, provindo de Serafina Correa, considerado típico rapaz do interior, legítimo colono que alcançava altos degraus do estrelato, auxiliado por uma gravadora de São Paulo. A desconfiança era grande.

A janta típica era realmente uma janta típica italiana, não se podendo dizer o mesmo do vinho; horrível. Algumas festas italianas são regadas a vinho comprado em garrações nos supermercados da cidade e passado para as garrafas. Costumeiramente, os organizadores afirmam categoricamente que o vinho foi trazido de Flores da Cunha, Bento, Cassía, ou de um outro lugar, famoso pelos bons vinhos, artesanais, coloniais ou das cantinas industriais. O vinho da noite da festa dos 15 anos do programa “Taliani Bona Gente” era simplesmente horrível, intragável. Mas chegou o grande momento, o show do astro da noite.

As luzes foram apagadas. No palco, fumaça, gelo seco, canhões de luzes coloridas, os músicos contratados exclusivos da gravadora, e a primeira música: **Gloria** – de ritmo quente, sucesso popular rodado nas rádios do Brasil e tocada pelos sons mecânicos nos bailes e festas das mais profundas bibocas. Vestindo calça de couro, ensopado em gel, uma mistura de Elvis Presley, Reginaldo Rossi e Latino, o astro da noite brilhava naquele palco fantasmagórico.

Fiquei apavorado. Jaime Pastre cantou mais um sucesso das paradas, dos anos 80 do século passado: **Ti Scriverò**, do cantor popular italiano Pupo. Música romântica, agradável aos ouvidos, mas numa noite tipicamente italiana nos moldes daquela!? O público permanecia calado, parecia estático, no lusco-fusco. Surpreendentemente, o

astro passou a cantar em inglês; quatro músicas, uma delas, **You got it**, do velho Roy Orbison. O público não dizia nada, apenas aplaudia no final de cada uma delas. No conto **As bodas de Luis Duarte**, Machado de Assis já afirmava que “a platéia seria cruel se não aplaudisse...”. Enquanto isso, os corais permaneciam esquecidos entre a multidão. Não foram chamados ao palco, uma vez sequer.

Para encerrar, o cantor com seu microfone sem fio, e as devidas músicas românticas das mais bregas do Roberto Carlos, passou a circular entre as mesas, distribuindo rosas vermelhas e olhares provavelmente sugestivos e instigantes para as mulheres daquele lugar. Os corais continuavam perdidos na noite, misturados aos burburinhos do povo.

Despedi-me de algumas pessoas, voltando para o hotel a pé. Dormi bem, providenciando o retorno imediato e a retomada do doutorado, em Porto Alegre. Os dias vindouros seriam dias bastante solitários, mas ricos em leituras e produções ensaísticas e imaginárias.

Na década de 80, já do século passado, como professor do Estado em Panambi, recebi a notícia a respeito de uma grande festa italiana organizada e apresentada pela turma do artista Valdir Anzolin. Por esse tempo, eu já era músico profissional, guitarrista e vocalista do conjunto ElectroSom, daquela cidade. Foi uma grande e verdadeira festa italiana, pela música, vestimentas e culinária. O vinho fez com que eu falasse com o Valdir e cantasse com eles algumas músicas do Raul Seixas. – Dove è la *Cuccagna*, Ildo?!

Na década de 90, já em Foz do Iguaçu, corria a notícia a respeito de uma grande *festa italiana*, organizada e apresentada pela turma do artista Valdir Anzolin, no CTG Charrua. Não sei se foi pelo fato de eu ser professor universitário, mas tudo aconteceu dentro da maior normalidade, sem exageros, sem músicas estranhas nem tipicamente italianas. Conversei em *Talian* com o Valdir, lembrando dos fiascos em Panambi, e com algumas pessoas da cidade, todos embalados pelo vinho.

Nos dois encontros, não houve nenhum comentário a respeito da identidade cultural italiana imigrante ou da *Cuccagna*. As pessoas comiam, bebiam, dançavam e conversavam. Mas o repertório daquela turma era marcadamente formado pelas velhas, típicas e lindas canções italianas, tão presentes nas festas da Linha Guabiroba, no meu tempo de infância e adolescência.

Em 2006, em Porto Alegre, a TVE apresentava uma entrevista com o senhor Valdir Anzolin. Tratava-se do programa Paralelo Sul, gravado em Veranópolis. Aquele

rapaz dos tempos de seminário vive por lá, onde mantém viva a chama da tradição italiana, conservando caprichosamente as coisas da sua *casa da infância*, na propriedade herdada de seus antepassados, numa comunidade do interior daquele município.

O artista e tradicionalista Valdir Anzolin promoveu mais de cinco mil festas italianas, de 1979 a 2007. Já se apresentou em todos os estados brasileiros e em países como Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, França, Itália, e outros.

No mês de outubro de 2007, “La Polentona d’Italia” – nome oficial do evento –, foi apresentada novamente na Itália, em cidades como Milão, Piemonte, Padova, Beluno, Verona, Vicenza, entre outras. A média é de doze a quinze *shows* em cada viagem. No final do mesmo ano, lançou mais um disco, composto por canções italianas do século XVIII. As músicas são cantadas no original e seus autores são praticamente todos desconhecidos.

Hoje, a internet permite o acesso a milhões de nomes, dados, fatos, datas, biografias, letras e cifras de músicas dos mais diversos gêneros. Para gravar um disco com músicas italianas originais do século XVIII, o senhor Valdir Anzolin desenvolveu um trabalho de pesquisa muito mais minucioso e profundo que digitar palavras no *google* ou em outro *site* qualquer. Muitas vezes, a memória e a tecnologia apenas não são suficientes.

No jornal Correio Riograndense, de Caxias do Sul, do dia 02 de agosto de 2006, era possível ler a respeito de alguns eventos realizados na Serra Gaúcha: “Flores da Cunha realiza Varal de Poesia”; “Garibaldi organiza a Feira do Livro”; “Literatura é destaque em Carlos Barbosa”. Nesta cidade, de 2 a 7 de outubro de 2007, acontecia a 16ª Feira do Livro. Em Caxias do Sul, a primeira feira do livro foi realizada em 1975, ano do centenário da chegada dos primeiros imigrantes italianos na região, organizada com apenas duas barracas, na Rua Sinimbu, ao lado da catedral. Por outro lado, em Sananduva, os dias 6 e 7 de setembro de 2007 marcavam a realização da ainda jovem e pouco badalada 3ª Feira do Livro. Estava programado o lançamento do livro *Como é um rio?*, o primeiro romance deste Autor. Saí de Porto Alegre na madrugada do dia 6, chegando à cidade por volta das treze horas. Bastante animado, feliz e um pouco emocionado, fui até a praça central, local do evento. Lá, havia apenas a barraca da Paulinas e alguns funcionários da prefeitura esticando alguns fios, descarregando alguns materiais que seriam utilizados na montagem das barracas e das estantes. As pessoas passavam pelas calçadas próximas, apressadas, distraídas ou indiferentes. Depois de certas conversas com as funcionárias da Casa da Cultura daquele município, sempre

disfarçando a decepção e o desencanto – do estrume também nascem flores, Brás Cubas! -, e de algumas compras no supermercado próximo, viajamos para o sítio, sem antes prometer voltar no dia seguinte, para a sessão de autógrafos. Como vencer 34 quilômetros, de táxi, para participar de uma sessão de autógrafos numa praça fantasmagórica, mesmo tão próxima das famosas aglomerações, agitações e balalações, típicas de um 7 e Setembro?

O mesmo semanário caxiense, de 09 de setembro de 2008, informava que, de 7 a 18 de maio – doze dias! -, Bento Gonçalves realizou a 23ª Feira do Livro, com o *slogan* “Cultive novas idéias! Leia mais”, marcada por muitos projetos, como EcoBiblioteca, EcoArte e EcoFuturo, e também com a escolha inédita do “Amigo do Livro”. O projeto “A leitura de Machado de Assis e o futuro da leitura” serve como lembrança do Centenário de Morte do autor de *Quincas Borba*, por mais que carregue a força dos Estudos Lingüísticos, à margem dos Estudos verdadeiramente Literários. 25 livreiros e cerca de 30 escritores marcaram a pujança do evento para a cidade e para a cultura local e regional.

Em setembro de 2008, foi realizada a quarta Feira do Livro de Sananduva. Naquela microrregião, composta por uns quinze municípios, não há uma livraria sequer, especializada, ou uma loja que venda também livros. Na lista telefônica e nos pequenos *outdoors*, quando aparece, a palavra livraria está sempre acompanhada de outras duas, bazar e papelaria. Por outro lado, a região revela-se avançadíssima nos quesitos “signos da pós-modernidade”, como consumo de drogas, rodeios, olimpíadas rurais, os antigos salões comunitários transformados em casas noturnas – som mecânico, fumaça, gelo seco, canhões de luz e lusco-fusco não podem faltar em lugar nenhum -, festas e bailes regados com bebidas de teor alcoólico elevadíssimo. Em Sananduva, já é famosa a Tekila Fest e o Banco da Agricultura Familiar – marcado pela frequência assídua de famílias petistas e engajadas nos movimentos sociais brasileiros e estrangeiros. A desarmonia dos lares camponeses chegou para ficar graças aos sindicalistas e religiosos de esquerda, ao colesterol e à depressão.

No dia 18 de maio de 2006, um pouco antes das nove horas, fui recebido pelo senhor Antônio Suliani e depois passei o resto da manhã conversando com o Frei Rovílio Costa e suas colegas de trabalho, na rua Veríssimo Rosa, 311, em Porto Alegre, sede da EST Edições. Fiz algumas pesquisas no jornal Correio Riograndense e na revista *Insieme*. Enquanto aguardava, descobri a riqueza do quintal daquela casa. A rua

e a calçada somavam-se às demais da capital, em seus carros, caminhões, carretos, pedestres, cachorros. Observar, atentamente, eis uma questão importante, talvez rara. Naquele minúsculo quintal e na calçada daquela residência, um quadro bonito e peculiar podia ser visto: dez parreiras, romãs, acerola, boldo, erva-cidreira, alecrim, macela, arruda, erva-doce, funcho, loro, insulina e jurubeba. As flores e folhagens de nomes conhecidos e desconhecidos chegaram a 32 espécies diferentes. As mudas daquele pé de insulina foram enviadas pelo senhor Heitor Angelli, de Foz do Iguaçu, no Paraná, via sedex. Aquele pé de jurubeba foi destaque no suplemento ZH Petrópolis, de 11 de maio de 2006, com uma foto de seu protetor Antônio Suliani e um artigo de frei Rovílio Costa, intitulado **A sedutora da Veríssimo Rosa**.

As pessoas passam e levam galhos, folhas e flores daquela árvore. Haveria alguma chance de evitar o roubo e o saque? Nenhuma. Está cada vez mais difícil avistar a dedicação, o capricho e a beleza proporcionados pelo trabalho e por pequenos sacrifícios humanos.

Aquela manhã, na Veríssimo Rosa, revelou a existência de um mundo grande demais e de um outro pequeno, escondido, silencioso, mas efervescente e atuante. Aquela residência apresenta muros baixos, sem cerca elétrica, sem cães de guarda, nenhum *outdoor*, nem placas de propaganda, como se ali não houvesse nada, além da morada de uma outra família. O mundo grande, mas silencioso, estava lá, entre aquelas paredes. Pilhas e pilhas de livros, revistas, jornais e diversos outros papéis. O mundo imigrante italiano está lá, em cada página, em cada fotografia. Trata-se também de um mundo grande demais, inatingível, mesmo real e palpável. Lá fora, estava um outro mundo, grande, disperso e vago: o mundo das instituições, das associações, o mundo da globalização. O silêncio daqueles livros parecia apontar para um caminho de amizade, proteção e consolo.

Na Rua dos Andradas, número 822, encontra-se o restaurante Grelhados Rossi, de propriedade do casal Olir Paulo Rossi e Sílvia Zanin Rossi. Ele nasceu na Linha Santo Antônio, interior de Ilópolis e ela naquela cidade. Ainda namorados, foram comprando a mobília, casando em 1986, em Ilópolis. Ambos completaram o segundo grau e abandonaram os estudos. Tentaram a sorte em Sarandi, transferindo-se para Porto Alegre, em 1991, trabalhando num restaurante e lancheria, na Júlio de Castilhos. A partir de 1997, passam a administrar a empresa, tendo adquirido o prédio de três andares, em 2006, onde funciona o restaurante. Seu filho Paulo já ajudava nas tarefas da casa com apenas dez anos de idade. Entre tantos cidadãos que buscaram a *fortuna* na cidade

grande, os proprietários do Grelhados Rossi podem ser considerados verdadeiros exemplos de pessoas humildes que prosperaram através do trabalho, da dedicação e do capricho.

Durante algumas horas, em dias diferentes, pelos arredores do Hospital de Clínicas e da Santa Casa, em Porto Alegre, consegui registrar os *slogans* de vários municípios do Rio Grande do Sul. As provas da diversidade cultural ou da massificação plena são as seguintes: *Gente em primeiro lugar* (Riozinho), *Governo de todos* (São Lourenço do Sul), *Onde o objetivo é você* (Igrejinha), *Construindo Sananduva para todos* – o anterior, e *Acredite na força desta terra* – o atual (Sananduva), *Melhor, muito melhor* (Lindolfo Collor), *Viver em harmonia, faz Harmonia crescer* (Harmonia), *Nossa gente é nosso orgulho!* (Arvorezinha), *Povo que faz história* (Santo Ângelo), *Construindo qualidade de vida* (Arroio do Meio), *Você faz a diferença* (Carlos Barbosa), *Governo de todos* (São Lourenço do Sul), *Trabalhando com você!* (Dom Pedro de Alcântara), *Administração com competência* (Presidente Lucena), *Uma nova cidade* (Santo Antônio da Patrulha), *Cidade de todos* (Barra do Ribeiro), *Governando com responsabilidade social* (Rodeio Bonito), *Uma cidade melhor todos os dias* (Viamão), *O trabalho faz a diferença* (Palmares do Sul), *Construindo o futuro* (Eldorado do Sul), *O ser humano em primeiro lugar* (Paverama), *No caminho do futuro* (Marques de Souza), *Tabaí: em busca do progresso* (Tabaí), *Valorizando o ser humano* (Paverama), *Administração: solidária e popular* (Triunfo), *Construindo uma nova história* (Rio Pardo), *O futuro nas mãos de todos* (Cotiporã), *Cada vez melhor* (São José do Hortêncio), *Um governo de resultados* (Santo Augusto), *Construindo o futuro* (Salvador do Sul), *Trabalhando para o bem estar de todos* (Anta Gorda), *Juntos chegaremos lá...* (Muçum), *Aqui se vive bem* (São Vendelino), *Administrando pela vida* (Ivoti), *Onde a comunidade é prioridade* (Tavares), *Unidos somos mais fortes* (Tapes), *Administração e povo: passos firmes para o futuro* (São João da Urtiga), *Respeitando o passado. Investindo no futuro – A cidade mais italiana do Brasil!* (Antônio Prado), *Paz e Trabalho* (Bento Gonçalves), *Caminho aberto para o futuro* (Fazenda Vilanova), *Para todos. Para crescer* (Flores da Cunha), *Terra da longevidade. Cidade unida e participativa* (Veranópolis), *A cidade mais italiana do Brasil* (Antônio Prado).

Na Sociedade Esportiva e Recreativa Alegria – SOERAL, que funciona no Parque da Redenção em Porto Alegre, é possível observar a verdadeira diversidade cultural riograndense; não a gaúcha. Lá, podem ser vistos os descendentes de diversas culturas que vieram para o Rio Grande do Sul: portugueses, açorianos, alemães,

italianos, poloneses, afrodescendentes, espanhóis, judeus, entre outros. As atividades desenvolvidas – bochas, dama, canastra, xadrez, quatrilha, trilha (tria), trisete, e outros - não são vistas e cultuadas como tradição, algo sagrado, mas como diversão, distração, passa-tempo e lazer. O “novo homem gaúcho” joga canastra e quatrilha como jogam o “novo homem italiano” e o “novo homem alemão”. Os descendentes de imigrantes italianos e alemães podem ser gaúchos, reis do churrasco, até governadores do Estado. Os “gaúchos” podem ser de origem alemã ou italiana, mas podem ser os reis da pizza, da polenta, da maionese ou do *chucruts*. As raças, as etnias, as culturas ou as tradições vão se modificando, desaparecendo, para dar lugar a uma outra, nova, adaptada e diferente. Quando vemos um descendente de alemães ou de italianos trajado da forma mais gaudéria possível, não significa que desapareceu uma cultura porque absorvida por outra. O homem pós-moderno aceita pacificamente observar atônito e estático os mendigos, os marginais os moradores de rua defecando nas praças, nos jardins, nos quintais e nas calçadas. No Rio Grande do Sul, a expressão “gaúchos e gaúchas de todas as querências” assume um caráter muito mais sombrio e falacioso que o chamamento “Ataca as éguas, Salvador”!

No dia 13 de outubro de 2006, em Osório, aconteceu o *1º PAGOTCHÊFUNK* – a mistura de pagode, música nativista e música funk. O *Hip Hop* estava no auge, mas não constava na lista das variedades musicais animadoras do evento. No dia 23 de setembro, a rádio Aliança apresentava o programa “Chimarreando com Deus”, sob o comando de Zélia Caetano, dita irmã de Jayme Caetano Braun. Este, de origem alemã, tornou-se um dos grandes baluartes da cultura nativista gaúcha. Em julho de 2006, aconteceu a 26ª Noite Italiana, promovida em Antônio Prado, provando que as tradições italianas também vêm de longa data, sobrevivendo aos percalços e clamores dos novos tempos e costumes. Em julho de 2006, na cidade de Sananduva, aconteceu a “Tequila Fest 5”, um outro sinal de um evento já tradicional, com destaque para uma bebida com poder bastante grande de entorpecimento etílico imediato. Importa a raça, a cor, a condição social, a origem, o destino, a descendência? Todos podem participar, inclusive os que detestam bombachas, os que não sabem fazer polenta, os que não gostam do cheiro do *chucruts*, nem aqueles que preencheram os vinte por cento das vagas na universidade pública. Caso apareça alguém trazendo seu tacape e seu pau-pesado, haverá uma recepção mais atenta e cordial.

Nas condições gerais atuais, promover uma noite italiana, um jantar típico ou o dia da Cuccagna, realizar mais um festival do chope ou uma *october fest*, a 38ª Califórnia da Canção, um acampamento farrapo, ou outro desfile de 20 de Setembro pode significar apenas isso: venham todos, porque todos serão bem-vindos, vós todos de todas as cores, raças, culturas e descendências. Assim, um *gringo* pode ganhar a Califórnia da canção, de Uruguaiana; um *gaudério* pode ser o campeão geral da *October Fest*, de Santa Cruz do Sul; e um *tedesco* pode ser o *chef* geral da cozinha no *Dia da Cuccagna*, de Veranópolis.

Da janela, via a garota estudando, vestindo-se, *olás* de cortesia na entrada ou na saída do prédio. Solitária, reservada, merecia algumas canções apresentadas ao vivo, outras reunidas caprichosamente do *mp3*. A idade do homem dizia que não se tratava do amante, ou namorado. Na verdade, era seu pai. Conversamos em *Talian* e ele estava preocupado com o parreiral, lá no interior de Flores da Cunha – a chuva estava fazendo falta. Na manhã seguinte, como num passe de mágica, o dia estava lindo e maravilhoso porque chovia. O homem apareceu radiante na janela. Conversamos sobre música, vinho, trabalho, e ele estava preparando a mala para voltar ao seu lar, aos seus afazeres. Pediu que o visitasse, algum dia, para continuar nossa conversa, cantar e beber vinho. Esse senhor recupera a imagem das pessoas queridas da infância – avós, pais, tios, vizinhos – desaparecidos, calados para sempre.

Durante a revisão do primeiro capítulo, em 21 de novembro de 2006, escolho **Ted Boy, Rock e Brilhantina** como a música do dia. Aumento um pouco mais o volume para ela saber e, quem sabe, aceitar ser algo em sua homenagem. “Seu pai é muito gentil, cordial, humilde, sincero, trabalhador, vamos ser amigos”. Ouvida a música, desligado o *Clone multimedia speakers*, volto ao trabalho de revisão. A campainha toca, pensei ser alguém da rua. Era a garota, solitária, estudante pré-vestibulanda de Medicina. A música estava alta demais, atrapalhando assim seus estudos. Foi apenas uma música, às dezesseis horas, mas ela foi embora. Mesmo tão jovem e linda, parecia uma pobre coitada, uma alma penada, um ser triste, indefeso, diante de um mundo que aceita pacificamente os mais diversos paradoxos. O síndico recebeu nesses dias um pedido por escrito da garota, assim expresso: “Senhor Síndico, gostaria que o sr. ajuntasse-me o meu sapato que caiu no pátio do prédio. Muito obrigada. 306”. Parece haver aí uma súplica, um pedido de socorro – como no conto **Graffiti**, de Julio Cortázar -, alguém sem saída, sem alternativas; também uma certa

vaidade, a marca da exclusividade, um narizinho empinado, uma voz de um andar superior.

Um brinde à extinta identidade cultural italiana imigrante! Assim, as ilusões do diálogo, da aproximação, dos sinais de uma identidade cultural italiana imigrante sofreram um grande abalo. Os contatos mais imediatos entre dois descendentes daqueles velhos e desaparecidos colonos imigrantes estavam fadados à frieza, ao ódio subliminar, muito próximo de pequenas tragédias, inevitáveis, quando uma das partes não estiver disposta a ceder, a relevar, a calar. Aquele colono do interior de Flores da Cunha, espaço típico da “Serra Italiana”, nas imediações da “Serra Gaúcha Globalizada” – leia-se Canela e Gramado -, impregnado de urbanidade e de fino trato, pode representar os últimos sinais da identidade cultural italiana imigrante; sua filha – a antiga musa vista da janela, habitante da cidade grande, cumpre papel decisivo, como representante de uma descendência globalizada, absorvida e sincronizada com os demais seres oriundos de outras culturas. Ela deve odiar a terra natal e sua gente, porque está absorvida e obcecada pelos estudos e pelos remédios, numa sede neurótica e irreversível pelo sucesso e reconhecimento público proporcionados pelo *status* de aluna do curso de Medicina, da UFRGS. Vista da janela, nesta manhã de 08 de abril de 2008, dedicada inteiramente aos estudos, sugere uma exclamação: coitada!

Em 1997, a Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu aprovou a lei número 2.210, de 8 de dezembro de 1997, promulgada pelo seu presidente, o vereador Hermes Vetorello, que oficializava a pilcha gaúcha como traje de honra para simpatizantes e defensores do Movimento Tradicionalista Gaúcho naquela casa legislativa. O Parágrafo único ressaltava: “Será considerada ‘Pilcha Gaúcha’ somente aquele traje que com autenticidade, reproduza com elegância, a sobriedade da indumentária histórica, conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho”. Filho de descendentes italianos, nascidos em Lajeado e Estrela, no Rio Grande do Sul, o vereador nasceu em 1943, na Linha Belvedere, em Concórdia, Santa Catarina. Foi vereador em Barracão, no Paraná, e lá participou ativamente da fundação do CTG Sinuelo da Fronteira, tornando-se patrão, em 1973, recebendo o título de Cidadão Honorário daquele município. Foi Patrão do CTG Charrua, de Foz do Iguaçu, na gestão 1992–1993. Mantém laços muito fortes com a tradição gaúcha, afirmando que desde menino carrega o “gauchismo” no sangue. Entende o Talian, mas não fala quase nada, ostentando orgulhosamente a carteirinha da Cidadania Italiana. Foi vice-presidente da

Casa da Itália, de Foz do Iguaçu, uma entidade que durou apenas alguns anos, presidida pelo senhor Algacir Beltrame, nascido no interior de São João da Urtiga, Rio Grande do Sul. O orgulho de ser “gaúcho” ofusca o de ser “italiano”. O senhor Hermes Vetorello cumpre a sina da grande maioria dos descendentes de italianos, de idade avançada, solitários, esquecidos, repletos de histórias, aventuras e peripécias para contar a alguém.

No dia 16 de março de 2008, o Sistema Nacional de Televisão - Cerro Corá, canal 8, do Paraguai, apresentava um programa a respeito de uma “Jornada de campo”. Lá estavam muitos brasileiros, de sobrenomes italianos, empresários e produtores rurais, falando em Portunhol natural e espontaneamente; as repórteres falavam ora em Espanhol, ora em Guarani. Um dos empresários entrevistados era o senhor Breno Batista Bianchi, representante da empresa Agro Santa Rosa, nascido na Linha Guabiroba, em Sananduva.

Durante os estudos do Primário, nunca fomos proibidos ou molestados quanto ao uso do *Talian*, o dialeto veneto; não fomos condicionados a sentir orgulho nem vergonha. Nos primeiros anos de seminário, em Vila Flores, falar o *Talian* não era proibido, mas era feio. Os meninos verdadeiramente descendentes de legítimos imigrantes italianos, colonos, podiam ser vistos em suas roupas, chapéus, chinelos, *fatiotas*, apetrechos para a prática de esportes, o sotaque e pelos grupinhos formados, bastante isolados e arredios. Uma das maiores tragédias experimentadas naquele internato aconteceu quando entrei no refeitório com o chapéu de palha na cabeça. Todos riram, proibindo, condenando, zombando.

Nos tempos de magistério, na Linha Guabiroba, em Porto Velho, Panambi e Foz do Iguaçu, nunca houve absolutamente nada que exaltasse os ânimos em defesa da identidade cultural italiana imigrante. O único fato que pode ser destacado é o que acontecia esporadicamente no colégio Poncho Verde, em Panambi. O colega Jorge Luiz Villani, com sua gaitinha de boca, provocava alguns momentos de cantorias gerais, com algumas passagens pelas canções **La Verginella** e **La Mérica**, nada mais; **Quel mazzolin di fiori** aparecia e logo desaparecia porque ninguém sabia a letra, nem sequer uma estrofe inteira. Em Porto Velho e em Foz do Iguaçu, as grandes manifestações dos descendentes de imigrantes italianos giravam em torno da repetição da frase “*taliani tutti bona gente, ma ladri!*” e de algumas palavras ou expressões isoladas, seguidas de gargalhadas bastante espontâneas e sinceras, nada mais.

No mundo real, na região da minha terra natal, o destino mais imediato dos jovens e de muitos dos agricultores aposentados é a cidade mais próxima, Sananduva ou

São João da Urtiga. Muitos dos que sonham com uma vida melhor, buscam um emprego na região da Serra Gaúcha, nos municípios de descendência tipicamente italiana – Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha e Bento Gonçalves, sem grandes preocupações com o estudo. Alguns rapazes da Linha Guabiroba realizam trabalhos temporários na Serra Gaúcha ou nos Campos de Cima da Serra, durante a colheita da uva, do tomate, do pêssego, do kiwi, da maçã; ou na época de poda das parreiras, na saída do inverno. Muitos jovens buscam um futuro melhor ingressando na faculdade, em cidades como Caxias do Sul, Erechim, Pelotas e Porto Alegre. Para aqueles que conseguiram um emprego nas cidades da região, a saída é cursar a faculdade em Passo Fundo ou em Lagoa Vermelha, trabalhando de dia e estudando à noite, valendo-se do transporte escolar proporcionado pelas prefeituras locais.

Nos dias festivos, em homenagem à padroeira da comunidade de Lurdes, Guabiroba Alta, passávamos as tardes ouvindo as cantorias dos velhos – eram realmente somente os velhos que cantavam, agrupados em corais espontâneos e afinadíssimos. Quanto mais vinho colonial consumido, maior a animação e a participação popular. Todos respeitavam uma máxima repetida sempre que necessário: “Chi falsi toca star in drio” (Os da voz falsa devem ficar para trás); voz falsa significava voz desafinada, portanto fadada ao silêncio, ao anonimato, aos últimos bancos, ou ao volume mais baixo possível. Claro que aí pela chegada da noite, havia mais ébrios do que sóbrios, “falsos” que “afinados”, mas isso já não fazia nenhuma diferença. Era a vez e a voz da “sobriedade”, da parte dos ouvintes. Bons tempos, mas tempos mortos.

O quadro que vai sendo montado imita aquele cenário visto da janela do trem, no poema **Trailer**, no livro *O trem da serra*, de Ernani Fornari: “a choupana” (o mundo dos que ainda crêem), “o chalé” (o mundo dos que prosperaram), “a tapera” (o mundo dos que perderam, morreram).

No mesmo livro, no poema **Felicidade**, lemos:

Fiquei convencido, desde então, / Que onde mora a Felicidade não há
estação! - a gente passa sem parar... (FORNARI, 1987: 18-9).

A explicação para a ausência da felicidade pode ser encontrada no poema **Estação de parada**, onde o poeta revela a presença de pessoas apressadas, impacientes e nervosas. Não se sabe de que estação se trata, portanto essas pessoas podem ser encontradas em todos os lugares.

No romance *Vita e Stória de Nanetto Pipetta*, de Aquiles Bernardi, toda a alegria, encantamento e deslumbramento encontrados no início do livro, nas palavras do avô, reaparecem traduzidas assim, no final, depois da notícia da morte de Nanetto:

In Itaglia no ghe zé stá pí passe te la famegiola dei Pipetta, despó de la partensa del fiolo. La mamma gera tutto on piándare, el popá s'inviliava, el nonno el ze morto zavariando e ciamando el putelo scampá, dándose la colpa a elo, par vere mal educá el fiolo, mostrándoghe la Mérica come on paradiso che lo gá infurio (BERNARDI, 1980: 178)¹³.

Interessado em mostrar a “verdadeira imagem da América”, o romance permite o levantamento de algumas inquietações. A verdadeira América não era o paraíso, o eldorado, a terra prometida, nem o país da cocanha. Mas os fatos não podiam ser revelados objetivamente, através de um livro teórico, dogmático ou ensaístico. Assim, como revelar aos homens que tudo não passava de uma grande falácia? À Literatura não cabe o poder do dogma, da verdade, da salvação. Mas, em mensagens subliminares, o romance reproduz as velhas sinas: o Mal deve ser vencido; os justos serão recompensados. As palavras abaixo informam claramente a respeito de um mundo constituído de vencedores e vencidos:

Nanetto, poaro can, el gá contristá tanto la famégia, el ghe ze scampá par el mare e nol se gá mai negá; ma sul pi belo che el gera drio a dar fortuna, a ciapar la cucagna, el zé caisto tel rio e el se gá nega, próprio come el se gera insuniá sul bapore cussolá sotto i caregoni sa ve recordé. Nino invense che el gá sempre fatto puito, e sempre el cercaba de rallegrare la mamma, el gá próprio catá la cucagna anca coela de Nanetto sô fradelo. E el gá slevá una grossa famégia compagnada de tante benedission del sielo (BERNARDI, 1980: 186)¹⁴.

Um dos grandes méritos da obra de Aquiles Bernardi pode ser traduzido pelos seguintes fatos que marcam a trajetória da personagem Nanetto Pipetta: a inocência, a simplicidade, a humildade, a sinceridade, a espontaneidade, a persistência, o humor, o bom senso, a crença na bondade e na disponibilidade dos homens e a confiança na providência divina. Se a América não era o que as promessas diziam, a culpa não é de Nanetto Pipetta.

¹³ Na Itália não houve mais paz na família dos Pipetta, depois da partida do filho. A mãe era só choro, o pai se penitenciava, o avô morreu louco e chamando o menino que fugiu, culpando a si mesmo, por ter educado mal o filho, mostrando-lhe a América como um paraíso que o enfeitiçou.

¹⁴ Nanetto, coitado, decepcionou tanto a família, fugiu pelo mar e não se afogou; mas quando estava para alcançar a fortuna, para pegar a cocanha, caiu no rio e se afogou... Nino, ao contrário, que sempre fez tudo direitinho e procurava agradar a sua mãe, realmente encontrou a cocanha, aquela própria do seu irmão Nanetto. E criou uma grande família agraciada com tantas bênçãos do céu.

A personagem central do romance de Aquiles Bernardi acaba tragicamente nas águas do Rio das Antas. Por mais que tenha sido brincalhão e dono de um senso de humor bastante elevado – marcas de italianidade –, ele cumpre a sina dos grandes heróis que tiveram um final trágico. O final trágico para Nanetto Pipetta significa o final feliz para seu irmão, Nino.

No romance, assim, temos um final feliz para quem não teve iniciativa, não tentou a sorte, permanecendo sob as asas da família, aguardando pelos fatos, pelas notícias, pelas novidades e pelas oportunidades. Nino não entristeceu nem decepcionou sua família. Por outro lado, temos um final trágico para quem trabalhou, lutou e tentou a sorte grande.

Nanetto Pipetta não carrega as marcas da ganância, da cobiça, da inveja, da traição. Mesmo tendo sido um bom sujeito, pagou caro pelas leis de um princípio religioso. Mesmo que ele sempre renovasse a intenção de compartilhar com a família sua fortuna conseguida na América, não foi perdoado. Parece que as Bem-aventuranças foram escritas para Nino e não para Nanetto Pipetta. Que recompensa o princípio religioso ofereceu a Nanetto? Final trágico implica em condenação eterna?

Apesar do final trágico, acreditamos que a simulação, figuração e invenção do romance apontam para uma mesma direção: um jovem imigrante italiano representante da luta pela sobrevivência e pela conquista de um pequeno pedaço de terra.

Talvez, milhares de imigrantes italianos não tenham sonhado com a Terra prometida, o Paraíso, o País da cocanha, o enriquecimento, a fartura. Esses, quem sabe muitos ainda hoje - apesar do MST, do MTD e da Via Campesina -, estavam interessados apenas em conquistar um pedaço de terra e lá “ganhar o pão”. “Com o suor do próprio rosto” não significaria sofrimento, mas prosperar através do trabalho.

Em 2005, surgiu algo muito instigante, fundamental para as intenções da presente tese: a publicação do livro *Raízes de Sananduva*. Grande ilusão. É preciso informar que naquela microrregião não há uma livraria sequer. Consegui o livro emprestado, através de uma família de descendentes dos velhos colonos italianos, apaixonadamente petista. Esta última expressão é a explicação para a outra, a grande ilusão.

A obra apresenta uma variedade muito grande de autores e temas. Algumas fotografias ilustram um certo evento comemorativo: os 50 anos de emancipação do município de Sananduva. As fotos parecem falar muito mais do prefeito e sua turma que das pessoas que trabalharam em prol do progresso da região, ao longo do tempo. As

“raízes de Sananduva” poderiam ser publicadas através de fotografias, como muito bem fizeram Rovílio Costa e Arlindo I. Battistel, na obra *Assim vivem os italianos* – volume 3. Ficariam raízes muito mais representativas. Na história de Sananduva, pouca coisa do que havia de signos da tradição italiana foi registrada, através da escrita ensaística, da poesia, da ficção ou da fotografia. A quem interessar possa, o livro *Raízes de Veranópolis*, organizado por Rovílio Costa, serve de modelo, em palavras fiéis aos fatos e personagens que participaram ativamente da história e do progresso daquele lugar.

Durante a viagem de retorno ao doutorado – de Sananduva a Porto Alegre, os mais variados pensamentos não me deixaram dormir. Estava feliz porque naquele livro poderia encontrar a história e os feitos dos antepassados sananduvenses, dos avós, pais, tios e vizinhos. As expectativas eram enormes e das melhores. Ficava imaginando: a lista de artistas e escritores da região e suas obras publicadas, a história do moinho do tio Modesto, da usina elétrica do Paschoal, da empresa de transporte do tio Marchioro, a construção da capela e da gruta de Lurdes, as dezenas de corais espontâneos, os filós, brodos e puxirões, o ocultivo de parreiras, a monocultura da soja, os agrotóxicos, a chegada do primeiro rádio, da primeira televisão, da energia elétrica, das antenas parabólicas, dos celulares, do computador, entre outros.

A desilusão não foi total porque parte daquela publicação vinha assinada por profissionais ligados a um partido político, subscrito “administração popular”. Raízes para aquelas pessoas eram outras, muito estranhas. Mesmo assim, daquela publicação vale destacar o artigo **Minha história na trama histórica de Sananduva**, de autoria do senhor Benigno Dal Moro, livre dos encargos político-partidários.

Cultivei no trabalho agrícola e no exercício do magistério os valores-marcos desse povo: a dedicação ao trabalho, a honestidade, a solidariedade, a fé e a religiosidade {...}. Os colonos construíam na visita aos vizinhos da linha, no filó, especialmente nas noites de verão ou nos dias de chuva, nos encontros dominicais na capela, nas caçadas aos animais silvestres que proliferavam em toda parte, nas pescarias e, de modo especial, na festa dos santos padroeiros das capelas ou da paróquia, sua unidade e identidade. Isto lhes dava força e alegria para continuar na busca da prosperidade na base do trabalho como colonos italianos católicos (DAL MORO, in: BERNARDI & BARROSO, 2004: 81).

Prosperar através do trabalho não é mais uma das raízes da imigração italiana? A pergunta é a mesma: para que servem as instituições voltadas para a vida agrícola? No livro, bem volumoso por sinal, não há uma página sobre a vida na roça atual. Na Linha Mão-Curta, motivação para o texto do senhor Benigno, o que restou? Contam os cronistas do tempo que há várias propriedades abandonadas. Algumas palavras parecem

fadadas ao desaparecimento do mundo real daquela região: prosperidade e alegria. Na verdade, soa melhor a expressão alegria pela prosperidade. Para prosperar através do trabalho, não há a necessidade de ser católico, caridoso, solidário ou pertencer a um determinado partido político. Vale repetir que muitos pecados cometidos pelos homens nascem da ignorância, da inocência, da falta de orientação.

Em outra passagem, o autor aborda uma questão que foi se tornando crucial na vida dos colonos: a relação do homem com o meio ambiente.

Sem contar com assistência técnica de qualquer natureza, os colonos destruíram grandes reservas florestais, cobertas com madeira de lei e com araucárias sem consciência dos prejuízos ambientais e econômicos que estavam produzindo (DAL MORO, in: BERNARDI & BARROSO, 2004: 82).

Em seu livro *O campo e a cidade* – na História e na Literatura, Raymond Williams observa:

É importante ter em mente o grau de destruição do meio ambiente que foi e continua sendo causada pelo modo progressista de agricultura capitalista; não se trata de uma crise causada apenas pela indústria (WILLIAMNS, 1985: 402).

As duas regiões de imigração italiana, subjacentes ao presente trabalho, podem ser caracterizadas da seguinte forma: uma preservou quase tudo para prosperar – Caxias do Sul e arredores; na outra, destruíram quase tudo para plantar soja – microrregião de Sananduva. Na região de Bento Gonçalves, segundo alguns *folders*, é preciso programar com antecedência e pagar ingresso, para visitar e conhecer como funcionava uma autêntica cantina colonial italiana.

As preocupações voltadas para a questão do meio ambiente não são recentes e não estão obrigatoriamente associadas aos órgãos de proteção ambiental. As pesquisas e informações obtidas por Franco Cenni, publicadas em seu livro *Italianos no Brasil*, informam:

Em 1900, por ocasião das comemorações da fundação da risonha cidade de Blumenau, alguém escrevia: Os teus bosques são ainda preciosos tesouros pelas madeiras que escondem, pelo húmus que acumulam, pelas fontes que conservam. Tenha piedade deles a bárbara foice do colono (CENNI, 2003: 355).

Alguns dados presentes no fragmento acima merecem destaque: estamos em 1900, e para uma certa consciência ecológica da época, os bosques são considerados “preciosos tesouros”, pela madeira, pelo húmus e pelas fontes. Talvez, mesmo

“bárbara”, a foice do colono italiano imigrante não tenha cometido tantos estragos quanto foram aqueles praticados pela moto serra, de Sul a Norte do nosso País.

Os fatos apresentados por Loreno Luiz Zambonin, em seu livro *História de Sananduva*, surgem através de uma voz sombria sem muito envolvimento emocional. Diríamos que o tom das palavras traz a marca da sutileza e um discurso a favor do progresso.

Em 1918 já era explorado em grande escala o corte do pinho, havendo nesse tempo inúmeras serrarias. O comércio era intenso no distrito, havendo por isso inúmeras casas comerciais (ZAMBONIN, 1975: 25).

Praticamente toda a “história a contra pêlo” – tão importante para os ensaios de Walter Benjamin -, está para ser contada. Claro que o trabalho não poderá ser feito através de um discurso panfletário, doentio, ou marcadamente de esquerda. O resgate das raízes e das tradições implicaria em remover escombros, feridas e sombras. Mas, como elaborar um discurso positivista, eloqüente, inflamado e elogioso diante de tanta destruição?

Para a grande maioria das lideranças daqueles rincões, o grande objetivo a ser perseguido, através do progresso, era alcançar o grau de vila, para depois conquistar o título definitivo, o da emancipação. A condição de município implica em cargos e funções na constituição e na formação do poder local. A natureza e a identidade cultural pagaram um preço muito alto, sempre que o ser humano decidiu pelo progresso. Em conversa com Rovílio Costa, no dia 18 de maio de 2006, algo ficou bem esclarecido: o processo de emancipação das comunidades implicava no fim da sua identidade.

É bem provável que a esperança, a alegria e o humor de Nanetto Pipetta sejam apenas mais uma prova de que “a arte pode não imitar a vida”. As palavras do Autor, fornecidas a Itálico Marcon, pouco antes da sua morte, publicadas nas abas do romance, soam reveladoras:

Li diversos romances vênetsos que falavam da América e apresentavam um ideal para quem queria uma vida nova de fortuna e felicidade. Depois de ler esses romances, resolvi escrever NANETTO para mostrar a verdadeira América... Tive dois objetivos: a) traçar a verdadeira imagem da América; b) aumentar as assinaturas do jornal. E consegui os dois objetivos (MARCON, in: BERNARDI, 1980: s.p.).

Se o objetivo do Autor era o de “traçar a verdadeira imagem da América”, implicava em desmistificar ou desmontar os discursos elogiosos e pomposos praticados em favor da imigração. A América não cumpriria um papel de país da cocanha, na narrativa de Aquiles Bernardi. Os ferrenhos e entusiásticos defensores da identidade

cultural deveriam ler a história de Nanetto Pipetta, principalmente quando se tratar de católicos declarados e fervorosos.

Os motivos que justificam a morte, ou a tragédia de Nanetto Pipetta, segundo o próprio Autor, são a tristeza causada na família e sua fuga pelo mar, deixando tudo para trás. No final do romance, o narrador afoga Nanetto Pipetta nas águas do rio das Antas, condenando-o por ter pecado. Entendemos assim: Nanetto parte em busca de seu próprio sonho; para os demais, isso significava abandonar a família; para o Autor, abandonar a família implicava em pecar; para a Igreja, pecar implicava em merecer a punição, o castigo.

Nanetto Pipetta sempre foi humilde, entusiasta, bem humorado, crédulo e perseverante – marcas fortes de quem pratica o Bem; não roubou, apenas tentou a sorte através do trabalho; por mais ingênuo e inocente que pareça ser, ele sempre acreditou piamente na sua cocanha, sendo seu fiel guardião e escudeiro.

Nino, seu irmão, pode ter permanecido ao lado da família, ter praticado o Bem, mas não fez nada para merecer a cocanha conquistada por Nanetto Pipetta – meia colônia de terra, às margens do Rio das Antas. Para Nino, e seus pares, o maná continua a cair do Céu.

Condenar Nanetto Pipetta implica em condenar a espontaneidade, a perseverança, o bom humor, a descontração, a identidade do imigrante anônimo que trabalhou a vida inteira sem fazer fortuna. Escrever a respeito das “raízes de Sananduva” poderia ser escrever sobre quem trabalhou a vida inteira, sem prosperar nem enriquecer. A História pode ser fiel aos homens, mesmo permeada de tragédias e fracassos. A uma opção político-partidária não pode ser atribuído o poder de contar, notoriamente quando em pedaços de discursos tendenciosos. Muitos líderes recentes conseguiram deixar para a posteridade um novo achado, o ufanismo político-partidário segregador e excludente. Por sua inocência e perseverança, Nanetto Pipetta não merecia ser condenado à morte, mesmo sob os auspícios de um princípio religioso.

Por outro lado, por ser um bom sujeito, Nanetto não poderia tornar-se um vencedor. Ele decidiu ser diferente, autêntico, mesmo sincero, perseverante e fiel, mas foi condenado. As ovelhas abençoadas continuam sendo as que ouvem a voz do bom pastor e a seguem.

Nanetto Pipetta acreditou na América; a América era uma grande mentira; logo, que culpa tem Nanetto por ter acreditado? O verdadeiro futuro não era aquele feito totalmente de ilusões? Para uma mente atenta e mais esclarecida, a “sorte grande”

concedida a Nino – herdar o pequeno pedaço de terra conquistado por Nanetto – surge num passe de mágica; algo estranho, quase absurdo.

Em seu artigo para a coluna “O italiano que está em mim”, publicado na revista *Insieme*, Sérgio Rigo recupera de forma indireta duas questões cruciais para a vida dos descendentes dos antigos imigrantes italianos – a identidade e a globalização, e ao mesmo tempo revela pensamentos que parecem deslocados e distantes dos nossos dias:

Dopo esser stà coionà dai Brasiliani per saver sol parlar Talian e dei Italiani per no saver Italiano, posso liberamente dir: “Mi fanno piacere la musica, il profumo, l’armonia, le paste asciutte, il vino, le canzone folcloriche, la gioia di vivere la vita con amore, com tenerezza, di essere un uomo romantico, spiritoso, autentico, sincero” (RIGO, 2003: 22)¹⁵.

As primeiras palavras do fragmento acima revelam um deslocamento no tempo e no espaço. Saber falar apenas o *Talian* pode ser traduzido como o tempo da identidade cultural imigrante, e o tempo da vida em Fagundes Varela, típica comunidade do interior. Saber falar o Italiano revela a presença de um mundo globalizado e de um ambiente urbano, mesmo não localizado geograficamente numa cidade. Consciente ou inconscientemente, o senhor Sérgio Rigo ressuscita um ambiente paradisíaco, idílico, um mundo ideal reconstituído e retratado em muitos textos românticos do século XIX, em prosa e em verso.

As mulheres também escrevem para a coluna, algumas formadas na universidade, outras agricultoras, como é o caso da senhora Giovana Portinelli. O passado que está na memória do senhor Sérgio Zago é marcado pelas aparências e pelo preconceito, mas é um tempo mais próximo dos valores urbanos, rumo à globalização. O tempo da senhora Giovana é mais remoto, marcado pelas dificuldades e pela solidão, quando a vida resumia-se em rezar e trabalhar. O artigo foi publicado na revista *Insieme*, em janeiro de 2002.

A história narrada por Giovana Portinelli parece ter sido copiada do romance *O quatrilha*, observada a história do casal Ângelo e Rosa; ou o romancista copiou da cronista, ou de uma outra vida comum, tradicional no mundo imigrante. Daquele artigo destacamos:

¹⁵ Depois de ter sido ridicularizado pelos Brasileiros por saber falar apenas o *Talian* e pelos Italianos por não saber o Italiano, posso deliberadamente afirmar: que delícia a música, o perfume, a harmonia, as massas light, o vinho, as canções folclóricas, a volúpia de viver a vida com amor, com ternura, e ser um homem romântico, espírito, autêntico, sincero.

Saímos de casa com fogão, cama e algumas roupas, que nem encheram uma carroça. Fomos para terras novas, num rancho, no meio do mato. Lá me sentia bem mulher! Sem horta, sem galinhas, sem vacas, sem chiqueiro, sem potreiro, sem dinheiro! Com um nenê na barriga e mato para cortar. Roças para fazer, milho para colher! E o tempo passava. Íamos construindo o necessário. E quanto trabalhar! (PORTINELLI, 2002: 24).

As palavras acima parecem sugerir uma dupla interpretação. Há indícios da presença de uma legítima descendente de italianos dedicada ao trabalho como única forma de sobrevivência, e também dos sinais de uma mente instruída, politizada, esperta, conectada, antenada, mesmo globalizada. Para muitos colonos descendentes dos antigos imigrantes italianos, “ser politizado” significa pertencer a um partido político e não “ser consciente”. “E o tempo passava”, pelas suspeitas levantadas, aponta para duas direções: a dedicação ao trabalho não deixava espaço para as reflexões, divagações e pesadelos; ou, só trabalhar, foi gastando a vida, sem escolhas, sem divertimento.

Talvez, Giovana Portinelli queira apenas marcar a distância entre dois momentos na vida do imigrante italiano. Houve um tempo de abandono, dificuldades e sacrifícios, quando a subsistência e a prosperidade eram conquistadas através do trabalho e de muita fé. Depois, sobreveio o assistencialismo, acompanhado das comodidades dos empréstimos e do socorro prestado pelo governo. Não podemos afirmar que a pouca disposição para o trabalho e uma certa tendência para a vadiagem sejam frutos da seca. Talvez, frases como “se não chove não dá para plantar” e “se não dá para plantar, não precisa trabalhar” sejam mesmo marcas de um tempo que chegou para ficar.

Os registros de um tempo que passou podem ser observados na ficção de José Clemente Pozenato. Graças ao trabalho, as conquistas de Aurélio podem ser observadas no fragmento abaixo:

Estar ali, no chiqueiro dos porcos, nessa hora quente depois do almoço, dava a Aurélio uma sensação de saciedade. O cheiro do esterco, da abóbora mastigada, da porca amamentando os doze leitões de orelhas rosadas, era tão grosso e adocicado que se arrastava pelo chão e lhe envolvia o corpo como um cobertor. Gostava de ficar ali, com a cabeça leve, como se estivesse um pouco embriagado. Tomara, sim, dois copos de vinho tinto, mas não era do vinho o prazer que sentia. Era de ver que estava rodeado de fartura. Depois de sete anos de luta, ele era quase um senhor. Tinha seu cavalo, as duas vacas, queijos e salames guardados no porão, uma pipa de vinho, essa ninhada de leitões. E tinha também dois filhos, Ângelo e Dosolina. Teria três, se no meio deles não tivesse

perdida o que levava seu nome, Aurélio, o anjo que Deus levava consigo (POZENATO, 2000: 277).

O registro desses dois tempos, sugeridos por Giovana Portinelli, está expresso claramente nas impressões do velho Nicola, personagem do romance *A cocanha*:

O velho Nicola só tem de velho os cabelos brancos. O rosto é vermelho de saúde e ele tem força de um homem de trinta anos. Costuma dizer que não troca seus braços pelos de nenhum jovem de vinte. Veio com os primeiros imigrantes, há dez anos, e nada é segredo para ele no meio do mato. É por isso que, nas folgas que tem no trabalho da colônia, é contratado para ajudar a instalar os que chegam. Esses têm sorte. Nicola teve de aprender tudo por conta própria, com a boca cheia de blasfêmias, que era só o que podia fazer quando tudo dava errado e a raiva era muita. Agora ele não blasfema mais. Ri divertido da falta de jeito dos que estão chegando e descobrindo como são as coisas, bem diferentes de tudo o que conhecem. Às vezes se impacienta também. Não suporta ouvir queixas e lamentos. Parece que os que chegam agora são mais fracos, querem encontrar tudo pronto, reclamam até do gosto do feijão. Inferno era quando ele chegou. Agora, em comparação, é tudo um paraíso. Queria ver esses fracotes enfrentarem o que ele enfrentou (POZENATO, 2000: 131).

O tempo do trabalho, do sacrifício sem lamúrias e sem sofrimento, da identidade cultural imigrante e da propriedade diversificada é um tempo que não existe mais. O tempo da globalização apresenta a monocultura, a máquina de passar veneno, o trator, a plantadeira e a colheitadeira como seus grandes trunfos. Em 2007, a prefeitura de Sananduva retomou a construção de uma cantina, para receber a uva colhida na região e produzir vinho. Na Linha Guabiroba, duas famílias retomaram o cultivo, a produção e a comercialização de uva e vinho, e alguns agricultores cultivam, embalam e vendem pepinos em conserva. Então, que tempo é o tempo dos jantares típicos, das noites italianas, dos encontros de famílias, dos programas de rádio das manhãs de domingo, do *dia da Cucagna*?

Alguns autores pós-modernos registraram alguns fatos marcantes da atualidade, todos voltados para a complexa, tumultuada e turbulenta vida das pessoas em geral.

Para Eduardo Galeano, o “paraíso terrestre” apresentava-se assim, em 1999, no texto intitulado **O paraíso**:

Se nos portarmos bem, está prometido, veremos todos as mesmas imagens e ouviremos os mesmos sons e vestiremos as mesmas roupas e comeremos os mesmos hambúrgueres e estaremos sós na mesma solidão dentro de casas iguais em bairros iguais de cidades iguais onde respiraremos o mesmo lixo e serviremos aos nossos automóveis com a mesma devoção e obedeceremos às mesmas máquinas num mundo que

será maravilhoso para todo aquele que não tiver pernas nem patas nem asas nem raízes (GALEANO, 1999: 239).

Em outro pequeno flagrante da vida real, **Um mártir**, o ensaísta uruguaio vê assim o mundo de um indivíduo no final do século XX:

No outono de 1998, em pleno centro de Buenos Aires, um transeunte distraído foi esmagado por um ônibus. A vítima atravessava a rua falando por um telefone celular. Falando? Fingindo que falava: o telefone era de brinquedo (GALEANO, 1999: 258).

Para José Ingenieros, em seu livro *O homem medíocre*, além das impressões dos estudiosos, alguns fatos devem ser considerados, quando o assunto é o homem moderno:

As mediocracias negaram sempre as virtudes, as belezas, as grandezas, deram veneno a Sócrates; a cruz, a Cristo; o punhal, a César; o desterro, a Dante; a prisão, a Galileo; o fogo, a Bruno; e, enquanto isso, escarneciam desses homens exemplares; aplainando-os com sua sanha ou armando contra eles algum braço enlouquecido, ofereciam sua servidão a governantes imbecis ou punham seu ombro para sustentar as mais torpes tiranias. A um preço: que estas garantiam às classes fartas a tranqüilidade necessária para usufruir seus privilégios (INGENIEROS, 2003: 228).

E qual é o papel, o lugar ou a condição do artista no mundo de hoje? A visão de Giulio Carlo Argan pode ser considerada muito mais objetiva que pessimista:

Não é para vender, nem para comprar, a arte de hoje, mas sim para consumir, aliás para consumir logo, imediatamente. É proibido embrulhá-la e levá-la para casa (se na cidade do consumo ainda existir uma casa e não apenas um lugar onde se vai dormir). Talvez não seja nem para consumir de imediato, porque já é dada como algo consumido, que já entrou em circulação em nosso organismo (ARGAN, 2005: 221).

Já não há tantos lugares onde as pessoas podem trocar idéias, sentimentos e opiniões, compartilhar experimentos e inventos, refletir e filosofar. Não há mais tempo para a meditação e o perdão. Até os confessionários das igrejas já fazem parte de uma tradição praticamente esquecida ou perdida, atuando mais como objetos de decoração e até de motivação turística.

Aquelas fotografias presentes nas edições que constituem a coleção *Assim vivem os italianos*, destacadamente o volume 3 – *A vida italiana em fotografia* -, são testemunhas de um tempo que desapareceu. Alguns cenários podem ser ainda recuperados, resgatados ou remontados, mas constituiriam um mundo de aparências, mesmo “rutilantes”. O homem do campo, descendente dos antigos imigrantes italianos, não aceita mais ser chamado de “colono”, preferindo as alcunhas de “agricultor”,

“produtor” ou “trabalhador rural”; graças ao adjetivo, a própria expressão “pequeno proprietário” já soa mal aos seus ouvidos. As roupas usadas nos afazeres diários da propriedade já não servem mais como adereço em eventos sociais, entrevistas para a televisão, ou para documentários e relatórios de pesquisadores e estudiosos de plantão.

Depois de algumas conversas com Frei Rovílio Costa, é possível afirmar com certa segurança que ele não teria mais tamanha paciência, tanta dedicação e tempo disponível para tais atividades, ébrias de esperanças, quando voltadas para o resgate das raízes ou para o registro do mundo italiano imigrante da atualidade.

Por outro lado, em seus fatos, peripécias, motivações e conclamações, o mundo real continua conquistando as pessoas alcançando índices elevadíssimos de presenças humanas em eventos pós-modernos. Em Caxias do Sul, a “Pérola das colônias”, a apresentação da Música Tema da Festa da Uva 2008, intitulada “Uma vez imigrante, para sempre brasileiro”, de autoria de Mário Michelin, encheu de alegria e de orgulho as doze mil pessoas, descendentes de italianos ou não, presentes na noite da escolha da rainha do evento, realizada no dia 02 de setembro de 2007.

Nos romances estudados, os fracos e extenuados ainda conseguem falar, mas suas palavras não são transformadas em ação. Mesmo livre da panfletagem e do rancor, a consciência literária pós-moderna insinua representar a expressão da impossibilidade. Os ambientes são os mais variados, cultural, intelectual, social e economicamente. As elites - os ricos e os abastados -, parecem estar sempre deslocados do eixo ficcional, ou da realidade onde vivem as pessoas comuns, personagens da ficção.

A presença dos “diálogos sobre o nada”, observados no capítulo VII, é marcante em todos os romances. Muitas “palavras não transformadas em ação” podem ser encontradas nas conversas encenadas pela maior parte das personagens, pertencentes ao grupo dos vencidos, fracos e extenuados. Merecem destaque: a família Malavoglia – pai, mãe e filhos; o patriarca Abramo e seu filho Gavino, com a ausência total da palavra da mãe e demais membros da família; Matozo e as e seus convivas; Juliano Pavolini e sua namorada, Doroti; Carlinhos e sua mãe, entre tantos outros.

No romance *O mundo inimigo*, podem encontradas as provas mais cabais desses “diálogos sobre o nada”, quando a palavra é apenas a manifestação clara e precisa de seres pobres, fracos, inválidos, maltratados e derrotados. A esperança sobrevive no meio de escombros e a felicidade está sempre num outro lugar.

Uma passagem. Pro Rio. O doutor Normando falou que lá o Jorginho vai ter chance de arrumar uma colocação, virar gente... E, com juízo, até

volta um dia pra cá, de carro e tudo. Pelo menos, tem mais futuro do que empacar aqui, com a polícia no calcanhar dele. *Foi um sonho?* Bibica acorda, passa a mão na cama ao lado, o lençol frio. Ele não volta mais... nunca mais (RUFFATO, 2005: 96).

No mundo urbano, globalizado e sofisticado, o “silêncio” não significa ausência de barulho, confusões, tumultos, agitações, balbúrdias, bravatas e algazarras. As pessoas continuam conversando, tendo acesso às passeatas, à indignação e à revolta, mas já acostumadas, resignadas e acomodadas ao seu cotidiano habitual e aos diálogos sobre o nada, cenas típicas representadas por milhares de miseráveis esclarecidos¹⁶.

(Da janela da casa do sítio onde nasci, vejo as máquinas fazendo silagem. Passarei o dia ouvindo o mesmo barulho. Pela manhã, estive na roça limpando o terreno onde colhemos um pouco de feijão e o Bruno vai plantar milho. Um dia inteiro para limpar um pequeno pedaço de terra, cheio de pedras e ervas-daninhas, notadamente o picão. Uma máquina de passar veneno faria o serviço em alguns minutos. Foi horrível, porque ali próximo estava o milho do vizinho – o mesmo da silagem -, num terreno plano, sem pedras, espinhos e inços. O fruto da nossa terra, tão sofrida nesses anos passados, vai alimentar pessoas que nunca tiveram grandes amizades, respeito ou consideração pela nossa família. Diante do barulho das máquinas aí debaixo, a sensação é a mesma: fraqueza, insignificância, invalidez, inutilidade.

Tudo parece apontar para a verdadeira condição nesse mundo de um cidadão de descendência italiana imigrante, pós-moderno, globalizado. O almoço está fervendo aí no fogão a lenha, os pássaros cantam, o gado pasta, o cachorro repete alguns exercícios. O rádio da parede está desligado. O meu sofrimento parece fruto de uma situação estranha, ridícula ou engraçada. Aqui, gostaria de ouvir belas canções, que podem ser ouvidas apenas se o rádio estiver ligado. Ligado o rádio, corro o risco de passar a manhã inteira sem uma música sequer, realmente bela.

De 21 de dezembro a 12 de janeiro, ouvi uma música digna de nota: **Chão de giz**, de Zé Ramalho. De volta ao lar, entre os dias 23 de janeiro a 13 de fevereiro, tocaram **Gita**, de Raul Seixas. “Não dá mais para Diadorim”, afirmava uma das personagens do conto **Intestino grosso**, de Rubem Fonseca. Aqui, a realidade alerta e aconselha: “Não dá mais para Policarpo Quaresma”. Este seria apenas uma solitária formiguinha na guerra contra os humanos. As formigas que torturavam a vida e a obra daquele senhor podem ser vistas na figura de alguns humanos desses primeiros anos do

¹⁶ A expressão surgiu diante da placa exposta na entrada do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire, na Jerônimo Coelho, em Porto Alegre.

século XXI, classificados como agricultores familiares, parentes próximos dos marxistas, aqueles sedentos por cargos e comissões.

No sábado, o barulho das máquinas continua, insistente e agressivo. Já estão plantando a nova safra. Estou preparando o almoço. O Bruno está na roça, passando uréia no milho. Um dos vizinhos acaba de comunicar que irão passar o veneno, alertando para a necessidade de colocar lonas aí na horta, para proteger as verduras e os legumes. Há alguém nesse universo, mesmo perdido além das galáxias, que poderia me ouvir? Para que ter consciência? Para perceber e sofrer? Para perceber, sofrer e calar? Para perceber, sofrer, calar e desistir? Agora, 11:30, o almoço está praticamente pronto. Os rapazes estão passando o veneno. Em pouco tempo, tudo estará consumado, novamente. E a nossa terra, tão sofrida nesses anos passados, produzirá frutos para a mesa dos outros. Aliás, parece mesmo que a máxima foi invertida: “Aos inimigos, a atenção e o apreço, aos amigos a indiferença e o desprezo”.

Corram a esta janela para ver o veneno penetrar nossa terra! A janela da cozinha estava aberta. Corro fechá-la, para evitar que alguns respingos do veneno caiam na panela do nosso macarrão. Loucura, paranóia, neurose total, a vida em si mesma? As palavras mais importantes parecem ser aquelas que produzem imagens, símbolos, metáforas, dúvidas, incertezas e novas possibilidades de criação, inimigas das que produzem falácias e dogmas, carregadas de discursos ideológicos, dogmáticos, moralistas, panfletários, tendenciosos e obscuros. Aqui, na companhia do Bruno, descobri o que é ser amigo, o que é ter fé e por que não devemos perder a esperança).

Os quatro anos vividos como doutorando, intercalados por leituras, viagens, pesquisas e estudos, possibilitaram algumas constatações: a sensação de inutilidade e insignificância; uma nova morte e um novo sepultamento dos avós, pais e tios; a desintegração da vida em comunidade nas capelas de Lurdes e São Jorge, da Linha Guabiroba; a consciência plena de um corte definitivo do cordão umbilical que me ligava à extinta identidade cultural italiana imigrante.

Talvez, para a surpresa dos que defendem e pregam a existência e perpetuação da famigerada identidade cultural italiana imigrante, nos romances estudados nota-se a ausência da *Cuccagna*, de uma identidade de mentalidades, de comemorações e festejos populares, bem como o silêncio em relação ao resgate das raízes, dos costumes, das tradições e dos valores através de jantares típicos, noites italianas, encontros de famílias e programas radiofônicos. A realidade apresentada pela ficção é caracterizada pelas “ausências”; o mundo fictício, inventado e simulado é o mundo real. Os eventos sociais

pós-modernos promovidos em defesa da identidade cultural italiana imigrante projetam uma realidade fragmentária, mais imaginária que a própria ficção presente nos romances estudados. A existência desses fatos promovidos por associações e insitutos, sobreviventes num mundo globalizado, é a marca maior da “presença”, mas na representação de um mundo ilusório, aparente, fictício, que não existe mais. Sem grandes preocupações com o resgate das raízes, a perpetuação da identidade cultural e a preservação dos valores antigos, muitos descendentes dos velhos imigrantes italianos “arregaçaram as mangas” e prosperam através do trabalho, mergulhados no tumultuado e miscigenado mundo urbano, como mostram os fatos aqui apresentados.

Na Rede Brasileira de Integração, televisão aberta, canal 40, o quadro “Opinião livre” apresentou uma entrevista com a jornalista Camila Machado, que estava lançando *Noites ao som de Cazuza e Lobão*, seu primeiro livro. As palavras da jornalista fazem lembrar de Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Fernando Pessoa, Dalton Trevisan e Lya Luft. Numa entrevista para a TV Cultura, perguntada sobre qual a função do escritor no mundo contemporâneo, no ano de sua morte, Clarice disparou: – Falar cada vez menos. O autor de *A grande arte* e o criador de *O vampiro de Curitiba* nunca foram vistos dando entrevistas na Globo, no Fantástico, no Jornal Nacional, no Jô Onze e Meia, no Programa do Jô; ou em conversas fiadas com Ana Maria Braga, Olga Bongiovanni, Patrícia Maldonado, Adriane Galisteu, Daniela Cicarelli, Sônia Abrão, Hebe Camargo, Luciana Gimenez, Silvia Vinhas, e muitas outras.

O mundo das celebridades, das colunas sociais, das badaladas entrevistas-relâmpago e dos livros de auto-ajuda paira acima do mundo de Machado de Assis, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade, calados em seus livros. Para Fernando Pessoa, “pensar é hesitar”; para Lya Luft, *Pensar é transgredir*, conforme foi comentado anteriormente. Naquela entrevista para a RBI, a jornalista Marina Machado deixou bem claro que está livre de escrúpulos e indiferente à humildade, pois aceitou pacífica, vaidosa e alegremente o fato de seu primeiro livro já estar ao lado de grandes nomes da Literatura Brasileira, declarado pela interlocutora, Silvia Vinhas. Para a nossa sorte, “Pitangueira não dá manga!”, conforme pregava aquele publicista mineiro, de passagem meteórica pelas páginas de *Esau e Jacó*.

Um quadro sucinto apresenta os destinos últimos de personagens centrais, estudadas na presente tese. Nanetto Pipetta morreu afogado no Rio das Antas; Ntoni divide-se entre tentar a sorte em outro lugar – distante e desconhecido, ou unir-se aos contrabandistas; Gavino projeta um futuro sereno e brilhante através do estudo e do

trabalho; Matozo tenta a sorte na cidade grande, mas retorna ao convívio de seus amigos e à vida pacata de professor; Aurélio deve dar continuidade à tradição familiar, marcada por muito trabalho, sofrimento e dúvidas; Ângelo pode ser visto usufruindo das benesses, requintes e esplendores sociais da vida urbana, ao lado de Pierina e dos herdeiros, retornando às cenas em *A babilônia*, quando morrem, ele de ataque e ela deserdada e abandonada numa cadeira de balanço; Lourenço e Sílvia viverão felizes para sempre, graças ao amor; Juliano Pavolini, Carlinhos, Jorginho, Zazá e seus convivas evaporam no turbulento, perigoso e sombrio cotidiano da cidade grande.

Entre tantos rapazes que participam das histórias narradas nos romances estudados, alguns merecem destaque, com suas marcas características: Matozo, a esperança; Juliano Pavolini, a violência; Nanetto Pipetta, o sonho; Carlinhos, a incerteza; Jorginho, a insegurança; Gavino, o sofrimento; 'Ntoni, a dúvida; Lourenço Boschini, a vida fácil.

Ao longo de todas as histórias narradas nos onze romances estudados, nenhuma personagem participou ou ouviu falar em jantares típicos, noites italianas, programas radiofônicos, ou encontros de famílias. Os pequenos mundos das identidades culturais vão sendo absorvidos pelo grande mundo da diversidade cultural, lenta e progressivamente. O verdadeiro “mundo de ilusões” parece não ser aquele simulado ou inventado pela Literatura.

Ao fim e ao cabo, bom será não decorar, absorver e repetir idéias e impressões, mas espreitar, apreender e esboçar novas possibilidades de investigação, indagação e percepção. Os grandes escritores aparecem sempre ao lado de grandes livros, calados, à espera de grandes leitores. Os grandes mercenários da arte e da cultura aparecem sempre em entrevistas, badalações, eventos sociais, listas dos mais vendidos, vernissagens e adoram falar, discursar e inventar teorias e máximas novas e revolucionárias. A prática da leitura e a reflexão podem conduzir à perplexidade e ao silêncio, mas o mundo da Literatura ainda é bonito.

Da janela do ônibus, do trem ou do avião, sempre poderá ser observado um céu aberto, convidativo e infinito, jamais assustador ou sombrio. – Embarquem, filósofos!, conclamava Friedrich Nietzsche, antes da chegada da morte, com suas promessas, ameaças, punições, ritos de passagem, recompensas, mistérios, vermes e simpatizantes!



BIBLIOGRAFIA

AIRAGHI, Raffaella. *L'Italia Del Nord – ambiente, economia, società del Nord italiano tra '800 e '900*. Perugia: Guerra Edizione, 2000.

ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

AMBASCIATA D'ITALIA. *Presença Italiana in Brasile* – Cenni sulle collettività. Istituto Italiano di Cultura de San Paolo, São Paulo: Lis Gráfica e Editora Ltda., 1999.

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: Jackson, 1953.

_____. *Histórias da meia-noite*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1951.

_____. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1937.

_____. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Jackson, 1938.

_____. *Esau e Jacó*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. Editores, 1937.

_____. *Relíquias de Casa Velha*. Rio de Janeiro: Jackson, 1938, VV. 1 e 2.

ARENDRT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução: Mauro W. Barbosa de Almeida. - São Paulo: Perspectiva, 1988.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. Tradução: Píer Luigi Cibra. – 5.ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARISTÓTELES, ET AL. *A poética clássica*. Tradução: Jaime Bruna. – 6.ed., São Paulo: Cultrix, 1995.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. – São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKUNIN, Michael A. *Textos anarquistas*. Tradução: Zilá Bernd. - Porto Alegre: L&PM, 1999.

BARONE, Orlando (org.). *Diálogos: Borges / Sabato*. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Globo, 2005.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução: J. Ginsburg. - 4.ed.; São Paulo: Perspectiva, 2006.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Tradução: Tânia Jatobá... (et al.). – 2.ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. - A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDI, Aquiles. *Vita e Stória de Nanetto Pipetta* – nassuo in Itália e vegnudo in Mérica per catare la cucagna. 6.ed., Porto Alegre: EST/Correio Riograndense, 1980.

BERDARDI, Cladir J. & BARROSO, Véra Lucia M. (org.). *Raízes de Sananduva*. Porto Alegre: EST, 2004.

BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Porto Alegre: Globo, 1965.

BERNARDI, Paulo. *Primi canti italiani* – canzonni polifoniche. 2.ed., Florianópolis: IOESC, 2002.

BIANCHI, Caetano. *Vida e Versos*. Lagoa Vermelha: Ed. independente, 1990.

_____. *O Tempo e a Vida*. Lagoa Vermelha: Ed. Independente, 1993.

_____. *Recordações*. Lagoa Vermelha: Ed. Independente, 1993.

_____. *Saudades & Lembranças*. Lagoa Vermelha: Ed. Independente, 1998.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência* – Uma Teoria da Poesia. Tradução: Arthur Nestrovski. - Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. Tradução: Sergio Miceli. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. Tradução: José Marcos Macedo. - São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRICOUT, Bernadette (org.). *O olhar de Orfeu* – Os mitos literários do Ocidente. Tradução: Lelita Oliveira Benoit. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução: Nilson Moulin. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMPANELA, Tommaso. *A cidade do sol*. Tradução: Fernando Andrade. - São Paulo: Ícone, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2001.

CARBONERA, Geraldo. *Os Carbonera e a Imigração* – 1885 / 1886. Curitiba: Gráfica Vitória, 2002.

CARBONERA, Ildo. *A emboscada machadiana*. Cascavel: Edunioeste, 2000.

_____. *Destinos humanos./ Ildo Carbonera*. – Foz do Iguaçu; I. Carbonera, 2002.

CARPI, Maria. *Evidência e Acaso*. Porto Alegre: Movimento, 1992.

_____. *Os cantares da semente*. Porto Alegre: Movimento, 1996.

CASTAGNA, Carlo. *La punta della storia* – due chiacchiere sull'Italia di ieri. 2.ed., Porto Alegre: Edições EST, 1999. Edição bilíngüe (Italiano e Português).

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil* – “Andiamo in Merica”. 3.ed., São Paulo: Edusp, 2003.

CERATTO, Pe. Antônio et alli. ... *E cantavam*. Porto Alegre: CEBAI Migrações, 1987.

CHOPIN, KATE. *O despertar*. Tradução: Celso Mauro Paciornik. - São Paulo: Estação Liberdade, 1994.

CONSALTER, Milton. *Versos Episódicos*. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

CORBON, Theo et alli. *O futuro roubado*. Tradução: Cláudia Buchweitz. - Porto Alegre: L&PM, 2002.

CORREIO RIOGRANDENSE. Caxias do Sul: Editora São Miguel, Anos 96, 97, 98 e 99, de 2005 a 2008.

COSTA, Rovílio et alli. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul* – vida, costumes e tradições. Porto Alegre: EST, 1986.

_____ (org.). *Raízes de Veranópolis*. Porto Alegre: EST Edições, 1998.

COSTA, Rovílio & BATISTEL, I. Arlindo. *Assim vivem os italianos* – Vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1982, Volume 1.

_____. *Assim vivem os italianos* – Religião, música, trabalho e lazer. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983, Volume 2.

_____. *Assim vivem os italianos* – A vida italiana em fotografias. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983, Volume 3.

CUNHA, Antônio HG. *Superação dos impasses filosóficos e científicos no rumo civilizatório*. Foz do Iguaçu: Edições Pluri↔Uni, 1997.

DELLA CROCE, Júlio César. *Bertoldo e Bertoldinho*. Tradução: Inês de Assis. – 3.ed., Caxias do Sul: Edições Paulinas, s.d.

DIDÊA, Renice. *A procura da felicidade*. São João da Urtiga: Gráfica Pavan, 2004.

DINI, Lamberto, in: AMBASCIATA D'ITALIA. *Presenza Italiana in Brasile* – Cenni sulle collettività. Istituto Italiano di Cultura de San Paolo, São Paulo: Lis Gráfica e Editora Ltda., 1999.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura – uma introdução*. Tradução: Waltensir Dutra. – São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. *A função da crítica*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. – São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *As ilusões do pós-modernismo*. Tradução: Elisabeth Barbosa. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Tradução: Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. Tradução: José Antonio Ceschin. - São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. *O sagrado e o profano*. Tradução: Rogério Fernandes. - São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Tradução: Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Norbert Elias por ele mesmo*. Tradução: André Telles. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *A solidão dos moribundos & Envelhecer e morrer*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Escritos & Ensaios – 1. Estado, Processo, Opinião Pública*. Tradução de Sérgio Benevides, Antonio Carlos dos Santos e João Carlos Pijnappel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ESSINGER, Silvio (org.). *O Baú do Raul Revirado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FORBES, Jorge. *Você quer o que deseja?*. 2.ed., São Paulo: Best Seller, 2003.

FORNARI, Ernani. *O trem da serra*. 2.ed., Porto Alegre: Livraria Editora Acadêmica Ltda., 1987.

FURTADO, Celso. *A fantasia organizada*. 5.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *A fantasia desfeita*. 3.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *O longo amanhecer – reflexões sobre a formação do Brasil*. 2.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 16.ed.; Tradução: Galeno de Freitas. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *O livro dos abraços*. Tradução: Eric Nepomuceno. - 3.ed.; Porto Alegre: L&PM, 1991.

_____. *De pernas pro ar – a escola do mundo ao avesso*. 6.ed.; Tradução: Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GOGH, Vincent Van. *Cartas a Théo*. Tradução: Pierre Ruprecht. - Porto Alegre: L&PM, 2001.

GUIDO, Humberto. *Giambattista Vico – A filosofia da educação da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Tradução: Adail U. Sobral e Maria Stela Gonçalves. - 14.ed., São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HAWKING, Stephen & MLODINOW, Leonard. *Uma nova história do tempo*. Tradução: Vera de Paula Assis. - Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HINNAH, F.R. Carini de. "As faces de quem ensina". In: NOSSA REVISTA. Ano 1, nº 1, junho/ 07, Panambi: Editora VBA Ltda., 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26.ed., São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *Visão do Paraíso*. 6.ed., São Paulo: Brasiliense: 1996.

INGINIEROS, José. *O homem medíocre*. Tradução: Lycurgo de Castro Santos. - Campinas: Edicamp, 2002.

JAMES, Henry. *A arte da ficção*. Tradução: Daniel Piza. - São Paulo: Imaginário, 1995.

JÖNSSON, Bodil. *Dez considerações sobre o tempo*. Tradução: Marcos de Castro. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

JÚNIOR, Hilário Franco. *Cocanha – a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KIERKEGAARD, Sören. *O desespero humano*. Tradução: Alex Marins. - São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. *O conceito de ironia – constantemente referido a Sócrates*. Tradução: Álvaro Luiz M. Valls. - Petrópolis: Vozes, 1991.

LEDDA, Gavino. *Pai patrão*. Tradução: Liliana Laganá e Ivan N. M. Júnior. - São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2004.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. - 2.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

_____. *Em busca da Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. - 2.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *O Deus da Idade Média – conversas com Jean-Luc Pouthier*. Tradução de Marcos de Castro. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LOVATO, Sérgio. *Passo das cobras. / Sérgio Lovato*. - Sananduva; S. Lovato, 1984.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. - 7.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MAISTRE, Xavier de. *Viagem à roda do meu quarto*. Tradução: Marques Rebelo. - São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Tradução: Maria Lucia Cumo. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MARRONE, F.G. & DAIOCCHI, E. *Italia canta in America* – da opera às canções populares mais belas. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- MENGATO, Roque Amâncio. *Eu vivi a Idade Média*. Porto Alegre: EST Edições, 2006.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Tradução: Anah de Melo Franco. – Brasília: Editora da Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Tradução: Sandra G. Vasconcelos. - São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORRIS, Desmond. *O Macaco Nu* – um estudo do animal humano. Tradução: Hermano Neves. - 16.ed., Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. – São Paulo: Perspectiva, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. - São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *O Anticristo*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. - 12.ed., São Paulo: Centauro, 2005.
- PAPINI, Giovanni. *O passado remoto*. Tradução: Armandina Puga. - Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- PASSOS, Sylvio (org.). *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 1990.
- PAVIANI, Jayme. *Onze horas úmidas*. Porto Alegre: A Nação/IEL-DAC/SEC, 1974.
- _____. *O exílio dos dias* – poemas. Caxias do Sul: Educus, 1982.
- PERRI, Francesco. “La partenza per ‘America’”. In: *La Regione Calabria* – speciale Emigrazione. Revista della Giunta Regionale della Calabria, 7 luglio, 1985.
- PESSOA, Fernando. *Aforismos e afins*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Tradução: Josely Vianna Baptista. –São Paulo: Iluminuras, 1994.
- PINTO, Alfredo Clemente. *Seleção em prosa e verso*. 59.ed., Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001.
- PIVOTO, Lovaldo. *Da Poesia à Culinária Gaúcha*. Erechim: Ed. Independente, 2004.
- PLATÃO. *A República*. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. - 9.ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul – Assim vivem os italianos*, 4. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

POZENATO, J. Clemente. *O Quatrilho*. 13.ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. *A Cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

_____. *A Babilônia*. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2006.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 36.ed., Rio de Janeiro: Record: 1980.

RAOUIK, Francesca Massarotto. *Brasile per sempre – donne venete in Rio Grande do Sul*. Silea: Piazza Editore, 2001.

REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução: Ângela Bergamini... (*et al.*). – São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REVISTA *INSIEME*, Organo Ufficiali dell'Associazione Stampa Italiana in Brasile – ASIB, São Paulo, números 35, 37, 42, 43 e 55.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução: Paulo Rónai e Cecília Meireles. – São Paulo: Globo, 2001.

ROSA, João G. *Grande Sertão: Veredas*. 19.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RUFFATO, Luiz. *Mamma, son tanto felice*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *O mundo inimigo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Vista parcial da noite*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Tradução: Pedro Maia Soares. - São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios / Carl Sagan; tradução: Rosaura Eichemberg*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Tradução: Dom Marcos Barbosa. - 48.ed., Rio de Janeiro: Agir, 2004.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SEIXAS, Kika & SOUZA, Tárík de (org.). *O Baú do Raul*. 25.ed., São Paulo: Globo, 2001.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução: William Li. - São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

SOFOCLES. *Antígona*. Tradução: Millôr Fernandes. - São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SOLOMON, Robert C. & HIGINS, Kathleen M. *Paixão pelo saber – uma breve história da Filosofia*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. - 2.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

STEINER, George. *Lições dos Mestres*. Tradução: Maria Alice Máximo. - Rio de Janeiro: Record, 2005.

SULIANI, Antônio (org.). *Etnias & Carisma* – Poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EDIPUCS, 2001.

TEZZA, Cristovão. *Juliano Pavolini*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____. *A suavidade do vento*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

THOREAU, Henry D. *Walden*. Tradução: E.C. Caldas. - Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

_____. *Desobediência civil* – resistência ao governo civil. Tradução: David Jardim Júnior. - Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

UNAMUNO, Miguel de. *Do sentimento tráfico da vida*. Tradução: Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VERGA, Giovanni. *Os Malavoglia*. Tradução: Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. - Cotia: Ateliê Editorial: 2002.

VIANNA, João P. *Os Italianos de Sananduva*. / João Pereira Vianna. / Sananduva: Tipografia Sananduva Ltda., 2007.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *Místicos, Filósofos e Poetas*. Rio de Janeiro: Imago, s.d.

VVAA. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade* – na História e na Literatura. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

ZAMBONIN, Loreno Luiz. *História de Sananduva*. Lagoa Vermelha: IMPLA, 1975.

ZH PETRÓPOLIS, Ano 1, nº 002, Porto Alegre, 11 de maio de 2006.

ZERO HORA, Ano 44 – Nº 15.341 – 2ª Edição, Porto Alegre, 29/08/2007, Segundo Caderno.